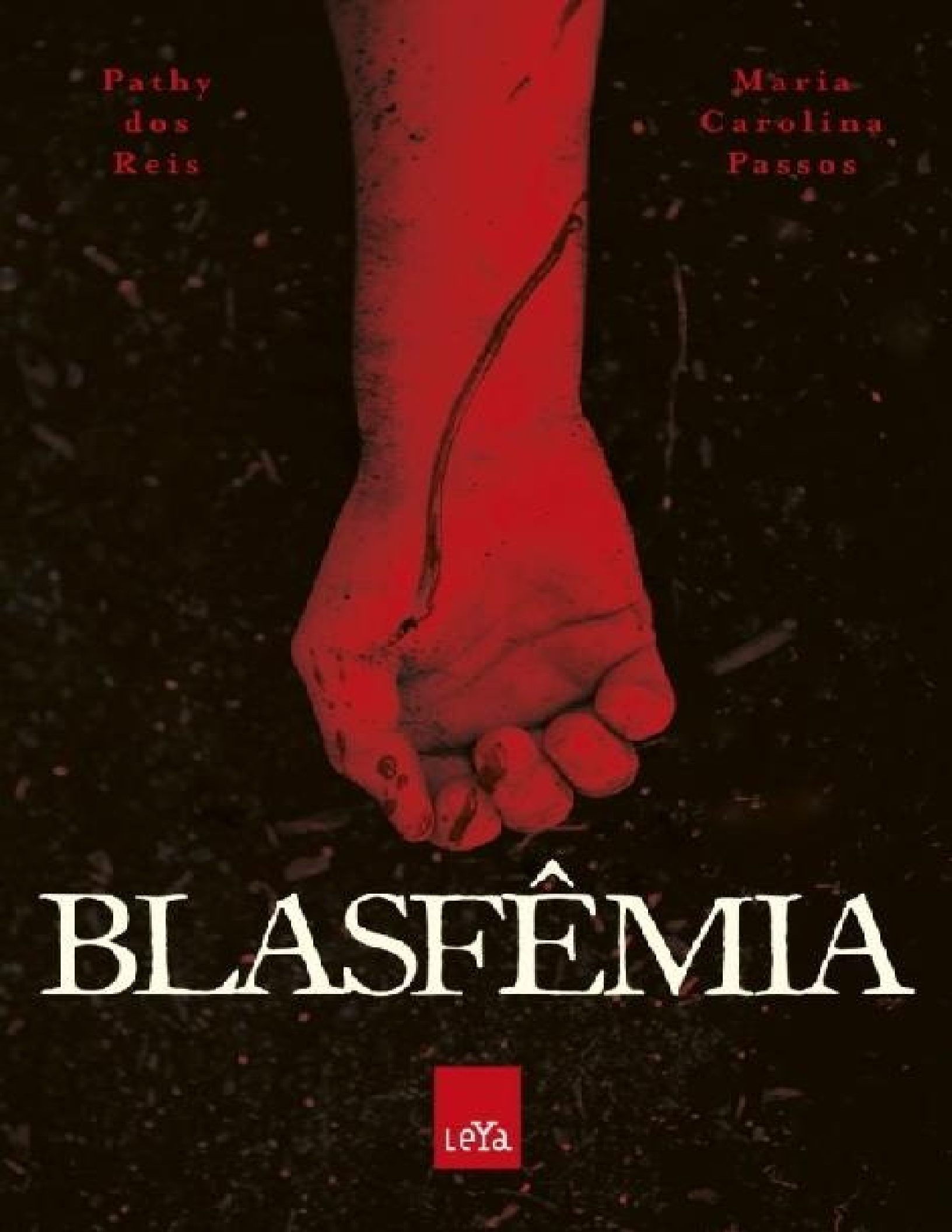

Pathy dos Reis
Maria Carolina Passos
BLASFÊMIA
LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

Copyright © 2015 Patrícia dos Reis
Copyright © 2015 Leya Editora Ltda.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Curadoria: Affonso Solano
Preparação de texto: Beatriz Sarlo
Revisão: Marília Lamas
Capa: Rico Barcellar
Imagem de capa: Arcangel Images SL

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P319b
Passos, Maria Carolina
Blasfêmia / Maria Carolina Passos, Patricia dos Reis. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Leya, 2015.
ISBN 9788577345823
1. Ficção brasileira. I. Reis, Patricia dos. II. Título.
15-25225 CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

LEYA EDITORA LTDA.
Avenida Angélica, 2318 – 13º andar
01228-200 – Consolação – São Paulo – SP
www.leya.com.br



Quando o real e o sobrenatural se confundem,
em que você ousa acreditar?

Prólogo
Agosto de 1997

“Ellie, acorda!”

O chamado na mente de Claire veio acompanhado de uma buzina que fez seu coração saltar. Mas, ao contrário da voz que ouvira, a buzina era real. Real, e se aproximava a uma velocidade alarmante.

Em questão de segundos ela se deu conta de que havia dormido na direção e encontrava-se na via contrária da US-89, rodovia que a levaria para a cidade de Salina. Seu frágil carro estava prestes a se chocar contra um caminhão que, naquele momento, mais parecia um monstro de vinte toneladas, com grandes rodas no lugar dos pés.

Recobrando os sentidos, e com uma destreza incalculada, Claire torceu o pesado volante para a esquerda, conseguindo desviar do caminhão a alguns palmos de devorar o seu ultrapassado Toyota Camry ano 1982. Virou o volante com tanta força, que o automóvel deslizou pela rodovia, ultrapassando o acostamento e girando pelo chão de terra que margeava a estrada.

Quando finalmente parou, desnorteada, ela voltou os olhos para a estrada, em que restara apenas um rastro de poeira – levantada tanto pelo caminhão quanto por sua manobra arriscada, impetuosa. Necessária.

Pensou na sua sorte por não haver mais ninguém em nenhuma das vias naquele instante. Logo pensou na ironia de se sentir com sorte.

Lembrou-se da voz em sua cabeça lhe chamando pelo segundo nome instantes antes do ocorrido. Cogitou uma intervenção divina, talvez um anjo da guarda. Tratou de descartar o pensamento espiritual imediatamente. Fazia um bom tempo que ela não acreditava nessas baboseiras, e não seria agora que tudo mudaria.

Concluiu ter sido a própria voz da consciência dando um jeito de lhe chamar a atenção, uma vez que a estridente buzina não parecia ter surtido efeito.

O amigo de infância, Brian Smith, era o único que a chamava de Ellie. Como ela em breve o reencontraria, e passaria a chamá-lo de chefe – com o que

certamente demoraria a se acostumar –, era plausível que sua mente fizesse uma espécie de associação. Era uma boa explicação. A única, convenceu-se.

Reflexiva no silêncio da vastidão estéril, no meio do nada do estado de Utah, Claire foi se recompondo. A paisagem de terra e solidão parecia um reflexo poético de seus sentimentos. Não estava mais nervosa pelo quase acidente. Deveria estar, mas não estava. O que lhe atormentava eram os acidentes de percurso em sua vida. Uma jornalista de 33 anos que, recém-divorciada, voltava para sua cidade natal com o pretexto de trabalhar para um pequeno jornal chefiado por seu amigo.

Mas o que realmente motivou seu retorno, e que a fazia sentir-se frustrada consigo mesma, era, muito além do divórcio, a necessidade de estar no lugar onde se sentia verdadeiramente em casa. Não era um bom ambiente para recomeçar, e ela sabia disso como ninguém. Não tinha mais família, e foi em Salina que a perdeu. Mesmo assim, mesmo vazio, era um lar para o qual voltar.

No momento, o único que ela possuía.

Fitando o vazio amarelo e marrom do horizonte além do para-brisa, tratou de afastar a nostalgia. Teria tempo para isso quando chegasse à sua casa. À sua antiga nova casa. Deixava para trás a cidade de Ephraim, onde havia se formado e morado por doze anos – mais de uma década de uma vida que não parecia sua.

Ephraim não era uma cidade grande, com seus pouco mais de seis mil habitantes. Em comparação a Salina, porém, era uma metrópole, o que para Claire já não era tão positivo quanto antes. Achava que havia gente demais, estabelecimentos demais, opções demais. Sentia falta da simplicidade da pequena cidade onde nascera – ou queria acreditar nisso.

A viagem entre as duas cidades pela US-89 durava pouco mais de meia hora. Ainda assim, durante todos aqueles anos, Claire não voltou a Salina nem uma vez. Nunca foi capaz. As lembranças eram reais demais, terríveis demais para suportar de novo.

Havia deixado uma cópia das chaves de casa com Brian e telefonava vez ou outra pedindo que ele passasse por lá para dar uma arejada. De vez em quando, antes de desligar, prometia ao amigo uma visita, algo que ambos sabiam que não aconteceria.

Nunca alugou a casa, muito menos a colocou à venda – não que alguém fosse querer depois de tudo o que havia acontecido. Na verdade, evitava pensar no assunto, e se irritava quando falavam que ela estava perdendo dinheiro mantendo a casa parada. Por que, afinal, pensava nessas coisas agora?

Credo, esse susto me deixou sentimental. Chega.

Quando colocou a chave na ignição, um calafrio percorreu sua espinha. Embora achasse que não, ou simplesmente não quisesse admitir, o nervosismo com o acidente que quase sofrera ainda devia estar ali. Mas não era só isso.

Estaria ficando louca por voltar a dirigir logo depois de pegar no sono numa viagem que não levava nem uma hora, e em plena luz do dia? Estaria ficando louca por não questionar o fato de pegar no sono em tais circunstâncias?

Encarou os olhos castanhos no retrovisor interno. Não estava cansada. Foi um lapso, nada mais. Nada que a impedisse de completar os dez ou quinze minutos que faltavam até seu destino. Inspirou e expirou profundamente por três vezes. Sentiu-se meio boba fazendo isso. Mesmo assim, respirou fundo novamente para então dar a partida em seu asmático Camry.

Pouco depois, ligou o rádio – uma garantia para se manter alerta –, sintonizando na estação de Salina, a KSKO 100,8 FM. Só conseguiu ouvir ruído enquanto não chegava perto o suficiente da cidade. Deixou o volume baixo, mas não desligou o aparelho.

Reconhecendo o contorno montanhoso que surgia no horizonte, soube prontamente que estava chegando e não demorou para a estação confirmar sua suspeita, trocando gradativamente o chiado pela melodia de uma canção familiar. Ao aumentar o volume, Claire logo reconheceu “Dust In The Wind”, da banda Kansas, uma de suas bandas de rock favoritas. O vocalista parecia falar diretamente à divorciada, cantando sobre todos serem poeira ao vento, vivendo momentos e sonhos que passam, uma vez que nada é para sempre.

Outros poderiam ficar deprimidos com a canção, com a realidade de que suas vidas não têm um propósito singular senão o de pertencer a um coletivo que sempre se renova, que sempre esquece o que passou, criando novas memórias que também serão esquecidas no devido tempo. Mas não Claire Ellie Price. Ela precisava daquilo. Precisava saber que a vida continuava – enquanto houvesse vida, ao menos.

Dez anos ela havia dedicado a Logan Miller. Não se sentia arrependida. Isso não. Tiveram bons anos no início. Com um sorriso de menina no rosto, recordou a insistência dele em conquistá-la, quando se conheceram no fim do segundo ano da faculdade de Claire. Lembrou-se do exato dia em que ele finalmente conseguiu, quando ela baixou a guarda, permitindo-se apaixonar, e eles...

Subitamente a música foi interrompida, assim como o devaneio romântico.

O locutor da rádio tossiu algumas vezes. Não dava para saber se apenas se

engasgou, ou se apertou algum botão que não deveria e tentava agora ganhar tempo. Começou a desculpar-se pela pausa na programação, como que buscando um tom de voz adequado para prosseguir. A coisa toda soava tão esquisita, que Claire tentava adivinhar se ele se preparava para remediar o descuido ou anunciar o fim do mundo. Enfim, com uma formalidade afetada, ele começou: “A KSKO 100,8 FM, sua rádio de confiança, lamenta a morte do jovem James Christensen, que, com apenas 17 anos, foi vítima de um brutal assassinato, como há mais de dez anos não se via em Salina. Seu corpo foi encontrado na manhã de hoje, abandonado na encosta do morro vermelho, ao lado do cemitério municipal. Um dos funcionários do armazém da transportadora Jenks, próximo ao local, percebeu um agitado bando de urubus sobrevoando a área e chamou as autoridades. O chefe de polícia, Patrick Videla, ainda não se pronunciou, tampouco os pais de James, os doutores Alma e Joseph Christensen, aos quais oferecemos nossas mais sinceras condolências. Uma testemunha anônima, que verificou a cena antes de a polícia chegar, revelou que o cadáver estava com o dedão de um dos pés decepado, que foi deixado no chão mais à frente. Sobre o corpo havia um salmo rasgado da Bíblia, que dizia: *Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras (Salmos 137:9).*” O locutor ficou em silêncio por alguns segundos, então retomou: “Mais uma vez nossa cidade comprova aquilo que dizem: nos lugares mais pacatos acontecem as coisas mais absurdas, basta ligar...”

Claire desligou o rádio. Conduziu o Camry vermelho-ferrugem para o estreito acostamento e ali parou. Seu estômago dava cambalhotas e uma ânsia incontrolável irrompia de suas entranhas. Tentou respirar fundo, mas o ar não parecia ir nem vir, causando uma sensação de sufocamento, similar a um ataque de asma. Desajeitada, passou para o assento do carona. Então abriu a porta e deixou-se cair de joelhos sobre o chão de terra, causando um pequeno rasgo na calça jeans.

– Isso não pode estar acontecendo... De novo não – repetia para si mesma.

Lutava para normalizar a respiração e conter a náusea, mas a voz do radialista ecoava em sua mente e se misturava com suas próprias lembranças. Lembranças que agora a atacavam como uma violenta assombração, do tipo que não desaparece ao se fecharem os olhos. Pelo contrário. Manifesta-se com formas mais distintas, parecendo até mesmo... ganhar vida.

1
Setembro de 1984

Claire acordou especialmente mal-humorada naquela manhã. Suada e mal-humorada. A onda de calor vinha deixando muitos ânimos à flor da pele, e ela não era exceção. Durante o verão suportava o calor, mas um inferno daqueles no outono, aí já era demais.

E, como se não bastasse, era segunda-feira.

No entanto, não apenas o calor e o dia infame a afetavam naquela manhã ardente. Havia uma soma de vários fatores. Estava cansada. Cansada de seus afazeres domésticos, da religião mórmon, de não ter um trabalho remunerado, e das evasivas do pai de que *talvez* no próximo ano pudesse pagar a faculdade e os custos para mantê-la em outra cidade, já que em Salina não existia ensino superior.

Estava profundamente entediada com o marasmo em sua vida.

Quando criança, costumava imaginar como estaria aos 20 anos. Estudando jornalismo, conhecendo um grande amor, vivendo todo tipo de experiências – que, se tivesse que citar na época, não saberia nenhuma, mas falava mesmo assim, pois a palavra *experiência* lhe parecia suficientemente grandiosa. Em vez disso, não tinha previsão alguma de ir para a faculdade, nenhum garoto de Salina a interessava, e suas maiores diversões eram ler, ouvir música e assistir a filmes.

O ápice da sua vida social acontecia aos domingos, quando acompanhava a família à missa, conhecida como “reunião sacramental” pelos mórmons. A propósito, não mórmons, mas santos dos últimos dias (ou SUD), como o bispo a vivia corrigindo: “Mórmon é como os *outros* se referem aos santos dos últimos dias, minha jovem. Nós não reprovamos, mas não encorajamos. Devemos fortalecer o nome em toda a sua graça, pronunciando com louvor: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.” Claire apenas balançava a cabeça, desejando que ele acabasse logo o sermão, ao mesmo tempo que se recriminava mentalmente por ter deixado escapar aquele título vulgar diante do

bispo.

O fato é que ela simplesmente achava a maioria das designações da Igreja exageradas, desnecessariamente extensas. Havia sido uma criança muito religiosa, porém. Adorava ir à capela, estudar o evangelho, decorar as repetitivas músicas do hinário. Era todo um mundo de “gente grande” em que ela podia discutir de igual para igual, contanto que soubesse o bastante. E o *saber* a fascinava. Desde muito cedo foi assim. O problema é que agora ela já sabia muitas coisas, e discordava de muitas delas.

Não que quisesse renunciar à religião – até cogitara, mas temia causar um infarto na mãe ou coisa parecida –, só não queria mais aquele compromisso. Não queria ouvir a mesma ladainha todo domingo, nem mais ser voluntária de segunda a sexta na Sociedade de Socorro, organização em que as moças – *santas* dos últimos dias – reúnem-se para fazer caridade e uma porção de coisas “de mulher”.

Porque para ser mórmon não bastava apenas cumprir os ritos religiosos. Ser mórmon era um estilo de vida. E em Utah, sobretudo em Salina, um estilo de vida compartilhado por quase toda a população. *Quase*, pois existiam algumas poucas pessoas de outras religiões, e Claire era grata por isso – sem saber exatamente por quê.

A crença dos santos dos últimos dias em si não a incomodava tanto. Não era a melhor, tampouco a pior. Ela apenas lamentava saber que não retomaria aquela admiração da infância. Isso por conta das tantas regras, das imposições a isso e àquilo, do controle que a Igreja mórmon exercia, e exerceria cada vez mais, sobre o seu cotidiano. Condição que compreendeu melhor a partir da adolescência, e que, como não poderia ser diferente, tirava-a do sério.

Contudo, essa era a sua realidade, e ficar remoendo esse desgosto não lhe faria bem. Aliás, não faria diferença nenhuma, e ela odiava ficar emburrada, embora ficasse com frequência – e quase sempre voltava ao normal com a mesma rapidez.

Conformada, Claire tirou a camisola úmida de suor e seguiu pelo corredor até o banheiro, para uma ducha rápida. Deixou o mau humor escorrer pelo ralo e vestiu sua máscara de brandura para mais um dia de voluntariado na Sociedade de Socorro, que, para ela, atualmente consistia em cuidar de bebês e crianças pequenas cujos pais não tinham dinheiro para pagar a creche e precisavam se deslocar para cidades vizinhas para ganhar uma miséria em trabalhos temporários, que os permitiam pôr comida na mesa – quase sempre.

Enrolada na toalha, de volta ao modesto quarto de paredes brancas e

antiquados móveis na cor tabaco, ela abriu o armário e pegou a roupa mais fresca que encontrou. Um vestido azul-marinho, estampado com delicadas margaridas. Por conta da terrível onda de calor que vinha assolando Salina havia alguns anos, o bispo liberara os fiéis da obrigatoriedade de usar no dia a dia o *garment* – uma roupa de baixo especial, usada sob as roupas normais como proteção espiritual e lembrete dos convênios sagrados –, solicitando apenas que o fizessem para as reuniões sacramentais. Os mais tradicionais não abdicavam da vestimenta de jeito algum e até viram a decisão do bispo com maus olhos, mas Claire sem dúvida não era um deles. Todos os dias agradecia ao passar direto pela "blindagem" branca, esquisita, quente e desconfortável.

Jogou a toalha sobre a cama e olhou-se no espelho de uma das portas do guarda-roupa.

– Passei faz tempo da puberdade e nada mudou, continuo parecendo um menino – falou para seu reflexo.

Por mais que fosse um exagero, não conseguia evitar sentir-se assim. Era magra demais, com seios pequenos demais e pernas finas demais. Diferente da maioria das mulheres da cidade. Diferente da amiga Judy Nash, com seus seios fartos, cintura fina e quadril largo. Judy, aliás, era seu ideal de beleza, do físico aos olhos verdes e a cabeleira dourada. Mas Claire estava presa àquele corpo sem graça, aos olhos e cabelos castanhos sem graça, ao nariz grande da família, nada gracioso.

Grande também era a marca de nascença em suas costas. Cinco círculos disformes, de cor ainda mais clara que a pele alva, dispostos em arco entre as costelas. Uma marca bastante abstrata, da qual na infância ela gostava e causava-lhe até orgulho – os pais diziam que era o "toque de um anjo" –, mas que depois tornou-se motivo de vergonha e de repúdio ao próprio corpo.

Depressa, virou-se e colocou o vestido. Rodopiou em frente ao espelho feito uma criança, afastando a odiada marca para longe da mente. Sentiu-se *até* bonita, o que inflamou uma pontada de esperança para o dia. Realmente seu mau humor havia escorrido pelo ralo... e também o seu senso de ridículo, ela pensou, parando de rodopiar na mesma hora.

A malha do vestido de margaridas era fina, assim como as alças sobre os ombros, e a saia era bastante curta para os padrões mórmons, mas a mãe a deixara comprar assim mesmo. Para Claire, o importante era que cobria aquela marca das costas. Depois de se admirar, ela penteou os longos cabelos para trás e os prendeu num rabo de cavalo, deixando escapar algumas mechas mais curtas sobre o rosto.

– Bom dia, mãe – disse ao entrar na cozinha, sentando-se à mesa.

Havia um bonito café da manhã sobre a toalha xadrez, com diversos pães, alguns potes de geleia, um pedaço de queijo branco, maçãs, bananas e uma jarra de suco de laranja. Mórmons não podiam tomar café, nem nada à base de cafeína – o que inlcuía Coca-Cola, para desespero dos adolescentes. Isso estava na "Palavra de Sabedoria" (um título despropositado, na opinião de Claire), o código de conduta que enumerava uma série de cuidados que os fiéis deveriam ter para com seus corpos. Dentre as leis também estava a abstinência de tabaco e, naturalmente, de drogas ilícitas. Mas, talvez, a pior e mais tentadora proibição ainda fosse a das bebidas alcoólicas.

– Querida, você falou com seu irmão? Ele não dormiu em casa, de novo. – Era incomum Dora Price não responder a um bom-dia, ou qualquer saudação que fosse. Devia estar realmente preocupada.

Claire, no entanto, tinha plena consciência de que o irmão adolescente sabia se virar muito bem. Assim como ela, Rob Price Junior repudiava as limitações em sua vida impostas pela religião. A mãe dizia que ele estava passando por uma "daquelas fases". Mal sabia ela que Rob exercitava a rebeldia bebendo escondido. Para não ser pego, dormia na casa dos poucos amigos católicos, principalmente dos que tinham pais negligentes, os quais davam pouca – ou nenhuma – atenção aos filhos, e onde eles podiam ficar no quarto, sem serem interrompidos, até aniquilarem uma garrafa de rum durante maratonas de filmes de terror proibidos para menores.

– Sinto muito, mãe. Não falei com ele. Mas não fique assim, tenho certeza de que Rob está bem. Provavelmente dormiu na casa de um amigo, como nas outras vezes. Depois da escola ele vem pra casa, não se preocupe.

A mãe abriu um sorriso não muito convincente e deu uma mordida em sua torrada. Era evidente que estava incomodada, e nada que Claire dissesse diminuiria sua aflição. Só quando visse e apertasse seu menino ela voltaria ao normal.

– Papai já foi trabalhar? – perguntou à mãe, mudando de assunto.

– Sim... ele tinha uma reunião cedo, eu acho – ela respondeu olhando para o nada; as palavras saindo num tom baixo, sem vontade.

Robert Price era um dos cinco contadores do pequeno escritório Elroy & Isle, que cuidava da contabilidade de praticamente todos – e que não eram muitos – os estabelecimentos em Salina. Seu salário estava abaixo do necessário para uma família de quatro pessoas, mas Dora conseguira emprego como professora da pré-escola local, equilibrando, assim, as finanças da casa.

Não possuíam luxos, mas conseguiam pagar as contas, comprar comida – sem ter que comparar cada etiqueta de preço –, e colocar gasolina no carro, um Toyota Camry que compraram havia dois anos. De certa forma, essas coisas eram os seus "luxos".

Claire desviou o olhar do rosto atribulado à sua frente para pensar no pai. Ela vinha observando o comportamento suspeito dele havia algum tempo. Trabalhava até mais tarde, arranjava desculpas para ir mais cedo ao escritório e nas refeições em família nunca parecia estar totalmente presente. Desconfiava que o pai estivesse tendo um caso. Com quem, não fazia a menor ideia, mas os indícios eram claros. Embora a Igreja dos SUD condenasse o adultério como um dos pecados mais abomináveis – assim como o sexo antes do casamento, estando os pecadores, em ambos os casos, sujeitos à excomunhão –, Claire sabia que esta devia ser a última preocupação do pai, se é que estava mesmo fazendo isso. Assim como o irmão Rob, que bebia escondido – e nenhum raio caía sobre a sua cabeça –, o pai de Claire poderia fazer o que bem quisesse, desde que ocultasse da família e da comunidade. No fim do dia, os mórmons eram como as pessoas de quaisquer outras religiões. Passíveis de desobediência, mentira, hipocrisia.

– Claire, vou me trocar para o trabalho. Guarde estas coisas e lave a louça antes de sair, está bem? – pediu a mãe, de forma gentil, mas ainda desligada, saindo da cozinha absorta em suas ansiedades.

Por volta das oito e meia daquela manhã, Claire caminhava sob o sol impiedoso, rumo à capela para seus serviços na sede da Sociedade de Socorro, quando avistou um grupo de pessoas e um carro da polícia em frente à casa do bispo Dresch. Apertou o passo, apreensiva, imaginando se algum dos Dresch teria sofrido um acidente doméstico, ou pior. Ainda que estivesse preocupada de verdade, não conseguia conter uma pontada de animação por ver que algo, finalmente, movimentava a cidade. Tentou censurar a sensação, que considerava imoral, mas não adiantava, ela estava lá, quer Claire concordasse ou não.

E de uma coisa ela tinha certeza: aquele não seria um dia qualquer.

Chegando mais perto, conseguiu distinguir Ethan Dresch conversando com o chefe de polícia Videla, que fazia anotações em um caderninho cinza. Não era segredo que o bispo se destacava em meio à população caucasiana de Salina. Negro e baixo. *Muito* baixo. Tinha pouco mais – ou menos, ninguém sabia dizer ao certo – que um metro e meio de altura, o que lhe rendeu o apelido de

“Little Dresch” pelas costas, apesar de seus quase 40 anos. Careca, nem gordo, nem magro, o bispo Dresch tinha uma expressão simpática e um andar cômico, parecendo que mancava das duas pernas, embora ele afirmasse não ter nenhum problema. Ethan foi um dos primeiros homens negros a serem ordenados na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, no ano de 1980, pouco antes de se casar com Lydia, que já era SUD – e branca. O pai dela era contra a união, mas a jovem, de apenas 25 anos na época, estava perdidamente apaixonada pelo sujeito de aparência engraçada, quase dez anos mais velho que ela. O pai sabia que contrariar só tornaria as coisas mais difíceis, abrindo margem para uma fuga ou qualquer outra insanidade de que são capazes os amantes contrariados. Então entraram em um acordo: se Ethan se convertesse à fé mórmon, o pai de Lydia concederia sua bênção.

A partir daí, o que se sabia era que o ex-católico casou-se não apenas com sua amada, mas também com uma religião na qual mergulhou de forma tão intensa, que acreditava ser aquele o seu destino. Nas palavras dele, pregar a palavra do profeta Joseph Smith, o fundador da Igreja, era o seu ofício primordial. Ao final daquele ano, e após a alegre notícia de que Lydia estava grávida, as autoridades na matriz da Igreja, em Salt Lake City, enviaram a família para Salina a fim de que Ethan assumisse como bispo, uma vez que o anterior falecera havia pouco tempo, de velhice. E assim ele o fez, jubiloso.

No meio de um bando de senhoras espavoridas, Claire enxergou Lydia, com o filho Michael, de 4 anos, agarrado na barra da longa saia verde-musgo da mãe. Se todos os Dresch estavam ali, e aparentemente bem, o que é que estava acontecendo? A ansiedade crescia em Claire como o pressentimento ruim de alguém que deseja, mas ao mesmo tempo teme, a descoberta.

A poucos passos da multidão, cruzou o olhar com Lydia, que no mesmo instante empalideceu. Foi como se o coração dela tivesse sido arrancado do peito antes que pudesse soltar a respiração. Claire não entendeu aquilo. Entendeu menos ainda quando Lydia foi aos prantos a seu encontro, empurrando todos – deixando até mesmo Michael para trás –, tomando-a num abraço apertado e lamurioso.

Sem conseguir livrar-se dos braços que a apertavam, com esforço, Claire foi capaz de afastar o rosto o suficiente para tirar os cabelos pretos de Lydia da boca. Batendo nas costas da mulher, disse em tom ameno:

– Calma, Lydia, está tudo bem. Respire. Conte-me o que aconteceu aqui.

A mulher, porém, não falava coisa com coisa. Pelo menos não em uma linguagem compreensível para Claire. Apenas chorava e a abraçava mais forte,

como se quem precisasse de consolo fosse Claire, e não ela.

Presa naquele abraço sem fim, Claire olhou para as pessoas à sua volta e percebeu que as senhoras, que antes rodeavam Lydia, olhavam agora em sua direção com expressões condolentes. Além das cabeças platinadas, daquela posição ela não conseguia avistar muita coisa, tamanha a extensão do muro de pessoas que se havia formado na rua, impedindo que enxergasse a residência ou o bispo.

Já haviam se passado pelo menos cinco minutos no torturante abraço – ou menos, mas parecendo muito, muito mais – e Claire precisava se livrar daquilo, mesmo se isso significasse ser indelicada com a pobre mulher que nada mais fez que demonstrar um imenso carinho por ela.

– Lydia, vamos lá, está muito quente e eu não estou entendendo nada – disse enquanto a afastava com firmeza, apertando os braços roliços dela.

– Claire, eu não sei... não sei como... quem... por quê.

Michael havia se aproximado e estava de novo puxando a saia da mãe, que se virou, pegando o menininho no colo. Ela secou as próprias lágrimas com a camisetinha preta do menino, estampada com o logo dos *Ghostbusters*, filme que estreara alguns meses antes e havia virado sucesso absoluto, especialmente entre as crianças – ainda que seu teor não fosse, necessariamente, infantil. Claire achou curioso que o menino pudesse usar a estampa de um filme de comédia sobre fantasmas, pois para os mórmons morte era coisa séria. Séria ao ponto de batizarem por procuração seus parentes falecidos que não foram mórmons em vida, já que esse era um dos pré-requisitos fundamentais para a vida eterna no reino de Deus.

Mas nada disso importava, e Claire aproveitou a oportunidade para se esquivar da desconcertada e soluçante Lydia, agora ocupada com Michael. Sabia que dela não obteria nenhuma informação útil, e não queria conversar com os bisbilhoteiros que estavam por ali, só atrapalhando. O melhor seria falar diretamente com o pai da família.

Pedindo licença e se apertando por entre as pessoas, Claire não conseguia discernir nenhuma fala, entretanto, reparou que algumas mãos tocavam-lhe o ombro ao passar, um gesto de compaixão que não fazia o menor sentido para ela. Estava com pressa e intrigada, mas não de uma forma interessante, como ficavam as personagens dos livros de mistério de que tanto gostava. Claire não era burra, havia entendido que o problema também era com ela, só precisava descobrir por quê. Sentia uma curiosidade sombria, como a de um condenado caminhando no corredor da morte para um desconhecido que todos querem

saber como é, mas jamais trocariam de lugar com ele para desvendar.

Quando enfim pisou fora da massiva aglomeração, deu de cara com o chefe de polícia, Patrick Videla, que segurava seu caderno com uma das mãos, enquanto a outra enxugava o suor da testa bronzeada. O bispo Dresch já não estava mais ali. Talvez tivesse entrado na casa ou passado por um lado oposto ao de Claire, em busca da esposa e do filho.

Tudo bem, o oficial Videla com certeza poderia ajudar – *poderia*?

Era o primeiro ano dele como chefe de polícia, e o cabelo preto acinzentado, de corte militar, emoldurava arregalados olhos castanhos em um rosto tão franzido, que era por si uma denúncia de como não estava preparado para o que quer que estivesse enfrentando ali.

– Com licença...

– Vou ter que pedir que você se afaste – ele a interrompeu, falando automaticamente, sem erguer os olhos de suas anotações.

– Sou Claire Price, acredito que...

Quando ela pronunciou o nome e o sobrenome, conseguiu a atenção que queria – ou não queria, mas, àquela altura, precisava. É claro que ele a conhecia. Praticamente todos em Salina se conheciam, em um grau ou outro.

Patrick ficou nitidamente embaraçado. Abria a boca para falar e logo a fechava, como se tivesse se esquecido das palavras. Até que, finalmente, disse:

– Olha... seus pais já estão a caminho... você... você pode esperar dentro do meu carro, se quiser. Que tal?

Aquela resposta foi a gota d’água.

– Não! – esbravejou Claire. – Não vou para o seu carro, não vou a lugar nenhum. Eu vou ficar aqui até você me explicar o que está havendo. Mas que droga! Primeiro Lydia, e agora você, oficial Videla! Parem de me tratar como criança, eu tenho 20 anos, ora essa! Você pode muito bem falar comigo enquanto os meus pais não chegam. E, afinal, por que é que eles foram chamados *aqui*?

O desabafo de Claire fez Patrick franzir ainda mais a testa. Era visível que não previra aquela reação. Ela até podia ser uma mulher, mas, sobretudo naquele vestido com ar de inocência, não parecia passar de uma menina de 14 ou 15 anos. Claire também não imaginava que responderia aos berros. Mas ficou feliz por tê-lo feito, já que, com sua manifestação impulsiva, conseguira não somente a atenção de Videla, como também aplacar o importuno burburinho da numerosa plateia.

Todos na rua a olhavam. Mas não estavam surpreendidos, como seria de se

esperar. Acabara de desafiar uma autoridade diante de toda aquela gente, mas os olhares que recebia eram quase como de... compreensão? Não sabia dizer. Já não sabia dizer mais nada, e olhar para eles fazia seus olhos doerem por causa do sol, então passou a olhar para os nós de seus dedos, como se tentasse se acalmar – o que era a última de suas prioridades.

Ainda estava com a cabeça quente, mas agora que havia silêncio poderia pensar. Por que os pais foram chamados? Ela sabia que não havia aprontado nada. Francamente, quando é que tinha aprontado algo na vida? A menos que...

– Rob! – O que era pra ser um pensamento saiu em alto e bom som, e quando Claire viu o oficial Videla abaixar a cabeça ao ouvir o nome, sentiu o coração ficar agitado em seu peito, a respiração ofegante, como se os órgãos tivessem desaprendido o ritmo de suas funções.

Começou a olhar para todos os lados, sem fixar em ponto algum. Queria encontrar Rob – em que estado, não importava. Bastava que estivesse vivo.

Foi então que se virou para a casa dos Dresch e viu uma lona preta estirada no gramado, perto da porta de entrada. Não conseguia entender como não havia percebido tal detalhe até aquele instante. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Não *queria*.

Teve vontade de se aproximar, tirar a lona, fazer respiração boca a boca. Fazer algo, qualquer coisa! Olhava para as pessoas ao redor, para o policial à sua frente, ninguém fazia nada. Um bando de inúteis. E se ele ainda estivesse vivo ali embaixo? Poderia morrer de verdade. Mas não... não se já estivesse... morto.

Precisava ver com os próprios olhos, mas seu corpo magro oferecia uma resistência que jamais sentira. Estava mole e ao mesmo tempo duro, pesado. Os pés pareciam cimentados ao chão, não obedecendo aos comandos do cérebro. Estava impotente. Um zunido começou a crescer em seus ouvidos e a visão de Claire escureceu. Escureceu muito rapidamente – como se houvessem colocado uma lona preta sobre ela.

Claire acordou com um incômodo raio de sol a penetrar-lhe os olhos. *Foi um pesadelo, só isso*, pensou.

Mas não, continuava tudo ao contrário. Pesadelo era a definição de sua vida dali em diante – o que ainda não sabia era que nem mesmo os sonhos seriam refúgio.

– Você desmaiou, Claire. Como está se sentindo? – perguntou o chefe de polícia, fazendo sombra na jovem ao ajudá-la a se levantar.

– Meus pais ainda não chegaram? – ela perguntou, batendo a grama do vestido e ignorando de propósito o questionamento.

Como ela estava se sentindo? Não havia uma resposta única para aquilo. Estava triste – ainda que *triste* parecesse uma palavra medíocre para descrever a sua condição –, incrédula, desesperada, confusa, desalentada, nauseada. Além de tudo, estava furiosa com o homem da lei a sua frente. Se ele fizesse o trabalho direito, talvez seu irmão não estivesse sem vida no gramado daquela casa.

Claire sabia que era irracional culpá-lo. Sabia, mas naquele momento razão e emoção travavam uma guerra brutal em seu âmago – bastava olhar para ela para saber que a razão estava perdendo. Perdendo feio. E por isso não demorou para o alvo de sua raiva passar de Patrick Videla... para Deus.

Perguntava mentalmente a Ele onde estava a justiça divina, enquanto a voz da razão, cada vez mais baixa, usava as últimas forças para evocar a lembrança de uma notícia que seu pai contara meses atrás. Na Califórnia, na cidade de San Ysidro, um homem entrou armado num McDonald’s e começou a atirar ensandecidamente nas pessoas, deixando dezesseis feridos e vinte mortos. Tantas famílias arruinadas pela ação de um homem louco. E se Rob tivesse entrado no caminho de um sujeito desses?

A notícia fez Claire lembrar que o próprio Joseph Smith, criador da doutrina mórmon, havia sido capturado e executado com o irmão nas perseguições que sucederam a instituição e a expansão de sua nova crença. Então, se Deus...

– Oi? Está me ouvindo? – Era a voz de Patrick Videla invadindo seus pensamentos. Claire o tinha deixado falando sozinho.

O emaranhado de pessoas na rua em frente à casa dos Dresch não diminuía, mas os intrometidos já não olhavam mais para a aérea Claire. Em vez disso, conversavam uns com os outros, provavelmente formulando teorias – fofocas. Deviam dizer que o rapaz era problemático, que se o pai fosse mais bem-sucedido, e a mãe não precisasse trabalhar para pagarem as contas, nada disso teria acontecido.

– Escuta, Claire, eu sei que é uma situação difícil, mas acho melhor você não ficar aqui agora. Espero que entenda que estou falando isso para o seu bem – articulou o policial, repousando a mão sobre o ombro nu da jovem.

– Desculpe, senhor Videla, mas você não *sabe* coisa alguma.

Dessa vez Claire não respondeu alto, não precisava chamar mais atenção. E Patrick calou-se. O que iria dizer? Ela estava certa. Ele nunca havia perdido ninguém, até seus pais, idosos, estavam vivos e cheios de saúde.

Desviaram o olhar um do outro, e Claire girou para se livrar da mão quente e calosa em seu ombro. Então, quando o chefe de polícia estava entretido com seu caderno, ela saiu correndo em direção à lona preta. Precisava ver o irmão, não havia nada mais importante.

Patrick foi logo atrás da jovem, mas pareceu desistir quando ela já estava de joelhos, segurando a ponta extrema da lona, preparando-se para revelar o cadáver do irmão. Conhecia Claire desde pequena e sabia que ela não iria desistir. Além disso, ele estava sozinho lá e não queria ter que usar a força contra uma moça magricela e geniosa. Não no seu primeiro ano como chefe de polícia. Não na frente de todas aquelas pessoas.

E ele nem deveria ou poderia chamar reforço. Primeiro porque o crime já estava feito. Segundo porque o escasso número de ocorrências ao longo dos anos tinha reduzido a equipe policial de Salina a um total de três integrantes: ele e os oficiais Carter Dayton e Randy Thorpe. Para Patrick, não faria diferença outro policial ir para lá. Seria melhor que Carter adiantasse a papelada, pois haveria muita – o estômago de Patrick doía só de pensar na burocracia.

De joelhos sobre a grama seca, Claire segurava a ponta da lona preta como se fosse a tampa da "caixa" de Pandora – mais um entre tantos erros de interpretação histórica, considerando que o certo seria o *jarro* de Pandora –, como se levantar aquele tecido plástico fosse determinante para o destino do mundo. Patrick estava um pouco atrás dela, e, bem mais atrás, as pessoas, que respeitavam a distância solicitada pelo chefe de polícia, mas se apertavam umas contra as outras, esticando os pescoços no limite, alvoroçadas para ver o que restava de Rob Price Junior.

Patrick não estava gostando daquilo, mas agora era tarde. Tarde demais para voltar atrás na sua decisão de deixá-la ir em frente. Ele bem que tentou prevenir. Não queria que Claire ficasse traumatizada, pois a cena era uma das piores em que já pusera os olhos. Não. Era definitivamente a pior. Em Salina não acontecia nada parecido desde 1945, quando, no que ficou conhecido como o Massacre da Meia-Noite, um soldado atirou contra um campo de prisioneiros (que a cidade abrigava durante a Segunda Guerra Mundial), matando nove soldados alemães que estavam, simplesmente, dormindo.

Com as mãos trêmulas, Claire começou a levantar delicadamente o plástico preto, mas bastou ver o rosto pálido do irmão para que a delicadeza se transformasse em força, e então ela atirou a lona amassada contra os pés de Videla, que deu um passo para trás instintivamente.

A jovem acariciou as faces geladas do irmão. Não havia hematomas, nada que sugerisse que ele tinha apanhado. Tocou a ponta de seu avantajado nariz – aquela característica distintiva dos Price que os dois tanto odiavam –, que agora parecia projetar-se para a frente com menos imponência. Por mais difícil que fosse, não queria olhar nada rápido. Precisava memorizar cada traço do irmão como se... como *era* a última vez.

Desceu os olhos e só então percebeu que ele estava sem camisa, vestindo apenas a velha calça jeans – da qual a mãe havia tentado se livrar diversas vezes, por ser tão desbotada, mas ele batia os pés até que ela desistisse da ideia. Correu as pontas dos dedos por sobre seu peito magro e desfalecido... E então teve um choque quando as conduziu para os braços do irmão.

Todos os dedos das mãos haviam sido cortados!

Olhou para os pés de Rob, e os dedos também não estavam lá.

– Que... que coisa é essa, meu Deus do céu? Por que fariam isso com o Rob? – perguntou Claire ao oficial Videla, embora soubesse que ele não saberia responder. Então, antes que ele voltasse ao estado de abrir e fechar a boca como um idiota, ela prosseguiu: – Você já sabe... sabe como ele morreu?

– Bom, além das partes removidas do corpo... contei pelo menos uma dezena de facadas nas costas.

A cada palavra que ouvia, Claire sentia como se estivesse recebendo as facadas ela mesma. Precisava ser forte, porém. Precisava entender aquilo. Aquilo que não fazia o menor sentido, mas devia ter uma explicação. E ela descobriria a qualquer custo.

– Oficial Videla... não deveria ter mais sangue aqui?

– É que... – ele hesitou por alguns segundos. – Ah, que se dane! Agora que caí na besteira de te deixar fazer isso tudo, vamos até o fim. Venha comigo.

2
Setembro de 1984

O sol continuava impiedoso, incandescendo os corpos e turvando a vista dos curiosos que se amontoavam para enxergar a cena em frente à casa do bispo. À distância, não conseguiam escutar muito do que falavam o chefe de polícia e a irmã do morto, mas ali permaneciam, como que ansiosos pelos próximos capítulos daquela novela – não que tivessem coisas mais interessantes acontecendo em suas vidas.

Acompanharam, com olhares desapontados, quando o homem cobriu novamente o cadáver e levou a jovem pela garagem externa até o jardim nos fundos da casa. O caminho era curto, mas foi o bastante para Patrick Videla contar a Claire que o corpo de Rob foi encontrado atrás da casa. Mais precisamente amarrado de cabeça para baixo na barra de ferro que sustentava um enferrujado balanço azul. Amarrado pelos pés sem dedos, com as mãos sem dedos arrastando no minúsculo banco de areia na base do balanço.

Imaginar aquela cena cruel causou uma dor lancinante no peito de Claire. Mas ela precisava fingir que estava bem – ou o equivalente de “bem” para alguém que acabara de tocar o corpo morto do irmão mais novo –, do contrário, o policial poderia parar de contar-lhe o ocorrido. E ela tinha de saber tudo, mesmo porque, provavelmente, seus pais não teriam estômago para isso.

Videla contou ainda que foi Michael Dresch que encontrou o corpo naquela manhã, quando saía para brincar no balanço, enquanto os pais terminavam o desjejum. O bispo ligou para a polícia logo após acudir o filho aos berros. Ele disse que Michael ficou histérico, mas com os olhos vidrados no cadáver de ponta-cabeça, fincando os pequenos pés no chão de areia de um jeito que tornou impossível para os pais o tirarem dali.

O jeito foi mover o cadáver. Por isso Ethan desamarrou Rob do balanço e o colocou na frente de sua residência, deitado na grama, pensando que isso facilitaria o trabalho da polícia.

Ele não devia ter feito aquilo.

– E, Claire, tem mais... Olhe. – O oficial apontou para atrás do balanço, onde havia dois baús de madeira, menores que caixas de sapato, cada qual com um detalhe diferente talhado na tampa.

Ela se aproximou e abaixou-se para ver de perto. O detalhe trabalhado numa das tampas era um punhal na horizontal. Na outra, um triângulo invertido, diferente de todos que Claire já havia visto. Ele lembrava um triângulo celta, mas seus vértices se entrelaçavam fora do triângulo, com as linhas excedendo as pontas em nós de laço.

Claire ergueu um olhar transtornado para o chefe de polícia, mas era óbvio que ele estava tão confuso quanto ela, então a jovem voltou a atenção para as duas caixinhas. Pegou uma delas e, quando ia abrir a tampa, Videla agarrou sua mão.

– Talvez não seja a melhor ideia você ver isso – ele alertou. – Na verdade eu nem deveria...

– Oficial Videla, e se você estivesse no meu lugar? Você mesmo disse para irmos até o fim. É a coisa certa a fazer. – Sem tanta certeza, ele aquiesceu, e ela emendou: – Além disso, dificilmente será algo pior do que a visão de meu irmão assassinado. – E soltou no chão o baú que havia pegado.

De uma só vez, abriu as duas tampas, que penderam para trás, presas por dobradiças de cobre.

Antes que pudesse vislumbrar o que havia dentro, Claire fechou os olhos. Pensou como tudo aquilo era bizarro. Bizarro demais para Salina. Talvez cada coisa tivesse um significado... Ou talvez elas servissem apenas para confundir. Talvez seu irmão tivesse sido uma vítima escolhida ao acaso. Não era assim com tantos *serial killers*? Mas os dedos cortados, o local e a posição em que foi deixado, os baús com símbolos... Por sinal, baús que nem sequer estavam trancados. O assassino em momento algum quis encobrir o crime. Longe disso. Parecia ter intencionalmente transformado o grotesco homicídio num espetáculo excêntrico.

Então Claire abriu os olhos para ver o conteúdo dos baús. Dentro deles havia manchas amarronzadas, aparentemente de sangue seco. No baú do punhal, estavam os dedos das mãos; no baú do estranho triângulo, os dedos dos pés. Claire respirou fundo, precisava conter as lágrimas, mas, acima de tudo, a vontade de vomitar ao imaginar o criminoso cortando os dedos do irmão. Teria feito isso antes ou depois das facadas? Torcia para que tivesse tido a decência de fazê-lo depois que Rob estivesse morto – mas sua intuição sabia que aquele assassino podia ser qualquer coisa, menos decente.

O chefe de polícia colocou a mão sobre a cabeça de Claire. Ela nem percebeu. Estava ocupada examinando os baús, ao mesmo tempo que tentava bloquear suas emoções para não perder nenhum detalhe crucial. Reparou em uma ponta de papel escapando por entre o que pareciam ser um polegar e um dedo mínimo.

– Ei, você viu aquilo ali? – indagou ao oficial Videla, que se abaixou ao lado da jovem.

– Pra falar a verdade só abri essas caixas aí e encontrei os dedos; não mexi em nada até que o doutor Christensen pudesse dar uma olhada. Ele está...

Claire bufou, e, antes que ele pudesse terminar a frase, puxou o pedaço de papel. Sacudiu o outro baú, de onde também surgiu a ponta de um papel, que ela conseguiu retirar sem encostar nos dedos ensanguentados. Videla abriu a boca para protestar, mas reconsiderou. Ela estava ali por culpa dele.

Os papéis estavam enrolados, como as tirinhas que vinham dentro dos biscoitos da sorte. Mas Claire não esperava encontrar neles nenhuma mensagem de reflexão. Para sua surpresa, era justamente isso o que estava escrito neles. Não exatamente *escrito*. Cada letra tinha sido recortada separadamente – de um jornal, deduziu pelo tom acinzentado –, colada uma após a outra para compor as duas frases:

Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas. (Isaías 45:7)

E tens que consumir todos os povos que Jeová, teu Deus, te dá. Teu olho não deve ter pena deles… (Deuteronômio 7:16)

Claire pressionou as sinistras passagens bíblicas contra o peito, amassando-as involuntariamente. Entre o turbilhão de sentimentos que a inundavam, sentiu a ira ganhar uma força sobre-humana. De repente estava ardendo em chamas, mas as chamas não a queimavam. Era como se estivessem latentes em sua garganta, prontas para serem cuspidas no responsável por aquela bestialidade. Desejou que pudesse mesmo se transformar em um dragão para aniquilar aquele ser terrível da face da Terra com um único sopro. Logo pensou que, antes disso, devia arrancar todos os membros do corpo dele. Ele – ou ela – não merecia uma morte rápida.

Levantou-se num salto e correu até a frente da casa, com as tiras de papel amassadas nas mãos. Em seu encalço, um arrependido oficial Videla corria para alcançá-la, levando os baús de madeira. Mas ela era ágil demais, e, se ele

aparecesse correndo daquele jeito, podiam pensar que o policial perdera o controle da situação. Patrick então desacelerou, pensando que ela talvez só precisasse de um tempo sozinha, o que era compreensível. Ao passar a entrada da garagem, porém, avistou Claire indo em direção à multidão. Ela segurava um papel em cada mão, com os braços esticados para a frente, dando uma passada mais ríspida que a outra até ficar diante do muro de pessoas. Passando lentamente os trechos bíblicos perante os olhos esbugalhados dos curiosos, conclamou:

– Quem de vocês, devotos hipócritas, assassinou meu irmão? Fale! Revele-se, covarde! Tenho certeza de que este predador demente está aqui, se divertindo com meu sofrimento, me fitando com falsos olhos piedosos enquanto vibra com a repercussão da sua obra macabra.

Bocas se abriam, sobrancelhas se arqueavam. Alguns desviavam o olhar, outros demonstravam-se ofendidos pelas acusações de Claire. Algumas senhoras reviraram os olhos, como se Claire não passasse de uma criança birrenta. E, de fato, parte dela se sentia assim. O que não impediu que continuasse seu sermão de dor:

– Só mesmo uma cidade que coloca a religião acima de tudo poderia ser o cenário para um crime hediondo como esse, e respaldado em passagens da Bíblia. Rob bebia às escondidas, desacatava a opressora Palavra de Sabedoria mórmon. E daí? Quem aqui pode julgar? Quem? – Apesar de não esperar uma resposta, ela fez um momento de silêncio, encarando as pessoas como uma mãe prestes a castigar o filho. – Você!

Apontou para o bispo Dresch, que estava no meio da rua ao lado do filho e da esposa, atrás do povaréu, mais ou menos onde Claire havia sido abordada por Lydia pouco antes. A quantidade de gente tornava a rua intransitável para carros, mas aparentemente ninguém estava reclamando. Na verdade, como qualquer outra rua de Salina, aquela não costumava ser movimentada, e qualquer carro que passasse por ali certamente pararia para ver o que estava acontecendo.

Ethan Dresch fez sinal para Lydia e Michael ficarem onde estavam e começou a “mancar” calmamente em direção à furiosa Claire, abrindo um corredor de espantados semblantes, de todas as idades. Era como um anão negro numa passarela de gigantes brancos – já havia sofrido preconceito pela cor de sua pele, mas não era esse o caso agora. Ethan entendia que Claire estivesse desequilibrada, e que devia parecer libertador apontar um culpado. Contudo, aquelas afrontas não ajudariam em nada. Possivelmente tornariam a

vida da jovem mais difícil – e ele sabia o quão penoso era ser alvo de intolerância.

Ela nem o esperou chegar e seguiu despejando sua ira para todos ouvirem, olhando o bispo fixamente, aumentando a voz à medida que ele se aproximava (ainda sem se manifestar):

– Foi você, não foi? Elaborou o plano perfeito. Pendurá-lo atrás de sua casa... Palmas! Arquitetou para parecer que alguém o tivesse colocado lá para incriminar um honrado homem de família. Trouxe o corpo aqui na frente para que ficasse visível e atraísse sua multidão de fiéis. Aposto que agora eles vão pensar duas vezes antes de desobedecer às regras da Igreja... Antes de se tornarem pecadores como Rob Price Junior.

Quando o bispo pisou no gramado, ficando diante de Claire – que não parecia nem um pouco disposta a cessar as acusações –, uma mão gelada a puxou pelo braço, tão rápido, que ela não teve tempo de se virar para ver quem era. Só conseguiu ver quando pararam atrás de um pinheiro, já no jardim da casa vizinha – pelo menos era o que ela imaginava que fosse, uma vez que em Salina a maioria das casas não tinha muro.

O caule da árvore era áspero e grosso, mas Claire encostou-se nele sem nada sentir. Dali os olhares curiosos não conseguiam enxergá-la, e foi como se aquele pequeno espaço sombreado lhe permitisse recobrar um pouco da sanidade.

– Brian, o que está fazendo aqui? – perguntou, enfim, ainda surpresa.

– Vim assim que soube, Ellie. Cara... não sei nem o que dizer... – Sem jeito, o ruivo ajeitou os óculos e puxou a amiga num abraço desengonçado. – Sinto muito pelo seu irmão, de verdade. Você já sabe o que aconteceu?

– Ai, Brian, por onde eu começo?

Desligada do contínuo murmurinho atrás da árvore, Claire contou a Brian como o irmão foi encontrado, e mostrou os perturbadores trechos bíblicos que estavam nos baús. Depois falou de suas suspeitas contra o bispo Dresch... – o que fez Brian rir por um instante, até que percebesse, pela carranca que o encarava, que ela estava falando sério.

Com exceção da risada inoportuna, conversar com Brian colocava as coisas em uma perspectiva menos desesperadora. Tudo ainda doía, e doía muito, mas pelo menos agora ela tinha alguém em quem confiava. Além disso, estava ficando seriamente preocupada com os pais, que não chegavam nunca.

Em determinado momento, Brian apontou para a frente da casa do bispo. Claire se virou e deu um passo para o lado, saindo do escudo arbóreo. A lona

que cobria Rob estava de lado e havia dois homens com o oficial Videla, ajudando-o a ensacar o corpo num plástico branco, que fecharam com zíper. Seguida por Brian, Claire correu na direção deles, e quando os três se abaixaram para levantar o embrulho fúnebre, ela chegou por trás, perguntando afoita:

– O que estão fazendo com meu irmão?

Os dois homens que ali chegaram eram o prefeito William H. Finger e o cirurgião-geral Joseph Christensen. Como Salina não tinha hospital, o consultório domiciliar dos Christensen era a solução para as principais necessidades médicas da população, inclusive, fazendo as vezes de necrotério, embora a delegacia também tivesse uma sala para este propósito quando se tratava de cadáver de homicídio – razão pela qual não era usada havia décadas. Os dois "necrotérios" eram soluções a princípio paliativas que já haviam se tornado permanentes, algo de que o prefeito não se orgulhava – ainda que não fizesse nada a respeito –, e que, claro, não eram nenhuma alegria para o cirurgião-geral, para quem sobrava fazer o "trabalho sujo", não importava onde fosse.

O pai de Joseph também era médico, mas na época já estava aposentado, desfrutando de sua pequena fortuna na cidade vizinha de Ephraim, com a nova esposa, uma viúva que conhecera na capela mórmon de lá. O notório doutor se aposentara no início daquele ano, logo que o filho retornou formado para Salina, trazendo a esposa que conhecera na faculdade: Alma, uma médica obstetra. Joseph e Alma teriam voltado antes, não fosse ela ter engravidado no meio do curso, atrasando sua formação, residência e especialização. Atraso que só não foi maior porque, logo que teve o filho, James, os pais ricos da futura médica se encarregaram de cuidar dele até que ela estivesse apta a exercer a profissão e o papel de mãe na cidade natal do marido.

Quando se deu conta de quem eram aqueles homens, Claire percebeu o quão idiota sua pergunta devia ter soado. Era evidente que o médico iria examinar o corpo de Rob em local adequado, acompanhado pelo chefe de polícia. E o prefeito... bem, o prefeito simplesmente tinha que estar envolvido em todo e qualquer "acontecimento" da cidade. Aquilo era típico dele, e Claire ficou surpresa de ele não ter chegado antes.

– Jovem Claire, meus pêsames. Isso foi sem dúvidas uma tragédia... – disse o prefeito Finger.

– Não. Não uma tragédia, um assassinato – ela o corrigiu.

– Certo – ele concordou, contrariado, esboçando um sorriso amarelo. –

Vamos cuidar disso.

Deveriam ter cuidado antes, pensou Claire, mas preferiu não iniciar uma nova comoção. O que a fez lembrar-se de seu confronto (unilateral) com o bispo, minutos antes.

Correu os olhos pela multidão, passando por algumas caras nitidamente ofendidas – por que é que ainda estavam lá? –, sem sinal do bispo ou da família dele. Provavelmente o oficial Videla os permitira entrar em casa, ou então sair dali. Não havia considerado o quão chocante aquilo tudo devia estar sendo para o pequeno Michael. Não foi nem um pouco sensato ir pra cima do bispo no calor do momento, sem evidências senão as suas próprias suposições. Entretanto, não tinha pressa em se desculpar. Verdade era que suas suspeitas contra o ministro permaneciam vivas.

Quando os três homens voltaram a levantar o saco branco, Brian chegou mais perto de Claire, em sinal de apoio, e a presença familiar dele a lembrou:

– Esperem! Meus pais ainda não chegaram. Eles estão...

– Estão indo para a delegacia, que é para onde você deveria ter ido em vez de perder a razão na frente de toda esta gente – falou a voz rouca e severa do doutor Christensen, que em seguida lançou um olhar acusador para o chefe de polícia.

Joseph era um homem muito alto, de intimidadores olhos pretos, com ombros largos e postura sempre ereta. Na verdade, tudo nele intimidava. Até mesmo seus ralos cabelos brancos que circundavam a cabeça calva. Mas, sobretudo, seu comportamento apático. Não parecia haver uma alma dentro daquele receptáculo longo e prateado. Não parecia haver nada lá, principalmente sensibilidade à dor alheia, por mais irônico que isso fosse.

Não obstante a resposta fria – glacial – do médico, dessa vez Claire apenas engoliu em seco. Não havia nada mais a fazer ali. Ele estava certo. Além disso, ela estava farta de alimentar o fascínio do incansável público.

– Dê-me isso! – ordenou Joseph, tomando os amassados papéis das mãos da jovem. – Oficial Videla, leve-os para a delegacia, junto com as caixetas onde disse terem sido encontrados. Analisarei estas evidências após examinar o cadáver. Agora, se nos dá licença – voltou o olhar para Claire –, temos trabalho a fazer. Estou certo de que este jovem pode acompanhar a senhorita até a delegacia, onde seus pais a esperam – disse por fim, e saiu carregando o corpo com ajuda do prefeito Finger e Patrick Videla, que se equilibrava para ajudar no transporte com uma das mãos, enquanto na outra jaziam empilhados os baús e os papéis escapando por entre as tampas marcadas.

Acomodaram o saco branco no bagageiro da caminhonete de Joseph, e os três carros partiram, com seus pneus atirando terra para trás, formando uma nuvem densa de poeira que encobriu a todos na rua, provocando um difuso ataque de tosse, o que serviu para finalmente dissipar a multidão.

Parada, devastada, Claire podia sentir a paranoia tomar conta de seu ser – seria mesmo paranoia? A dúvida a consumia... Quase tanto quanto a consciência de que aquele era só o início do fim.

3
Agosto de 1997

Sentindo o rosto queimado de sol, Claire esfregou os olhos embaçados, cheios de terra e memórias, que insistiam em transpor a visão da realidade que a cercava. Não sabia quanto tempo ficara desacordada – não que fizesse diferença, apenas lhe parecia importante se apegar a algum aspecto do *agora*.

Tateando a porta do Camry, conseguiu ficar de pé, mas, com exceção do ardor que pulsava das maçãs do rosto, os demais sentidos permaneciam dormentes. Tanto que não ouviu quando um carro estacionou atrás do seu e uma pessoa saltou do automóvel, caminhando em sua direção. Por instinto, virou-se e deu um passo hesitante para trás.

Com dificuldade, mirou a silhueta robusta que se aproximava e percebeu que se tratava de um homem. Um homem que se movimentava com a graça de um rinoceronte, ela pensou, e cujo rosto seus olhos só distinguiam como um borrão bege.

– Claire? Claire Price? – perguntou o desconhecido.

Ela estreitou os olhos, ainda sem saber o que responder, embora sua expressão confusa falasse por si mesma.

– Sou eu, Porter Jenks! – disse o grandalhão entusiasmado, e Claire não precisou recuperar inteiramente a visão para saber quem ele era.

Os Jenks estavam entre as poucas famílias ricas de Salina. Ainda jovem, Porter fundara a Jenks Trucking, que na época dispunha de um único caminhão para transporte de carvão. Com o tempo, e com a ajuda da esposa Lucy, ele viu seu negócio crescer e sua empresa se consolidar como uma das transportadoras mais confiáveis de Utah. Parte do crescimento veio pela localização privilegiada da cidade, que, bem no meio do estado, fazia a empresa funcionar como um centro de distribuição logístico. Ninguém podia negar, porém, o mérito dos proprietários. Porter era um negociador infalível, e Lucy, que passou a cuidar das finanças, uma cobradora audaciosa. Juntos formavam uma máquina de fazer dinheiro.

– Ah, sim... Porter! Como vai? – perguntou Claire, meio sem jeito, estendendo a mão trêmula para a pata de rinoceronte à sua frente.

– Eu que pergunto, senhorita Price. O que está fazendo aqui parada? Esse acostamento não é nada seguro, sabia?

– Sei, sim... – A quase colisão com o caminhão monstro passou diante de seus olhos como um flash. Então lhe ocorreu que talvez fosse um caminhão da Jenks Trucking, mas não quis comentar. – Apenas fiquei enjoada da viagem e precisava tomar um ar.

– Não me diga que você está voltando para Salina!

A cordial inquisição de Porter era tão descomedida quanto seu peso, e Claire estava sem paciência para aquele tipo de conversa. Transpiravam sob um céu sem nuvens, com um vento seco que só servia para levantar poeira da estrada e fazer voarem as madeixas curtas de Claire diante de seu rosto. O lado bom era que sua visão havia voltado ao normal e ela conseguia se equilibrar de pé sem muito esforço agora.

– Estou, sim. Vou trabalhar no *Salinews* com Brian Smith – decidiu responder sem rodeios, achando que assim escaparia mais rapidamente.

– Ah, é? – Porter estava surpreso, mas com um sorriso de aprovação. – Quando ele abriu a boca para falar novamente, um toque abafado ressoou de suas calças cáqui, de onde ele retirou um celular grande e preto. – Com licença, querida.

Claire pensou que seria sua deixa, mas quando tocou a maçaneta do Camry, para voltar pela porta do carona como havia saído, Porter fez sinal com a mão para que ela esperasse. A partir dali era impossível prestar atenção em outra coisa senão na conversa dele ao telefone.

“Já estou a caminho, daqui a uns quinze minutos chego aí. E você não vai acreditar quem eu encontrei pouco antes da entrada da cidade... Claire Price! Ela está voltando para Salina... Isso mesmo... Não... Eu não sei se ela já almoçou... Ora, Lucy, a moça deve ter outras pessoas para visitar... Tá... Tá! Eu digo que você insistiu... Tá certo... Agora tchau, meu bem.”

– Claire, não sei se você já almoçou ou se tem outros planos, mas minha esposa insistiu que você fosse almoçar em nossa casa. Lucy quer muito te ver. Eu não sei se você sabe, mas ela tinha um carinho enorme pela sua mãe. Foi uma bênção quando Dora assumiu lá na pré-escola. Sem dúvida ela foi a melhor professora que nossos filhos tiveram.

Não! Eu só quero ir para a minha casa, pensou Claire. Mas seu cérebro não colaborou com nenhuma desculpa plausível; qualquer demora a mais em

responder a deixaria numa situação estranha no quesito etiqueta. E se tinha uma coisa que ela não queria, logo na chegada à cidade, era dar motivo para que falassem dela... de novo.

– Claro, por que não? Eu sigo o seu carro.

– Ótimo, vamos lá!

Na cola do Lexus LX 450 marrom de Porter, Claire entrou em Salina sem qualquer sentimento mágico de retorno à terra natal. Estava mesmo era antecipadamente entediada com a conversa que teria à mesa dos Jenks. As perguntas sobre a sua vida pessoal. As perguntas que teria que fazer, ainda que não se interessasse pelas respostas...

Um tilintar dentro do carro acusou alguma coisa solta rolando para o banco de trás. Talvez um copo ou uma garrafa de vidro vazia. Claire olharia depois. Depois que enfrentasse a tortura social que a esperava para o almoço.

Ao chegarem, estacionou seu velho carro atrás da caminhonete de luxo, e seguiu Porter por entre um jardim florido que levava à imponente mansão. As paredes externas eram de concreto – o que por si só era um contraste, já que a maioria das casas em Salina era ou de madeira, ou de tijolos à vista –, pintadas com diferentes nuances da cor laranja. As majestosas portas de entrada brancas eram protegidas cada qual por uma grade de ferro de arabescos. Na opinião de Claire, a coisa toda era uma declaração de mau gosto. *Dinheiro não compra tudo, afinal*, ironizou mentalmente.

Quando entraram, Lucy Jenks foi de braços abertos recepcioná-los. Imediatamente Claire lembrou por que a casa, tanto por fora quanto por dentro, era extravagante daquela forma: ela refletia o gosto de sua dona.

A figura miúda usava uma blusa estampada que esvoaçava sobre uma calça rosa pink. Em seus cabelos, pretos e cacheados, havia uma faixa combinando com a calça. O estilo de Lucy realmente não passava batido.

Porter beijou a testa da esposa – ficando quase de joelhos para isso –, e seguiu adiante, cumprimentando os filhos que aguardavam à mesa comprida da sala de jantar, no cômodo ao lado. Lucy, com um enorme sorriso, voou para abraçar Claire, como se fossem grandes amigas que não se viam havia muitos anos.

O caso é que não eram, e isso incomodava Claire, que, depois da morte do irmão e de tudo o mais que sobreveio, sofria de uma desconfiança constante; um conflito interno que, a quase toda interação, fazia sua mente avaliar se era de verdade ou apenas falsidade. Era uma cisma boba que só alimentava seus

receios, não trazia conclusão, muito menos conforto. Mas era inevitável e ela já havia se conformado com aquilo, como se fosse um cacoete. A dúvida ecoava pela mente, ela lhe dava um segundo de consideração, e deixava passar. Convencia-se de que, se agisse como mandavam as regras não escritas da sociedade, conseguiria levar uma vida normal.

– Claire, quanto tempo! Você virou uma mulher, uma bela mulher – falou Lucy com sua voz nasalada, segurando a mais nova pelos braços e encarando-a com olhos brilhantes.

Claire sorriu, sem muita vontade. Não era dada a bajulações.

– Adorei o corte de cabelo no ombro, ficou mais séria, mais adulta. Ouso dizer que está parecida com a sua mãe.

– É... acho que sim – ela respondeu, dando de ombros.

– Venha, vamos para a mesa.

Lucy sentou-se à ponta da mesa retangular, do lado oposto ao do marido, enquanto os filhos, Spencer e Emily, já se encontravam comportadamente sentados lado a lado. No lado vazio, havia uma cadeira puxada para Claire, com talheres à frente e uma taça d'água, mas nenhum prato.

– Teresa, a comida, por favor! – ordenou Lucy, num berro.

Uma porta branca se abriu e uma mulher de cabelos ruivos e proporções avantajadas, com um vestido azul-royal, entrou no cômodo carregando um prato com uma tampa de metal. Colocou-o em frente a Claire e saiu para buscar os demais. Serviu Porter, em seguida Spencer, depois Emily e, por último, Lucy. Nesse meio-tempo, ninguém emitiu um som sequer. Havia uma névoa invisível de expectativa no ar. No caso de Porter e dos filhos, havia a expectativa pela refeição, estampada nas caras de fome, enquanto salivavam para a fumaça que escapava por baixo das tampas metálicas sobre os pratos brancos de porcelana. No caso de Lucy, a expectativa era pela conversa que teria com Claire Ellie Price, a desgarrada. E Claire? Esperava apenas que a hora passasse rápido e sem mais tantas formalidades.

Uma vez que todos estavam servidos, os olhares se voltaram para Lucy, que elevou as mãos e puxou uma oração:

– Pai Celestial, pedimos a sua bênção sobre mais esta refeição, e agradecemos por cada alimento posto em nossa mesa.

Claire abaixou a cabeça, como fizeram Jenks pai e filhos, e se pegou pensando no que que lhe estavam servindo; e se ela fosse vegetariana ou alérgica a algum ingrediente? Tudo bem que não era, mas poderia ser. Eles a tratavam como se fossem conhecidos íntimos, quando na realidade apenas a

encontravam nas reuniões sacramentais aos domingos e em alguns eventos da cidade. Ah, lá estavam os pensamentos desconfiados de novo. Ao menos serviram para passar o tempo, e Lucy parecia estar terminando a oração:

– ... e, claro, pela presença da ilustre Claire em nosso lar. Cremos em Deus, o Pai eterno, e em Seu filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo. Amém.

Todos repetiram "amém". Até Claire, que achou melhor não pesar o clima comentando que havia abdicado de sua fé mórmon. Eles logo saberiam quando ela não comparecesse à capela, e, com sorte, ela não precisaria se explicar.

Lucy fez sinal para a empregada, que estava parada ao lado da porta da cozinha, e esta passou retirando as tampas dos pratos para depois desaparecer cozinha adentro. O cheiro da comida entrou pelas narinas de Claire, que não havia se dado conta da fome que tinha. Havia um risoto com ervas, legumes cozidos no vapor e um suculento bife em cada prato.

Embora não cozinhasse, a nobre matriarca parecia estar cuidando da alimentação da família. E com razão, considerando o tamanho do marido e da filha Emily, que aparentemente seguia os passos glutões do pai. Spencer, por outro lado, era magro como a mãe, sem ser tão baixo quanto ela, mas de longe alto como Porter.

– Claire, viu só como as nossas crianças cresceram? Spencer ainda está decidindo a faculdade, e Emily quer estudar jornalismo, como você.

– Sério, Emily?

– Sim – respondeu a garota, sem um pingo de expressão em seu rosto coberto de espinhas.

Claire estava prestes a perguntar se ela já tinha alguma universidade em mente, mas o desinteresse de Emily a desestimulou. A jovem mais parecia uma vaca mastigando pasto, com os pensamentos longe dali, sem paciência para ouvir a sabedoria jornalística da convidada à mesa. Ou seja, estava agindo como uma adolescente comum.

Ao perceber que a filha não estava para papo, Lucy interpelou:

– Quer dizer que você está voltando para Salina. Posso perguntar por quê?

– Vou trabalhar no *Salinews*. Começo amanhã.

– Bom pra você, Claire! – O tom da mulher tinha um quê de pena, o que primeiro deixou Claire irritada, mas logo a fez pensar "que se dane, vou entrar no jogo dela".

– E também porque eu me divorciei – prosseguiu. – Voltar para casa pareceu a coisa certa a fazer.

Porter, até então entretido em suas garfadas, engasgou-se e Spencer levantou

para bater nas costas largas do pai. Lucy não deu bola e olhou surpresa para Claire.

– Nossa, mas que pena, uma moça tão bonita, na flor da idade... – ela disse.

– Foi melhor assim – respondeu Claire, impassível, espetando um brócolis e o levando à boca.

– Quem sabe agora você encontra um bom santo aqui em Salina?

– Quem sabe... – concordou a jornalista, com um sorriso forçado. Por muito pouco não falou de uma vez para a mulher (que mais parecia uma explosão de cores) que não era mais SUD.

Continuaram a comer em silêncio, até que Porter terminou – antes de todos – e mostrou-se disposto a conversar. Não exatamente *conversar*, mas trocar meia dúzia de assuntos triviais com a família antes de ir trabalhar. Porter estava sempre no escritório ou em viagens a trabalho. Lucy, porém, não se adaptou à vida no escritório, que ficava dentro do armazém da transportadora, e montou sua estação de trabalho em casa, comparecendo a reuniões somente quando estritamente necessário. Mudança que deixou os funcionários contentes, uma vez que não gostavam dela lá, sempre implicando com a forma como empilhavam os pallets, e até com a quantidade de vezes que paravam para tomar água.

Porter falou à esposa de um cliente com o qual almoçara em sua passagem pela cidade de Provo, e de um problema que o mesmo tivera com outra transportadora. Falou que aquilo seria bom para eles, pois passariam a transportar cem por cento da carga do tal empresário. Falou do calor terrível que enfrentou na estrada, que teria de mandar o carro para o conserto, pois seu ar-condicionado não estava funcionando muito bem, e que, por isso, precisaria usar o carro dela – uma caminhonete idêntica, mas dourada – naquela semana.

Ela protestou por protestar, e emendou dizendo que ele então teria que buscar ela e as “crianças” para *aquele* compromisso na tarde de amanhã.

– Que compromisso? – questionou Porter.

Lucy lançou um olhar aborrecido para o marido, e, depois de olhar para Claire como que se desculpando, respondeu:

– O funeral de James Christensen.

O garfo escapou da mão de Claire, chocando-se contra o prato, emitindo um estridente barulho metálico.

– Desculpe, querida, não sei o quanto já sabe sobre isso, mas sei que deve lhe trazer memórias ruins – ela disse.

– Não, tudo bem. Eu só não entendo como isso pode ter acontecido de

novo... agora... – Dessa vez, Claire falou sem medir as palavras. Estava sendo completamente sincera. Desabafando o que havia passado em sua cabeça assim que ouvira a notícia no rádio.

– Você acha que foi o mesmo assassino do seu irmão? – perguntou Emily, menos inexpressiva agora, com uma curiosidade quase perversa.

– Emily! – recriminou Lucy.

– É, Emily, não deve perguntar uma coisa dessas à nossa convidada. Até porque não precisa ser nenhum gênio para saber que foi, sim, o mesmo cara – disse Spencer, recebendo um olhar ainda mais furioso da mãe.

– Chega desse assunto! – exclamou Porter, batendo os pesados punhos contra a mesa. – E eu não quero saber de vocês falando essas coisas por aí, entenderam?

– Sim, pai – entoaram Spencer e Emily num coro desanimado.

– Claire, desculpe por isso – pediu Lucy.

– Está tudo bem. Mesmo. E eu já terminei. Preciso ir para casa, fazer minha mudança – ela falou como se a "mudança" fosse grande coisa, quando, na verdade, não tinha nada além de uma única mala de roupas no bagageiro do carro. – Obrigada pela refeição, estava tudo maravilhoso.

– Mas você não vai ficar para a sobremesa? Teresa faz um *crème brûlée* dos deuses! – disse Lucy, mas Claire pressentiu que aquele convite fora apenas por educação.

– Obrigada, Lucy. Mas receio que não aguento nem mais um gole d'água.

– Tudo bem, então. Spencer, Emily, deem tchau para Claire.

– Tchau, Claire – o coral desanimado dava as caras outra vez.

Claire foi conduzida até o carro por Lucy e Porter, que fizeram questão de levá-la, mesmo ela insistindo que não precisavam se levantar.

– Ora, se deixarmos você sair sozinha, nunca mais vai voltar aqui. E não queremos isso, não é, Porter?

– De forma alguma, meu bem. Claire, você é sempre bem-vinda. Por favor, sinta-se convidada para nos visitar sempre que quiser.

– Claro – *que não*, ela pensou –, até a próxima.

Despediram-se, e o Camry saiu roncando pelo jardim colorido, atravessando sem garbo o pomposo portão dourado que se abriu para sua passagem automaticamente.

Ao passo que a grande maioria das propriedades de Salina nem mesmo tinha muretas, as poucas e privilegiadas mansões eram equipadas com portões e muros altos. Não pela segurança do patrimônio. Não havia roubos em Salina.

Então por quê? Claire arriscava um palpite: os “reis e rainhas” não achavam que o resto merecesse vislumbrar a beleza de seus palácios. Só quem e quando eles quisessem.

O pensamento fez Claire sentir-se vendida – ou seria usada? De um jeito ou de outro, preferia que Porter Jenks não a tivesse encontrado na rodovia. Mas aquilo já era passado. E o passado era imutável, ela sabia.

E como sabia.

A caminho de casa, Claire prestou mais atenção aos contornos da cidade. A magia de retornar às origens dava o ar de sua graça, enfim. Observou as montanhas que surgiam ao fundo por todos os lados, sublimes sobre seus extensos tapetes de terra árida. Diversos tons de bege e marrom que sombreavam o verde tímido das vegetações das casas e calçadas. Percebeu que muitas ruelas permaneciam de chão batido, enquanto a rua principal, a Main Street, e algumas outras – onde residia convenientemente a “nobreza” de Salina – haviam sido asfaltadas.

Poderia seguir na Main Street e mais ao final pegar as duas ruas até o beco onde ficava sua casa. Mas preferiu virar à direita numa rua qualquer para dar uma olhada nos cenários que faziam parte da sua história. Antes de virar, ainda na rua principal, passou pela casa do prefeito, onde sua belíssima amiga Judy Nash trabalhava. Ficou feliz porque logo ia vê-la. Não hoje. Hoje precisava chegar em casa, se recompor, se reencontrar.

Dirigindo sem rumo pelas ruas menores, Claire passou em frente à casa branca e azul dos Smith. À primeira vista, não mudara em nada. Restavam até mesmo – um tanto desgastadas – as tábuas de madeira no topo do carvalho-vermelho, tentativa frustrada de uma casa na árvore, e inebriante lembrança de uma tarde de limonadas e sorrisos. Um inacabado memorial da inacabável amizade entre Brian, Claire e Judy.

Então avistou uma casa mais nova na parte de trás do mesmo terreno. Menor, mas também de madeira e com o mesmo padrão de cores. Era provavelmente onde Brian morava agora. Uma casa perto o bastante dos pais idosos, mas que lhe permitia certa liberdade. *Aquilo é mesmo a cara do Brian*, ela pensou.

Em outra rua, passou pela casa cinza de Angeline Hart. Angeline fora sua primeira amiga na escola, mas, no ano em que elas completariam 15 anos, simplesmente parou de falar com Claire. Não deu explicações, apenas pediu que ela ficasse longe. Claire jamais entendeu se foi por ciúmes da amizade com Judy, um ano mais velha que elas, ou se por ordem da senhora Hart.

A mãe de Angeline havia sofrido uma série de derrames que acabaram tornando-a uma pessoa grosseira e instável. Depois que o marido pediu o divórcio, a situação se agravou, mas Angeline não falava a respeito. Diversas vezes viu a mãe ser arrastada das reuniões sacramentais quando, sem qualquer explicação, ela começava a se debater no banco da capela, o que logo evoluía para um ataque de gritos. Não dizia nada que fizesse sentido, apenas gritava e agitava os braços. Angeline já nem mais sentava perto da mãe, deixando-a ao encargo do doutor Christensen, enquanto permanecia em estado de apatia até o final da cerimônia. Claire ficava dividida. Achava insensível por parte da amiga, mas sabia que ela cuidava da mãe apesar de tudo. Cuidava e estava destinada a cuidar até o fim.

Certo dia Angeline desabafou com Claire, só uma vez. Disse como seria privada de ter uma vida. De casar e ter filhos. De estudar ou fazer qualquer coisa. Claire então falou algumas palavras de consolo, brincando com uma Barbie descabelada no quarto repleto de coisas cor-de-rosa da amiga. E quando deixou a casa naquele dia, ouviu a mãe de Angeline gritando com ela: “Quantas vezes vou ter que dizer que não quero mais que você ande com essa nariguda? Ela é notícia ruim.” Nunca contou à Angeline o que ouviu, tampouco a amiga lhe contara que a mãe desaprovava a amizade das duas.

Meses se passaram até que Angeline falasse para Claire se afastar, portanto ela nunca soube se a advertência da mãe da garota teve ou não relação com aquele ultimato esquisito e abrupto.

O jardim da casa cinza estava agora mais descuidado do que nunca. Predominava nele o amarelo em vez do verde, sinal de que estava morrendo. Ou talvez já estivesse morto. Morto como a amizade de Claire e Angeline. Será que ela ainda morava ali? Não tinha certeza. Não sabia mais nada dela. Talvez fosse melhor assim. Angeline a teria abandonado de qualquer forma, assim que as coisas na vida de Claire tomassem o rumo que tomaram. Não abandonava a mãe por conta do laço de sangue. E por pena, um dos poucos sentimentos que ela parecia sentir. Como é que tinham ficado amigas mesmo? Não lembrava mais.

Um vulto passou por uma das cortinas amareladas e Claire percebeu que era hora de seguir viagem. Se ainda não queria encontrar Judy nem Brian, imagine Angeline, ou pior... a senhora Hart.

Após pegar várias entradas erradas – o que era bem possível, considerando que as ruas eram parecidas umas com as outras, mas também surpreendente, pois Claire pensava que conhecia a cidade como a palma da mão –, lá estava

ela, finalmente embicando em sua querida rua Meadow. Uma rua sem saída com apenas três casas, duas do lado direito, uma do lado esquerdo. A última delas, do lado direito, a sua casa. Apesar de modesta, sempre achara sua família privilegiada por morar lá. As costas da casa eram protegidas por um monte sem nome, e o jardim à frente, complementado por uma dúzia de pinheiros altos e frondosos que fechavam a rua numa espécie de minibosque particular.

As casas sem muro da rua Meadow eram tão espaçadas entre si que a palavra "vizinho" soava um disparate. Nem por isso eram menos vizinhos: simpáticos, gentis e um pouco abelhudos. Ao menos os Brown, um casal idoso que morava na primeira casa da rua, a outra localizada à direita.

Quando passava a casa de madeira branca e telhado vermelho – que já estava mais para vermelho-ferrugem, como seu Camry –, Claire percebeu que Leah e Harold Brown estavam sentados nas cadeiras de balanço da varanda, ao lado da porta de entrada, de onde ainda pendia a antiga campainha de sino. Reparou quando os aposentados apertaram os olhos para enxergar o motorista do ruidoso carro que perturbava seu sossego. Ao verem quem estava ali, seus semblantes mudaram de irritados para surpresos. Surpresos e encantados.

Claire estacionou e saltou do carro. Querendo ou não, aquela não era mais uma visita que poderia adiar.

– Boa tarde, meus caros vizinhos! – ela disse, enquanto partia para abraçar cada um, resgatando os últimos traços de simpatia que poderia oferecer naquele dia interminável.

– Claire? Claire, é você mesmo, menina? – perguntou Leah, apoiando as mãos enrugadas no marido ao lado para se levantar.

– Tirando a parte do "menina", sou eu mesma, dona Leah – falou se aproximando da senhora e encostando em seus ombros para que ela permanecesse onde e como estava. – Por favor, não precisa se levantar por minha causa. Como vai, seu Harold?

– Bem, querida. Melhor agora – respondeu ele, com seu jeito simples e terno.

– Vamos, não espere a gente morrer do coração e nos diga logo, você está de passagem ou voltou para ficar?

– Pra ficar, dona Leah. Ao menos por um tempo. Vou trabalhar no jornal *Salinews*, vocês sabem, do Brian.

– Claro, seu amigo de cabelo de fogo. Sempre encontramos os pais dele nos bailes da terceira idade. Aliás, era graças a Brian que tínhamos notícias de você, sabia? Sempre passava aqui quando ia até a sua casa. Muito gentil da parte dele. E você, Claire, nem para telefonar para esses velhos esquecidos,

hein? Se bem que... até nossos próprios filhos nos ligam uma vez por mês e olhe lá!

– Leah, deixe a menina! Por favor, Claire, ignore-a. Nós entendemos, não se preocupe.

– Não, seu Harold, ela está certa, eu peço desculpas. Vocês foram os avós que eu nunca tive, e eu deveria ter mostrado a devida consideração. Acabei me distanciando de tudo relacionado a Salina, a dor já estava...

– Ah, querida, eu sei... – Leah alcançou a mão de Claire e a segurou entre as suas com um aperto de vó. – O importante é que você está aqui. Uma moça formada. Ainda que para esses dois velhos você sempre seja aquela menina, feliz e despreocupada.

Claire sentiu uma queimação nos olhos e, antes que irrompesse em lágrimas, mudou o curso da conversa. Perguntou sobre os filhos do casal, Isaac e Jacob. Soube que já estavam casados, com filhos, bem-sucedidos e morando em outras cidades do país.

– E quanto ao nosso vizinho daquela casa? – Claire apontou para a casa bege mais à frente, a única do lado esquerdo da rua de terra. Na entrada da garagem havia um carro Sedan preto, atrás de uma moto esportiva com detalhes em preto e cinza. – Se não estou enganada morava aquele viúvo, não? Senhor Alfie? Auckins?

– Sim, o viúvo Aldridge. Faleceu ano retrasado. Desde então os filhos...

– Ou netos – acrescentou Leah, recebendo uma arfada do marido pela interrupção. – Que foi? Nós não sabemos, ué, o homem mal pisava no gramado. Conte direito, Harold.

– Como eu ia dizendo... os filhos, ou netos, herdaram a casa, mas parece que não a quiseram, não. Nunca colocaram os pés nela, você acredita?

– Então a casa está vazia? – perguntou Claire, e então lembrou que a sua também estava, e por bem mais tempo. Talvez os filhos ou netos tivessem seus próprios motivos para não ir ali.

– Agora não está mais – respondeu Leah. – Só que deu um trabalhão para os irmãos Martinez. Você deve se lembrar deles. Andrea e Lando Martinez, os corretores de imóveis.

– Os nomes não me são estranhos, talvez tenhamos estudado juntos – disse Claire, sem pensar muito. Não estava interessada em saber dos corretores, e sim da nova pessoa com a qual compartilharia o querido beco.

Ainda assim, a senhora prosseguiu sem intenção de tomar atalhos:

– Eles ficaram responsáveis por vender a casa pela família do falecido

Aldridge, mas não receberam uma só oferta durante todo um ano. O jeito foi colocar para alugar.

– Nos primeiros meses os inquilinos simplesmente não duravam – disse Harold. – Numa semana, víamos o caminhão trazendo as coisas. Na outra, levando tudo embora.

– Como ninguém se dava ao trabalho de falar com a gente, ficamos só nas nossas suspeitas, sabe, Claire. O Harold acha que a casa pode estar descuidada. Já eu penso que esse pessoal não estava pagando direito e os Martinez os enxotaram.

– E o atual inquilino, vocês conheceram? – a desconfiança de Claire pedia detalhes.

– Só de vista. É um rapaz jovem, deve ter a sua idade – respondeu Harold.

– Você falando assim, até parece que achamos que ele é um bom partido para a nossa menina – interviu Leah, dando um tapinha repreensivo nas costas do marido.

– Mas eu só falei que ele tinha a idade dela, mulher!

E de fato o idoso falara aquilo sem a intenção de insinuar nada. As suposições gratuitas de Leah Brown é que não davam trégua – e também não eram nenhuma novidade para Claire. Se fosse outra pessoa, poderia pensar que era maldade, mas como era a dona Leah...

– Claire, se aceita meu conselho, fique longe desse rapaz – ela disse.

– Por acaso esse rapaz tem nome? E posso saber por que está me dizendo isso? Já pensou se ele for meu grande amor, dona Leah? – questionou Claire, fazendo graça do tom sombrio com que a vizinha falava.

– Ai, querida, só podemos rezar para que ele não seja – respondeu ela, cautelosa. – Não sabemos como se chama, e olha que já está aqui há alguns meses. O máximo que ele fez foi acenar com a cabeça, quando se mudou. Depois disso, nem olhou mais na direção da nossa casa. E o vemos ir e vir com aquela moto todos os dias. Ele sempre volta sujo. Acho que trabalha numa daquelas minas de carvão ao redor da cidade. O problema é que ele é esquisito. Um tremendo de um esquisito!

– O que Leah quer dizer é que você já teve coisas estranhas o suficiente em sua vida, menina. A última coisa que gostaríamos é de ver você se machucando por se envolver com gente desconhecida, gente que não é daqui. Que talvez não tenha os nossos princípios morais.

– Bom, mas... – Claire ia retrucar que não foi alguém de fora que matou o seu irmão, mas se conteve. De que adiantaria discutir sobre o que nem sabia ao

certo? E logo com os Brown.

Nesse instante a porta da casa bege se abriu e os três olharam, sem qualquer discrição. Não era o tal vizinho, e sim uma mulher, de longos cabelos pretos, traços latinos, com um terninho preto, lustrosos sapatos de salto alto da mesma cor, e batom vermelho nos lábios.

Leah puxou a camiseta branca de Claire e sussurrou:

– É a Andrea Martinez.

Ah, sim, Claire lembrava-se dela. Não com aquela aparência requintada de agora, mas como uma menininha de cabelo armado e aparelho nos dentes, que vivia grudada no irmão na época da escola.

Claire e os vizinhos tentaram disfarçar, mas a mulher já havia notado os olhares em sua direção. Mexeu nos cabelos de forma vaidosa, não parecendo irritada com a atenção que recebia. Porém, ao cruzar o olhar com a jornalista, sua expressão endureceu. Claire ainda tentou esboçar um sorriso, mas não foi correspondida. Em vez disso, Andrea levantou uma das sobrancelhas, remexeu afobada na bolsa, de onde tirou um molho de chaves e um celular.

– Lando? Espera só até eu te contar... – ela falou ao aparelho.

Foi só o que conseguiram ouvir, graças ao silêncio da rua, antes que a mulher entrasse no Sedan preto e partisse, carregando um véu de poeira ao passar muito rápido pelos sulcos no chão terroso da rua Meadow.

– O que foi isso? – perguntou Claire sem entender coisa alguma.

– Provavelmente ela foi cobrar o aluguel. Não deve tê-la reconhecido – respondeu Harold, pouco convincente. – Sabe como são esses corretores, sempre apressados.

Leah estava quieta, olhando por baixo de seus óculos redondos de armação dourada.

– Dona Leah, você sabe de algo, não sabe?

– É que...

– Leah, olha lá o que vai falar. Você nem sabe o que ouviu direito – advertiu-a.

– Ai, gente, digam logo. O que a tal corretora tem contra mim, hein?

– Eu estava na cozinha quando vi pela janela ela e o irmão discutindo ali na frente. Eles vinham tentando vender a casa havia algum tempo, como te falamos. Ouvi Andrea trovejando que era tudo culpa “dela”, enquanto apontava para a sua casa. Disse que você fez questão de chamar a atenção de toda a cidade para a sua tragediazinha familiar, que se fez de coitada e que, por sua causa, eles nunca conseguiriam vender a casa na rua dos azarados Price.

Também que...

– Chega, Leah, a menina já entendeu.

Claire deu um suspiro longo e profundo, depois levantou o queixo e esboçou um sorriso sem dentes para os idosos.

– Tudo bem, obrigada por me contar, dona Leah. Acho melhor eu não fazer nenhuma reportagem sobre o mercado imobiliário de Salina, não é mesmo?

Todos riram e Claire ficou satisfeita. Estava livre dos olhares de pena e de possíveis pensamentos de autopiedade – por ora. Também já conversara bastante com os Brown, e estava mais do que pronta para ir para casa, tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

Só que ficaria "longe" mais um pouco. Leah teimou que a jovem entrasse para pegar um pedaço do suflê de legumes que sobrara do almoço.

– Senão, o que você vai comer hoje à noite, menina? Aposto que não passou no mercado – argumentou Leah, e com razão.

Sentados à mesa de madeira da cozinha, eles conversaram por cerca de duas horas até Claire insistir que precisava mesmo ir.

Entrou no carro, acenou para Leah e Harold da janela, e seguiu para o fim da rua, para sua abandonada casa verde. Já de longe viu que os tons vivos do verde de outrora deram lugar a um verde pálido e empoeirado. Ainda assim, a visão da amada casa e suas cercanias não deixava a desejar.

O sol estava se pondo, fazendo Claire dar-se conta de que ficara tempo demais nos Brown. Mas *tempo* não era um problema para os aposentados, tampouco para Claire, que naquele dia, embora não admitisse, precisava do ambiente familiar... E talvez eles precisassem *dela* tanto quanto.

Parou diante da garagem e saltou para pegar a bagagem no porta-malas. Ouviu um barulho de folhagem sendo pisoteada e se virou para o amontoado de pinheiros que selava a rua.

– Tem alguém...

Antes que pudesse terminar a pergunta – a mesma que antecede fatalidades em quase todo filme de terror –, uma figura surgiu envolta em fumaça por entre dois pinheiros. Claire deu um passo atrás, assustada, esbarrando contra a traseira do carro, mas não se permitiu gritar, embora provavelmente já tivesse sido vista ali, afinal não estava escuro e a distância entre eles era de poucos passos.

Em segundos, a figura saiu da sombra das copas pontudas e revelou-se. Um homem alto, de cavanhaque e cabelos pretos, e penetrantes olhos azuis. *Olhos*

de um legítimo psicopata, Claire pensou com seus botões, deduzindo que devia ser o vizinho.

Ele a olhou com indiferença e logo desviou. Sequer pareceu surpreso em ver alguém naquela casa, que estivera vazia desde antes de ele se mudar para a ruela. Claire queria perguntar o nome dele, o que estava fazendo ali, falar alguma – qualquer – coisa. Mas estava tomada por um temor que só havia sentido antes na presença de outro sujeito peculiar: Joseph Christensen.

Olhando para a frente, escolhendo ignorar a presença da vizinha, ele terminou seu cigarro e começou a andar a passos largos na direção da casa bege, atirando para trás a guimba do cigarro, que caiu no gramado bem ao lado de Claire.

Que porra é essa?, ela se perguntou, trocando o inicial estado de medo por perplexidade. *Leah estava certa, esse cara é um tremendo de um esquisito!* Então recolheu a guimba da grama – sua vontade era atirá-la no jardim do vizinho, bater na porta dele e pedir satisfações. Mas aquilo não importava.

Já era quase noite e ela ainda não havia colocado os pés na casa. Refletiu se estivera se autossabotando, inconscientemente adiando aquele momento.

Talvez.

Enfim, pegou no porta-luvas a chave da casa, o pote com o suflê de Leah, retirou a mala do bagageiro e trancou o carro. Era hora de enfrentar o seu futuro, e para isso não poderia se deixar vencer pelo passado.

4
Setembro de 1984

O caminho até a delegacia levou o dobro do tempo normal. Duas horas eram mais do que suficientes para cruzar Salina a pé, mas da casa dos Dresch até a delegacia, na Main Street, em quinze minutos se cobria o percurso.

Entretanto, naquele dia, Claire e Brian caminharam por meia hora.

Durante o trajeto, não trocaram mais nenhuma palavra. À sombra do pinheiro, Claire já havia contado tudo o que sabia para Brian. Qualquer outro tipo de conversa parecia impróprio agora, e esticar um assunto tão penoso chegava a ser obsceno.

Claire sentia-se míope, olhando para a frente e só enxergando um mundo borrado. Precisava comandar cada passada, como se estivesse reaprendendo a andar. Por vezes parava e ficava olhando para os lados, desconfiada, deixando Brian – que era míope de verdade, e lutava contra o sol forte ampliado por seus óculos de grau – caminhando sozinho à frente, até que, percebendo que a amiga ficara pra trás, ele retornasse para buscá-la.

Sem ele, talvez ela nunca chegasse ao seu destino.

O prédio da delegacia não era exatamente um prédio, mas uma casa cinza de alvenaria. Tinha um único andar, uma placa meio apagada na fachada com a palavra POLICE escrita. Seu terreno cinzento se estendia para o lado, onde havia um estacionamento com dez vagas – três delas reservadas para as viaturas. O Toyota Camry dos pais de Claire estava lá, assim como a caminhonete do doutor Christensen.

– Ellie, melhor você entrar sozinha, né?

– Acho que sim, Brian.

– Vamos, eu te levo até a porta.

O interior da delegacia surpreendia os que ali pisavam pela primeira vez; não parecia tão pequeno quanto por fora. Na entrada, uma parede com uma janela de vidro com uma abertura na base, parecendo um guichê, separava o oficial de

polícia do corredor principal, que por sua vez levava a uma sala, e continuava, virando uma curva de noventa graus, para outra sala. O corredor seguia até uma última câmara, onde havia a cela da delegacia, para prisões temporárias, uma vez que não existia penitenciária em Salina. Os presos – que presos? – detidos na delegacia de Salina, quando condenados, seriam destinados às cidades vizinhas.

A sala emparedada na entrada era a maior de todas, prolongando-se até a extremidade da casa, terminando na frente da jaula carcerária, separada desta por uma de suas paredes brancas – de acabamento ruim –, e pelo estreito corredor. Na ampla sala atrás do "guichê" de atendimento, guardada por mais paredes do que policiais, é que estavam todas as "coisas de polícia". Mesas velhas cobertas por papéis, armários de evidências, um cofre de armas, dois computadores, uma impressora matricial, uma estação com cartões e tinta de carimbo para coletar impressões digitais, e um banheiro nos fundos.

Claro que Claire não sabia de nada disso. Ela estava pisando ali pela primeira vez, e sua visão já estivera mais aguçada. Estava zonza, olhando para os lados sem a menor ideia de para onde ir.

Um homem surgiu atrás da janela de vidro para atendê-la.

– Bom dia! Desculpe, não a vi entrando. Sou o oficial Carter Dayton, como posso... Ora, mil perdões! Você é a filha dos Price, certo?

Claire confirmou com a cabeça.

Carter tinha um daqueles rostos que irradiam bondade, e ela já o conhecia das reuniões sacramentais. Conhecia também sua esposa, Elizabeth, e o filho deles, Caleb. Mas não puxou assunto, na verdade não disse nada – naquele momento não estava nem um pouco inclinada a cordialidades.

– Você pode entrar ali – ele disse, apontando para a primeira sala à direita.

Claire abriu a porta e viu seus pais de costas, sentados diante da mesa do chefe de polícia. Na cadeira ao lado deles, reconheceu a careca de Joseph Christensen. Em cima da mesa de madeira escura, dentro de sacos plásticos transparentes, estavam os trechos bíblicos e os baús onde foram encontrados – felizmente fechados. O médico foi o primeiro a se virar quando a jovem entrou. Colocando-se de pé, ele falou a Patrick Videla:

– Estarei na sala ao lado realizando o procedimento, ok?

O médico então saiu e, mesmo sem se encostarem, Claire pôde sentir sua aura gelada ao passar. Seu pai agora estava de pé, cabisbaixo, e sua mãe levantou-se num pulo, abraçando-a aos prantos. Claire envolveu os braços na mãe, mas não chorou de imediato. Não conseguia – ou não queria, porque,

quando começasse, temia não parar mais.

– Co... como, Claire? Quem faria... isso... com seu irmão... com o meu filhinho! – Não era uma pergunta.

Robert Price deu um beijo na testa da filha e sentou-se novamente. Dora permanecia ancorada nela, lembrando Claire do abraço de Lydia Dresch momentos antes... *antes*, quando o mundo ainda tinha contornos.

– Com licença – pediu o oficial Videla, depois de pigarrear algumas vezes. – Entendo que o momento seja de grande tristeza, mas eu preciso da atenção de vocês para mais algumas poucas perguntas. Quanto mais rápido começarmos a investigação, maiores as chances de... – Ele não parecia acreditar que de fato prenderiam alguém. – Bem, prometo que logo estarão liberados.

Videla questionou sobre os hábitos de Rob, por onde e com quem andava, como estava na escola, se tinha inimizades, se estava tudo bem em casa, e mais uma porção de coisas que serviam apenas para gerar mais dúvidas. Não havia nada... nada que começasse a explicar o que aconteceu, e por quê.

– Na verdade – recordou Dora Price, parando para secar as lágrimas com as costas das mãos suadas –, quando nosso Rob era criança... por volta dos 9 anos, eu acho, passou por uma... fase. Foi coisa passageira, mas... – As lágrimas já vertiam novamente, tremendo no ritmo da voz vacilante de Dora ao pronunciar a lembrança do filho.

– Por favor, senhora Price, prossiga. Tudo o que puder me dizer é válido – disse o chefe de polícia, com um brilho repentino crescendo no olhar.

Dora tentou continuar, mas não parava de chorar e soluçar. Claire estava distante, tentando lembrar qualquer informação útil, sem prestar atenção ao que dizia a mãe, mas apertando a mão dela com firmeza, no esforço de transmitir o mínimo de força que ela própria não tinha.

Robert Price se viu em melhores condições e resumiu a história:

– É que o melhor amigo de Rob havia se mudado para outra cidade, e ele estava com dificuldade de fazer novos amigos. Foi então que começou a colecionar insetos. Primeiro formigas, depois borboletas... Não lembro se teve mais algum. Até que um dia Dora encontrou um coelho dentro de uma caixa e algumas ferramentas minhas no quarto dele. Por sorte o coelho ainda estava vivo. Quer dizer... não sabíamos se ele estava pensando em começar uma coleção de coelhos ou algo assim, mas, naquele dia, Dora soltou o animal antes de Rob chegar da escola e no almoço tivemos uma conversa séria.

– Ele disse que não ia fazer mal ao coelhinho... que só queria um amigo – complementou Dora, respirando com força, lutando contra o pranto incessante.

– Ele era um bom garoto, de verdade. Depois da nossa conversa eu pedi que ele estudasse as escrituras. Você acredita que ele grifou uma dezena de versículos bíblicos sobre o amor de Deus pelos animais? Que criança faria isso, meu Deus? E ele parou de colecionar insetos. Me disse que eles também eram criaturas do Todo-Poderoso e que não mereciam ser mortos só para alguém ficar olhando para eles.

– Hum. – O olhar do oficial Videla havia perdido todo o brilho: o brilho dos flashes imaginários de quando viraria notícia por desvendar o enigmático e grotesco assassinato da pequena cidade de Salina. – Não acho que tenha relação, mas agradeço mesmo assim. Como disse, qualquer informação é válida. Mas vamos continuar então. Preciso que deem uma olhada nestas evidências – disse ele, empurrando os quatro sacos plásticos que guardavam os baús, com os símbolos nas tampas à mostra, e os recortes com os trechos da Bíblia abertos dentro dos sacos para que os lessem sem tocá-los.

O casal arregalou os olhos, como se pela primeira vez percebesse que aquelas coisas estavam ali. Claire, no entanto, virou o rosto. O barulho do plástico contra a mesa a trouxera de volta à realidade, mas lembrar o que havia naqueles baús, além dos trechos bíblicos, era revoltante demais, e ela já olhara o bastante para aquelas coisas. O bastante para pescar qualquer tipo de conexão em sua mente e encontrar um grande mar de nada. *Nada* parecia ser tudo o que existia. Nada de respostas, nada de esperança.

– Senhor e senhora Price, esses símbolos, vocês já os viram antes?

Robert e Dora negaram, estupefatos.

– Poderiam ler essas passagens bíblicas, por favor? Dizer se significam algo para vocês?

> *Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas. (Isaías 45:7)*
>
> *E tens que consumir todos os povos que Jeová, teu Deus, te dá. Teu olho não deve ter pena deles… (Deuteronômio 7:16)*

Dora começou a chorar vigorosamente mais uma vez e o marido a abraçou. Claire lançou um olhar duro para o chefe de polícia, respondendo pelos pais:

– Não, senhor Videla. Não significa nada para eles, assim como não fez o menor sentido para mim quando as li. Se quer saber o que acho, mais parece uma brincadeira de mau gosto, uma zombaria religiosa.

– Desculpe, eu precisava perguntar – ele replicou, com um tom ao mesmo

tempo formal e constrangido.

– Tudo bem. Acabamos por aqui? – perguntou Claire, sentindo uma imensa necessidade de proteger os pais de ainda mais sofrimento do que já estavam passando.

– Sim, creio que temos o suficiente – ele respondeu, e Claire quase sorriu para Patrick em gratidão. O homem por trás do policial parecia ter entendido a mensagem. – Entraremos em contato se precisarmos de algo mais.

Minutos. Horas. Dias... Convenções que, para os Price, não passavam de palavras agora. Os minutos não tinham mais cor, as horas não tinham cheiro, nem os dias tinham qualquer sabor. Os três apenas... existiam – mas eram só luto e saudade.

Depois da delegacia, ao final daquele dia, acertaram os trâmites com a funerária Degrees of Glory, cujos donos se sensibilizaram com os Price. Para poupar a família, insistiram que deixassem tudo na mão deles, que se encarregariam de lidar com a polícia, coletando e preparando o corpo de Rob para o enterro, bastando que a família aparecesse no dia para se despedir. Assim, Claire e os pais trancaram-se em casa por três dias; três dias em que não aceitaram qualquer visita, ou sequer abriram as janelas.

Em teoria, mórmons não praticam o luto. No mundo real, luto não passava de uma denominação para um sentimento inevitável. Principalmente naquelas circunstâncias.

Os três caminhavam como zumbis pelo assoalho de madeira desgastada. Pálidos, com olhos inchados e passos arrastados – quase como se a dor estivesse em bolas de metal presas por correntes a seus calcanhares. Esqueceram-se de comer e de tomar água. Suas bocas estavam secas, e secos eles se sentiam. Ainda assim, lágrimas brotavam a todo instante.

No terceiro dia o telefone tocou. Era Esther, da funerária, avisando que estava tudo pronto. Os Price optaram por uma pequena cerimônia fúnebre no próprio cemitério, em vez de na capela, como era de costume. Não queriam uma exibição. Na realidade, não queriam ter que se despedir, mas tinham de fazê-lo.

Precisavam entregar Rob a Deus.

Rob, adeus.

Os dias após o enterro continuaram a transcorrer sombrios e pesados na casa verde. Exceto para Robert Price, que naquela mesma semana voltou ao

escritório de contabilidade Elroy & Isle e parecia retomar algum gosto pela vida. A esposa, porém, não voltou ao trabalho na escola, para a felicidade de uma professora desempregada que assumiu seu lugar indefinidamente. Dora havia perdido um filho. Assassinado. Não estava em condição de ensinar os filhos dos outros. Não estava em condição de fazer absolutamente nada, e talvez nunca mais estivesse.

Claire também não voltou para as atividades na Sociedade de Socorro. Ironicamente, era ela quem precisava de socorro agora. Tinha que cuidar da mãe, da casa, fazer compras, cozinhar, lavar e passar a roupa. Garantir que o restante dos Price vivesse com um mínimo de dignidade.

Ou, ao menos, que *vivessem*.

Já haviam se passado três semanas desde o enterro, e a situação de Dora Price se agravava a cada dia. Vivia trancada no quarto chorando copiosamente, e só saía de lá para ir ao banheiro. O marido passou a dormir no sofá da sala. Ela não queria mais tomar banho e não facilitava quando a filha levava esponja, sabão e um balde com água para limpá-la e trocar suas roupas. Não era mais uma mulher, apenas sua sombra.

Ver a mãe definhar daquele jeito suscitava em Claire um sentimento de impotência. *Mais um sentimento ruim para a coleção,* ela pensava. Os Brown aconselhavam que ela aguentasse firme, que fosse perseverante. Leah dizia: “O tempo cura todas as feridas.” Claire concordava, sem acreditar; para ela, o tempo era só uma peripécia de Deus... se é que havia mesmo algum Deus, algo que ela vinha se questionando com frequência.

Na manhã da primeira segunda-feira de outubro – que trouxe finalmente o ar de outono pelo qual os cidadãos de Salina tanto ansiavam –, Dora saiu cedo do quarto, antes mesmo que Claire terminasse de preparar o café da manhã.

– Bom dia, minha filha! – disse ao entrar na cozinha.

Claire tomou um susto, quase virando a frigideira com a omelete que cozinhava.

– O... oi, mãe, bom dia! – respondeu, sem entender, porém contente com a súbita mudança no comportamento da mãe.

– Seu pai já saiu?

– Não, acho que está tomando um banho.

– Ótimo. Vou sair, está bem?

– Sair? – Claire só conseguia pensar “como assim?”, mas estava tão feliz por ver a mãe daquele jeito que achou melhor não aborrecê-la com cobranças, ou

pior... lembranças.

– Sim, vou visitar minhas amigas.

Amigas? Que amigas? Claire não estava entendendo nada.

– E não quer comer alguma coisa antes de... sair?

– Obrigada, querida, mas estou sem fome. Aliás, ando muito sedentária ultimamente. Caminhar de barriga vazia vai me fazer bem.

– Então tá, mãe. Se cuide – disse Claire, com um sorriso juvenil.

Dora se despediu dela com um beijo e saiu para a rua Meadow.

Claire queria encher a mãe de perguntas, apenas para compreender o que a fizera mudar de humor tão repentinamente. Mas temia que isso pudesse desencorajá-la, levando-a de volta àquele estado depressivo de antes. Assim, se deu por satisfeita em observar com carinho a mãe saindo.

Dora Price estava arrumada pela primeira vez em semanas. Usava um vestido ameixa, sapatos pretos sem salto, um xale bege sobre os ombros e uma bolsa preta. Seus curtos cabelos castanhos estavam penteados, e ela havia passado blush e um batom cor de boca. Parecia até uma madame a caminho de um *brunch*.

Com a agradável brisa de outono entrando pela janela, Claire e o pai tomaram o café da manhã enquanto conversavam, assim como faziam quando a vida era normal. Discutiram sobre o governo de Ronald Reagan e a recessão econômica que estava assolando o país. Sobre o revolucionário Macintosh da Apple, e quanto tempo ia levar para ele ser comercializado em Salina. E ainda sobre como a imprensa continuava a noticiar a respeito da sueca Yvonne Ryding ter sido eleita Miss Universo, enquanto a cosmonauta russa Svetlana Savitskaya, a primeira mulher a fazer um passeio no espaço, passara quase despercebida.

– E, pai, você viu quanta gente já morreu daquela doença? A tal da Aids? Será que devemos nos preocupar, ou é, como dizem, uma peste gay?

O pai se engasgou com uma torrada e Claire achou graça. Homossexualidade era um grande tabu para os santos dos últimos dias. No entanto, ela achava que isso era uma questão de tempo. Afinal, negros também haviam sido renegados pelos mórmons no passado, mas hoje representavam um percentual crescente na comunidade SUD. Isso a fez lembrar-se do bispo Dresch... e logo já estava pensando em Rob.

– Filha, preciso ir trabalhar.

– Tudo bem... – Ela parecia mais triste do que o pai esperava.

– Ei, você cozinha muito bem, sabia? Puxou a sua mãe – disse, tentando animá-la. Claire percebeu que o pai estava com pressa, mas, ao mesmo tempo, preocupado com a melancolia estampada tão de repente em seu rosto.

– É? Obrigada, pai. E não liga, não, fiquei triste agora pensando no Rob, só isso. Pode ir tranquilo pro seu trabalho, eu cuido das coisas por aqui.

– Você tem feito um trabalho e tanto, Claire. Minha menina é uma mulher. Faz de mim e de sua mãe muito orgulhosos. – Ele fez uma pausa. – Te amo, nunca se esqueça disso.

– Também te amo, pai.

Claire guardou as sobras e juntou a louça sobre a pia, decidindo lavá-la depois de tomar um bom banho. Era a primeira vez que estava sozinha na casa desde o enterro de Rob. Sozinha com seus pensamentos e aflições. Com a água escorrendo por seus seios como as tantas lágrimas que já haviam escorrido por suas maçãs do rosto.

No estado em que Dora estava, Claire não havia mais se permitido pensar no irmão de modo que ficasse perceptível a sua dor. Tinha medo de alimentar o sofrimento da mãe e piorar a coisa toda. O lado bom era que o trabalho de uma dona de casa nunca acabava, portanto, na maior parte do tempo sua mente estava ocupada, sem que ela precisasse fazer muito esforço para não pensar... A não ser em coisas inofensivas, como combinações caseiras com vinagre para limpar o piso de madeira ou formas de estender as roupas no varal de trás da casa para facilitar na hora de passá-las.

Saiu do banho enrolada na toalha e andou descalça até seu quarto, molhando o corredor deliberadamente – era ela quem iria limpar tudo depois de qualquer jeito. Ao jogar a toalha sobre a cama, reparou numa folha de papel com o timbre da Elroy & Isle sobre sua coberta de listras azuis e brancas.

– Mas o que temos aqui?

Querida Claire,

Seu pai é um covarde... talvez você já saiba disso. Ou não, porque uma filha sempre vê o pai como um herói. Mas, por favor, não faça isso. Não sou herói, nem nunca vou ser.

Perder seu irmão foi a coisa mais difícil pela qual passei. E isso me fez enxergar que a vida é muito curta, curta demais para não vivê-la intensamente.

Há muito tempo que eu e sua mãe não somos um casal apaixonado. A

verdade é que uma outra pessoa cativou minha afeição. Eu sei, é uma coisa egoísta de um pai dizer e fazer, sobretudo agora... Mas decidi viver esse amor. Decidi ser feliz.

Não entenda errado, apesar de não amar mais a sua mãe, eu era feliz por você, por Rob, pela nossa família. Agora é hora de ser feliz por mim mesmo.

Não direi para onde vou, acho que será mais fácil para todos nós dessa forma. Mas sei que sentirei sua falta todos os dias. Sei também que você vai cuidar de tudo, como sempre faz. Não fosse assim, eu não conseguiria partir.

Te amo, nunca se esqueça disso.

Obs.: O Camry é todo seu, deixei as chaves sobre o balcão.

Claire saiu correndo para a porta da frente com o bilhete nas mãos. Quando chegou à cozinha, prestes a sair, se deu conta de que estava nua. Abriu uma gaveta, pegou uma toalha de mesa de motivos natalinos, enrolou o corpo e saiu pela porta. Não estava raciocinando.

Achava que iria encontrar o pai ali, parado ao lado do carro, e que tudo não passava de uma brincadeira. Uma péssima brincadeira, na verdade, mas só isso. Não era realidade. Não podia ser.

O carro vermelho-ferrugem estava na garagem, mas nenhum sinal do pai. Correu até o fim da rua. Seus pés molhados ficaram encrostados de terra.

Nada.

Seu pai havia partido. De verdade.

Claire sentiu um ódio imenso. Amaldiçoou o pai e a amante. Amaldiçoou a si mesma por ser filha de um homem capaz de abandonar a família naquela situação. Não. Capaz de abandonar a família e ponto. E por quê? Por uma paixão qualquer? Por sexo? E que história era aquela de não dizer para onde iria, que assim seria melhor para todos? Uma mentira deslavada. O que ele não queria era encarar a filha e a ex-mulher abandonadas pedindo dinheiro. Ah, mas ele deixou o carro! Grande coisa!

Ou talvez ele nem tivesse pensado em nada disso. Talvez apenas houvesse fugido sem informar o paradeiro porque sabia que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias iria atrás dele, para que fosse excomungado publicamente. O problema não era deixar de ser mórmon. Isso ele já estava fazendo. Mas a humilhação. Ah, a humilhação... isso, sim, era algo que Robert repudiava com todas as forças.

– Claire? O que você está fazendo aí, menina? Ainda por cima... desse jeito!

A jovem se virou e viu Leah Brown chamando-a de sua porta. Não pensou duas vezes e correu para os braços da senhora, quase derrubando-a para trás quando mergulhou em seu colo. Leah e Harold eram as únicas figuras de “vó e vô” que ela tinha, já que seus avós haviam falecido antes que pudesse guardar qualquer recordação.

– O que foi, querida? Conte pra mim.

– O meu pai... ele... veja, dona Leah. Leia isso.

A idosa pegou o papel, um tanto molhado pelas mãos de Claire, ajeitou os óculos e sentou na cadeira de balanço para ler. A jovem sentou na cadeira ao lado, encolhida sob a toalha de mesa branca com sinos dourados.

Tão logo começou a ler, os finos lábios de dona Leah se abriram em “o” e ela levou uma das mãos à boca. Quando terminou, devolveu o bilhete a Claire e olhou para o chão por um momento, por debaixo das lentes redondas de seus óculos.

– Então foi por isso que... – começou a dizer, como se falasse consigo mesma.

– O quê? Foi por isso o quê?

– Agora há pouco vi seu pai passando aqui na frente, carregando uma mala grande e abarrotada. Parecia ter sido feita às pressas, havia até uma manga de camisa para fora, arrastando no chão. Tentei chamá-lo para avisar, mas acho que não me ouviu. Imaginei que estivesse atrasado para uma dessas viagens de negócios. Ele estava indo para um carro azul que parou ali na esquina, onde você estava.

– Só pode ser a amante! Você conseguiu ver quem ou como era, dona Leah?

– Bem... na verdade...

– Por favor, eu preciso saber! E sei que essas coisas não escapam do seu radar.

– Não era uma mulher, mas um homem, querida. Um homem muito bem-apessoado, por sinal, alto, de cabelos louros. Devia ser um pouco mais velho que você. Ele saltou do carro e abriu o porta-malas. Seu pai atirou a mala de qualquer jeito, ambos entraram no carro e deram partida. Você acha que... não, não.

– Sim. Acho que meu pai é homossexual – concluiu Claire, imediatamente, respondendo à pergunta não pronunciada pela idosa a seu lado. Jamais havia considerado a possibilidade, mas falou com tamanha naturalidade que mais parecia que sempre soubera.

– Ai, Claire... mas será que não era apenas um motorista ou algo do tipo?

– Não, dona Leah. Pela descrição que você deu, esse homem parece ser o estagiário do escritório, um rapaz do qual meu pai vivia falando. Seus olhos brilhavam quando ele contava como esse cara era inteligente, promissor. Como tratava os clientes de uma forma especial, e como iria se dar bem na vida. Deixava Rob com ciúmes. Parecia que era o filho que ele nunca teve. Agora vejo como entendemos tudo errado.

– Oh, querida... – Leah Brown era totalmente leiga nos dois assuntos: homossexualidade e abandono paterno.

– Não se preocupe, dona Leah. Estou tão furiosa, que não tem espaço para tristeza. Não agora. Além disso, preciso pensar em como contar isso para a mamãe... Seremos só eu e ela agora.

Claire acabou passando o dia inteiro com os Brown. Não vestida de toalha natalina, graças a um suéter salmão que Leah lhe emprestara e uma calça cinza de moletom de Harold. Nem lhe ocorreu ir para casa se trocar, apesar da proximidade. Ali com eles estava bem, então decidiu prolongar a agradável sensação enquanto pudesse.

Preparou o almoço, ajudou Harold a consertar o chuveiro, e assou biscoitos com Leah, os quais comeram no fim do dia, vendo o sol se pôr na varanda. Por alguns momentos se esqueceu do pai que foi embora, do irmão assassinado, da mãe desconsolada... e dela própria, imersa nas ruínas da família Price.

– Algum de vocês viu minha mãe pela janela enquanto estávamos lá dentro?

– Não, Claire – respondeu Leah, ao mesmo tempo que Harold balançava a cabeça em negativa.

– De qualquer forma é melhor eu ir pra casa, já é tarde... – Claire não queria ir, mas sentia que era hora de voltar ao mundo real. – O dia foi maravilhoso, obrigada por tudo.

– Nós é que agradecemos, menina – disse Harold. – É sempre bom tê-la por perto, especialmente quando tira um tempinho extra para esses dois velhos cansados.

– Bom, vou ali dentro buscar meu vestido-toalha então. Amanhã passo para deixar essas roupas, está bem?

– Se quiser, fique com elas – falou Leah. – Parece que ficou tão confortável... E ficamos felizes de lhe dar algum conforto, já que em relação ao resto...

– Pare com isso, dona Leah. Vocês fazem bem mais por mim do que imaginam.

A jovem então beijou os semblantes enrugados, pegou sua toalha na sala e

partiu para casa. Os Brown olharam-na partir com o coração apertado. Por algum motivo, pressentiam mais tragédias na vida da garota.

Queriam estar enganados. Mais tarde, rezaram por isso.

A casa verde estava infestada de insetos quando Claire entrou. Isso acontecia quando se deixavam as janelas abertas depois de certo horário. Eles buscavam abrigo dos predadores que povoavam os pinheiros no fim da rua e também o monte sem nome atrás da casa.

A mãe ainda não havia chegado e Claire estava ficando preocupada. Ou será que já deveria ter ficado desde que ela resolvera sair sem mais nem menos? Agora estava preocupada por não ter ficado preocupada antes.

Decidiu esperar por mais meia hora. Depois disso, pegaria o Camry e iria atrás da mãe. Mesmo que precisasse bater em cada casa, já que não fazia a menor ideia de quem eram as tais amigas. Como é que nunca havia prestado atenção? Seria um mal de todos os filhos acharem que suas mães são apenas mães, esquecendo que elas também são amigas, esposas, amantes... pessoas, com um mundo particular muito além da maternidade?

Mas Claire não precisou sair de porta em porta. Estava limpando o corredor entre o banheiro e seu quarto, o mesmo que deixara ensopado de manhã, quando ouviu alguém entrar.

– Mãe, é você? – perguntou, largando o pano para ir até ela.

– Oi. Sim – ela respondeu quando a filha apareceu na sua frente.

A mulher que ali estava era apenas um resquício da Dora Price que saíra logo cedo. Continuava arrumada, mas seu aspecto era o mesmo da Dora descabelada e transtornada dos dias anteriores.

– Tá... tudo bem? – perguntou Claire.

Era evidente que não estava bem, nada estava. O que ela queria saber era se a mãe já sabia que o pai as tinha abandonado.

– Tá, sim, querida. É só... saudade...

Então a mãe ainda não sabia. Será que sequer ligava? Será que havia espaço na cabeça dela para alguma outra coisa senão a morte de Rob? Claire não era mãe, então não tinha como entender a profundidade dessa dor. Sabia disso. Sabia que, por maior que fosse o seu sofrimento, jamais se compararia ao da mãe.

Bom, ao menos ela estava tentando. Era ilusão de Claire achar que aquela aparente recuperação repentina era definitiva. Uma tristeza como aquela não sumiria de um dia para o outro. Provavelmente não sumiria nunca. A esperança

era que a mãe conseguisse encontrar a própria força para encarar cada novo despertar sem deixar que a tristeza predominasse. Sem permitir que ela a impedisse de viver.

– Eu entendo, mãezinha – disse Claire ao abraçá-la. – Você sabe... que para qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, pode sempre contar comigo.

– Sei, sim. – Dora segurou a filha pelos braços, e, olhando-a nos olhos, esboçou um sorriso firme, um sorriso de verdade. Nesse momento Claire foi inundada por um estranho alívio. Algo que a fez acreditar que as coisas ficariam bem.

– Te amo muito, mãe. Nós vamos enfrentar essa, *juntas* – Claire lembrou que ainda tinha que contar sobre o pai, mas achou melhor deixar para o dia seguinte. Sua mãe estava tentando, tentando mesmo, aparentar estar um pouco melhor para ela. Não queria soltar uma bomba que a fizesse regredir. Em vez disso, escolheu uma bomba de compaixão: – E o Rob nunca será esquecido.

– Promete? – perguntou Dora, com certa aflição, como se precisasse ouvir aquilo.

– Eu prometo, mãe.

– Obrigada, minha filha. – Uma lágrima escorreu por seu rosto. Uma única e solitária lágrima. – Vou tomar um banho e descansar.

– Não quer que eu prepare algo pra você comer?

– Não precisa. Já comi na rua. Vá descansar também, você merece.

– Tá certo. Boa noite, mãe.

– Boa noite, querida.

É, as coisas realmente ficariam bem. Claire tinha fé que sim.

Enquanto Dora tomava seu banho, terminou de limpar o chão e conseguiu afugentar boa parte dos mosquitos. Foi até a cozinha e ouviu a mãe entrar no quarto. Era hora de jantar, mas não havia para quem preparar comida – e Claire ainda estava cheia dos biscoitos que devorara com os Brown.

Olhou para a pia e percebeu a louça empilhada do café da manhã. *Meu Deus, esqueci completamente.* Nesse ponto ela já até gostava de lavar a louça, achava terapêutico. Sobretudo por conta da janela em frente à pia, da qual podia apreciar o bosque anão que se estendia após o jardim da casa verde, delimitando a rua.

Esfregava um prato olhando para fora, distraída, ouvindo apenas o uivar do vento na noite, quando escutou um barulho vindo do quarto da mãe.

Um estrondo. Forte e seco.

Seu coração disparou e ela soltou o prato, que caiu no chão e se estilhaçou.

Correu até a porta do quarto, só para descobrir que ela estava trancada.

– Mãe! MÃE!

Foi correndo até o telefone e discou 911.

– Alô... É uma emergência... Eu ouvi um barulho do quarto da minha mãe... Acho que ela caiu... Acho que se machucou... Não sei... A porta está trancada... Ela não responde... Casa 33, na rua Meadow, em Salina. Uma casa verde... A última da rua... POR FAVOR, VENHAM RÁPIDO!

Mas quem iria? O ponto de atendimento mais próximo ficava na cidade de Gunnison, e não havia corpo de bombeiros em Salina. Não havia nem hospital... Claire cogitou pegar o telefone dos Christensen na lista e pedir socorro. Mas eles moravam na parte rica da cidade e iam demorar os mesmos quinze minutos que levavam de Gunnison até Salina. Talvez ela não tivesse quinze minutos. E estava perdendo tempo.

Voltou à porta do quarto.

– MÃE? PELO AMOR DE DEUS, MÃE, ME RESPONDE!

Empurrou seu corpo com toda força contra a porta, mas não conseguiu derrubá-la.

Tentou de novo. E de novo.

Não podia desperdiçar nem um minuto... Sua mãe devia ter batido a cabeça. Ou pior.

Correu para a garagem, onde encontrou a caixa de ferramentas do pai. Não sabia o que escolher, então voltou em disparada com a maleta toda.

Primeiro pensou em remover a maçaneta, mas quanto tempo isso iria levar? E será que funcionaria? Então pegou um martelo grande e começou a batê-lo ao lado da maçaneta. Talvez assim conseguisse abrir um buraco para passar sua mão e virar a chave.

Bum. Bum. Bum.

Golpeava a porta com força e desespero.

Bum. Bum. Bum.

A madeira começou a ceder e um buraco enfim aparecia.

Claire ficou tentada a espiar lá dentro. Mas no que isso ajudaria?

Bum. Bum. BUM.

Estava feito. Um orifício grande o bastante para passar a mão, que ela enfiou por entre as lascas, sem hesitar. Cortou-se na mão e no pulso, mas nada se comparava à dolorosa pressão em seu peito. Precisava ir além para conseguir virar o pulso e alcançar a chave. Algumas farpas haviam fincado na pele da mão e um fio fino de sangue escorreu por ela.

Sentiu a chave. Que bom que a mãe a deixara na fechadura. Por que é que havia trancado o quarto, afinal? Não costumava fazer isso.

Girou a peça gelada e puxou o braço com força, ferindo mais ainda a sua pele já esfolada. Abriu a porta, sentindo o sangue pulsar nas veias, com tanta força quanto as suas próprias marteladas. Um incômodo nó apertava a garganta, e era como se o coração estivesse prestes a saltar pela boca.

Ao entrar, deparou-se com o pior de seus pesadelos. A concretização do que uma voz miúda do inconsciente tentara avisar desde que ouvira o barulho vindo do quarto da mãe.

Sua mãe usava um vestido amarelo de mangas curtas, o favorito de Rob. Estava pendurada no lustre por uma corda – de onde saiu essa corda? –, seus pés descalços balançando em frente à poltrona que ela utilizara para... se suicidar. Enforcada.

– NÃO! MÃE! – Claire não teve coragem de fitar o rosto sem vida. Não podia acreditar, não queria acreditar. Catou um alicate entre as ferramentas e, com a visão turva, subiu na poltrona para soltar a mãe. – Talvez... talvez...

Desceu-a com cuidado, e se sentou na poltrona com o corpo mole de Dora nos braços. Precisava tirar a corda do pescoço dela. Estava tão apertada. Afastou o cabelo da nuca e conseguiu passar uma das pontas do alicate, liberando seu pescoço da gargantilha mortal. Deitou a mãe sobre a cama, de barriga para cima. Não teve como evitar seu rosto.

– Mamãe...

Começou uma desajeitada massagem cardíaca. Tentou respiração boca a boca. Não sabia muito bem o que estava fazendo – e seu choro desenfreado não estava ajudando.

Nada.

Pegou as mãos da mãe. Sentiu como estavam frias.

– Não posso te perder, mãe... por favor!

Continuou a apertar o peito daquele corpo inerte, com vigor, como havia visto em inúmeros filmes. Inspirava com tanta força, que parecia que seu tórax ia se romper... Que se rompesse, então. Claire não se importava. Queria dar à mãe todo o ar de seus pulmões. Mas os olhos vazios de Dora roubavam os últimos pingos de esperança da filha.

Finalmente, Claire checou o pulso da mãe.

Nada.

Agora e para sempre: nada.

5
Agosto de 1997

Um prato escapou das mãos de Claire, trazendo-a de volta à realidade. A realidade de sua casa vazia, que, mesmo tantos anos depois, ainda a consumia. Mas ela sabia que seria assim. Sabia no que estava se metendo quando decidiu voltar, como um pássaro perdido à procura da segurança do ninho... ou do que havia restado dele.

Não esperava, porém, que o passado fosse ressurgir em contornos tão vivos. Não pelas suas memórias, uma observadora de si mesma em constantes sonhos – pesadelos – lúcidos. Mas pelo novo caso que lhe recepcionou a Salina pelas ondas do rádio: o diabólico assassinato de outro jovem inocente, James Christensen.

Pensativa, juntou os cacos e limpou o chão.

O suflê de Leah Brown foi comido frio, quase gelado. Apesar disso, estava bom. Claire estava sem paciência para aquecê-lo no forno. Precisava comprar um micro-ondas. E pratos. Agora só havia dois do conjunto de porcelana que a mãe ganhara de presente de casamento. Mas por que precisaria de mais? Um era o suficiente, e com dois ainda tinha um de sobra para quebrar, já que aquilo vinha acontecendo com frequência.

Rejeitando os pensamentos triviais que tentavam, sem êxito, suprimir a onda de tristeza que a arrebatara com lembranças detalhadas de quando a mãe tirou a própria vida – lembranças que não se contentavam em serem apenas lembranças, mas que faziam questão de vê-la reviver toda a agonia do trágico passado –, Claire soltou um grito. Pensou que se gritasse alto, bem alto, talvez assustasse as vozes em sua cabeça.

Mas elas estavam lá, e Claire teria que aprender a viver com elas. Logo haveria uma voz falando de trabalho e, sendo a mais responsável entre todas, daria jeito nas demais. Seria a chefe.

Chefe... Brian! Onde estava com a cabeça ao pedir emprego ao amigo? Lógico que ele não recusaria. Contudo, onde mais ela trabalharia, já que estava

tão decidida a voltar pra casa? No tedioso *Salina Press*?

Nem pensar.

Agora que tinha morado numa “cidade grande”, Claire achava engraçado sua pequena Salina ter dois jornais, mas só uma agência bancária. O tipo de contrassenso característico de cidade pequena. De cidades pequenas com pessoas grandes demais para elas. Com pessoas dispostas a seguir seus sonhos. Sonhos que não incluem, necessariamente, ganhar rios de dinheiro – portanto, o tipo de sonho menosprezado nas metrópoles. E Salina era assim. Uma dessas cidades pequenas com jornais demais, e nenhum bombeiro...

Não, não, não, Claire sabia muito bem aonde aquele pensamento estava indo. Precisava focar no trabalho. Amanhã seria o seu primeiro dia no *Salinews*, sem dúvida um dia importante. *Pense em algo. Qualquer coisa... qualquer* outra *coisa.*

Quando pretendia desfazer a mala?

Ao menos já era algo.

Claire acabou não desfazendo a mudança. Tirou da mala uma camisola e a nécessaire. Nada mais. Havia deixado a bagagem sobre a cama do quarto maior. O mesmo que antes pertencera a seus pais e onde... enfim. Na hora pareceu fazer sentido ela ficar com aquele quarto. Se ao menos ele não lhe causasse tamanha... ânsia... dentre outras sensações. Uma tempestade delas. Demais para ela dormir e acordar ali, daquele jeito, todos os dias.

Acabou tirando a mala de lá e trancando o quarto dos pais. Fez o mesmo com o antigo quarto de Rob. Queria trancar dentro dos cômodos também os seus piores sentimentos. Quando quisesse se lembrar deles, em vez de ir ao cemitério, bastava abrir aquelas duas portas. Riu de si mesma. Achava que era quem com aquela ideia de trancar sentimentos dentro de quartos vazios? Uma psicóloga às avessas?

Não. Era uma jornalista. Talvez a única definição que lhe restasse.

Ah, e divorciada...

Será que não poderia ter um pensamento otimista sem que outro melancólico viesse à tona? Precisava mudar isso. Enfrentar e dominar de uma vez por todas os seus demônios. *Trabalho. Trabalho é a resposta*, pensou, tentando retomar o foco que parecia escapar-lhe por qualquer distração.

De volta ao antigo quarto, abriu a gaveta do criado-mudo, que ficava no espaço entre a janela e a cama de solteiro, e, dentre algumas bugigangas empoeiradas, encontrou um lápis surpreendentemente afiado e um bloco com

as folhas amareladas pelo tempo. Deitada de bruços, com um ar adolescente, começou a escrever uma série de esboços do que gostaria que fosse sua primeira matéria para o *Salinews*. Anotou também diversos argumentos para convencer Brian a deixá-la investigar e escrever sobre aquilo.

Para a sorte de Claire – e tirando o salário –, o *Salinews* era semanal (ao contrário do diário e irrelevante *Salina Press*), o que lhe proporcionaria tempo para uma apuração minuciosa dos fatos. Talvez até pudesse virar uma coluna. Isso seria bom. Especialmente porque não era um assunto simples, que poderia ser aprofundado em uma, ou mesmo em dez matérias. Além disso, era um tema que Claire conhecia como nenhuma outra pessoa. Talvez agora ela pudesse encontrar todas as respostas – ou as perguntas certas.

Talvez seu divórcio tivesse mesmo que ter acontecido naquele momento – e por aquelas razões – para que ela retornasse e investigasse algo que ninguém mais faria. Não como ela. Assim, era possível que as tragédias que deixaram sua vida como um quebra-cabeça de peças desconexas tivessem um propósito maior, que ela não tinha como compreender antes.

Besteira, ecoou em sua mente uma voz cheia de ceticismo, calando todas as outras. Pensar que as coisas aconteciam por um motivo místico era exatamente o tipo de ideia que Claire queria evitar quando abandonou oficialmente o mormonismo, já em Ephraim. Era o tipo de perspectiva que fazia uma pessoa se sentir única e especial, até na sua miséria. Mas não ela. Preferia pensar que o que aconteceu à sua volta não tinha nada de singular. Coisas piores aconteciam com outras pessoas no mundo todo.

Era só abrir um jornal.

Por uma brecha na cortina, um feixe de luz solar serviu de despertador para Claire, que havia adormecido sobre o bloco de anotações, com o lápis ainda sob a mão direita – escrevera tanto que a ponta não estava mais afiada. Que bom. Do contrário, poderia ter se machucado durante a noite.

Pegou o celular de uma repartição da mala. Faltavam dez para as sete da manhã, ou seja, apenas dez minutos para o horário em que seu expediente no jornal começava, segundo Brian. Com mãos apressadas, tratou de programar o despertador para os próximos dias. Vestiu as mesmas roupas da véspera: calça jeans e uma camiseta branca. Não eram grande coisa, mas melhor do que chegar muito atrasada ao primeiro dia no emprego.

Enquanto escovava os dentes, e depois os cabelos, sentiu uma certa estranheza por iniciar algo numa terça-feira. Era como iniciar uma dieta no

domingo. Não era errado, apenas estranho. De qualquer forma, para ela, segunda-feira era sinônimo de notícia ruim. E se quisesse encarar a semana como todas as pessoas pareciam fazer, como um ciclo, era bem melhor que seu novo ciclo de vida começasse na terça.

Tirou uma bolsa preta da mala – ainda precisava desfazê-la, quando chegasse em casa, ao fim do dia –, e enfiou o celular e o bloco de anotações nela. Restavam cinco minutos. O suficiente. Lembrou que não havia guardado o carro na garagem. Ótimo.

Assim que abriu a porta da casa para sair...

– Mas que porra é essa? – exclamou, no susto.

Bem no meio do seu jardim, dois olhos azuis se destacavam de uma nuvem de fumaça.

Lá estava o vizinho, parecendo tão alienado quanto na noite anterior. Sem dizer uma palavra, como se não tivesse que dar qualquer satisfação à dona da casa – cujas redondezas, ao que tudo indicava, ele vinha usando como o seu fumódromo particular –, ele virou-se e foi embora, a passos despreocupados, deixando para trás um rastro de fumaça e uma Claire com cara de idiota. *Dane-se, depois eu lido com ele, agora preciso correr.*

Graças ao trânsito tranquilo e – por consequência – à quase inexistente sinalização, faltando um minuto para as sete, Claire já estacionava em frente à sede do *Salinews*, localizada não na Main Street, mas a duas quadras da casa dela, na 260 Street, outra rua residencial não pavimentada. Muitas ruas de Salina tinham números no lugar dos nomes, e a falta de padrão para isso intrigava Claire quando criança – não tanto quanto a resposta repetida pelos adultos: as coisas são como são. Que diabos de resposta preguiçosa era essa?, bufava a pequena, inconformada.

Antes de estacionar, passou por outros estabelecimentos que, assim como o jornal de Brian, funcionavam em antigas casas, cuja aparência original foi mantida praticamente intacta. Doze anos atrás não existia a loja de penhores 2 Way Pawn, tampouco a Brenda’s Wood Art, que Claire presumiu ser uma loja de artesanato. Não fossem as modestas placas identificando cada estabelecimento, ainda passariam aos olhos de qualquer um por meras casas, assentadas sobre uma mesma espécie de grama esturricada. No banco do carro, ela recordou com carinho um Brian adolescente e rechonchudo caminhando por ali com ela e Judy, dizendo para as amigas que um dia uma daquelas casas seria o primeiro endereço de seu jornal. Enfatizava o *primeiro*, pois, em seus

devaneios, não demoraria a migrar para a Main Street, é claro.

É claro que não. Brian esquecia-se de que nas cidades pequenas os negócios demoravam a evoluir, quando evoluíam. Isso para quem era de origem humilde, como ele, como Claire. As famílias ricas de Salina, por outro lado, pareciam só prosperar, década após década...

– Ei! – uma voz abafada interrompeu seus pensamentos. Uma ruiva na calçada estava batendo no vidro do Camry, pedindo que Claire o abaixasse.

Quanto tempo ficara ali parada, perdida em uma contemplação inútil? Ainda não estava exatamente atrasada, haviam se passado só dois minutos do horário combinado, menos mau. Lembrou que não saiu do carro por não ter chave do escritório e, sem outros carros à vista, teve a impressão de ter sido a primeira a chegar.

Nem sequer percebeu que um carro estacionara atrás do seu. Carro que devia pertencer à mulher que batia no vidro.

– O-oi! – disse Claire, com a voz entrecortada ao fazer força para abrir o vidro à manivela.

– O que você quer aqui? – perguntou a ruiva, sem qualquer delicadeza.

– Trabalho aqui. Quer dizer, começo hoje.

– Ah... então você que é a “Ellie”.

Percebendo o tom hostil, Claire fechou o vidro sem responder, pegou a bolsa e fechou o carro. De pé na calçada, diante da jovem atrevida, disse:

– Isso mesmo, sou Claire Ellie Price. Prazer.

A ruiva apertou-lhe a mão. Sua expressão havia mudado. Um pouco.

– Você disse Price?

– Sim.

– Eu não sabia...

Claire não precisou perguntar do que ela estava falando. Seu sobrenome carregava uma notoriedade sombria, e o jeito era acostumar-se às caras e condolências. Tudo de novo.

– Você não me disse o seu nome.

– Rebecca Gilmore.

– E você trabalha no *Salinews*, Rebecca?

– Sim, sou a repórter aqui – ela respondeu e fez uma pausa. Quando tornou a falar, seus olhos verdes já haviam recobrado o inicial desdém. – É o que você veio fazer também, não é? Foi o que o senhor Brian disse pra gente.

Senhor Brian? Claire precisou conter o riso.

– Vocês aí! Não vão entrar, não? – gritou um sorridente jovem alto e de

cabeça raspada, acenando da porta do escritório.

– Pensei que só nós duas havíamos chegado – comentou Claire, enquanto seguia ao lado da ruiva pelo gramado seco, em direção à porta branca de onde surgira o rapaz.

– O Mike, que você viu agora, e o irmão mais novo, Ty, moram aqui perto. Eles vêm a pé e costumam chegar bem cedo.

Claire havia se desacostumado a andar a pé. Em Ephraim, que nem era tão grande, usava o carro para tudo. Tudo mesmo. Em que ponto da vida havia se tornado tão sedentária? Ainda assim, mantinha o físico magro de sempre; não que isso significasse que estava saudável. Se tinha uma coisa que não se sentia era saudável.

– Prazer, Mike Leduc, às suas ordens.

– O prazer é meu, Mike. E você deve ser o Ty.

Claire cumprimentou os dois colegas de trabalho e ficou sabendo que o rapaz de cabeça raspada era responsável pela diagramação e produção gráfica, enquanto Ty, seu irmão caçula – que tinha os mesmos olhos castanhos-claros de Mike, mas, diferente do irmão mais velho, a cabeça coberta por uma despenteada cabeleira loura –, cuidava dos classificados. O mais novo começara no *Salinews* como estagiário havia pouco menos de um ano, e nem era preciso dizer que a oportunidade veio por intermédio do irmão.

Todos pareciam tão novos, com pelo menos uma década a menos que Claire. Logo ela soube que a diferença não era tanta em relação a Mike e Rebecca, ambos graduados em universidades de cidades vizinhas, como ela. Os pais dos irmãos Leduc ainda não tinham como pagar uma faculdade para Ty, que em razão disso pegara aquele emprego aos 19 anos, embora o que quisesse mesmo era se tornar dentista.

Claire se deu conta de que, nos dez minutos desde que pisara na sede do jornal, já sabia mais sobre seus colegas de trabalho do que das novidades da cidade. Não que fosse de se estranhar, tendo passado doze anos fora sem querer mais saber de nada daquele lugar. O fato é que se atualizar era questão imprescindível agora. Que jornalista seria ela se continuasse, por mais um dia que fosse, desinformada daquele jeito?

– Bom, mas chega de papo e vamos trabalhar antes que o chefe chegue – disse Mike. – A sua mesa é aquela ali, Claire – ele apontou para uma estação vazia no meio de outras duas, e retornou para a sua, na fileira ao lado.

A mesa da frente pertencia à repórter ruiva, e a mesa logo atrás, que era maior e estava bastante bagunçada, certamente pertencia ao “senhor” Brian.

Dava para notar que o amigo fizera algumas reformas no espaço interno, derrubando as paredes que deviam dividir os cômodos da casa, pois a sala principal era ampla, com verdadeiros corredores entre as cinco mesas, e espaço suficiente em volta delas para uma série de armários, de diferentes formatos, cores e materiais – provavelmente por terem sido comprados em diferentes ocasiões. Embora fosse um escritório modesto, era perceptível que Brian reinvestia seu pequeno lucro na tão sonhada empresa.

Atrás da mesa maior havia uma porta com uma placa identificando um banheiro e, na extremidade oposta, atrás de onde Ty se sentava, outro cômodo, o único que, além do banheiro, ainda mantinha paredes e porta.

– O que tem ali? – Claire girou na cadeira, perguntando baixo ao garoto do outro lado, enquanto Mike e Rebecca permaneceram concentrados nos monitores de seus computadores desktop.

– Eu te mostro – ele respondeu, levantando-se.

Ty abriu a porta da saleta, revelando estantes em cujas prateleiras se comprimiam resmas de folhas A4, rolos de papel-jornal, uma impressora simples e outra muito maior, e incontestavelmente antiga, que ocupava o centro do aposento com uma grandeza histórica. Claire já havia visto algumas como aquela em seus livros da faculdade. Eram impressoras populares durante a Revolução Industrial, que logo caíram em desuso, substituídas por tecnologias mais avançadas. Mas, mesmo obsoleta, era uma visão impressionante do passado.

– É uma relíquia e tanto, não é mesmo? – perguntou Ty, percebendo os olhos acesos da jornalista a seu lado. – E o melhor é que o senhor Brian a conseguiu por uma pechincha. Sem contar que para as nossas mil tiragens semanais, ela é mais do que suficiente. O próprio senhor Brian que cuida das impressões. Toda sexta-feira o Mike entrega a arte final para ele, que imprime tudo no sábado e corre para entregar aos meninos que fazem a distribuição pelas casas.

– Interessante – disse Claire. – Tudo simples, mas bem eficiente – constatou.

– E como, senhora Claire!

– Por favor, Ty, apenas Claire.

– Vejo que conheceu a nossa grandalhona – intrometeu-se Rebecca, que entrou sem aviso pela porta aberta.

– É. O Ty aqui estava me mostrando...

– Ok, já mostrou. Ty, pode voltar para a sua mesa e trabalhar naqueles classificados – ela disse de forma autoritária, e o rapaz imediatamente obedeceu.

Pelo visto a ruiva cuidava das coisas quando Brian não estava. Isso, ou só tinha esse jeitinho odioso, principalmente na presença de Claire, com quem nitidamente já rivalizava.

– Quanto a você, *Claire Ellie Price*... deixei algumas de nossas edições na sua mesa, para que leia e se familiarize com o estilo *Salinews*, único e irreverente. Precisamos manter o padrão em todas as nossas reportagens, entendido?

– Não se preocupe, Rebecca. Conheço perfeitamente o "estilo *Salinews*" – mentiu Claire, irritando-se de verdade com a arrogância da garota. E quase acrescentou: "Aliás, conheço o estilo de Brian Smith há muito, muito tempo." Mas pensou duas vezes e o que disse em voz alta foi: – Bom, também podemos voltar para as nossas mesas. Pode deixar que vou ler todo o material que você tão gentilmente separou. Aliás... obrigada.

Trocaram sorrisos falsos e deixaram a sala de impressão. A caminho da mesa, o orgulho de Claire deu-lhe um pontapé visceral. Não queria submeter-se à enervante figura alaranjada, no entanto, seria errado estimular uma competição com ela, uma competição tão estúpida quanto desnecessária. Além disso, era só o seu primeiro dia.

E afinal, onde estava Brian?

Aquela manhã de terça-feira não poderia ter se arrastado de forma mais massacrante. Ao longo das intermináveis horas, a nova repórter não fez nada senão dedicar-se à leitura da pilha infinita de edições do *Salinews* deixada por Rebecca em sua mesa. Não fosse o bastante, ainda tinha que tolerar as inúmeras vezes em que a colega a olhava por cima do ombro para verificar se Claire realmente as estava lendo.

Meu Deus! Será que voltei para a escola?, pensou, e não foi capaz de conter uma gargalhada que lhe escapou no mesmo instante.

Todos olharam em sua direção.

– Desculpa, gente, foi uma coisa que eu li aqui.

Não, não foi. Ela rira pelo "meu Deus" pensado. Não pensava, muito menos dizia, o santo nome. Mas se sentiu normal fazendo isso, o que não mudava o fato de rejeitá-lo, uma vez que... Antes que o pensamento tomasse aquele rumo gasto e quase inevitável, Claire voltou a atenção para o jornal às suas mãos.

O *Salinews* não era um periódico de muitas páginas. Conciso e com um quê de tabloide, retratava um estilo de notícia que a maioria dos residentes da cidade (os chamados santos) jamais admitiria ler, muito menos apreciar –

exceto quando se tornavam alvo da notícia, naturalmente. Ainda assim, estava alcançando as mil tiragens semanais, o que significava que pouco mais da metade da população havia mordido a isca, e não queriam ser eles os últimos a saber da loja que estava sonegando impostos, ou da mais recente escapulida do prefeito Finger, um dos sujeitos mais atacados pelo jornal de Brian.

A exposição da vida alheia era um dos grandes alicerces do jornal, mas não o único. Havia matérias com propostas sérias e fundamentadas para o crescimento da cidade, notícias extraordinárias do restante do país e do mundo, e até mesmo teorias da conspiração.

Uma edição mais antiga, que chamou especial atenção de Claire, falava sobre a oscilação no crescimento demográfico de Salina entre os anos 1970, 1980 e 1990. No primeiro, a população registrada era de cerca de 1.500 habitantes, subindo para dois mil na década seguinte. Já nos anos 1990, o censo registrou 1.950 habitantes, uma pequena e, à primeira vista, irrelevante queda demográfica – a menor que a cidade registrava desde sua fundação pelos primeiros colonizadores mórmons. E também a mais enigmática.

Sendo a família um dos pilares mais relevantes para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – e a maioria delas tendo de um a dois filhos –, o que explicava aquele recuo? Foi então que Claire leu... Sua própria família virara alvo do tendencioso *Salinews*. A matéria especulava que muitos haviam deixado a cidade após a sequência de acontecimentos nefastos envolvendo a família Price. Não os culpava, tampouco entrava em detalhes sobre os acontecimentos, esse não era o foco. Na verdade parecia insinuar que as pessoas que foram embora não passavam de beatos influenciáveis. Que ironia...

Claire franziu o cenho. Por mais que pudesse ser verdade, e por mais hipócrita que fosse – já que no novo cargo provavelmente escreveria coisas do tipo –, sentiu-se usada, violada. Relacionar sua tragédia familiar a uma queda demográfica era uma verdadeira covardia.

Imaginou como se sentiam as celebridades que têm a privacidade violada e são muitas vezes alvo de mentiras inventadas pelos tabloides de circulação nacional. Ela não era nenhuma celebridade, longe disso, mas o sentimento devia ser parecido. E foi o próprio Brian quem assinara a matéria. Tivesse sido outra pessoa, o texto poderia ter sido ainda mais contundente, com certeza. Mas já era bem ruim da forma que estava.

Sem fazer alarde, Claire dobrou a edição e a guardou na primeira gaveta de sua mesa. *Brian, Brian... pode não ser hoje, pode não ser amanhã, mas eu ainda vou tirar isso a limpo com você, que nem ao menos cogitou me contar*

isso, maquinou, decepcionada.

Perto do meio-dia, a porta do escritório se abriu e Brian entrou. Finalmente.

Parecia o mesmo de sempre: ombros caídos, físico roliço, olhos verdes desanimados por trás dos óculos de grau. Mas havia algo distinto, e não era a armação de óculos moderna, nem mesmo o cavanhaque ruivo que havia cultivado. Sua expressão – ou seria sua postura? – estava mudada. Claro, agora era um homem, e mais do que isso, era um chefe.

O chefe do próprio jornal, como sempre quis.

De calça cargo e camisa social xadrez, ele cumprimentou os funcionários com um jeito sério e um tanto formal. Não parecia um executivo, e não era nenhum modelo de beleza, mas tinha o seu charme. Principalmente porque caminhava como quem sabia o que estava fazendo.

– Ellie! – exclamou assim que a enxergou atrás do amontoado de jornais, indo na direção da amiga. – Desculpe, me esqueci de avisar que chegaria mais tarde hoje, precisei resolver algumas coisas.

– Sem problemas, o pessoal me recepcionou muito bem – ela respondeu.

Devia abraçá-lo? Não tinha certeza. Talvez não fosse apropriado. Além disso, ele não se aproximou o bastante.

– Que bom, que bom – falou Brian, com um sorriso artificial, e prosseguiu para a sua mesa nos fundos, deixando Claire aliviada por não ter se levantado para um cumprimento mais caloroso.

Sentia-se como se tivesse 21 anos de novo e aquele fosse o seu primeiro emprego, o que não era o caso. Durante a faculdade fora uma das responsáveis pela criação e gerenciamento de um boletim universitário. Depois estagiou numa revista mórmon – antes de abandonar a religião definitivamente. E, uma vez formada, conseguiu emprego no jornal da cidade, o *Ephraim Gazette*, onde trabalhou até pouco depois do divórcio.

– Preciso discutir alguns assuntos com você, Ellie – disse o Brian *chefe*, enquanto revirava alguns papéis de sua mesa grande e bagunçada.

Ótimo, porque também tenho uma coisa para conversar com você, pensou Claire, e não se referia à descoberta guardada em sua gaveta.

Ele se levantou e, de pé, atrás da cadeira da nova funcionária, completou:

– Por isso seu almoço hoje é por minha conta. Vamos com o meu carro.

– Mas... – Rebecca, que passava por perto, protestou, reticente.

– Nossa conversa fica para mais tarde – disse Brian, silenciando a ruiva.

– Esse não é o caminho para o Rigby’s.

Claire notou que não pegaram a passagem para a Main Street, mas em vez disso entraram na vizinhança de Brian, por onde ela passara no dia anterior.

– De fato não é. Iremos almoçar na minha casa, como nos velhos tempos. A diferença é que agora eu sou seu chefe – respondeu ele, abrindo um largo e familiar sorriso, o oposto do que demonstrara no escritório minutos antes, e que em nada combinava com a fala presunçosa.

– Por que não disse logo?

– Não poderia deixar os outros saberem que eu a levaria para a minha casa, não é mesmo? Ficariam enciumados. Nunca levei nenhum deles ali. – Ele freou o carro. – Ou melhor, *aqui*.

Quando saltaram, Brian foi logo perguntando, com evidente vaidade:

– E então, o que achou?

– Legal. Você agora tem sua própria casa atrás da de seus pais – disse Claire, tentando parecer surpresa.

– Eu precisava ficar por perto, sabe, para cuidar deles. – Ele não pareceu notar o fingimento da amiga.

– Ah, sim, claro. E seus pais estão em casa?

– Pelo visto não. Devem estar fazendo compras no Baker’s Food Town, pra variar. Gastam quase toda a aposentadoria lá com as guloseimas do meu pai ou com as comidas integrais que minha mãe agora cismou de comprar. Essas coisas são caras.

– Verdade... – concordou Claire.

Estava desconfortável na presença daquele homem, que mais parecia uma versão do amigo vinda diretamente do mundo bizarro dos quadrinhos. Seria apenas a desconfiança de praxe interferindo em sua percepção? Ou era ela quem estava mudada?

De qualquer forma, tinha questões mais importantes com as quais se preocupar por ora, e poderia começar inteirando-se sobre Salina.

– E me diga, Brian, além do Baker’s, não abriu mais nenhum mercado por aqui? – perguntou, aproveitando a deixa.

– Como se os Baker fossem permitir – ele respondeu, dando de ombros. – Vamos entrar?

Certas coisas não mudaram nada, então. Já outras..., ponderou Claire.

Quietos, os dois percorreram o curto caminho pela grama, alcançando em alguns passos a segunda casa branca e azul do singelo terreno.

– Espero que ainda goste do macarrão à bolonhesa da minha mãe, Ellie. Mas,

como você viu, precisei esquentar no micro-ondas, e o que você costumava comer era sempre saído da panela – disse Brian, e parecia tão ansioso para agradar quanto era na infância.

– Para mim a cara está ótima!

Ele colocou os talheres e pratos servidos sobre a mesa de dois lugares, então encheu duas taças com suco de laranja de garrafa. O vapor que saía da comida despertou o apetite de Claire, que nada havia comido desde a noite passada – vinha negligenciando a alimentação com frequência, como uma fumante que, pelo vício, acaba perdendo o gosto pela comida.

O interior da casa de Brian refletia em todos os aspectos a moradia de um homem solteiro. Um quarto, um banheiro, sala e cozinha conjugadas. Nenhum objeto de decoração à vista, mas livros e edições do *Salinews* por todo o armário da sala (ao mesmo tempo de estar e de jantar). Sobre a pequenina mesa, havia uma toalha branca que ainda estava com a etiqueta de preço, o que fez Claire considerar se ele a comprara para aquela ocasião, ou se não costumava comer ali. Provavelmente fazia as refeições na casa dos pais, e nas poucas vezes em que comia em casa, usava o balcão da cozinha mesmo.

– Viu que o nosso projeto de casa na árvore ainda está lá na frente?

– Pois é, quem diria. Muita coisa por aqui continua como me lembro.

– Mas tem algo diferente – replicou Brian.

Um ponto de interrogação formou-se no rosto de Claire.

– Você. Cortou o cabelo – ele esclareceu.

– Ah... sim. Estava ficando muito velha para o cabelo comprido.

– Ficou bem.

– Obrigada, Brian. Já você quase não mudou – *por fora, pelo menos*.

– Vou tomar isso como um elogio.

Ainda que não demonstrasse, Claire não estava à vontade, e ficava cada vez mais inquieta com aquela conversa íntima. Brian era seu chefe, e no escritório agira como tal. Até entrarem na casa, ainda parecia outra pessoa. Será que um dia ela se acostumaria às duas facetas? Seria capaz de aceitar o Brian chefe, tanto quanto o Brian amigo, ou um anularia o outro?

– Tenho que lhe confessar, Ellie.

– O quê?

– Fiquei surpreso ao ver como você está vestida para o seu primeiro dia. – Brian já havia reparado que a calça jeans de Claire estava rasgada num dos joelhos, mas era a camiseta branca básica que prendia a sua atenção... O tecido maleável dançando sobre o corpo esguio, em alguns momentos revelando um

sombreado do sutiã preto... – Não me entenda errado. Não está inadequado nem nada. Só não pensei que você fosse aderir a essas... modas – ele concluiu, apontando para o rasgo na calça.

Claire corou. Havia se esquecido completamente do que acontecera depois de seu encontro com o caminhão monstro. Se o jeans da calça não fosse escuro seria ainda pior, pois estaria visivelmente encardida de terra, e ela teria ido com ela assim mesmo. Com a pressa que estava, poderia ter passado com um nariz de palhaço por todos os espelhos da casa que não faria a menor diferença.

– Um pouquinho de estilo não machuca ninguém, senhor mauricinho – falou num tom de divertimento, tentando se esquivar do papo.

– Tá certo, vou deixar você ganhar essa.

Continuaram a comer. Por mais que aquele macarrão estivesse muito bem-feito, para Claire ele não passava de uma apetitosa entrada. O “prato principal” jazia escrito em muitas linhas no bloco de anotações em sua bolsa, e ela não via a hora de trazê-lo à mesa.

– Mas então, me conta o que você achou do pessoal – indagou Brian, levando à boca uma última garfada de massa.

Ótimo, vamos falar de trabalho.

– Acho cedo para dizer, mas gostei bastante dos rapazes. Ambos foram educados e me pareceram esforçados. A ruivinha é que não se mostrou nada contente com a minha chegada.

– É. Temi que isso pudesse acontecer.

– Ela deve pensar que vou ser favorecida de alguma forma por causa da nossa amizade.

Brian não concordou, mas também não negou. Em vez disso, levantou-se e desapareceu da sala, voltando com uma maleta preta, que colocou diante de Claire após tirar os pratos vazios do caminho.

– Suas ferramentas de trabalho.

Surpresa, ela abriu a maleta onde encontrou um laptop e uma câmera fotográfica. Nada de última geração, mas que certamente facilitaria seu trabalho de rua. Acontece que Rebecca tinha apenas um computador de mesa, o que poderia ser um problema.

– Não se preocupe, peguei um desses pra mim também, foi um ótimo negócio. Sobre a câmera, bem, deve ter percebido que não temos fotógrafo, então isso é com você também. E esta aqui estava sobrando lá no escritório, é o mesmo tipo que dei para Rebecca – disse, tentando aplacar o evidente receio que tomou conta do rosto da amiga.

– E ela vai ganhar um laptop também?

– Não vejo necessidade. Já falei, eu estava precisando de um novo, o seu veio no pacote. Não é nada de mais.

– Tudo bem. Obrigada, eu acho.

– Não parece ter ficado feliz, Ellie.

– Só estou preocupada de que isso vá piorar minha situação com Rebecca. Ela me pareceu bastante ressentida com o fato de agora haver outra repórter.

– Deixe que eu me preocupo com isso, ok?

Claire assentiu. Estava pronta para começar seu discurso de persuasão, mas Brian continuou:

– E a Rebecca sabia muito bem que precisávamos aumentar o quadro.

– Ah, é?

– Sim, minha meta até o fim do ano é alcançar cem por cento da população, tirando de circulação aquele enfadonho do *Salina Press*, só que...

Brian falou dos que ainda se recusavam a assinar seu jornal, como se fosse um sacrilégio, mas Claire não estava mais ouvindo. Olhando-o nos olhos, não conseguia parar de pensar na notícia assinada por ele que lera mais cedo, insinuando que as desgraças de sua família tinham ocasionado, ainda que sem querer, uma emigração da população de Salina. *Controle-se, Claire. Essa não é a hora.*

– Quando você ligou para contar que estava voltando e que precisaria de um emprego, pensei: "Talvez a entrada de alguém com um histórico como o de Ellie seja exatamente o que estava faltando para quebrar a resistência dessa gente."

Hum. Um histórico como o de Ellie, repetiu sua voz interior. Claire havia se enganado. Aquele não era o Brian amigo, afinal. Talvez ele não existisse mais – talvez a Claire amiga também não. Mas sua essência estava lá, queria acreditar que estava. Só precisava aceitar que aquele ideal de amizade pertencia a um passado puro e longínquo, e que mesmo as melhores pessoas eram corrompidas por seus desejos.

Pois bem, agora que tinha ouvido que seria uma espécie de talismã da sorte do jornal, nada mais justo do que tratar do que importava para ela.

– Brian, eu quero investigar o assassinato de James Christensen.

– Tudo bem.

– Mas não só uma matéria. Nós dois sabemos que isso não vai se resolver assim rápido, e eu quero chegar ao fundo da história dessa vez. O ideal seria uma coluna por tempo indeterminado. Quero dizer, até a resolução do caso.

– Está feito.

– Já que a polícia não... – Claire tateava a bolsa à procura do bloco com seus inúmeros argumentos, quando se deu conta: – Espera. O que você disse?

– Eu disse que sim, Ellie. Vá em frente. Rebecca ia escrever sobre essa pauta. Tinha uma reunião com ela hoje no almoço para orientá-la, mas priorizei você na agenda. Para ser sincero, desde que eu soube o que aconteceu, e com você já vindo para o *Salinews*, bem... preferia tê-la cobrindo a história.

– Ai, Brian, obrigada! – Claire mal podia acreditar que tinha sido tão fácil.

– Aproveite bem. Salina não rende uma reportagem tão suculenta desde que... – As palavras saíram da boca de Brian antes que ele tomasse conhecimento delas. Conforme foi falando, viu uma parte do entusiasmo de Claire se apagar, por mais que ela tentasse aparentar que estava bem. Ele sabia, porém, que a amiga não gostava que sentissem pena dela, então era melhor deixar sua mancada passar batida. – A cerimônia funerária do garoto será hoje ao entardecer – avisou.

Claire já sabia disso, "cortesia" dos Jenks.

– E o que que tem? – perguntou a Brian.

– Pensei que pudesse começar a investigar por lá.

– Brian, em primeiro lugar, o caixão vai estar fechado.

– Como sabe?

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

– Na época do Rob fomos aconselhados tanto pela polícia quanto pelo bispo a manter o caixão fechado. Some isso à frieza orgulhosa dos Christensen, e *voilà*.

– Faz sentido...

– Em segundo lugar, um funeral não é lugar nem ocasião para eu fazer interrogatórios, não concorda? Então por que mais eu iria?

– Está certa, Ellie. Além de tudo a cerimônia vai ser na capela, não acho que te deixariam entrar...

– Brian, você não contou para ninguém que larguei o mormonismo, contou?

– Não, não. Nem para os meus pais. Mas imagino que o bispo deva saber.

– Sim. Deve ter recebido um comunicado de excomunhão do templo de Ephraim.

– Mas por que não quer que os outros saibam?

– Não acha que será muito mais fácil eu investigar esse caso se as pessoas ainda pensarem que estou no time delas? Desculpa... por um momento esqueci que é seu time também.

– Não esquenta, não fico ofendido.

Será que não? Nem um pouco? Claire não conseguia mais ler o amigo com a precisão de antigamente. Então se lembrou de que precisava se desapegar do *antigamente*.

– Está quase na hora de voltarmos – disse Brian, olhando o relógio de pulso.

– Deixa que eu lavo essa louça pra você.

– De jeito nenhum – ele disse enquanto se levantava, tirando os pratos das mãos de Claire, que já começara a recolher tudo. – Você é minha empregada apenas lá no escritório, entendeu?

– Por falar nisso... como está a Judy?

– Você ainda não foi vê-la?

Como assim *ainda*? Só estava há um dia na cidade. Estaria sendo mais desnaturada do que pensava?

– É que ontem não deu tempo... E não dá pra falar com ela por telefone... e você sabe onde... digo, com quem ela mora... e...

– Relaxa, Ellie, estou só pegando no seu pé.

No caminho de volta, Claire comentou que ainda estava se sentindo um tanto perdida, como se não soubesse um montão de novidades de Salina que deveria saber, especialmente sendo uma jornalista. Brian demonstrou tanto interesse por isso quanto por ela ter falado que precisava comprar um micro-ondas. O Brian cem por cento chefe estava de volta – ali dirigindo, mas parecendo já estar lá no escritório.

– Vamos trabalhar? – disse quando chegaram, abrindo aquele sorriso pretensioso, emoldurado pelo cavanhaque ruivo ainda mais pretensioso.

– Acho que vou pegar meu carro e começar a interrogar algumas pessoas por aí, ver o que eu consigo descobrir deste novo assassinato. Tudo bem?

– Perfeito, Ellie. Esse é o espírito!

Carregando a bolsa, e agora a maleta com seus novos laptop e câmera, Claire entrou no Camry e saiu a toda velocidade, sem nem ao menos refletir para onde iria antes de dar a partida.

Brian entrou satisfeito no escritório, o peito inflado, exalando orgulho – se era de Claire ou de si próprio, não estava claro para os funcionários, tampouco para ele.

– Rebecca, me acompanhe até a sala de impressão.

Num piscar de olhos ela saltou da cadeira e o seguiu, empolgada; mal sabia

ela da notícia que estava prestes a receber.

6
Agosto de 1997

Trimmmmm!

– Ãhn? O quê?

O som agudo do alarme resgatou Claire de um sonho terrível.

Trimmmmm!

Tonta e assustada, ela tentou levantar-se para alcançar o celular na ponta do criado-mudo. Por alguma razão, não conseguiu. Sentia-se presa ao colchão, com o corpo pesado, dolorido até. Por que estaria dolorido?

Tentou se erguer, mas uma profunda dor abdominal a impediu. Era como se uma manada de elefantes a tivesse pisoteado bem ali.

Com o que estava sonhando mesmo? Vasculhou a mente para reconhecer, pouco depois, que não seria capaz de recordar nem o mínimo dos detalhes. Não se lembrava de absolutamente nada, a não ser de uma sensação de... medo?

Deve ter sido só mais um pesadelo. Que horas são?, tranquilizou-se, em parte ciente de estar mentindo para si mesma.

Trimmmmm!

Com um esforço descomunal, enfim conseguiu se apoiar sobre um braço e com o outro desligar o irritante despertador. Eram seis e meia. Por sorte não perdera a hora dessa vez. *Há! Sorte...*

Nos confusos minutos que se seguiram, a dor generalizada foi se concentrando em alguns pontos, tornando-se suportável como uma cólica. Foi então que percebeu estar nua sobre o lençol revirado. Esticou o pescoço e distinguiu suas roupas jogadas no chão. *Nossa, devo ter chegado exausta ontem.*

A mala continuava cheia, esquecida no canto do quarto, o que fez Claire admitir que não se lembrava de quando chegou em casa. Por céus, não se lembrava de nada depois do almoço com Brian, nada depois de entrar no Camry e partir. Para onde havia ido?

Na janela o sol despontava, mas o calor do verão já era palpável, escorrendo

pelo rosto de uma Claire mais que perplexa. Como se não bastasse, agora sua cabeça também estava latejando.

Mais cinco minutos se passaram, e ela decidiu que ficar ali deitada não iria adiantar de nada. Devagar e firme, conseguiu se colocar de pé. Pensou que seria mais difícil.

Diante do guarda-roupa, a primeira coisa que fez foi analisar o corpo despido no espelho de uma das portas. Olhou-se dos pés à cabeça. Virou-se de um lado e do outro. À exceção da marca asquerosa nas costas, parecia tudo em ordem.

Estou imaginando coisas. Foi o pesadelo que me deixou assim. Nada que um banho não resolva.

Mas durante todo o banho não conseguiu parar de pensar sobre o corpo dolorido e, principalmente, sobre a aparente amnésia. Como não se lembrava de uma tarde e de uma noite inteira? Quer dizer, sabia *como*, queria entender por quê... Por que agora?

Deixou o pensamento divagar e a água escorrer, aprazível, acolhedora. Porém o tempo estava passando, e as respostas não viriam, quer se perguntasse uma ou cem vezes.

De volta ao quarto, abriu a mala para pegar algumas peças. Calcinha, um jeans desbotado, uma regata preta e uma sapatilha da mesma cor. *De hoje essa mala não passa!*, pensou.

Saindo de casa, reparou que mais uma vez não guardara o carro na garagem. Reparou também que o vizinho esquisito não estava por perto.

Bom. Uma preocupação a menos.

Com a visão menos embaçada e as dores já bem mais toleráveis, Claire chegou à 260 Street e entrou no escritório.

No caminho, optara por deixar a perda de memória pra lá. De fato, aquela não era a primeira vez, por mais que fosse sempre um choque. “Estresse pós-traumático”, uma definição que muito ouvira quando tudo aconteceu. E, desde que voltara a Salina, os acontecimentos passavam em sua cabeça como um filme (de terror), então era compreensível que também revivesse as sequelas. Além disso, não podia se esquecer das adições mais recentes ao “roteiro”, como seu divórcio, e o que o causou.

Não que isso importasse – que importasse *pouco*, ainda que não admitisse ou ignorasse na maior parte do tempo –, uma vez que Claire estava determinada a não deixar as recordações amargas ou apagões entrarem no seu caminho. Tinha um trabalho importante a fazer.

Uma missão.

Ao entrar, cumprimentou os adoráveis Mike e Ty. A outra parte da equipe, bem menos adorável, ainda não havia chegado. Caminhou otimista pelo chão acarpetado em direção à mesa de centro na ala esquerda. Ao se aproximar, notou que nela não mais estavam as edições antigas do *Salinews*, mas uma porção de folhas e papéis menores que cobriam quase toda a superfície de madeira laminada.

Que bagunça é essa?

Apertou o passo, puxou a cadeira e por pouco não caiu para trás. Em cima das folhas com anotações, nomes e telefones (alguns riscados), sobressaía uma série de fotos – espalhadas tão grosseiramente quanto seu conteúdo –, que no mesmo instante capturaram os olhos de Claire.

Todas as fotos mostravam, de diferentes ângulos, o mutilado cadáver de James Christensen. Em cima de uma delas, escrito num post-it rosa em letras garrafais, saltava o recado: FAÇA BOM PROVEITO.

Rebecca...

Claire já imaginava que a colega não reagiria bem à notícia de entregar a reportagem, talvez a mais promissora de sua jovem carreira, para a recém-contratada do *Salinews*, que ainda por cima era amiga do chefe do jornal. Certamente espalhou as fotos de maneira tão explícita para desestabilizá-la – e conseguiu, por alguns segundos. Mas não o suficiente para chamar a atenção dos irmãos Leduc, e o melhor, antes que pudesse chegar para testemunhar a repercussão de sua imatura artimanha.

Catou duas das fotos para examinar de perto. Era lamentável a visão da camiseta do uniforme escolar ensopada de sangue, e mais ainda a do rio vermelho que brotava da cabeça e do pé dilacerado...

Uma vida e mais uma família *dilaceradas*.

No instante do abalo, Claire pensou ter enxergado o rosto sem vida do irmão no lugar do de James – dos “vários” James mortos sobre sua mesa. Até perceber algumas diferenças pontuais entre os homicídios.

De repente Brian entrou na sala, seguido por Rebecca.

– Bom dia, equipe! – exclamou o chefe. – Ellie, conseguiu alguma coisa ontem à tarde?

– Ah, sim... consegui, sim.

– Posso ver?

– É que... – *merda! O que eu digo?* – estou só começando.

– Tudo bem. – Brian se deu por satisfeito, para alívio de Claire e frustração

de Rebecca. – Não esqueça que preciso da primeira coluna até o meio-dia de sexta, no máximo, e só porque confio na sua experiência e pontualidade.

– Obrigada... Ah, Rebecca. – Claire precisava desesperadamente mudar de assunto, antes que sua sorte mudasse. – Quero agradecer por todas estas suas anotações... Até fotos você conseguiu! Não tenha dúvida de que ajudou e muito o meu trabalho.

– Hum. Que bom – respondeu Rebecca, decepcionada; seu contragosto em ajudar Claire era tão evidente quanto a cor alaranjada em seus cabelos.

– Fico feliz por ver que estão se entendendo – disse Brian.

Na cadeira, atrás de sua mesa, ali ele era, como muitos líderes ao longo da história, um cego atrás de uma parede invisível de ingenuidade e prepotência. Até quando?

7

O material de Rebecca realmente iria poupar Claire de uma série de apurações primárias. Em uma caligrafia delicada, estavam as entrevistas da ruiva com o funcionário do armazém da Jenks Trucking, o coveiro do cemitério municipal e um novo detetive – *detetive? Em Salina?* –, chamado Joshua Perry. E tudo isso em um só dia. Claire estava impressionada.

Rebecca também havia tentado conversar com Alma e Joseph Christensen, pais da vítima, mas não fora recebida por eles. Na entrevista com o detetive, porém, ela descobriu que os amigos de James deram falta dele já no sábado, quando não comparecera ao treino matinal do time de futebol, que nunca perdia, sendo que o haviam visto ir embora a pé da escola na sexta-feira, e seu corpo só foi encontrado na segunda.

Joshua Perry revelou ainda que, quando questionados, os pais do garoto disseram não ter prestado queixa da ausência do filho, porque era comum ele dormir na casa dos amigos sem avisar, e ninguém lhes telefonou para informar que havia faltado ao treino. Também falaram que, como não havia pegado o carro de um ou de outro, coisa que costumava fazer nos fins de semana desde que tirara a carteira de motorista aos 16, ele não deveria ir longe, portanto acharam que não havia motivos para se preocuparem.

Claire parou. Estava claro que havia subestimado Rebecca. Sua linha de raciocínio era abrangente e ao mesmo tempo focada; suas anotações eram de uma meticulosidade excepcional, levando em conta aspectos da vida e do comportamento de James, que talvez não lhe ocorressem questionar nas entrevistas preliminares. E como diabos ela conseguira obter tanta informação daquele detetive? Era duro reconhecer, mas, a julgar pelo que estava lendo, Rebecca era uma repórter investigativa bem melhor que ela – e esse tal detetive um tanto incompetente, tamanha sua falta de sigilo com a investigação em andamento. Mas uma coisa era certa: jamais a ruiva teria a sua motivação para trabalhar naquele caso.

Passando para outro dos papéis espalhados, Claire deparou-se com notas menos empolgantes. Feron Kaiser, o funcionário do armazém que encontrou o

corpo, disse apenas o que ela ouvira na rádio: que um bando agitado de urubus chamou a atenção dele, e, quando foi ver o que era, encontrou o rapaz morto.

Já o coveiro disse não ter visto nada de suspeito, mas era idoso, com problemas de visão e audição, e dificilmente deixava o perímetro do cemitério, onde também morava. Rebecca perguntou ao homem por que, naquelas condições, não se aposentava, e anotou que ele havia ficado indignado com a questão, dizendo que aquilo nada tinha a ver com o assunto. Que ser coveiro era seu ofício havia mais de sessenta anos, e que, enquanto fosse vivo, dali ninguém o tirava.

Típico dos modestos e teimosos anciões de Salina, adiando a aposentadoria até caírem duros. Não fosse a insistência dos filhos, os Brown também seguiriam por esse ingrato caminho. Ao mesmo tempo que sua mente divagava, Claire não pôde deixar de sentir, mais uma vez, um orgulho involuntário de Rebecca, que estava de costas para ela. Por mais irrelevante que fosse a reação do decrépito coveiro, por mais que aquilo pudesse não levar à conclusão alguma, descrever a mudança de atitude do entrevistado, em uma investigação com tão poucas provas e nenhum suspeito, era uma iniciativa inteligente e pertinente.

Em outra folha, com o nome “Patrick Videla” no cabeçalho, Rebecca escreveu apenas uma linha, dizendo que o chefe de polícia se recusara a recebê-la, algo que não pegou Claire de surpresa. Patrick era uma pessoa bem-intencionada, contanto que não tivesse que fazer esforço. Não desejava o mal, disso não havia dúvida, apenas era completamente inadequado para sua função – e disso, até ele sabia.

Em compensação, o detetive Perry pareceu solícito... solícito demais. No verso da folha com sua entrevista, a repórter registrou ter sido ele quem lhe entregara cópias das fotografias do local do crime, apesar de tê-las entregue, aparentemente, em deboche. Astuta, Rebecca anotou as exatas palavras do agente: “Quem sabe vocês dão conta de fazer o nosso trabalho, hein? A propósito, por que não criam uma daquelas teorias fantásticas? É só publicar que um alienígena visita Salina de tempos em tempos para arrancar dedos e matar garotinhos. Ah, e que ele gosta da Bíblia. Pronto. Essa abominação vira chacota, logo todos esquecem o riquinho, e o insuportável do Gavin Peterson [xerife do condado] larga do nosso pé.”

Além da identificação ao lado do nome do xerife, Rebecca abriu outro par de colchetes, ao final da fala transcrita de Joshua Perry, onde escreveu: CRETINO.

Dos esboços da ruiva, Claire desaprovou apenas a conclusão para a qual ela se encaminhava. Uma mistura de “devido à falta de provas e informações concretas” com “outro assassinato, um novo mistério insolúvel para os livros de história de Salina”. Tamanho tom de derrota não combinava com a garota, nem com o *Salinews*. Além de não corresponder às expectativas da própria Claire.

– Pessoal – disse alto, após guardar a papelada na maleta –, caso precisem de mim, estarei na delegacia, e depois...

– Mas você não viu que eu já fui lá? – interrompeu Rebecca. – Eles não vão colaborar mais do que isso, não adianta. Para mim, é chover no molhado.

– Ellie, vá. Seu passado pode influenciar uma postura diferente da polícia. – O comentário de Brian fez Rebecca cerrar os dentes, e Claire também, por dentro. Mas ele não percebeu, ou fingiu que não.

– Tá. Até depois – foi o que Claire respondeu, com sua mente gritando: *Cala essa boca, Brian! Desse jeito a Rebecca vai literalmente querer o meu pescoço, e teremos mais um assassinato para os livros de história de Salina.*

Eram quase dez e meia da manhã quando Claire entrou na delegacia. Cruzou a porta acompanhada pela luminosidade da rua, que refletiu no vidro sobre o balcão de atendimento. O homem atrás dele, Randy Thorpe, resmungou com o clarão.

Ele esfregou os olhos, e esfregou-os novamente ao reparar na mulher à sua frente. Então deu um gole no café e falou:

– Price, não é? – Não foi uma saudação calorosa. Não que Claire esperasse uma.

Randy Thorpe não era mórmon, e nunca ia aos eventos da cidade – quase todos religiosos –, portanto os dois haviam se visto poucas vezes, e Claire não recordava ao certo quando nem onde – embora ele fosse uma figura difícil de esquecer, no pior sentido da expressão. Mas ela conhecia a reputação do agente, e ele provavelmente conhecia a sua.

Ele era dois ou três anos mais velho que ela, mas dizer que não envelhecera bem era quase um elogio. Randy era a definição do excesso de gordura. Gordura física, gordura no cabelo preto, gordura saindo pelos poros da pele branca e manchada. Não bastasse a aparência, ainda tinha a delicadeza de um gorila, e fedia a café e cigarros – quando não a uísque e charutos.

– Seu chefe está? – Claire o respondeu com uma pergunta.

– Não. Está na casa do prefeito. Por que quer saber?

– E o detetive Perry? – perguntou, ignorando o questionamento.

Satisfeito em se livrar daquela que, pelas histórias que ouvira, considerava bipolar e um verdadeiro ímã de problemas, o oficial sebento apontou com a cabeça para trás, e Claire percebeu um homem sentado no fundo da sala, que, desatento, tinha as pernas jogadas sobre a mesa e um livro nas mãos.

Ela seguiu pelo corredor e entrou na porta que dava acesso à sala principal, surgindo ao lado da mesa do detetive, mas sem despertar a atenção dele.

Pigarreou, e nada.

– Com licença – disse.

Nada. O homem realmente estava imerso na leitura de *1984*, de George Orwell, coincidentemente um dos títulos favoritos de Claire.

Droga, além de ter bom gosto, o cretino é bonito!, pensou.

Perry não tinha um traço específico que o destacasse, e não devia ser natural de Salina – senão Claire se lembraria dele –, mas o conjunto da obra era de saltar os olhos de qualquer mulher. Cabelos e olhos castanhos emoldurando um rosto jovial e despreocupado; ombros largos e uma musculatura visivelmente desenvolvida sob a camisa branca, com o botão da gola aberto. Era praticamente um modelo saído de uma propaganda de cueca. Um Adônis, ao vivo e em cores.

– Joshua! – gritou o oficial Thorpe de seu posto, bem mais à frente.

– Quê? Ah, olá! Detetive Perry, prazer. – O sorriso de perfeitos dentes brancos e o aperto de mão firme estremeceram Claire.

Desde Logan, não se sentia atraída por outros homens. Não que não os notasse, é claro. Mas do jeito que as coisas terminaram... Chegara a pensar que tudo aquilo tivesse apagado sua libido por completo.

– Claire, prazer.

– No que posso ajudá-la – ele olhou para o dedo sem aliança dela –, senhorita Claire?

Ela ruborizou – e não gostou nada disso. Não estava ali para flertar. Mal sabia que assim que trocasse mais algumas palavras com o detetive bonitão o encantamento seria perdido como num passe de mágica.

– Sou repórter do *Salinews* e...

– O que houve com aquela ruivinha geniosa? – Era metade pergunta, metade malícia.

– Ela continua lá. Só trocamos. Será que poderia...

– Aquele Brian sabe mesmo escolher as funcionárias – ele a interrompeu. De novo.

Claire achou melhor relevar. Não respondeu, não sorriu, apenas sentou na cadeira, ficando de frente às solas do calçado marrom do detetive, que já estava de volta à posição displicente de antes.

Calmamente, ela recomeçou:

– Será que poderia responder a algumas perguntas sobre o assassinato de James Christensen?

– Pensei que já havia respondido a todas as perguntas da ruiva. Qual era o nome mesmo? Romena? Roberta?

– Rebecca. E sim, soube que você colaborou com ela. Mas, se não se importa, e já que foi tão prestativo com minha colega, gostaria de aprofundar em alguns pontos.

– Rebecca... – ele saboreou o nome da outra. – Pois bem, vá em frente.

Claire tirou da bolsa uma folha que rabiscara com suas observações em cima do material da colega de jornal. Apanhou também uma caneta e outra folha, em branco. Joshua Perry tamborilava os dedos sobre a mesa de fórmica, mas não parecia de todo impaciente, apenas entediado.

– Detetive Perry, você confirma que foi o próprio doutor Christensen quem analisou o corpo de James?

– Sim.

– Na sua opinião, isso não foi um tanto inadequado?

Joshua meneou a cabeça como se não tivesse entendido a pergunta.

– Considerando que ele é o pai da vítima – complementou Claire.

– Você é daqui?

– Sou, sim – ela respondeu. Aonde ele queria chegar?

– Então sabe melhor do que eu que ele é o que está à disposição de Salina para isso. Videla sugeriu que o corpo fosse levado para análise no necrotério de alguma das outras cidades do condado, caso fosse doloroso demais para ele. Mas o doutor fez questão de conduzir a autópsia, como sempre fez, pelo que sei.

– Certo. Você por acaso teria uma cópia do relatório médico para eu dar uma olhada?

– Sim. E você sabe muito bem que não posso mostrá-lo a você.

Ela sabia. Mesmo assim não custava tentar.

– Além disso, é só um emaranhado de termos técnicos – ele acrescentou.

– O que não muda o fato de que seria esclarecedor dar uma olhada nele, não acha? – Ela estava forçando a barra, mas e daí?

– Por quê? O que poderia haver ali que eu já não tenha contado à ruivinha?

Ou você tem alguma suspeita de que o doutor esteja envolvido no homicídio do próprio filho?

Claire balançou a cabeça em negativa, tentando esconder enquanto refletia sobre a possibilidade. Seria Joseph Christensen capaz de tal atrocidade?

Não.

Não mesmo.

Até sua frieza tinha limites, e um homem como ele certamente valorizava a linhagem, a continuidade de seu nome.

– Deixa pra lá. Só curiosidade jornalística. Vamos continuar. Pelas fotos – *que você não hesitou em entregar para Rebecca* – pude notar que a vítima tinha, além do dedo do pé cortado, muito sangue na cabeça, mas nenhum outro ferimento. Teria sido o ferimento na cabeça a causa da morte?

O detetive assentiu.

– E quanto à arma do crime?

– Tudo leva a crer que tenha sido uma pedra do próprio local onde o corpo foi encontrado. Mas o assassino a levou consigo.

– Entendo. E já sabem que horas exatamente a vítima foi a óbito?

– O doutor nos forneceu uma estimativa. Mas essa é uma parte crucial da investigação e não podemos abrir para ninguém.

Ninguém... sei!

– Tudo bem então – conformou-se a repórter. – Ei! E pegadas?

– O que tem?

– Quero saber se encontraram, se conseguiram tirar alguma conclusão. Acabei de me dar conta de que não encontrei nenhuma anotação de Rebecca quanto a isso, e nas fotos não pude ver se havia pegadas ao redor da vítima. Considerando que a maior parte de Salina não é asfaltada, deveriam estar lá, não?

– Talvez ela não tenha anotado cada detalhe de nossa conversa para Vossa Excelência – debochou Joshua.

Mas Claire não estava para brincadeira.

– Encontramos – ele continuou –, já meio apagadas pelo vento. Havia dois pares de pegadas indo até o local, mas só um saindo. Pelo tamanho pudemos presumir que é um indivíduo masculino, o que não muda em nada o panorama preestabelecido. E não temos nenhum FBI trabalhando aqui, entendeu?

– Tá, mas aonde ele foi?

– Não sabemos. Perdemos o rastro pouco antes de as pegadas se misturarem a muitas outras, já próximo do centro da cidade.

– Ah...

A decepcionada expressão de Claire, ainda que sem intenção, fez Joshua sentir que não fizera um bom trabalho. Ou melhor, o fez sentir que ela o acusava disso, o que muito feriu seu inflado ego.

– E então, terminamos? – perguntou ele, mostrando-se impaciente agora.

– Só vai levar mais um pouco, prometo. – Claire lançou um olhar para o livro fechado sobre a mesa, como se dissesse "o que foi? Tem algo mais importante a fazer?" – Gostaria de saber sua opinião a respeito do salmo deixado sobre o corpo, e do dedo cortado da vítima, que foi abandonado no próprio local.

Na verdade, queria, sem influenciá-lo, fazer com que enxergasse e reconhecesse a nítida relação com o assassinato de seu irmão – do qual não estava certa se o novo detetive tinha conhecimento, mas imaginava que sim – e, ao mesmo tempo, apontar as diferenças entre eles, tão nítidas quanto as semelhanças. Diferenças como: os cortes desleixados do novo caso, tanto do dedo quanto do trecho bíblico, e a ausência de baús de madeira com símbolos, ou qualquer outro objeto. Hoje em dia Claire tinha certeza de que o assassinato de Rob fora premeditado. Já o de James parecia uma cópia barata do primeiro, como se o assassino tivesse ficado descuidado, ou estivesse com pressa... ou fosse outra pessoa.

– É evidente para mim que esses elementos têm origem em outro crime desta cidade... – ele respondeu.

Por um momento Claire cogitou ter pensado alto.

O detetive foi adiante:

– Você deve saber... um tal de Rob Price Junior.

– Ela é irmã dele, seu idiota! – berrou Randy de sua mesa atrás do balcão de atendimento. Estava prestando atenção em tudo o que falavam, mesmo de longe, mesmo sem ter demonstrado qualquer reação até então.

– Ora, ora. Eu sabia que esse nome, Claire, não me era estranho. Você é a Claire Price. Por que não falou?

Bom, não sabia que precisava ficar dizendo meu sobrenome pra qualquer pessoa estar ciente de que conversa com a irmã de um garoto assassinado, que é filha de uma suicida e de um pai que a deixou no momento mais crítico para fugir com seu amante.

– Sim, Claire Ellie Price – disse simplesmente, com um orgulho fingido.

– Um nome tão bonito, uma história tão triste. – Não havia nada de pena na voz dele, mas de todas as coisas, essa foi uma que Claire não achou necessariamente ruim.

– Podemos continuar?

– Sabe... – ele a ignorou e se levantou da cadeira, caminhando pela sala, iniciando uma espécie de discurso, mais voltado a si mesmo do que a Claire. – Foi por causa do que aconteceu à sua família que eu fui contratado. Quer dizer, mais ou menos. O tal do *Salinews*, do seu chefe gordinho, estreou um bom tempo depois da coisa toda, com uma foto do seu irmão morto na capa e a pergunta: Nada AINDA?. – *O QUÊ?*, desconcertou-se Claire – E, resumindo, o bafafá chegou aos grandões lá em Salt Lake, que caíram com tudo no xerife Peterson, em Richfield. O cara nem sabia do crime, carreirista execrável...

A atenção de Claire ao que o homem dizia vacilou, e ela se pegou pensando na notícia que estampara a capa de estreia do *Salinews*. Estava surpresa por Rebecca não lhe ter entregado essa edição. Acima de tudo, estava decepcionada com Brian por ter usado (então mais de uma vez) a sua infeliz história para se promover.

Foi só eu sair da cidade para ele...

– ... eu cheguei, durante esses doze anos não ocorreu mais assassinato nenhum, o que fez os caras lá em cima ficarem convencidos de que eu estava fazendo um bom trabalho, elogiarem o xerife pela escolha, me garantirem um salário melhor que o desse trapo ali – Perry apontou para Thorpe, que respondeu com um resmungo monossilábico –, mesmo eu trabalhando bem menos... – disse num sussurro, alto o suficiente para o policial ouvir – e é isso. Todos saíram felizes. Até essa merda de assassino estragar tudo. Mas também, quem iria querer ficar nessa cidade pra sempre? Ela é muito... paradinha. Tirando pelo *serial killer* que ou hiberna, ou só vem aqui de passagem.

– Esse *serial killer*... você acha que pode ser o mesmo do meu irmão? As diferenças...

– Quais as chances de existirem dois assassinos tão parecidos num lugar como Salina?

– Quais as... quem se importa com as chances? – Claire levantou-se, batendo na mesa. – A questão é que as diferenças não podem ser ignoradas. E se o assassino de Rob estiver morto, e este outro for um aprendiz? Um aluno não muito bom, diga-se de passagem.

– Olha, não me leve a mal, mas acho que você andou assistindo a televisão demais, Claire.

– Pelo menos eu consigo traçar alguma possibilidade, o que deveria ser o *seu* trabalho, detetive Perry.

Joshua não gostou do comentário da jornalista – principalmente por ser

verdade –, mas não se mostrou abalado. Havia um perfil de suspeito que estavam estudando. Informação por ora confidencial, mas ele não podia deixar Claire ir embora como se o tivesse derrotado naquele jogo de palavras.

– Eu não devia te contar isso, mas, pelas nossas análises, o cara nem é da cidade. Provavelmente um caminhoneiro que gosta de rapazes, e, em duas ocasiões, teve seus... *desejos* rejeitados pelos dois jovens, o que o levou a penalizá-los à sua maneira doentia.

Claire engoliu em seco a ideia de seu irmão ter sido morto por uma razão tão vulgar. Precisava ser imparcial.

– E o que explica as formas de assassinato tão diferentes? – questionou. – E os símbolos nos baús em que estavam os dedos de Rob, se é que você está sabendo disso.

– Ferramentas à disposição, local, tempo... algum tipo de fanatismo.

– Não acha tudo isso muito genérico?

– Na maioria das vezes a explicação mais simples...

– Posso perguntar em que vocês se basearam para essa conclusão do caminhoneiro homicida? – Dessa vez foi Claire quem o interrompeu; sua tolerância para leviandade tinha limites.

– Perguntar você pode. Mas não posso falar sobre isso – foi o melhor que Joshua conseguia inventar, quando a resposta mais correta seria "não *quero* falar sobre isso".

Afinal, com que cara ele diria que convencera o chefe Videla de sua conclusão, omitindo que a ideia se originara de um episódio de *Law & Order*? Nada disso. Podia ser um detetive medíocre, mas não era burro.

– Está bem, detetive. – Claire largou a caneta e a guardou com os papéis na bolsa. – Obrigada pelo seu tempo – *seu cretino inútil, que de detetive só tem o título!* – Tomara que consigam pegar logo esse psicopata.

– E iremos, senhorita. – Joshua apertou com firmeza a delicada mão da jornalista; parecia calmo e confiante, ainda que não acreditasse nas próprias palavras. – Pode ficar tranquila que vamos pegar o assassino de James e do seu irmão.

– Só me resta esperar, não é mesmo? – *Esperar que vocês não fiquem no meu caminho, isso sim!*

Claire já havia compreendido que não adiantaria mais discutir com aquele homem, muito menos esperar que ele cumprisse o seu papel. Tantos anos mais tarde, e novamente ela saía desiludida da delegacia, completamente descrente dos agentes da lei de sua cidade. A verdade é que Patrick Videla, Randy

Thorpe, e agora Joshua Perry, não se importavam em fazer justiça. Para eles aquele não passava de um trabalho como outro qualquer, onde cumprir o horário era o suficiente.

Mesmo assim, entrando no Camry, depois de tirar uma foto do lado de fora da delegacia – um registro tão vazio quanto sua conversa com o detetive Perry –, decidiu ir atrás de Videla.

Afinal de contas, ele ainda era o chefe de polícia e devia certas explicações. O ruim era que ele estava na casa do desprezível prefeito...

Claro, ela poderia abordá-lo em outra ocasião.

Mas quando teria uma desculpa tão boa para ir até lá e surpreender Judy?

8

Na Main Street, Claire conseguiu uma vaga bem em frente ao casarão da família Finger. Um grandioso portão de ferro protegia a garagem anexa, e outro, menor, a escadaria da majestosa fachada em estilo provençal. Muros de cerca-viva isolavam a casa em perímetro e beleza, criando um distanciamento do cinza predominante ao redor.

Os Finger sempre tiveram dinheiro e, acima de tudo, poder. O pai de William, Ronald, fora prefeito antes dele, assim como seu pai, Gerald. E assim como o menino Will um dia seria. Aparentemente os cidadãos de Salina não entendiam a definição de nepotismo, muito menos por que isso era ruim para eles.

Da calçada, Claire tocou a campainha, e instantes depois as portas da entrada se abriram.

Usando um vestido-uniforme preto, Judy quase desmaiou ao ver quem estava do outro lado do portão. Primeiro pareceu ter visto um fantasma, mas não demorou para que todo o seu rosto fosse tomado por um sorriso contagiante. Com as chaves vibrando nas mãos agitadas, ela correu ao encontro de Claire, atrapalhando-se para abrir a fechadura do portão menor.

Mal Claire deu um passo adiante e Judy já pulava em seu pescoço, apertando-a num abraço repleto de carinho e saudade.

Com os longos cabelos loiros presos no habitual coque, e os olhos verdes brilhando como nunca, Judy continuava estonteante. Era uma daquelas mulheres de beleza clássica, inebriante. Beleza sem tirar nem pôr. Claire sempre dissera que ela deveria largar de ser empregada na casa do prefeito e tentar a vida de modelo. Que o fato de ser muda não seria empecilho algum.

Mas não era por sua deficiência que Judy permanecia naquele lugar, naquele emprego sem futuro. Quando bem pequena, foi abandonada em Salina com nada além de uma placa nas mãos que dizia: “Meu nome é Judy Nash.” Levada por uma cidadã até a prefeitura, o prefeito, sem saber o que fazer com a criança muda, levou-a para casa, onde foi criada pelo caseiro e a esposa, ambos já em idade avançada. E então Judy ajudou desde criança nas tarefas domésticas.

Desde pequena colocada em “seu lugar”. Ainda assim, sua gratidão aos Finger era infinita, e ela com certeza passaria o resto dos dias servindo a família que *a acolhera*.

– Judy, você está maravilhosa como sempre, minha amiga – disse Claire ao se soltarem.

Sorrindo, ela tocou no queixo com a mão direita aberta, e a abaixou com a palma para cima. Era o sinal para “obrigada”. Por causa de Judy, Claire aprendera a se comunicar pela linguagem de sinais, mas apenas para compreender a amiga, já que Judy insistia que se comunicassem com ela pela fala.

Uma figura então apareceu na porta ao topo da escada, se intrometendo no reencontro. Era Emma Finger, que segundos antes anunciara sua chegada chamando alto pela empregada.

– Judy, querida, precisam de você na co... – ela estagnou surpresa. – Estariam meus olhos enganados ou é Claire Price que eu estou vendo aí?

– Olá, Emma! Seus olhos estão certos. Desculpe-me, acho que acabei atrapalhando a Judy.

– Nesse caso não há problema. Vamos entrar, por favor. Faço questão que se junte aos nossos convidados no jardim, onde o almoço será servido.

– Será uma honra, Emma, obrigada.

Claire já contava com o convite da célebre anfitriã. Seus almoços no jardim atrás da casa eram famosos e bem frequentados, algo de que Emma muito se orgulhava. Uma prática que ela nunca admitiria ter iniciado para desviar a atenção da elite de seu conturbado matrimônio, e do conturbado relacionamento de William com o álcool.

A socialite, de baixa estatura, cabelos tingidos de loiro – de um loiro mais claro que o seu tom natural – e seios volumosos, deu o braço para Claire, e, como se fossem duas amigas no shopping, conduziu-a para dentro de sua mansão, enquanto Judy as seguia em postura servil.

– Claire, querida, você precisa me contar tudo sobre Ephraim. Lá não é melhor que Salina, é? Você voltou para ficar? E vai fazer o quê? Seu cabelo...

Por um valioso momento a voz de Emma ficou inaudível, e Claire chegou a desejar ser muda para não ter que responder à inquisição da baixinha de braço dado com ela.

É. Você sabia o show de horrores que a esperava por aqui. Agora aguente, advertiu a si mesma.

A presença de Claire no almoço criou um dilema para Emma Grace Finger: permitir ou não que a empregada doméstica se sentasse à mesa principal. Claire não era amiga da família. Era amiga de Judy, e apenas dela. Enquanto tagarelava com a jovem, atravessando a suntuosa casa, parte de sua mente se dedicava a pesar os prós e contras de cada cenário.

Enfim, decidiu chamar Judy. Todos achariam generoso de sua parte, principalmente Claire, que Emma recordava vividamente em ataques fervorosos contra seu marido em plena Main Street, com toda aquela gente olhando... ora! Como se o prefeito tivesse alguma responsabilidade pelo trombadinha do irmão dela ter sido morto, afinal, “cada um tem o que merece, não é?”.

Mas Emma faria qualquer coisa para manter as aparências, e isso incluía tratar como convidada de honra a mesma mulher que, de tanto estardalhaço que fez antes de sair da cidade, por pouco não tirou seu marido do poder.

– Meus caros, teremos mais uma ilustre presença neste agradável almoço de quarta-feira. Vejam quem resolveu dar as caras! – anunciou Emma, enquanto as duas percorriam o opulento jardim em direção à mesa; Judy ainda as seguia, nesse momento pensando que provavelmente deveria ter parado na cozinha. – Judy, querida, traga os pratos, por favor, e venha sentar-se conosco, está bem?

Surpreendida pelo inusitado convite, ela assentiu e saiu obedientemente. Claire ficou feliz que iria contar com uma presença amiga naquela situação artificialmente amigável.

Apesar da exuberância verde por todos os lados, a jornalista aproveitou cada passo até o destino sobre a grama bem aparada para avaliar os rostos dos que ali estavam quando vissem sua chegada. Percorreu os olhos de uma ponta a outra da extensa mesa. Uma estrutura metálica pintada de branco, coberta por uma toalha de mesa bordada, e cercada por cadeiras de ferro cheias de floreios, que lembravam aquelas em que se sentavam as princesas dos livros ilustrados de sua infância.

O prefeito estava na ponta oposta de onde Emma posteriormente tomou lugar. Ao ver Claire, seu rosto vermelho e inchado ficou ainda mais vermelho e inchado, e um tanto deformado, como se tivesse chupado algo muito azedo. Num de seus lados, o bronzeado Patrick Videla perdia toda a cor em milésimos de segundo. Claire não perdeu tempo olhando para ele, estava patético demais e havia outros ao redor... outros que ela nem sequer esperava encontrar.

Emma não mencionara quem eram os demais convidados, e lá estavam os Allensworth, uma das famílias tradicionais da elite salinense. A situação deles,

porém, podia-se dizer que era menos ortodoxa. O sobrenome pertencia não ao homem da família, Richard – que apesar de ser conhecido como Richard "Allensworth", era Richard Glenn –, mas à matriarca, Rachel, a senhora roliça de cabelos ruivos e expressão severa, com metade do rosto coberto por grandes óculos de sol de alguma grife famosa, sentada do outro lado do prefeito.

Claire se recordava de quando o velho Allensworth falecera e Rachel herdou a administração do único hotel da cidade, o Worth Inn. Do dia para a noite, a apelidada SFFB (solteirona feia feito bruxa) tinha uma legião de homens desejando casar com ela. Rachel, no entanto, não era estúpida; sabia muito bem que todos aqueles "bons partidos" queriam mesmo era casar com sua conta bancária. Por isso escolheu com cautela. E Richard foi o agraciado. Embora parecesse uma versão piorada do príncipe Charles, era um homem íntegro; alguém que ela poderia amar e que poderia amá-la também.

Aliás, diziam que ele colou os olhos em Rachel muito antes da herança, por motivos que ninguém entendia (e por que precisavam entender?), mas ainda assim sempre havia quem dissesse que ele era um oportunista como todos os outros e que a única diferença era ser tão feio quanto a ricaça.

O papo mudou quando a filha deles nasceu. Ruby era de longe o bebê mais lindo de Salina, e não demorou para que o povo começasse a falar: "Se duas criaturas tão horrorosas podem produzir uma criança linda desse jeito, não há outra explicação, é amor." E ali, sentada ao lado do pai, aos 14 anos (pelos cálculos de Claire), Ruby estava ainda mais encantadora.

Ao lado dela, balançando-se impacientemente na cadeira, estava Will Finger, também conhecido como o próximo prefeito de Salina. Ele nasceu pouco antes de Claire se mudar, portanto o rapazinho, loiro como os pais, devia estar com 12 anos – embora aparentasse menos. Exibindo o mesmo nariz retorcido de William, em uma única olhada já revelava seus ares de garoto mimado. Mas Claire não o culpava. Filho de quem era, vivendo onde vivia... estranho seria se não fosse assim.

De repente a mesa estava logo à frente; demasiado perto para que Claire continuasse olhando os convidados como fizera durante o caminho. Emma então soltou seu braço e dirigiu-se para a ponta da mesa, ao lado do filho. Com um gesto, indicou a Claire o lugar vazio ao lado de Videla. *Perfeito!*, ela pensou, sorrindo com uma educação forjada para ele, que, sem a olhar nos olhos, abriu um sorriso breve e torto.

Depois de contar sobre seu retorno e seu novo emprego, levando mais tempo

que todos para terminar o pato com aspargos e purê de abóbora, Claire decidiu que era hora de trazer à tona o assunto que a levara ali. Lançou a Judy a seu lado um olhar que ela conhecia bem. Os olhos castanhos cerrados e culposos. Os mesmos que ela exibia sempre que estava para promover um mal-estar geral, por conta de assuntos sobre os quais ninguém queria falar. Apreensiva, Judy observou a amiga tomar um gole do suco de cranberry, como se fosse coragem líquida, e começar sua manobra:

– Que tragédia com os Christensen, não?

Um burburinho de "ah, sim", "terrível", "muito, muito triste" tomou conta da mesa. Rachel Allensworth foi a única a responder de fato:

– Uma verdadeira abominação! Como alguém seria capaz de tamanha atrocidade, assim sem motivo?

– É o que eu vivo me perguntando, senhora Rachel – respondeu Claire, acreditando que a mulher se esquecera da semelhante atrocidade com Rob.

– Pode me chamar de Rachel. – Ela não havia esquecido coisa alguma.

– Já que estamos falando nisso, Rachel, pode me dizer se recentemente vocês tiveram algum hóspede suspeito no Worth Inn? Algum sujeito que tenha aparecido antes... talvez um caminhoneiro...

Videla engasgou-se com o suco. *Aquele detetivezinho não podia ficar de bico calado!*, praguejou mentalmente.

– Olha, não que eu me lembre. Se bem que, pelo que ouço dizer, muitos caminhoneiros consideram a nossa diária cara e acabam dormindo no próprio veículo, no estacionamento da Blackhawk Arena. Não é isso, querido?

– É sim – confirmou Richard. Em seguida estreitou os olhos para Claire e perguntou: – Por que quer saber?

– Nada, não. Apenas eliminando algumas possibilidades – disse ela, numa resposta mais direcionada a Videla do que aos Allensworth.

Emma Finger já estava com os olhos ardendo em fúria, mas Claire nem ao menos olhou em direção à mulher. As crianças estavam bocejando, e Judy de cabeça baixa, pensando na represália que mais tarde receberia da patroa por causa do comportamento passivo-agressivo da amiga. Mas Claire estava só começando, e já sentia um gosto de vitória pela inquietação de William e Patrick, que se mexiam e suavam em suas cadeiras.

– Ah, prefeito Bill? – chamou Claire, provocando-o de propósito. Sabia perfeitamente que ele não gostava que o chamassem por esse apelido. Preferia, inclusive, que o chamassem pelo nome composto, William Hunter, embora poucos o fizessem. – Posso acreditar que você e o chefe de polícia Videla já

estão conversando sobre reforçar a segurança de nossa cidade, estou certa?

– Sim, sim, é claro – respondeu o prefeito, pouco ou nada honesto. *Mal chegou à cidade e já quer me humilhar. Claire Price é mesmo uma maldição em minha vida!*, ele pensou, fechando os punhos sob a mesa.

A jornalista não se deu por vencida e foi além:

– Aposto que, como eu, todos aqui ficam felizes em saber que vocês estão tomando as devidas providências. Salina é uma cidade muito pequena para tamanha lacuna na segurança – disse olhando para Videla. Depois, encarando o prefeito, emendou: – Ou mesmo na saúde, se o criminoso for daqui.

– O que quer dizer com isso? – perguntou a voz entre Claire e o prefeito. Patrick Videla se pronunciava enfim.

– Não estou dizendo que o assassino seja de Salina, Patrick. Mesmo porque esse é trabalho seu e da sua equipe, não concorda? Só o que quis dizer é que, se ele for daqui, sem dúvida temos um problema de saúde na cidade. Afinal, esses crimes só poderiam ter sido cometidos por alguém com sérios problemas mentais.

– Crimes? – indagou Videla, como se não soubesse por que Claire empregara o plural.

– Crime. Quis dizer crime – ela respondeu.

Droga! Não posso envolver o assassinato de Rob na conversa. Não agora, depois de tantos anos. Perderei credibilidade se acharem que estou tentando remexer nessa ferida.

O deslize de Claire era a deixa de que Emma precisava para salvar seu almoço.

– Judy, pode trazer a sobremesa agora. E pra combinar, que tal falarmos de coisas mais doces também? O Willzinho e a Ruby devem estar cansados desse papo de gente grande.

Todos concordaram, e a repórter do *Salinews* precisou se conformar. Enquanto Judy servia as fatias de cheesecake e todos conversavam sobre... o que mesmo? Claire não se deu ao trabalho de prestar atenção. Estava ocupada repassando mentalmente as conversas à mesa, assim como seu encontro de antes com Joshua Perry. Refletindo sobre como ainda não conseguira nada concreto, nada que servisse para ela ou para sua coluna no jornal.

Até que lhe ocorreu... Talvez a sua primeira matéria não precisasse de uma grande revelação. A falta de informações em si era algo a se discutir, algo a expor. Uma vez que as autoridades não cooperavam, a propósito, não faziam praticamente nada, por que não deixar que explicassem sua negligência para a

população? Isso certamente chamaria a atenção deles, acordaria os adormecidos salinenses, e transformaria Claire numa espécie de monstro sobre o qual eles pensariam duas vezes antes de se esquivar. E, nesse caso, ela iria, sim, enfatizar a relação do assassinato de Rob com o de James. Isso fortaleceria sua tese.

Conseguia até visualizar a manchete: “O verdadeiro motivo por trás dos assassinatos não solucionados”. O que ficaria ainda melhor acompanhado de um subtítulo que inspirasse medo: “E por que você e sua família podem estar em perigo!”

O tintilar de um talher contra um copo de cristal invadiu o devaneio.

A essa altura, os pratos de sobremesa estavam todos vazios, contando com o de Claire, que nem percebera ter comido a torta à sua frente. Judy arregalava os olhos para a amiga, como que perguntando “o que é que há com você?”, ao que Claire respondeu com um olhar tranquilizador. Estava confiante com a sua resolução; confiante de que colocaria o prefeito e a polícia em maus lençóis perante a comunidade, e que isso lhe seria favorável de alguma forma – sem levar em consideração o quão estigmatizada ela mesma poderia ser.

Quando as conversas cessaram, Emma se pôs de pé bancando a sua pequenina figura de anfitriã.

– Queridos convidados, eu, William e Will queremos agradecer a presença de todos vocês neste singelo almoço. Espero de verdade que tenham gostado, e que saibam que as nossas portas estão sempre abertas, não é, meu bem?

– Com certeza – afirmou o prefeito.

Duvido que eu seja convidada para o próximo almoço, Claire debochou em pensamento. Então, viu o chefe de polícia se levantando ao lado e tocou no braço dele.

– Patrick, gostaria de trocar uma palavrinha com você – pediu, sem formalidades.

– Desculpe, Claire. Preciso voltar para a delegacia. Se for sobre o assassinato, olha, vou te pedir, como da outra vez, que deixe isso nas mãos dos profissionais. Essas intromissões só geram dor de cabeça para todos, não ajudam em nada.

– Você que me desculpe, mas eu deixei isso nas mãos de vocês uma vez. Não vou cometer o mesmo erro de novo.

Videla achou melhor não responder. Claire Price era daquele jeito e pronto. Cogitou deixá-la falando sozinha, mas ela foi mais rápida, dando-lhe as costas para conversar com Judy.

Ah, Claire... o que eu faço com você?

Naquela tarde, a jornalista acabou prolongando a estada no casarão dos Finger. Ajudou Judy a limpar tudo, só para passar mais tempo com a amiga, que, por acaso, estava pronta para repreender Claire por sua inconveniência à mesa, mas não foi capaz de fazê-lo. Elas não se viam há tantos anos... A última coisa que queria era que o reencontro ficasse marcado por uma discussão. Sobretudo por algo que talvez nem tivesse sido tão sério. E daí se rendesse uma bronca da patroa? Ter Claire de volta compensava.

Além delas e da cozinheira, uma mulher grande e recatada, a casa agora estava vazia, deixando Claire e Judy à vontade, conversando no sofá da sala. O prefeito logo havia saído, assim como Emma, que foi levar Will à escola e avisou que tinha algumas voltas para fazer. Emma, por sinal, não gostou nem um pouco de saber que a narigudinha indiscreta permaneceria em sua casa. Mas ia fazer o quê? Expulsá-la?

Na primeira hora, elas ficaram mergulhadas em nostalgia, relembrando as aventuras acompanhadas por Brian.

– Por falar no Brian – disse Claire –, conheci outro lado dele no trabalho. Ainda não sei definir direito, só que ele fica diferente, presunçoso, não é o Brian que conhecemos, sabe? E o mais estranho é quando ele volta ao "normal".

Judy não pareceu se importar. Também não quis comentar a respeito. Em vez disso, começou uma série de gestos com relação a outro assunto.

– Fofoca! – ela disse com as mãos, empolgada. Gesticulou que o último coma alcoólico do prefeito já fazia um ano. Que ele continuava bebendo, mas tentava se controlar. As coisas vinham sendo mais fáceis na casa desde então.

– Ah, é? – Claire tentou parecer interessada, mas Judy a conhecia bem demais para se deixar enganar.

Três badaladas no relógio da sala, uma grande estrutura de madeira – uma antiguidade caríssima, com toda certeza –, despertaram Claire para a realidade.

– Já são três horas? Nossa, o tempo voou! Preciso correr para o escritório.

Judy levou-a até o portão e despediram-se. Os belos olhos verdes da loira brilhavam em admiração, e seu sorriso revelava a mais profunda alegria. Isso porque sabia que aquilo não era um adeus. Claire estava de volta e a amizade entre elas seria mais uma vez o que era. Talvez até mais.

Claire, por outro lado, estava bem menos sentimental. Em sua mente se desenrolavam parágrafos com transcrições das últimas conversas, e estratégias

para montar estas peças de modo que o leitor terminasse a matéria com a exata mensagem que ela queria passar, sem que, no entanto, se sentisse compelido pela autora.

Precisava chegar rápido ao *Salinews* para não deixar nenhum detalhe escapar de sua atenção. Para não deixar que uma nova amnésia...

Melhor nem pensar sobre isso.

O restante do dia se resumiu em digitar até os dedos doerem e tolerar uma carranca de cabelos ruivos, sentada à frente, lançando olhares constantes, amarguradamente, por sobre os ombros. Como previsto, Rebecca não ficou nada feliz ao ver que a colega, na mesma função, ganhara um laptop, enquanto ela era obrigada a se contentar com aquele computador que, mais do que nunca, parecia não passar de um trambolho inerte.

Mas ela que se entendesse com Brian, porque Claire não pediu tratamento especial. Rebecca poderia muito bem estar gritando seu descontentamento, ela não daria a mínima. Estava compenetrada demais em sua tarefa para se importar. A nova coluna nascia diante de seus olhos e distração alguma lhe roubaria aquele momento.

A imprevidência do prefeito... o detetive arrogante e despreparado... o pouco caso da polícia de forma geral... e como tudo, num ciclo vicioso, convergiu para o assassinato do prodigioso James Christensen.

Não. Isso não está certo, refletiu com seus botões.

Seria James, de fato, um prodígio? Devia ter o quê? Quatro, cinco anos, no máximo, quando Claire partira de Salina.

Chegava a ser espantoso o quão pouco ela sabia acerca do garoto sobre cuja morte estava escrevendo. Talvez ele tivesse muito mais em comum com Rob do que ela imaginava.

Amanhã vou à *escola conhecer quem ele era de verdade.*

Amanhã. Hoje precisava de uma xícara de chá e de uma boa noite de sono. *Chá? Só se for de poeira. É. Preciso passar no mercado.*

9

O Baker’s Food Town não havia mudado muito. Por fora, continuava a parecer mais um simples mercadinho de cidade do interior. Ao se cruzar as portas de correr, porém, a visão era bem diferente.

Comida, bebida, cosméticos e até eletrodomésticos e eletrônicos. Uma quantidade e variedade de itens digna de supermercado para saciar as tardes das donas de casa e dos aposentados. Tudo meticulosamente organizado em corredores brancos bem iluminados, sobre reluzentes prateleiras espelhadas – o tipo que se costuma ver nas cidades grandes, nos mercados-boutique dos bairros nobres.

Ao entrar, Claire teve a impressão de que o lugar estava cinco vezes maior, devido às luzes e aos espelhos dispostos estrategicamente. Logo depois, viu Tony Baker no caixa principal, entretido em cálculos. *Tenho que tirar o meu chapéu para essa casta rica de Salina*, pensou, *mesmo depois de eles estarem com a vida ganha, continuam no dia a dia do negócio. Deve ser por isso que prosperam tanto. Por isso e por não gastarem muito com salários, ao que tudo indica.*

Claire abaixou a cabeça e passou direto para não ser reconhecida por Tony, até desaparecer em um dos corredores. Não teria como evitar o encontro na saída, mas poderia aproveitar o anonimato momentâneo. Aproveitar a tranquilidade de fazer compras sem alguém lhe cumprimentando com aquele saudosismo composto parte por pena, parte por curiosidade enxerida.

Assim que ela seguiu, pegou um carrinho no caminho, e não só conseguiu passar despercebida como não encontrou nenhum rosto familiar por perto. A sensação de êxito foi tamanha, que até decidiu fazer compras de verdade. Chá de camomila, arroz e macarrão, carnes, peixes, frutas e legumes, sem contar os tantos artigos de higiene. As coisas mais simples pareciam saltar aos seus olhos, e ela estava adorando cada segundo.

Finalmente havia caído em si que aquilo logo faria parte da sua rotina.

Finalmente admitira para si mesma que não estava em Salina a passeio.

No setor de eletrodomésticos pegou um micro-ondas encaixotado, o menor

que encontrou. Na caixa estava escrito: “Simples e prático, enfim o aparelho que vai tornar a sua vida mais fácil.”

– Pena que só o que faz é esquentar comida – brincou, falando sozinha no corredor vazio.

Ao pisar no corredor de ferramentas e artigos de uso geral, por instinto, quase deu meia-volta. Não costumava passar por esse tipo de corredor quando tinha o pai em casa, ou quando morava com Logan em Ephraim, e jamais lhe ocorrera ver pregos e parafusos quando morava sozinha. Ao constatar isso não pôde evitar sentir-se diminuída, só mais uma mulher dependente da figura masculina, como as donas de casa mórmon que ela tanto reprovava.

Então foi em frente. Olhou para um lado. Olhou para o outro...

A quem queria enganar? Não sabia diferençar nada de nada ali. O melhor era apertar o passo e avançar – consciente de que era um poço de contradições –, em vez de recordar a última e infeliz ocasião em que pusera as mãos em algum tipo de ferramenta.

Um passo mais ligeiro que o outro e de repente...

– Ai! – Algo a pegou desprevenida e ela levou as mãos à boca para abafar o gemido.

Estava prestes a virar para o último corredor, quando bateu em um pesado baú de madeira no chão. Dele saía um letreiro de promoção, mas não foi o “preço imperdível” que a fez congelar. Como um emaranhado de cobras, lá estavam elas: as cordas. *A corda.*

O mesmo tipo que sua mãe usou para...

Precisamente a memória viva de que Claire tentava, ingenuamente, fugir ao perceber que era um peixe fora d’água naquele corredor.

– Claire? – chamou uma voz feminina.

Que alívio. Ela estava bem. Claro que estava bem.

– Sim! Estou aqui! Prometo que já vou abrir essa porta! – exclamou Claire; seu coração martelando no peito.

– Hã? Claire Price, é você, não é?

– Sim, mamãe, sou eu! Espere aí, estou quase...

Foi então que a realidade se materializou novamente.

A garota de longos cabelos cor de avelã já não tinha os cabelos tão longos. Tampouco tentava arrombar a porta trancada que dava no quarto dos pais. Em vez disso, levava um carrinho de compras, e era sacudida pelos ombros por uma mulher de cabelo curtinho, de tom castanho avermelhado. Dona de uma

pele branca e sem manchas, mas com sulcos do tempo marcando a área dos olhos assustados e o contorno da boca de batom nude. Não era a sua mãe.

Claire a fitou com uma expressão vazia por alguns segundos, então a reconheceu. Aquela era Sarah Baker, esposa de Tony.

– Desculpe, eu estava pensando em... – Claire não conseguiu completar a frase.

– Na sua mãe. Pobre menina... – disse a mulher, usando seu melhor olhar de compaixão.

– Em trabalho! – Claire emendou rapidamente, como se negar que se lembrara do suicídio da mãe fosse a coisa mais importante do mundo.

– Mas você falou...

– É só uma matéria que estou escrevendo. Não se preocupe, Sarah. Às vezes fico tão envolvida que me pego revivendo o texto no meio da rua, ou... fazendo compras, veja só!

Nesse ponto a consciência de Claire estava de volta por completo. O que não a ajudou em nada a pensar numa desculpa decente – nem a deixar suas bochechas menos rosadas. Mas Sarah percebeu o esforço de fugir do assunto e não quis forçar a barra.

– Que bom – disse ela, indulgente –, então vamos ao que interessa. Você está em Salina a trabalho, querida?

E estava aberta mais uma temporada de perguntas para Claire Ellie Price, a renegada.

– Na verdade...

Ela repetiu a história de sempre: jornalismo... divórcio... *Salinews*. Estava ficando de saco cheio de ser a protagonista nessa novela de uma única e repetitiva fala. *Mas nem adianta se estressar, pois ainda vai ter muito disso pela frente*, resignou-se.

A dona do mercado já havia extraído todas as informações sobre sua volta e estava agora apontando para um catálogo aberto nas mãos, com fotos de mostradores de design arrojado que eles haviam encomendado diretamente de Nova York.

Dizer que Nova York é o completo oposto de Salina era insuficiente. Se um nova-iorquino trocasse de lugar com Claire por um dia, certamente ficaria apavorado. Consideraria qualquer pergunta pessoal demais, mas acontece que tudo em cidade pequena ficava pessoal demais. Todos eram intrometidos, e, à sua maneira – irritadiça –, Claire começava a se reacostumar.

– E então, o que achou? – perguntou Sarah.

– Oi? Sobre o quê?

A mulher franziu o cenho e sua expressão falou por ela: como assim “sobre o quê”? Você não estava me ouvindo, por acaso?

– Quero dizer... você quer a minha opinião sobre os mostradores? – retificou Claire.

– Claro! Você é jornalista, não é? Entende dessas coisas de arte.

Nossa. Sua lógica é impressionante.

– Achei de muito bom gosto – disse apenas, presumindo que era o que Sarah queria ouvir.

– Ótimo! – concluiu a mulher com um suspiro de satisfação, dando o caso por encerrado. Então elevou a voz de supetão: – Tonyyy! Vem cá ver quem está aqui. E chame os meninos no depósito!

Careca, com seus bondosos olhos azuis e o característico sorriso tímido que nem mostrava os dentes, Tony Baker se aproximou seguido pelos dois filhos. Thomas, o mais velho, tinha os mesmos traços do pai – isso se este fosse vinte e tantos anos mais novo e ainda tivesse o topete castanho. Já Seth destoava um pouco, nem tão parecido com o pai ou com a mãe, com uma cabeleira bagunçada e a pele ainda marcada pela acne da adolescência.

– Oi, gente. Quanto tempo, né? – cumprimentou-os Claire, sem jeito. Não sabia ao certo o que ou como dizer, só queria acabar logo com aquilo.

– Olá, Claire... E aí?... Oi... – repercutiu o coro masculino.

– Thomas está com 23, e o Sethzinho já chegou aos 19, acredita? Eles crescem tão rápido!

– Imagino, Sarah.

– E você, Claire? Está com 30 anos? 31?

Ah... a senhora Baker ainda não tinha feito todas as perguntas íntimas, afinal.

– Trinta e três – respondeu Claire, desejando ser abduzida por alienígenas.

– E não pensa em ter filhos?

Vamos lá, aliens. Se vocês existem, essa é a hora!

A jornalista tossiu algumas vezes. Não que estivesse querendo mostrar seu desconforto. Simplesmente não sabia – ou não conseguia – responder.

– Sarah, acho que devemos deixar a senhorita Price voltar às compras – interferiu Tony. *Graças a Deus! Hum. Quer dizer...*, pensou a ex-mórmon. – Por favor, Claire, fique à vontade para chamar qualquer um de nós se precisar de ajuda.

– Você está certo, Tony, eu me empolguei. Peço que me desculpe, Claire.

– Tudo bem, Sarah.

– Meninos, podem ir... esperem! Não antes de se despedirem, ora essa!

– Desculpe, mãe. Tchau, Claire – falou o mais novo, polidamente.

– É isso aí! A gente se vê, Claire Price – disse Thomas, antes de se virar e sair, caminhando despreocupadamente.

Claire achou engraçada a careta que Sarah fez pelo tom pouco formal do primogênito. Com cabelos curtos e calça de alfaiataria em vez do tradicional saião, ela não aparentava ser uma das beatas que proclamavam a globalização como o "mal do século", o grande vilão por contaminar os jovens mórmons com aqueles "jeitos de falar esquisitos" – algo que já vinha acontecendo em cidades como Salina desde a juventude de Claire.

– Vemos você no domingo, querida? – indagou Sarah.

A expressão confusa a denunciou.

– Na reunião sacramental – esclareceu Tony.

– Não sou mais da Igreja – ela respondeu lacônica.

De um jeito ou de outro, não teria como esconder por muito tempo, não é mesmo? Não com todos lhe bombardeando com perguntas o tempo todo. Paciência se isso iria comprometer a sua reputação na comunidade. Se iria dificultar as suas reportagens ou qualquer coisa parecida. *O preconceito é problema* deles*!*

– Oh... – foi o que os dois soltaram em resposta, incapazes de ocultar a decepção (julgamento, no caso de Sarah).

– Mas o bom filho à casa torna – acrescentou a mulher. – Você já voltou para Salina, quem sabe... – ela deixou a fala reticente de propósito, então abriu um sorriso arrogante e se despediu, com Tony indo logo atrás.

Qual é a dessa elite salinense pra cima de mim?, questionou-se Claire.

Bom, ela sabia que os Baker eram amigos próximos dos Jenks. Todos na cidade sabiam. Vai ver ela virara um assunto interessante para o *brunch* de sábado. Isso no passado. E agora estava de volta, para o deleite dos ricos entediados, se era esse o caso, coincidentemente quando outro assassinato bizarro chocou a cidade.

Ou talvez só estivesse ficando paranoica, com sua infalível desconfiança. Mas ali, parada no mercado, com aquelas cordas a lhe atrair a vista, é que não iria descobrir. Eis que sua dúvida (ou paranoia) tomou outro rumo e ela de repente se deu conta de que ainda faltava saber como seria o seu encontro com outros ricaços bem menos afáveis, os Christensen.

Um senhor entrou no corredor das ferramentas, e essa foi a deixa para ela sair dali. Tendo comprado tudo, até mais do que precisava, Claire encerrou as

compras, passou pelo caixa e pagou a Tony sem mais conversa. Guardou as sacolas e o novo micro-ondas no bagageiro do Camry e, ao sentar no banco, expirou, libertando toda a tensão que latejava em seu peito desde que colidira com o baú e seu angustiante conteúdo.

Inspira, expira. Inspira, expira.

A tensão foi aliviando aos poucos, mas a dor... essa estava bem viva. Mesmo sem ter testemunhado a cena, Claire conseguia visualizar, sob um filtro sépia de tristeza, a imagem da mãe desolada comprando uma corda. Tirando do emaranhado de "cobras" sem vida o fim da sua.

Compras guardadas. Mala finalmente desfeita. Cada tarefa realizada com o cuidado de não pensar mais em cordas, ou no que uma delas havia lhe roubado – era tão mais fácil culpar uma simples corda...

Desde que ligou o carro em frente ao mercado até aquele momento, Claire travou uma árdua batalha para não pensar em absolutamente nada. Sabia que se acordasse um pensamento, todos os outros despertariam. Estava com a geladeira e os armários cheios, mas sem fome, e chegou a se esquecer de preparar o chá que se havia prometido. Apenas tomou um banho e caiu na cama, esgotada, ainda enrolada na toalha.

No piloto automático, não se deu conta de que seu corpo ainda doía – não que ela fosse admitir isso. E não era a dor da lembrança, mas a dor física desde seu acordar sem memórias. Mergulhada em sono profundo, poderia, por ora, escapar dos pensamentos sobre a amnésia que fingiu ignorar. Mas seu subconsciente sabia a verdade. Sabia que ela já passara por aquilo... Sim, e não. Não do mesmo jeito.

10

Na alvorada de quinta-feira, o estridente despertador do celular de Claire a fez pular da cama, levando ao chão a toalha em que dormira enrolada (na qual, para seu alívio, lembrava-se de ter dormido).

Nua na cozinha, mordiscando uma torrada com manteiga, pôs a parte mais acordada do cérebro para trabalhar na agenda do dia. A sonolência, porém, permitiu-a decidir apenas o primeiro destino, o que teria que valer. Logo, telefonou para Brian avisando que não passaria pelo escritório.

– Minha meta é coletar novas perspectivas sobre o assassinato de Ro... *James* – disse ao chefe, corrigindo-se bem a tempo.

De volta ao quarto, abriu o armário, agora organizado, à procura de uma roupa que transmitisse profissionalismo. *E por acaso eu tenho uma dessas?*, pensou, revirando os cabides. Gostaria de usar a camisa de cetim creme que ganhou de Logan havia dois anos. Mas a ideia de usar mangas compridas no calor intenso daquele último mês de verão deixou-a claustrofóbica. Assim, escolheu uma calça cáqui e uma blusa branca de seda sem mangas.

Deu uma última olhada no espelho antes de partir para o Camry. A blusa era cavada, mas tapava perfeitamente a marca nas costas, o que para ela era imprescindível. Daquele jeito, com a maleta preta empunhada, até parecia uma executiva. Achou graça da aparência, bem mais formal que de costume, e, confiante, seguiu para enfrentar a nova contenda que aquele dia lhe reservava.

Em Coal Sevier ficavam todas as escolas da cidade. Havia uma para cada fase escolar, e era na Coal Sevier High School que tanto Rob quanto James estudaram. O prédio, de um marrom e bege nada empolgantes, tinha uma escadaria na entrada com jovens circulando, ou matando tempo, praticamente o dia todo.

Claire se aproximou de duas garotas tagarelas e perguntou sobre James. Para facilitar as entrevistas, trouxe além das ferramentas básicas de trabalho (câmera fotográfica, laptop, bloco de anotações, caneta e lápis), um gravador portátil de fita cassete, que felizmente encontrara jogado no fundo de seu guarda-roupa.

Velho, feio, mas funcionando perfeitamente com as novas pilhas que havia comprado.

Fita nova não comprou, isso nem passaria pela cabeça dela, mas não foi um problema. Testou antes de sair, e a que já havia dentro do gravador ia servir. Sequer se importou em checar seu conteúdo antes de começar a gravar por cima. Que ficasse no passado o que a ele pertencia – algo que era mais fácil na teoria que na prática.

As adolescentes responderam com euforia, atropelando uma a outra. Nem ao menos quiseram saber o porquê da pergunta.

– Ele era um gato!

– Sorriso de tirar o fôlego.

– Além de tudo era charmoso.

– E inteligente.

– E atlético!

– Certo, meninas, obrigada. E sobre o assassinato... – disse Claire, tentando manter o foco. – Sabem se James tinha algum inimigo? Se estava mudado ou andando com gente estranha?

– De jeito nenhum! – respondeu uma loira de sardas. – James era um cara popular. Acho que todos gostavam dele. E eu, pelo menos, não notei mudança nenhuma. Continuava o James, ai ai... – ela soltou um suspiro – o James perfeito de sempre.

– E ele não fazia o estilo *bad boy*. Não se metia em encrenca, muito menos com gente escrota – disse a outra, que também era loira, e usava uniforme de líder de torcida.

– Você devia falar com Calvin, Daniel e Simon, os melhores amigos dele – sugeriu a sardenta.

– Certo, obrigada – respondeu Claire, então pausou o gravador e liberou as jovens.

Ela não queria entrar na escola pois poderia ter problemas com a diretoria por ficar abordando os alunos e, assim, ser obrigada a manter distância. Resolveu, portanto, rondar a escadaria por mais um tempo, conversar com outros alunos. Uma hora ou outra os três amigos da vítima teriam que passar por ali.

“Lindo de morrer”, “o cara era gente boa”, “grande perda para o time de futebol”, “amigão da galera”...

Nas duas horas seguintes, Claire gravou só elogios sobre James, embora o

perfil nada diversificado dos entrevistados a estivesse incomodando bastante. Mas o que ela esperava? Só os alunos “descolados” ficavam transitando por ali em pleno horário de aula. Enquanto as chamadas “minorias” – negros, latinos, católicos – estavam em classe, como se espera de todos os alunos àquela hora.

– Oi. Posso fazer umas perguntinhas sobre James Christensen pra vocês?

– Tem que ser pra nós? – perguntou, desanimado, um garoto de cabelo preto meticulosamente bagunçado.

Percebendo como a expressão dos três jovens se transformou só de ouvir o nome de James, Claire logo entendeu quem eram aqueles garotos.

– Vocês são Calvin, Daniel e Simon, não são? Os amigos mais próximos de James?

– Eu sou o Simon – respondeu o garoto do cabelo “bagunçado”.

– Eu o Calvin – falou o garoto de pele oleosa e cabelo castanho ao lado.

– E eu sou Daniel – disse por último o jovem loiro de topete com gel, ombros largos e faces rosadas.

– Sei que não deve ser fácil... – Claire tentava achar as palavras certas para persuadi-los a falar. – Mas qualquer informação que puderem dar pode ajudar a encontrarmos o desgraçado que... fez o que fez com ele.

– Ué, nós já falamos com a polícia – disse Calvin, confuso.

– Eu não sou da polícia. Sou do *Salinews*, e posso garantir a vocês que estamos tão engajados em desvendar esse crime quanto o chefe de polícia Videla e sua equipe – na verdade era *ela* que estava engajada, mas isso soaria controverso. – Sou Claire Price, prazer.

Merda! Que mancada!, condenou-se em pensamento. *Por que cargas d’água tinha que mencionar “Price”?*

Desejando com todas as forças que o sobrenome de uma das histórias mais famosas de Salina – pelos motivos errados – não fosse reconhecido por nenhum dos três, ela exibiu a sua melhor cara de paisagem e continuou:

– Posso começar com as perguntas?

Seis olhos esbugalhados a encaravam, fascinados.

– Cara... – soltou Calvin.

– Cara, isso é irado... – foi a vez de Simon.

– Você é praticamente uma lenda viva, sabia? – disse Daniel.

Alguns segundos embaraçosos se passaram.

– Ok – foi o melhor que Claire conseguiu improvisar. Então ligou o gravador e perguntou: – Podemos?

– Beleza – concordaram os garotos.

– Vou soltar um monte de perguntas e quero que me respondam, um de cada vez, por favor, as primeiras coisas que lhes vierem à mente, beleza?

Os três concordaram com um aceno de cabeça. Estavam agora tão compenetrados quanto cachorros assistindo a frangos girarem no assador.

– Vamos lá: como vocês descreveriam James Christensen? Quero dizer, que tipo de pessoa ele era com os amigos, com a família, na escola? O que ele fazia no tempo livre? Com quem mais andava? E quanto a garotas? Sabem se ele tinha algum inimigo? Alguma coisa que possa ter feito que aborreceu alguém?

De repente as três vozes pareciam treze. Não só eles desconsideraram completamente a instrução de falar um por vez, como começaram antes mesmo que Claire terminasse as perguntas. Ela estava utilizando uma técnica aprendida na faculdade, que supostamente era bastante eficaz com entrevistados dispersos, como crianças e adolescentes. Aquele turbilhão de perguntas tanto acionava quanto lhes confundia o cérebro, então acabavam respondendo além do que fora perguntado, o que era exatamente do que ela precisava. O fator inexplorado.

Mas, depois que Claire conseguiu pôr ordem naquele falatório, Calvin, Simon e Daniel contaram mais do mesmo: que James era um cara legal, boa-pinta, que todos gostavam dele etc. Disseram também que ele tirava boas notas, nunca falava mal da família, que dedicava o tempo livre ao futebol, e que não namorava porque não precisava, já que poderia ter qualquer garota quando bem entendesse... e, claro, que ele não tinha nenhum inimigo.

– Até os panacas gostavam dele – arrematou Simon.

– Panacas?

– É. Os nerds, os boiolas, enfim, os *outros*. Não como a gente – respondeu. Simon não precisava explicar mais nada. Claire conhecia bullies. Principalmente esse tipo, que não se considerava bullie. Conhecia muito antes de uma onda de adultos desequilibrados promover matanças por todo o país com a justificativa de terem sofrido bullying na infância. “A partir do momento em que aceitarmos os meios justificando os fins, está tudo perdido”, dizia, apesar de ainda assim condenar em primeira instância os bullies, bem mais do que suas vítimas que mais tarde cediam à loucura.

Todavia, bullying não era o caso ali... ou era?

Nem Claire, nem a polícia – muito menos a polícia – haviam considerado a possibilidade, embora os dois executados fossem adolescentes de 17 anos, que poderiam muito bem torrar a paciência dos outros garotos e ter acordado alguma fúria dormente de um deles.

Isso mudaria tudo.

– Meninos, podem me dar o nome desses *panacas*?

O dia em que o corpo de Rob foi encontrado na residência dos Dresch não foi o último em que Claire transitou pela rua poeirenta. Mas, agora, dirigindo lentamente o Camry por ela, era como se aquela manhã infernal de outono tivesse sido ontem. Não, não foi ontem. Mesmo assim havia algo de muito familiar no ar...

Da dúzia de nomes que a gangue de James mencionou, um em especial ofuscou todos os outros. Um nome que passava tão despercebido quanto a pessoa por trás dele, mas não ao radar de Claire. Ninguém menos que Michael Dresch.

No passado, Claire duvidou de suas próprias suposições quanto ao envolvimento do bispo no assassinato de seu irmão. Saindo da escola, porém, não pôde deixar de pensar se, porventura, estivera certa em algum nível. E se também estivesse certa sobre o novo crime ter sido cometido por um aprendiz? A dupla pai e filho seria, no mínimo, de se suspeitar.

Mais uma vez desconfiada, a jornalista deu uma boa olhada para a casa sem muros. Lugar de lembranças tão dolorosas... lugar que, naquele momento, não era o seu destino. Em vez de abordar Michael do lado de fora da escola, ela havia decidido ir direto ao pai do garoto.

Não fazia a menor ideia do que esperar deste reencontro.

A capela de Salina da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias era, desde a sua definição, uma estrutura modesta. Mas ser considerada capela, em vez de templo, não importava aos salinenses, tampouco ao atual bispo, ou aos que ali passaram antes dele. “O que importa é que esta é a nossa Casa do Senhor”, diziam os fiéis sempre que um leigo perguntasse a respeito.

De fato, não existiam diferenças drásticas entre uma coisa e outra. Claro, havia a questão de tamanho – apesar de existirem no estado capelas tão grandes que incluíam quadras de esporte –, mas a principal diferença era o fato de que só o templo denominava-se como local sagrado. Isso queria dizer que a entrada nos templos era limitada a mórmons e, por isso, certas ordenanças (sacramentos) ocorriam exclusivamente em salas especiais desses lugares.

Com isso em mente, a capela SUD de Salina era capela só no nome, pois funcionava exatamente como templo, mas sem nem um pouquinho da ostentação de um. No local, que devia ser público e aberto para visitação, era

permitida somente a entrada de santos, e nele eram realizados todos os sacramentos, sem exceção – ninguém queria ir até o templo de outra cidade realizar sua investidura ou casamento religioso.

No fim das contas, não era como se a matriz de Salt Lake fosse mandar alguém para averiguar e, portanto, a ordem desordenada seguia sem percalços. Para Claire, isso mostrava como, até na religião, cidade pequena era cidade sem lei. Por mais preconceituoso que soasse, não deixava de ser verdade. Ao menos em Salina.

Localizada em frente a um parque circular, modesto, com seis árvores e três bancos, a capela era de um tom de caramelo desbotado, com detalhes em branco. Sem cruz e com um único andar, de fora mais parecia uma pitoresca casa do que uma igreja.

Dentro existia uma divisão de salas. A maior delas era a sala sacramental, onde aconteciam as reuniões de adoração aos domingos. A menor era destinada às aulas de escola dominical e demais estudos dos evangelhos, enquanto as outras duas eram voltadas aos serviços prestados pela Sociedade de Socorro. Havia nos fundos ainda mais uma saleta, utilizada pelo bispo.

Claire tinha uma boa memória de como era lá dentro, e algo lhe dizia que não tinha mudado grande coisa. Não que pudesse conferir, tendo em vista que, devido à caracterização descabida de local sagrado, uma excomungada não poderia dar nem um passo ali dentro.

– Olá? – perguntou da porta.

A única resposta foi o eco de sua própria voz.

– Bispo Dresch? – chamou novamente, reverberando pelo salão principal.

Dessa vez não demorou para uma sombra aparecer à distância. Uma sombra robusta.

Estranho. Ainda que o bispo tivesse engordado muito, não teria como estar tão mais alto, ponderou.

Logo enxergou que não se tratava de uma sombra gorda, mas de duas sombras juntas. Tão juntas que pareciam uma mesma pessoa.

– Pois não, senhorita? – os dois falaram ao se aproximar.

– Acho que não os conheço. Sou Claire.

– Eu sou Aaron Westphal – apresentou-se um deles.

– E eu sou Blake, prazer – disse o outro.

Os gêmeos Westphal não deviam ter mais que 20 anos, eram altos e magros, de cabelo castanho curto e pele rosada. À primeira vista, não tinham qualquer característica que diferenciasse um do outro – não estivessem parados, Claire já

não saberia mais qual era Aaron e qual era Blake.

– Somos conselheiros do bispado – falaram em coro.

Quer dizer que o bispo finalmente abriu mão de fazer tudo sozinho, ela constatou.

– Você veio falar com o bispo Dresch, Claire? – perguntou Aaron.

– Sim. Ele está?

– Está na sala dele, lá atrás – ele respondeu.

– Pode entrar – completou ingenuamente o irmão.

– Vou até aí – disse uma terceira voz, oriunda do breu da sala sacramental.

Era "Little Dresch" que se aproximava. Com seu andar caricato, terno de risca de giz, e – como não poderia ser diferente vestido daquele jeito – o consequente suor escorrendo pela testa negra.

– Claire não é mais da Igreja, meus caros conselheiros – disse olhando para os gêmeos. Seu olhar então se voltou para ela: – Recebi o memorando de sua saída com pesar, Claire. Mas a Bíblia diz que cabe a cada um escolher qual caminho quer seguir, não é? E você fez a sua escolha. Que tal conversarmos ali na praça?

– Perfeito – concordou a ex-mórmon.

Sentaram-se num dos bancos à sombra de duas árvores.

Claire ficou embaraçada com a tranquilidade do bispo em sua companhia. Não que ele estivesse agindo de modo estranho, ou sequer diferente de como sempre fora. Era ela quem estava desacostumada à figura religiosa, sobretudo à figura em questão.

– Estou feliz por vê-la – ele falou, quebrando o silêncio.

A recíproca não era verdadeira, e Claire se sentiu uma pessoa ruim por isso. Quer dizer, não *só* por isso.

– Que bom, bispo – respondeu, incapaz de corresponder. – Voltei para ficar. Estou trabalhando para o Brian – disse de uma vez, abreviando as introduções.

– E o seu marido? Você era casada quando renunciou à Igreja em Ephraim, não era?

Porcaria de Igreja! Precisavam mesmo passar toda a minha ficha pra cá?

– Sim. Divórcio – disse, deixando nítido que preferia não entrar nesse assunto. – Falando nisso, como está Lydia?

O rosto do homem mudou de simpatia para dor. Uma mudança súbita que Claire conhecia muito bem.

– Acho que você não soube... Lydia faleceu.

– Como? – *Como eu não fiquei sabendo disso antes por Brian ou Judy?*,

perguntou-se.

– Ela sofreu um infarto fulminante. Isso foi alguns meses depois que você foi embora. Fui para casa almoçar e a encontrei caída na cozinha. Já estava... você sabe.

– Sinto muito.

– Até hoje não consigo entender, ela era nova, saudável... me conforto pensando que o plano de Deus para ela já havia se concretizado. Que parte desse plano foi gerar Michael, e a outra parte me salvar, me guiar no caminho da fé verdadeira. Mas, mesmo depois de tantos anos, ainda dói, sabe?

Claire meneou a cabeça afirmativamente.

– Ora, o que estou dizendo, é claro que você sabe. Céus, eu a amava tanto! – Ela pousou a mão sobre as de Ethan, agora cabisbaixo. Não queria continuar falando sobre a morte de Lydia. Pobre Lydia. Outra levada cedo demais...

Estava, de verdade, abalada com a notícia, mas lembrava muito bem por que estava ali. A conversa havia tomado esse rumo inesperado e ela precisava dar um jeito de falar sobre Michael, por mais insensível que isso pudesse ser.

– Bispo, e o Michael, como está? – tentou começar com uma amenidade.

– Ah... a morte da mãe arrasou o meu menino. Era muito ligado à Lydia, tinha apenas 5 anos quando aconteceu... Uma criança não deveria crescer sem a mãe. Pensei que com o tempo fosse melhorar, mas a adolescência só piorou as coisas. Ele ficou ainda mais recluso, sempre trancado no quarto com seus fones de ouvido. Eu tentei... Michael nunca quis conversar comigo. De certa forma acho que me culpa.

– Mas isso não faz o menor sentido.

– Claire, adolescentes não fazem sentido.

– É. Eu sei – ela admitiu. – Às vezes é mais fácil para eles conversarem com os amigos.

– Se ao menos o Michael tivesse algum.

– Ele não tem nenhum amigo? Nem na escola?

– Que eu saiba, não. Mas, como falei, ele não conversa comigo.

– E ele tem boas notas na escola? – perguntou Claire, sentindo estar sendo óbvia demais no seu interesse no garoto.

– Vai bem, sim – respondeu o bispo, não parecendo notar.

O pior é que ele estava colaborando, mas Claire não conseguia mais disfarçar as perguntas. Talvez fora a notícia do falecimento de Lydia, ou apenas a naturalidade do homem a seu lado, a quem ela acusara tão abertamente de ser um criminoso. A situação era totalmente desconcertante. Sem mais

subterfúgios, optou por entrar em outro rumo:

– Olha, bispo Dresch, eu estou escrevendo sobre o assassinato de James Christensen. – O religioso ergueu as mãos e as levou ao rosto, como se dissesse "Deus! Aquilo foi terrível". – E, como seu filho estudava com ele, eu gostaria de, bem... conversar com Michael. Isso se você concordar... – *Se pudesse ser honesta, diria que decidi falar de uma vez com ele porque vi que de você não vou conseguir nada útil.*

– Não vejo por que não – ele respondeu. – Aliás, você vai sábado?

– O que tem sábado?

– Falha minha, Claire. Pensei que já soubesse ou tivesse visto os panfletos. É o festival semestral de todos os santos. Será na Blackhawk Arena, de tarde. É aberto a pessoas de todas as crenças. Você pode falar com Michael lá. Deus sabe que isso será bom para ele, pois costuma ficar de lado nesses eventos.

– Ah, é?

Sábado já era um dia depois do prazo definido por Brian, mas pra que ter pressa? Ela já havia decidido que a primeira matéria seria sobre o descaso administrativo e policial para com os cidadãos de Salina. Poderia deixar o tópico "suspeitos" para a semana seguinte.

– Ficarei muito contente se você comparecer – disse o bispo. – Não só eu. Creio que todos ficarão contentes por revê-la.

Não tenho tanta certeza, Claire pensou, mas mesmo assim respondeu:

– Pode contar comigo.

11

A caminho do carro, Claire viu pelo relógio da praça que havia passado do meio-dia. Decidiu almoçar sozinha num lugar que não ia há muito, muito tempo: o bar e lanchonete Rigby's – outro desses inexplicáveis negócios de Salina que, principalmente pela pouca concorrência, fez de seus donos parte da restrita burguesia local.

Na Main Street, achou uma vaga para estacionar paralela ao restaurante, que exibia uma nova placa, e estava agora pintado por fora com um vermelho berrante e algumas faixas em amarelo. A nova paleta externa transformava o Rigby's numa cópia brega e barata de uma lanchonete do McDonald's, o que, para Claire, descaracterizava o lugar sem qualquer necessidade. Aquilo só podia ser coisa de Margareth Rigby.

Ao entrar, procurou a mesa no canto mais reservado. Caminhou até ela e acomodou-se na cadeira à parede, de onde tinha uma visão ampla do recinto. Em vez de contemplar o lugar em que tantas vezes estivera ao longo da vida, Claire prontamente pegou o laptop da maleta, que colocara na cadeira ao lado, e o abriu sobre a mesa para tomar notas sobre aquela manhã.

Teve a atenção interrompida quando a voz desanimada de uma garçonete se manifestou:

– Já escolheu?

Sem tirar os olhos da tela, Claire respondeu:

– Desculpe, nem olhei o cardápio ainda. – *Como você deveria saber, já que ele está ali, intocado*. – Mas pode ser um sanduíche de peito de peru e um suco de laranja.

Recriminando-se por ter pensado aquela grosseria, Claire levantou o rosto para a atendente, decidida a parecer não tão mal-humorada, mas não conseguiu abrir o sorriso artificial que programara. A mulher pouco disposta era Angeline Hart – o que por si só explicava tamanha apatia. Era evidente que Angeline reconhecera a ex-amiga ali sentada, e possivelmente preferia morrer a atendê-la, mas não parecia haver outra garçonete à vista, logo, ela não teve escolha.

As duas permaneceram em um silêncio constrangedor por alguns segundos,

buscando palavras para uma conversa fiada que nenhuma delas queria iniciar. A verdade é que não tinham nada a dizer, nem mesmo queriam se encontrar. E, assim, sem trocar qualquer outra palavra, resolveram fingir que não se conheciam e seguir suas vidas, exatamente como costumavam fazer anos atrás.

Depois de ver Angeline largar o pedido em silêncio e dar as costas novamente, Claire fechou o laptop. Deu um gole no suco e uma mordida no sanduíche, esforçando-se para não pensar que a garçonete pudesse ter cuspido em sua refeição, ou coisa pior. Não eram mais amigas, ok, mas não é como se Claire tivesse feito algum mal a ela nem nada. Não tinha por que desconfiar... ou tinha?

Para não ficar – ainda mais – perturbada durante o almoço, tratou de se entreter com o ambiente, só então correndo os olhos pelo interior do Rigby's. Famílias e pessoas simples dividiam o lugar com bêbados no balcão do bar. É. Aquilo conseguia ser mais perturbador – e, ao mesmo tempo, fascinante.

Embora o casal Rigby fosse SUD, seu estabelecimento servia álcool a qualquer hora, e, como em praticamente todo bar, bastava estar aberto para ter alguém se embriagando ali. Foi então que Claire reparou num par de olhos azuis-piscina lhe encarando atrás do balcão. Eram olhos de um azul perigoso. Quando retribuiu o olhar, a mulher se virou, como se seus olhares tivessem se encontrado por acaso e ela não reconhecesse Claire.

Será possível?, pensou, esperançosa. Adoraria que sim. Nunca havia comentado com ninguém, mas não gostava nem um pouco de Margareth. Sabia que isso soaria como inveja. A maldita conseguia ser linda, e, não fosse o suficiente, era sensual feito a ilustração de uma cigana. Com seus longos cabelos negros, cintura fina e seios fartos, Margareth chamava atenção por onde passava, e sabia disso.

As duas tinham a mesma idade (talvez Margareth fosse um ou dois anos mais velha). Claire se lembrava, como se tivesse sido ontem, de sua mãe contando quando Noah Rigby, quase vinte anos mais velho, tomou-a como esposa e sócia em seu negócio. O preconceito da maioria das mulheres com relação a Margareth era embasado meramente por sua aparência. Mas Claire pensava diferente. Não fosse assim, teria que odiar Judy pela mesma razão.

Para ela, Margareth não era oportunista só pelas circunstâncias que a cercavam. Ela era, ponto final. Graças a ela, muitos jovens menores de idade, como Rob, conseguiam comprar bebida alcoólica, ainda que isso fosse estritamente proibido em Utah – desde os primórdios da legalização do álcool nos Estados Unidos –, e mais ainda entre os SUD. Contudo, não vender

significava não faturar, um pecado capital na bíblia pessoal de Margareth.

O copo e o prato de Claire já estavam vazios. Bom, Margareth ao menos serviu para distraí-la de Angeline. Ela guardou o laptop na maleta e caminhou até o caixa, com a esperança de que Noah também não a reconhecesse, ou fingisse não conhecer... ou seja lá o que aconteceu minutos antes quando flagrou Margareth olhando para ela.

O cabelo e o espesso bigode grisalhos, dos quais Claire tinha lembrança, estavam agora completamente brancos. Ele também estava mais magro, e suas rugas eram mais profundas. Somente as sobrancelhas permaneciam sem nenhum fio branco, emoldurando seus olhos, pretos e sombrios. Não tivesse aquela expressão tão severa, poderia passar por um simpático senhorzinho. Mas simpatia era uma coisa que jamais se veria em Noah, nem na mais insólita realidade.

– Pegue seu troco – ele disse.

Claire atendeu a ordem sem se importar com o tom áspero de Noah. Não ter sido reconhecida era cortesia suficiente.

Era a ilusão de que poderia finalmente arquitetar a sua própria história. Como se não precisasse mais viver das migalhas do passado.

Já algum tempo depois de ter saído do Rigby’s, dirigindo devagar pela vizinhança mais exclusiva da cidade, Claire passou em frente ao portão que resguardava a pomposa e cafona moradia dos Jenks. Curiosamente, a passagem a lembrou mais do seu quase acidente com o caminhão monstro – que julgava pertencer à Jenks Trucking –, que do descabido almoço que tivera com aquela família no dia. Não que estivesse realmente pensando numa coisa ou outra. Era apenas a sua mente tentando afastar os receios quanto ao seu próximo destino naquela tarde de quinta-feira. Até que ela chegou e estacionou o Camry, e sua mente não tinha mais como dissimular a verdade.

O temido local não podia ser outro que não a casa e clínica dos Christensen, cuja estrutura havia sido totalmente renovada. O estilo vitoriano agora dava lugar a um grande cubo de cor grafite, tão moderno quanto frio, o que não combinava com a rua nem com a cidade, mas era perfeitamente adequado aos atuais proprietários – para combinar mais, só se fosse um imenso cubo de gelo.

Não existia mais o telhado azul-marinho inclinado e delicadamente ornamentado que o velho Christensen mantinha com tanto orgulho; a casa-clínica tornou-se um monólito e só. Seus muros também haviam sido derrubados, revelando um apagado jardim – se é que se podia chamar aquela

extensão de grama e um único pinheiro podado de jardim –, que Claire cruzou, sobre um caminho de pedras, para chegar ao interfone, que ficava sob uma placa com a identificação dos dois médicos. Notou que acima havia uma câmera de segurança apontada em sua direção.

– Clínica familiar Christensen, em que posso ajudá-la? – disse a voz pelo interfone. Claire deduziu ser a secretária.

– Gostaria de conversar com o doutor Christensen.

– Pode se identificar, por gentileza? É paciente?

Como sou estúpida! É claro que ele não vai me atender sem mais nem menos. Não a mim.

– Na verdade... quis dizer com a *doutora* Christensen, a senhora Alma. Diga que é Claire Price.

Dentro de alguns instantes a porta se abriu e a jornalista pisou na sala de espera reformada, com paredes creme e decoração minimalista. A bela secretária a recebeu à mesa de vidro. Sorridente, ela pediu a Claire que aguardasse. Depois de uma ligação rápida e sucinta, indicou que seguisse por um corredor até a segunda sala à esquerda.

Claire percorreu o caminho sobre o piso de porcelanato com uma estranha hesitação a cada passo... ainda que não fosse Alma o real motivo de sua ansiedade por estar ali.

– Então, o que você quer? – perguntou a médica, antes mesmo que Claire terminasse de fechar a porta ao entrar no consultório.

Talvez eu a tenha subestimado. Talvez ela seja pior que o marido, pensou, calculando como começar, enquanto se sentava na poltrona de couro preto e branco diante da mesa da mulher.

Alma Christensen, assim como Margareth Rigby, não tinha uma aparência mórmon, embora compará-las fosse um completo disparate. Seus traços e postura exalavam aristocracia, e seu cabelo loiro era tão curto e andrógino quanto o da top model Twiggy no auge da carreira. Os olhos azuis e vazios, combinados com a magreza e altura, faziam-na parecer uma moderna doutora Barbie, a despeito de seus quase 40 anos. Além disso, não era vista usando as vestimentas tradicionais das SUD, mas sempre seus terninhos claros de marca, cujas saias ficavam mais de um palmo acima dos joelhos, deixando suas longas pernas sutilmente à mostra, sem ficar vulgar, tamanha a austeridade de sua figura.

– Na verdade, não é um assunto fácil... – falou Claire, ciente de ser uma péssima introdução e de não ter dito coisa alguma.

– Bom, você deve saber melhor que ninguém, não é? – replicou Alma, parecendo saber exatamente o que a outra quis dizer e por que estava ali, por mais incoerente que isso fosse.

Alma não tinha aquele olhar de pena que Claire se acostumara a odiar. Além disso, não estava sendo inconveniente fazendo perguntas indiscretas como quase todos faziam. Como ela mesma – às vezes inconscientemente, às vezes não – fazia.

Claire não tinha por que se fazer de boba.

– Sei, mas não como uma mãe – disse então.

– A polícia não está fazendo nada para pegar o assassino. E você? – perguntou a médica, indo direto ao ponto.

– Quê?

Não estava preparada para a súbita indagação, tampouco esperava que a mãe da vítima já soubesse de sua empreitada.

– Claire, eu sei que você voltou a morar aqui, que trabalha no *Salinews* e que vai escrever sobre o assassinato de meu filho – ela esclareceu.

– E como já sabe de tudo isso? Não tem nem uma semana que estou aqui...

– Você deveria conhecer essa cidade melhor do que eu. Deveria saber como as notícias correm por aqui – explicou-se. – Principalmente notícias sobre os que publicam as... "notícias" – desdenhou.

Claire ignorou o tom depreciativo da médica, mesmo porque ela não estava de todo errada. Lera um bocado de edições antigas do *Salinews*, e nem tudo que lá havia se podia chamar de *notícia*. Acima de tudo, Alma parecia querer colaborar, e era disso que ela precisava.

– Estou tentando – disse, enfim, respondendo à inesperada pergunta, sem conseguir pensar em outra coisa para dizer além da verdade.

Então percebeu que as mãos de Alma começaram a tremer, mas que ela manteve o semblante impassível. De repente, a médica tirou da gaveta um punhado de pílulas e as engoliu de uma só vez, com ajuda de um copo d'água que estava sobre a mesa de mármore branco.

Claire não perdeu tempo e partiu para seu interrogatório-padrão. Perguntou se ela sabia de alguma inimizade de James, como ele ia na escola, se havia notado algo estranho no comportamento dele, e se ele contara em casa qualquer informação que pudesse ajudar a desvendar por que estava perto do cemitério naquele dia. Era de se esperar que, se existia alguém que poderia acrescentar novas informações às tão repetidas perguntas, esse alguém era a mãe do rapaz, não?

Não. Alma não disse nada de novo. Por que então se esforçava tanto para parecer inabalada diante de Claire? Logo diante de quem jamais a julgaria, quer desabasse em pranto sobre a mesa, quer tivesse um ataque de nervos só de ouvir o nome do finado filho.

Eis que a porta foi abruptamente escancarada, e Joseph Christensen irrompeu no consultório. Os olhos pareciam saltar de seu rosto cadavérico, tomado por uma fúria que fez Claire pensar: *Será que ele não sabia que a esposa estava ocupada, ou será que sabia, e mais do que isso, sabia com quem?*

A resposta veio no segundo seguinte, quando o homem agarrou Claire pelos ombros, levantando-a no ar como se fosse um animal de estimação que havia aprontado alguma. Sem nem mesmo encará-la, ele falou à esposa, fremindo de raiva:

– O que ela está fazendo aqui? Você sabe que ela trabalha para aquele jornaleco!

Ele também sabe? Maldita cidade de fofoqueiros, foi o que repercutiu na mente da jovem, ainda suspensa pelas pesadas mãos cirúrgicas.

Mesmo sentindo a pressão forte em seus ossos, Claire admirou-se por não estar amedrontada naquela situação. Talvez porque tudo estivesse acontecendo tão rápido. Talvez porque, de forma bizarra, ter sido capaz de irritá-lo tão profundamente só por existir a fizesse se sentir... triunfante.

E agredida.

Espera aí, ele pode fazer isso?

Sem que Alma o respondesse, ele soltou e empurrou Claire – que nesse ponto achou melhor não oferecer resistência – para fora da sala, batendo a porta às suas costas.

O que diabos acabou de acontecer?

A razão lhe dizia que ela havia abordado os pais de James cedo demais. Que era compreensível o surto de Joseph, pois cada um sofre de um jeito. Ela própria havia experimentado uma raiva parecida, pelos motivos mais conflitantes, contra quem ousasse trazer à tona o nome do irmão ou da mãe.

Mesmo agora ainda estava chateada com o amigo Brian por ter publicado no *Salinews* mais de uma matéria sobre a sua ruína – o que não era diferente do que ela faria aos Christensen. Ainda que sua intenção fosse mais nobre: não apenas recontar os fatos para vender jornais, mas também desmascarar o algoz do garoto. No final das contas, a ruína deles também seria exposta.

Mas havia algo que muito a incomodava no médico. E a emoção logo superou a razão. Quem ele pensava que era para agredi-la?

A resposta era óbvia. Deus. Ele pensava que era um deus, e era tratado pela população – especialmente pelas autoridades – de Salina como tal. Poderia denunciá-lo, mas com toda a certeza nada seria feito. Claire era uma criadora de confusão, era isso que pensavam dela, e jamais sua palavra superaria a do *salvador* dos enfermos.

Essa era a triste realidade da cidade para a qual havia voltado. Uma cidade em que um homem em posição privilegiada – ou não – poderia usar sua força contra uma mulher, e ela estava fadada a aceitar e seguir com a sua vida.

Com isso em mente, Claire apressou o passo para sair da clínica, despedindo-se rapidamente da secretária, que parecia tão atordoada quanto alarmada pelo que, certamente, ouvira.

Joseph não havia mudado nada. Nada mesmo. Desde o timbre venenoso de sua voz à careca, que não era uma simples careca, mas uma cabeça lisa envolta por uma coroa fina de cabelos brancos. Era, e sempre seria, Joseph, o monarca divinal de Salina. Era como um daqueles vilões dos romances históricos que Claire lia, que eram perversos não apenas por se considerarem acima de tudo e de todos, mas por se considerarem a única alternativa para o *bem* comum.

Será que trata todo mundo desse jeito ou é um privilégio só meu? Será que... não, não pode ser. Mas e se...? Claire evitou a ideia que surgiu à mente, mas no fim, em meio àquela turbulência de pensamentos, resolveu considerar a hipótese: *E se tiver sido por causa dele que mataram James?*

12

Claire abriu os olhos. Sua visão estava turva, sua mente, mais ainda. *Está amanhecendo...*, percebeu.

Teve outro daqueles pesadelos. Outra manhã que começava confusa e com ossos doloridos. Estaria tonta de exaustão? Desgaste? Não conseguiu lembrar o que fez depois de deixar a casa-clínica dos Christensen.

Um flash passou por sua mente. Ela alcançou bloco e lápis da bolsa sobre o criado-mudo para registrar a imagem e sensações, que já ameaçavam escapar de sua memória deficiente.

Havia uma... silhueta. Escura, pesada. Quem ou o que era aquilo? O que significava? Estava em cima dela. Por quê?

Terminou de desenhar e se deparou com a triste realidade: não havia mais nada a rabiscar. A figura não passava de uma sombra. Um monstro sem face, expressão ou qualquer traço reconhecível. Era um vulto da cabeça aos pés.

Um grande nada que contrastava com as tantas sensações que despertou nela. Recordou sentir-se com medo, indefesa, incapaz de reagir, ou de se mexer. Era como se estivesse vendo a cena através de um vidro. Através de outros olhos que não os dela.

Era como se aquela... *coisa* a estivesse... Isso era loucura, mas precisava admitir para si mesma: ele parecia a estar estuprando.

Sonhar que se é violentada por um homem-sombra era o tipo de caso que faria Freud se remexer no túmulo. Provavelmente ele diria que era uma reação à agressão de Joseph Christensen. Fazia sentido, mas o subconsciente de Claire não conseguia aceitar a relação.

Cogitou estar exagerando – esse não era de longe o seu pesadelo mais aterrorizante –, mas a verdade é que havia algo de muito diferente. Algo que fazia sua intuição gritar feito a buzina do caminhão monstro.

Definitivamente estava ficando maluca. Uma maluca desmemoriada.

Daqui a pouco vou esquecer onde moro, onde trabalho... ai, meu Deus, o Salinews*!*

Era sexta-feira e, maluca ou não, ela tinha um prazo a cumprir. Às pressas,

agarrou o celular. *Que alívio!*, pensou ao ver que acordara em tempo, antes mesmo de o despertador tocar.

Ainda com aquela imagem sinistra surgindo diante de seus olhos sem ser convidada – *eu já não deveria estar esquecendo isso, como qualquer sonho ou pesadelo?* –, ela chegou ao escritório. Ao saltar do carro, parou para conferir se havia vestido roupas. Naquele estado, tudo era possível.

Cumprimentou os colegas com poucas palavras e sentou-se à mesa, diante do laptop. Estava pronta para reproduzir a primeira matéria de sua nova coluna. Estava com o texto quase pronto na cabeça.

Duas horas foram suficientes para ela terminar e revisar tudo. Revisão que só inflamou sua expectativa quanto à repercussão de suas acusações de desleixo das autoridades locais.

Seja o que De... tiver que ser, refletiu, sentindo-se piegas.

– Chefe, está no seu e-mail. Agora vou atrás de novas informações para a coluna da próxima semana, ok? Qualquer coisa me ligue, que volto correndo – disse a Brian.

Quando ele abriu a boca para responder, ela já estava batendo a porta da entrada.

– Isso é o que eu chamo de comprometimento – falou sozinho.

A julgar pela tinta descascada e o estacionamento sujo e vazio, a biblioteca de Salina não vinha recebendo os recursos adequados já havia algum tempo. A prefeitura também não devia estar se dando ao trabalho de estimular os cidadãos a aderirem ao hábito da leitura. Até aí, nenhuma novidade. Da mesma forma, não era novidade ver a fiel bibliotecária Abigail Mercer atrás do balcão. Pelo visto a mulher trabalharia naquele lugar até morrer.

Abigail devia estar com trinta e tantos anos agora. Era uma moça de aparência simples, com um rosto rechonchudo que não fora nem um pouco valorizado pelo novo corte chanel em seu volumoso cabelo cor de mel. Usava os óculos de sempre, de armação antiquada (mas não *vintage*), que adicionavam vários anos à sua aparência – não que suas roupas de senhora ajudassem.

Abigail parece uma daquelas solteironas com a casa apinhada de gatos, pensou Claire, para logo em seguida censurar-se por isso. Sentiu-se culpada mesmo depois de a própria Abigail ter revelado ainda estar à espera de seu príncipe encantado, mas que tudo bem, pois seus cinco gatos davam todo o amor de que ela precisava.

Na desolação da biblioteca, na cadeira de uma das inúmeras mesas vazias de segunda mão, Claire sentou-se e abriu o notebook. A biblioteca de Salina podia ser negligenciada, mas tinha uma coleção de livros bem grande, embora obsoleta, para ela procurar estante por estante, sem nada em mente. Assim, ela abriu o site de busca Infoseek para pesquisar.

Após uma dezena de tentativas frustradas, com resultados que iam do estúpido ao repulsivo, a combinação dos termos "sonho" e "monstro" levaram-na a uma criatura cujo nome já tinha lido num romance medieval. Jamais considerara, porém, ser uma lenda que não apenas parecia levada a sério, mas também era mencionada em diversas mitologias. O íncubo.

Ilustrações de belos homens com asas se misturavam com outras bem menos aprazíveis ao olhar: figuras de rosto carrancudo, chifres pontudos e físico atarracado. Em todas elas aquele *ser* aparecia regozijando-se sobre suas vítimas desfalecidas. Claire não queria olhar para aquilo por mais nem um minuto, e chegou a ficar satisfeita por não recordar de nada além de uma sombra.

Eu estou mesmo achando que é essa coisa que está invadindo os meus sonhos? Não sabia o que era mais surpreendente: estar vivenciando algo sobrenatural, ou estar (só agora) ficando louca.

Fechou o laptop com três nomes de livros para encontrar. Não confiava muito na Internet, pois sabia como coisas desse tipo ganhavam proporções e interpretações equivocadas. Seria difícil, talvez improvável, encontrar obras como aquelas em Salina, mas sob hipótese alguma ela pediria ajuda para Abigail. O que ela ia pensar, ou o que iria sair falando a seu respeito? Já tinha polêmicas demais em seu encalço.

Depois de algum tempo olhando volume por volume, Claire desistiu de encontrar *The Magus*, de Francis Barrett, mas se espantou ao ver próximos na estante os livros *Demoniality*, do frade franciscano Ludovico Sinistrari – que, de acordo com o que ela vira na internet, era um tipo de especialista em íncubos e súcubos –, e *Daemonologie*, escrito pelo rei da Escócia James VI, que mais tarde viria a ser o rei James I da Inglaterra. Antes de voltar à mesa, passou por outro corredor, onde pegou uma enciclopédia de comunicação, um livro grande de capa dura, para esconder os outros dois do olhar amigável e sempre atento de Abigail.

Daemonologie havia sido publicado em 1597, enquanto a versão que Claire segurava de *Demoniality* datava de 1927, mas, segundo um dos sites encontrados pelo Infoseek, foi escrito muito antes, entre os séculos XVII e XVIII, depois da morte de Ludovico, em 1701. O site dizia também que muito

mistério rondava aquele livro em particular. Mas para Claire era um mistério ainda maior encontrá-lo ali, em Salina. Ela sabia que o acervo da biblioteca não recebia novas aquisições da prefeitura, tampouco doações da população – Abigail o confidenciara antes, bastante entristecida –, o que significava que, no passado, alguém da prefeitura fizera escolhas bizarras, ou algum cidadão tinha um gosto literário, no mínimo, peculiar.

Depois de ler trechos dos livros, confusos, fantasiosos e rebuscados, Claire resumiu em pontos tudo o que aprendeu sobre o íncubo – acabou não resistindo à tentação de pesquisar mais na web, pois algumas partes dos livros eram quase impossíveis de compreender.

- Íncubo é a versão masculina do demônio súcubo;
- A menção mais antiga de que se tem conhecimento foi na Mesopotâmia, mas foi na era medieval que ele se popularizou;
- O íncubo ataca as mulheres enquanto estão dormindo, surgindo ao vivo ou nos sonhos delas, para molestá-las e alimentar-se de sua energia;
- Sua aparência demoníaca é assustadora, então ele pode assumir uma forma atraente (pode assumir muitas formas) para que a vítima ofereça sua energia no ato sexual, sem nem se dar conta disso;
- A relação com o íncubo costuma ser violenta e nada prazerosa para a vítima, que costuma acordar cansada e dolorida, geralmente sem se lembrar do ocorrido. Na maioria das vezes ele a deixa viva, mas bastante fragilizada, o que pode levá-la à morte;
- Ocultistas alegam que o íncubo aparece para vítimas em desequilíbrio psíquico;
- Religiosos consideram o íncubo e o súcubo anjos malignos de Satã;
- De acordo com Ludovico Sinistrari, o íncubo não pode ser exorcizado, uma vez que não teme o que é sagrado;
- O íncubo pode ter a intenção de engravidar a vítima (diz uma lenda que Merlin teria sido filho de um íncubo com uma humana), gerando crianças anormais, verdadeiras perversões da natureza.

Ao terminar de ler e reler as anotações, Claire sentiu a pressão baixar. Procurou acalmar-se, convencer-se de que estava exagerando. *Você só está com medo, medo do desconhecido. Metade disso é baboseira.*

Mas seu verdadeiro medo era das *não baboseiras*; do que estava acontecendo com ela. Do que poderia – do que iria? – acontecer.

– Não é possível. Eu não voltei para Salina. Eu voltei para a porra de um filme de terror! É a única explicação.

– O quê? – perguntou Abigail.

Droga!

– Desculpe, Abi. Pensei alto aqui. É um diálogo... pra uma história...

A bibliotecária estreitou os olhos, e Claire soube que só estava piorando a situação ao tentar se explicar. Então parou e fechou os livros.

– Bom, vou devolver estes livros e já estou indo.

– Pode deixar eles aí, eu guardo pra você depois, Claire. Não tenho muito mais para fazer mesmo... – propôs Abigail, sem deixar o drama de lado.

– Não quero te dar trabalho – insistiu Claire, que rapidamente desapareceu em meio às estantes, sem dar chance para a outra se manifestar.

Retornou segundos depois, juntando suas coisas espalhadas sobre a mesa. Despediu-se de Abigail com um aceno tímido de longe, e saiu da biblioteca a passos firmes e com a mente vacilante ante possibilidades inconcebíveis.

Apesar de toda a confusão mental, um questionamento conseguia sobressair a todos os outros, mesmo que fossem apenas duas palavras: *Eu... engravidar?*

13
Junho de 1997 – Ephraim, Utah

Naquela noite, Logan Miller surpreendeu a esposa com um jantar à luz de velas – “também à luz da lua e das estrelas”, disse ele, lírico. Mas também do importuno letreiro luminoso do Roy’s Pizza, que ela fingiu não notar, na varanda do segundo andar da casa. Varanda que ficava ao lado do quarto do casal, o que deixava às claras suas expectativas com aquele gesto. Mesmo assim, Claire resolveu dar o benefício da dúvida; ele parecia estar se esforçando para ser romântico, e ambos sabiam o quanto precisavam reacender essa chama.

Quando ela tentou levantar para tirar os pratos, Logan insistiu que deixasse isso com ele. Disse que a única preocupação dela deveria ser preencher as taças de vinho, e então se encarregou dos pratos e talheres sujos. Quando ele passava pelo quarto, ao retornar da cozinha, ligou o aparelho de som, que tinha dentro uma esquecida fita cassete que certa vez fizeram juntos.

A voz densa da vocalista do Portishead, Beth Gibbons, na sensual canção “Glory Box”, começou a ganhar volume à mesma medida que os contornos de Logan ficavam mais nítidos através da cortina de seda que separava quarto e sacada. Suavemente, ele puxou o delicado tecido para passar, e Claire suspirou por dentro.

Ainda que as coisas não estivessem tão bem entre eles, não conseguia deixar de apreciar a beleza crua a sua frente. A barba por fazer, os olhos verdes de um predador, o maxilar bem definido, o cabelo loiro despenteado... Verdade que Claire sempre preferira homens morenos, mas Logan trabalhou duro para conquistá-la, e, de uma forma que ela não sabia explicar, conseguiu se tornar irresistível para ela.

Onde foi que nos perdemos?, perguntou-se, admirando-o.

Ele aproximou a cadeira da dela e se sentou, apanhando sua taça da mesa e girando-a nos dedos. Dez anos juntos e ele conseguia agir como se estivesse num primeiro encontro. Talvez agisse assim por ser capaz de deixar Claire se

sentindo como se estivesse em um, ainda que seu nervosismo agora tivesse muito mais a ver com um fim do que com um começo de relacionamento.

– O jantar estava ótimo, amor – ela elogiou, quebrando o silêncio.

– Fico feliz que tenha gostado... – disse Logan, e acariciou as mãos pálidas da esposa.

– Logan, você acha que nós... podemos voltar a ser como antes?

– Acho que nós podemos ser o que nós quisermos, meu amor. Inclusive uma família.

– Mas nós já somos uma família, não? – ela retrucou, até que se deu conta: – Ah... você quer dizer uma família *família*. Com filhos...

– E por que não?

É. Por que não, Claire*?*, questionou a si mesma.

Uma família de verdade talvez fosse a peça que faltava, não precisava ser para sempre a peça que a vida lhe arrancara. Ao fundo, Beth cantava que só queria uma razão para amar, uma razão para ser uma mulher, e isso não era muito diferente do que queria Claire. Não era nada diferente. No fim do dia, ela apenas desejava ser uma mulher, não os cacos de uma.

A música acabou e outra começou, mas a essa altura nenhum dos dois prestava atenção. Estavam se encarando profundamente; quase podiam ouvir um ao outro pelo olhar.

– Tudo bem – ela assentiu, dizendo o que Logan ansiava ouvir, apesar de ele já antecipar a resposta só pelo brilho que viu surgir nos olhos amendoados de Claire.

Ela estava apostando todas as fichas naquela decisão, que seria o último fôlego da relação – razão que tornava aquela uma péssima decisão – e, naquele momento, ficou incrivelmente feliz por isso. Não demorou para a felicidade se transformar em algo mais e, quando a língua de Logan invadiu sua boca, os dois cambalearam até a cama, atirando as roupas ao chão.

Fizeram amor como se suas vidas dependessem daquilo. Logan foi um amante excepcional, fazendo tudo o que os anos e a rotina pareciam ter apagado de sua disposição. Sem qualquer pressa, acariciou e beijou cada pedaço de Claire, fazendo-a alcançar estágios de prazer que ela pensava não mais ser capaz de sentir.

Horas mais tarde, quando Logan já havia adormecido e ela roçava os dedos em suas costas nuas, pensou que era uma pena que ainda estivesse tomando pílula, pois aquela noite teria sido uma lembrança perfeita da concepção de um filho. Mas então considerou que ela marcava um recomeço para eles e isso

bastava. Pensar que horas antes cogitara acabar com o relacionamento justamente porque não tinha futuro...

Quando abriu os olhos, Logan não estava mais ao seu lado. A luz do sol banhava todo o cômodo, e Claire percebeu que eles haviam esquecido a porta da sacada aberta. Chamou por Logan uma vez, mas não teve resposta. Quando ia chamá-lo pela segunda vez, já ficando preocupada, ele entrou no quarto com apenas uma toalha enrolada na cintura, carregando sorridente uma bandeja de café da manhã.

– Para a futura mãe dos meus filhos – anunciou satisfeito, apoiando a bandeja sobre a cama.

– Amor, não precisava... Espera, eu ouvi bem? Filhos, plural? – Claire provocou.

– Estou pedindo demais, minha rainha?

– É cedo pra dizer... – ela respondeu com um sorriso.

– Você está linda, bom dia.

– Bom dia. Você também não está nada mal nesse modelito.

Era tanto romantismo, que Claire chegou a achar aquilo além da conta, como um doce que, de tão doce, ficava enjoativo. Mas não queria ser uma estraga-prazeres e fez sua parte. Logan sentou-se ao lado dela na cama e pegou uma maçã. Com a boca cheia, falou:

– Agora que decidimos engravidar, seria bom você ir ao médico, não acha?

– Você está certo. Mais tarde eu ligo para o meu ginecologista e agendo uma consulta.

– Claire, sabe que eu não gosto que você vá naquele homem. Não bastasse ser homem e ficar olhando as suas *partes*, você mesma já reclamou diversas vezes que ele nem é um profissional dos mais competentes.

– Apenas falei que ele está ficando velho, um tanto esquecido, só isso.

– Não acho que um ginecologista caduco seja a melhor alternativa para o nosso bebê. Por que não vai à ginecologista da Suzy? Eu pego o telefone hoje com ela no escritório e marco pra você.

Argh. Suzy. Prepare-se para ouvir muito esse nome nos próximos meses. Suzy era a secretária do escritório de advocacia onde Logan trabalhava. Não era uma mulher, mas uma máquina de fazer filhos. Tinha cinco e, na última festa da empresa, contara a Claire que estava planejando o sexto. Como conseguia conciliar trabalho e uma maternidade tão intensa era um enigma. Mas Suzy sempre dizia que tinha seus jeitinhos, e que, quando fosse a hora de

Claire e Logan, estaria lá para dividir sua sabedoria maternal para o que quer que precisassem – caso não precisassem, ela o faria de qualquer forma.

É claro que ela tem a melhor ginecologista. Se eu insistir em continuar com o meu, ainda vou ter que aturar uma ligação, ou pior, uma visita dessa chata até ela me convencer a ir à médica dela. Melhor me poupar do desgaste.

– Está bem, amor. Veja lá com ela então e me avise o dia e hora – concordou Claire, conformada.

– Sim, mas vou com você.

– É só a primeira consulta, não precisa, Logan.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Bom, se faz questão, vá. Quem vai ficar de pernas abertas e passar por uma tortura de exames sou eu.

Logan não soube o que dizer.

– Calma, estou só brincando. Você é tão sério às vezes...

– Sou só como acho que devo ser com você.

Na semana seguinte à primeira consulta, Claire e Logan retornavam à clínica para receber os resultados dos exames laboratoriais, de raio-X e ultrassom solicitados pela ginecologista de Suzy, a doutora Lund. Durante esse período, Claire continuou tomando o anticoncepcional, pois não queria correr o risco de engravidar antes de ter certeza de que estava nas melhores condições para isso.

Quando a médica convidou-os a sentar, com um olhar nada animador, o sangue de Claire gelou.

– Identificamos uma anomalia nas trompas e na cavidade uterina...

Ela continuou falando, mas Claire conseguia ouvir apenas um zumbido linear. Tempo e espaço se dissolveram por completo, e era como se ela não estivesse ali. Sabia aonde aquele papo ia chegar. Sabia que acabaria com a doutora Lund dizendo:

– ... estéril. Sinto muito.

Claire mal havia se acostumado com a ideia e aquele projeto de sonho já estava sendo arrancado dela, assim como tudo o mais em sua vida. Não queria chafurdar na autopiedade, não queria. Não era a única infortunada no mundo – tentava sempre lembrar-se disso –, mas a sensação de perda era esmagadora demais para suportar com uma expressão serena.

Sentiu um choro subindo pelo peito, acompanhado por ânsias e desilusões. Não queria mais ficar ali. Não tinha por quê.

Ignorando a médica, Claire se virou para Logan e pediu:

– Podemos ir embora agora?

Sem dizer uma só palavra, ele a levou até o carro, segurando-a firme todas as vezes em que, por enjoo ou pressão baixa, ou uma combinação dos dois, ela ameaçou desabar. Depois que a acomodou no banco do carona e tomou o assento do motorista, com o olhar congelado no painel, ele disse:

– Eu quero o divórcio.

– QUÊ? – Claire ficou estarrecida.

Ela sabia que aquela notícia esfriaria a relação deles, provavelmente deixaria tudo pior que antes, e, sim, talvez isso significasse o fim do casamento. Mas aquela noite de amor ainda estava tão viva em sua memória, a promessa de um recomeço que parecia tão concreta, e na primeira bomba ele desistia? No momento em que ela mais precisava dele? Era isso que fariam todos os homens em sua vida?

– Mas que merda, Logan! Primeiro você me vem com essa ideia de ter filhos, e agora que soube que não posso, quer simplesmente me deixar? Existem outros meios. – Ela não sabia por que havia dito isso; as palavras saíram involuntariamente. Se ele não queria enfrentar essa adversidade com ela, apelo nenhum faria diferença. E não queria que ele continuasse casado com ela por pena.

– Eu não te amo mais, Claire – ele continuava olhando para frente. – Pensei que isso poderia mudar se tivéssemos um filho. Mas não está no nosso destino. E agora vejo que não é nosso destino ficarmos juntos.

– Que porra é essa de destino? Olha, quer saber... às vezes eu acho que não te conheço. – Quando terminou de falar, Claire saltou do carro.

Ele abriu a janela e gritou:

– Volte aqui, eu te levo em casa.

– Eu não preciso de você, Logan. Vou para a *sua* casa, pegar minhas coisas e meu carro. Encontro algum lugar para ficar, não se preocupe. Pode mandar a papelada do divórcio para o meu trabalho. Quanto antes resolvermos isso, melhor.

Ele não disse mais nada, e ela seguiu em direção ao ponto de ônibus que vira no caminho. Metade dela não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Esterilidade, divórcio, tudo em menos de uma hora. A outra metade já estava acostumada com mudanças drásticas e repentinas.

Talvez ela não estivesse destinada à vida pacata que tanto buscava. *Destino*... o que essa maldita brincadeira do acaso ainda guardava para ela? Gostaria de saber, ao menos uma vez, para tentar passar batido pelas partes mais sofridas.

Claro que ficar se lamentando não mudaria coisa alguma coisa, mas ela não podia controlar isso também, e não custava sonhar...

Caminhando sob o sempre tórrido verão de Utah – num calor que não emanava só do céu e do solo, mas da raiva que estava sentindo pelo futuro ex-marido –, Claire ponderou se não estava agindo impulsivamente. Se não deveria dar um tempo para Logan processar a informação de que não poderiam ter filhos naturalmente.

Não seja ridícula! Por que quer mentir pra si mesma? Você sabe que Logan não passou de uma paixão. Durou o tempo que tinha que durar. Nunca houve amor. A reação dele à sua esterilidade é a prova definitiva. Isso é o fim de um relacionamento, não o seu *fim.*

Pela primeira vez, a voz de seu pensamento soava diferente.

Era a voz de sua mãe.

E ela estava certa, não era o seu fim. Mas ainda seria capaz de amar? Perdera a família que amava, perdera o marido que pensou amar, perdera a chance de criar uma vida para amar. Era como se o assassino de seu irmão, quando tudo começou, tivesse assinado uma sentença de morte a qualquer forma de amor na vida de Claire.

Chegou ao ponto de ônibus e se sentou. A sombra ali era agradável, quase otimista. Como um sinal de esperança, uma lufada de vento correu por seu rosto, aliviando o calor. Em um instante aquela brisa passou, e o calor voltou parecendo pior do que antes. *É, Claire, acostume-se. Nem o vento vai facilitar a sua vida.*

Vida... parecia um conceito tão distante para ela. Uma batalha perdida.

Tudo a seu respeito parecia remeter à morte.

14
Agosto de 1997

Claire tinha recordações boas e ruins do festival de todos os santos. Um evento que reunia cidadãos de todas as crenças, ricos e pobres, crianças e adultos, para consumirem comida barata e tomarem o famoso ponche não alcoólico do bispo. Tudo ao som de música religiosa ruim, conversas fúteis e hipocrisia.

O festival sempre ocorria na Blackhawk Arena, que mais parecia um ginásio esportivo abandonado, exceto em abril e agosto, nos dias em que o evento acontecia. A arena ficava numa área (ainda mais) desértica da cidade, ao norte da área residencial. Pelo tamanho, daria um excelente lugar para shows, mas quem iria querer se apresentar em Salina?

Era pouco mais de meio-dia quando Claire chegou, o estacionamento já estava cheio. Quando entrou no salão, foi positivamente surpreendida pela decoração em preto e branco, uma grande mudança em relação ao arco-íris cafona de sempre, que fazia Claire lembrar-se das passeatas gays que passavam na televisão – o que era uma ironia e tanto considerando a posição mórmon quanto à homossexualidade.

A cidade toda parecia estar lá. Leah e Harold foram os primeiros a avistar Claire na porta; cumprimentaram-na com um “oi” simpático de longe e um sinal para conversarem depois. Estavam ocupados com os pais de Brian, Mary e Peter Smith, que falavam e gesticulavam para os Brown feito um casal de irlandeses bêbados – sem nem uma gota de álcool, porém.

Mas ficar parada na porta avaliando as pessoas não parecia nem um pouco sensato, assim, Claire seguiu para uma das mesas ali perto, de onde poderia procurar por Michael Dresch sem chamar muita atenção.

Ou assim ela pensava.

Não demorou para seu olhar encontrar outro conhecido – muito menos amistoso que o dos Brown. Os ferinos olhos negros de Andrea Martinez pareciam insultá-la com mil xingamentos diferentes, mas que culpa ela tinha se sua casa era sinônimo de desgraça, e isso afetava o mercado imobiliário da rua

Meadow? Se a corretora de imóveis sentia tamanho rancor contra ela só por causa de uma coisa dessas, não fazia a menor questão de tentar um diálogo.

Decidiu ignorar Andrea e reparou no homem ao lado dela. De traços também latinos, pele bronzeada e duas entradas bem marcadas no ralo cabelo preto (prolongando a testa precocemente enrugada), aquele parecia ser Lando Martinez – se não lhe falhava a memória –, o irmão da corretora feroz, e que, segundo Leah e Harold, também se tornara corretor imobiliário. Não só eles tinham a mesma idade, profissão e fisionomia, mas também a mesma expressão inflada. Por um segundo Claire pensou se talvez não fossem gêmeos, mas isso não fazia a menor diferença. Deixou os Martinez para lá, e esperou que fizessem o mesmo em relação a ela.

Logo, gêmeos de fato cruzaram o seu campo de visão. Os conselheiros do bispado Aaron e Blake Westphal conversavam com Mike e Ty. Quando os colegas de trabalho viram Claire sozinha no canto, chamaram para que se juntasse a eles. Ela girou os dedos indicando que passaria ali mais tarde. Não estava muito a fim de jogar conversa fora. Só foi até lá por um único motivo, mas, até então, nenhum sinal dele.

No meio do salão a multidão estava mais concentrada e era difícil distinguir as pessoas. Sistemática, a jornalista decidiu dissecar o recinto pelas extremidades até o centro. Num dos cantos, Angeline Hart e Abigail – *desde quando são amigas?* – conversavam como duas colegiais. Com direito a risinhos, toques e... uma atmosfera de flerte? Isso mesmo. *Bom para elas*, pensou. De certa forma, fazia sentido as duas se encontrarem.

E flerte era o que não faltava por ali.

Na pré-adolescência, Claire costumava dizer que esses eventos de fachada religiosa não passavam de confraternizações para os adultos casados “namorarem” outras pessoas. Na época não entendia muito de namoro, tampouco considerava que os solteiros também eram beneficiados na conjuntura, e que não havia nada de errado nisso.

Na extremidade oposta ao hipotético casal *Abigeline*, o charmoso e insolente Joshua Perry jogava todo seu charme para uma Rebecca hesitante... que, analisando bem, não estava lá tão hesitante. A expressão dela era de um desagrado interessado, e, ainda que sua linguagem corporal estivesse longe de corresponder à de Perry, ela estava... sorrindo?

Sorrindo. No instante em que Claire os observava, o detetive Perry chegou a extrair da ruiva uma gargalhada das mais genuínas.

Aquela era a primeira vez que Claire a via sorrir, e como uma crente fiel no

clichê de que um sorriso verdadeiro podia dizer muito sobre uma pessoa, considerou que talvez Rebecca não fosse uma completa megera afinal.

Continuando a varrer o salão com o olhar, encontrou uma área com mesas de plástico rodeadas por vários rostos conhecidos. Alma e Joseph Christensen estavam lá, de pé – Claire não conseguia nem imaginar os médicos sentados naquelas cadeiras de qualidade e higiene duvidosas. Desejou no íntimo que aquilo indicasse que estavam de saída. Não queria de jeito algum esbarrar com Joseph.

Mas ele estava conversando com o prefeito, e quando William Finger atraía um dos abastados para seu sermão político, a coisa ia longe.

Ao lado dos três, Emma Finger se desdobrava com garbo, tentando fazer o serelepe Will parar quieto. Festividades como aquela podiam ser desnorteantes para as crianças. No meio de tanta gente e espaço, era comum vê-las se comportando feito cães hiperativos.

Ao contrário dos adolescentes, que mais pareciam morrer de tédio, como Madison, que debruçava todo seu enfado e peso sobre a mesa que dividia com os pais, Debra e Patrick Videla – que juntos deviam pesar menos que a filha. O chefe de polícia, aliás, estava com as atenções voltadas a uma única, e também adiposa, figura na mesa. Um homem de bigode cerrado e chapéu com estrela, provavelmente o xerife do condado, Gavin Peterson, a quem Patrick tanto respeitava quanto temia.

Na mesa ao lado estavam Carter Dayton e sua família loira de comercial de margarina: a esposa, Elizabeth, o filho Caleb e o caçula – cujo nome, Luke, era desconhecido a Claire, por ele ter nascido depois de sua saída da cidade. Não fossem invejáveis o bastante, conversavam entre si com entusiasmo e ternura, sem qualquer resquício do amargor da vida em família.

Em pé, Tony Baker e Porter Jenks pareciam tratar de negócios, ao lado da mesa onde suas esposas, Sarah e Lucy, conversavam animadas – Claire não duvidaria se aquelas duas também falassem de trabalho. À mesma mesa, Thomas Baker e o irmão Seth, assim como Spencer Jenks e a antipática irmã Emily, repetiam a postura de Madison Videla, afundados no mais profundo tédio, sem trocar uma palavra ou mesmo um olhar.

Com a mão esquerda apoiada numa cadeira, e a direita repousada no ombro da filha, Richard “Allensworth” observava o salão, sereno. Ruby parecia entretida com alguns dos casais dançando no meio do salão, mas, para Richard, não havia melhor entretenimento do que mirar a menina dos seus olhos. Naquela mesa, a *senhora* dos seus olhos, Rachel, conversava com Noah Rigby.

A dissimulada Margareth não estava com eles, mas caminhava pelo salão com um vestido vermelho esvoaçante, deixando um rastro de olhares sedentos – e mulheres ciumentas – por onde passava.

Num canto mais afastado, Claire avistou uma presença tão deslocada quanto ela. Era o tal vizinho – *qual será seu nome?* –, encostado na parede, virando o conteúdo de um frasco de bebida no copo vermelho de ponche. Talvez devesse falar com ele também. Não dava para negar que era um indivíduo escuso. Sem contar que era relativamente novo na cidade, o que se enquadraria na teoria de uma espécie de aprendiz do assassino de... Antes de concluir seu costumeiro pensamento de desconfiança, Claire foi tomada por um susto descomunal quando uma mão afoita a fez dar um rodopio. Ao parar, estava de frente para um entusiasmado Brian (o Brian amigo). Com a voz entrecortada pela falta de fôlego – *o que é isso? Ele estava dançando?* –, ele foi logo lançando duas perguntas:

– O que está fazendo aqui sozinha, Ellie? E como teve coragem de vir?

Cada palavra pronunciada dava um segundo para ele avaliar a amiga da cabeça aos pés. Claire estava impecável, com uma saia-lápis creme, blusa pêssego e sapatos altos, algo que ela raramente usava.

– O que quer dizer com “coragem de vir”? – perguntou ela, incomodada, já recomposta do susto momentâneo.

Não fosse Brian Smith sempre tão certinho, sempre tão... mórmon, Claire diria que o homem de pés inquietos à sua frente estava bêbado. Mas ela já o vira nesse estado antes e sabia que era só empolgação. Confraternizações religiosas e notícias escandalosas tinham esse efeito em Brian, algo parecido com o que acontece com as crianças depois de consumirem muito açúcar.

Num passado remoto, Claire produzira efeito parecido sobre o amigo, mas a amizade acabou preponderando – sobretudo porque ela não quis que fosse diferente. Ainda assim, os olhos verdes, que a encaravam através dos novos óculos, brilhavam com um quê daquela juventude havia muito deixada para trás.

– O que eu quis dizer é que adorei a matéria. E, para sua sorte, achei melhor guardar essa em particular para distribuir no domingo, depois do festival, já que os nossos “amigos” da polícia estão aqui. Assim como o prefeito, que você também não deixou passar batido, gostei de ver! – explicou Brian, admirado.

Mas o comentário a perfurou no âmago, liberando uma indignação que ela vinha reprimindo durante toda aquela semana – e que, conforme começou a desabafar, soube ser tão desproporcional quanto irrefreável.

– Sorte a minha? Como se eu ligasse para esses desqualificados! – despejou, exaltada. – E quer saber? Você, Brian, não é melhor que eles. Se aproveitando do que aconteceu à minha família para aquela piada que você chama de jornal. Como pôde? Você não passa de um parasita como todos. Nunca vai sair dessa cidade. Nunca será ninguém!

Ele arregalou os olhos, agora foscos.

Em questão de segundos, não era mais o Brian amigo, era o orgulhoso Brian chefe – naquele momento com o orgulho ferido, mutilado. Respirou fundo, olhou ao redor. A breve cena já havia despertado olhares curiosos, e se deixar ser tomado pelo que quer que explicasse aquela explosão de Ellie somente estragaria o resto de seu dia... e possivelmente sua noite.

– Sinceramente, Claire – disse ele, moderado e formal (raras vezes a chamara pelo primeiro nome) –, cada vez estou mais certo de uma coisa: não é a dor que te acompanha, é você que estagnou no tempo; parou no temperamento de vinte anos. Mas eu que não preciso, nem vou, tolerar essa insolência. Não esqueça onde e para quem você trabalha – inspirou lentamente, e arrematou: – Segunda-feira nós discutimos isso. Por ora, chega.

Ele se virou e Claire viu que foi em direção de... Judy! Onde ela estava se escondendo aquele tempo todo? Já esperava que os dois a olhassem e apontassem com reprovação, como nas briguinhas entre colegas da escola. Em vez disso, Brian simplesmente tirou a amiga muda para dançar, e nenhum dos dois olhou na direção dela.

Ok, ela sabia ter extrapolado. Soube assim que começou – assim como soube que não iria parar. Mas a visão dos amigos se divertindo, indiferentes à sua cólera despropositada, serviu estranhamente de calmante para a sua alma confusa.

Não sei por que agi daquele jeito. Espero que me perdoe, Brian, orou.

Foi então que Ethan Dresch surgiu pela porta vaivém, que devia ligar o salão à cozinha, e Claire recordou da missão de falar com o filho do bispo. Ethan andava apressado, carregando uma bandeja de cachorros-quentes até uma mesa retangular repleta de petiscos e travessas de ponche. Logo atrás veio Michael, bem menos diligente em sua tarefa de equilibrar pratos e copos plásticos até a mesma mesa.

Michael tinha tudo e, ao mesmo tempo, nada daquele menininho agarrado à saia da mãe do qual Claire tinha lembrança. O jovem mulato, agora com 17 anos, já estava mais alto que o pai e exibia uma volumosa cabeleira crespa. Contudo, seus ombros retraídos, olhar perdido e lábios cerrados eram as

características que mais saltavam aos olhos dela. *Está na cara que ele esconde alguma coisa*, examinou.

O formigamento de uma mão entre seus cabelos interrompeu a análise. Arrepio que se transformou em fisgada quando uma mecha engatou nas unhas – que mais pareciam garras – pintadas de vermelho sangue.

– Margareth! – exclamou ao virar-se e ver quem era.

– Ouvi dizer que você está investigando o assassinato do belo James – ela incitou, pulando as formalidades.

– Pensei que não me reconhecesse mais – retrucou Claire. – No Rigby's...

– Pra ser sincera, eu que pensei que não se lembrasse de mim, jovem Claire – seu tom era provocativo. – Ficou afastada por tanto tempo...

Espero que não esteja insinuando que eu fugi ou coisa parecida, pensou Claire. Em vez de morder a isca, decidiu responder de forma direta:

– É. Agora voltei. E vou chegar ao fundo desses crimes.

– Crimes?

– Isso mesmo – disse abertamente. Já era hora de as pessoas aceitarem que, em meio às circunstâncias, ela desenterraria o crime não solucionado do irmão. Não havia nada de absurdo naquilo (não deveria haver).

– Tomara que consiga, doce Claire. Seria uma bênção para Salina, não é? – perguntou Margareth, retoricamente. Então emendou: – Só não esqueça que até Sophia caiu do paraíso porque queria saber o que existia além dos limites.

– Quê?

– Quis saber demais e se arrependeu.

– Do que você está falando, Margareth? Quem diabos é Sophia?

– Calma, menina. É só uma dessas lendas bobas. Ouvi de alguém, não lembro ao certo. Bom, melhor voltar para o meu marido. Já o deixei tempo demais com a feiosa da Rachel.

– Mas...

– Te vejo por aí, querida.

A morena saiu rebolando e a visão de Claire se perdeu além dela, sem foco, como que aturdida pelo diálogo capcioso.

Até que se tocou estar parecendo uma estranha daquele jeito e virou o rosto, olhando na direção certa. Na direção de Michael Dresch, que, recostado num pilar, sozinho e dissonante, passava um copo vazio de uma mão para a outra, de uma mão para a outra, como se aquilo o transportasse para bem longe dali.

Mais à frente, Calvin, Daniel e Simon gargalhavam como três hienas em meio a uma roda com outros garotos da mesma idade. Era evidente que

Michael não se encaixava no grupo deles – e por que deveria querer se encaixar?

– Michael, podemos conversar? – perguntou Claire ao se aproximar do rapaz, encurralando-o.

– Si-sim... senhora – ele gaguejou.

Assustar o garoto não era a intenção, mas ser condescendente não ajudaria em nada, e ainda poderia arruinar a sua investigação jornalística. Portanto, sem demora ou floreios, e com uma dose calculada de diplomacia, ela prosseguiu:

– São alguns questionamentos que já fiz para seus colegas na escola, não se preocupe – deu uma pausa, e iniciou: – O que você pode me dizer sobre James Christensen?

Já na primeira pergunta, foi como se a cor avelã da tez de Michael tivesse sido sugada.

– Ele... ele... estudava na minha sala.

– Você pode fazer melhor que isso, Michael.

– Moça...

– É Claire, Michael. Você sabe quem eu sou.

– Dona Claire... você deveria falar com os amigos dele – apontou para a roda de jovens –, eles que andavam com ele. Eu... eu não sei de nada.

– Michael, acho que você entendeu errado – *ou está simplesmente desconversando*. – Eu não perguntei se você e James eram amigos. Perguntei o que você pode me dizer sobre ele.

O rapaz baixou os olhos. Claire continuou:

– Escuta, eu já tive a sua idade. Sei como garotos “populares” podem ser cruéis com aqueles que eles julgam... diferentes.

– O que quer dizer com isso? – Michael parecia ofendido.

– Quis dizer que *eles* acham que algumas pessoas são diferentes, mas estão errados. – *Espera aí, por que eu estou me explicando?* – Você ainda não me respondeu. O James importunava você?

– Não. Nunca – ele falou com os olhos negros fixos no chão de madeira.

– Por que está mentindo, Michael?

Claire viu que as palmas das mãos dele brilhavam de suor.

– Não quero ser preso.

– Se não é o culpado, não tem o que temer, não é mesmo? – Cada pergunta era acompanhada por uma leitura minuciosa das reações do filho do bispo. – Qual foi a última vez em que viu James?

– Sexta-feira, na aula.

– Posso saber aonde você foi depois da escola?

– Para casa.

Estou abusando da minha sorte, pensou. Sabia que não tinha jurisdição alguma para fazer aquele tipo de pergunta. Entretanto, Michael não sabia.

– Só para casa? Não foi a nenhum outro lugar depois?

– Não.

– Alguém pode comprovar isso?

– Meu pai... – disse, e olhou ao redor, procurando por ele. Como não o viu, continuou: – Quer dizer... ele chegou tarde da igreja aquele dia... e eu estava no meu quarto. A gente não é de se falar muito.

– Pode me dizer que horas o seu pai chegou?

– Não faço ideia, dona Claire.

Michael não estava sendo nem um pouco convincente, e seu nervosismo, que pingava em gotas de suor sob os cachos da testa, não ajudava seu caso. Mas talvez Claire o estivesse pressionando além da conta. Olhando aquele rapaz trêmulo, ela não conseguia aceitar que ele fosse capaz de tirar uma vida.

– Tudo bem então. Só mais algumas perguntas, se me permite, Michael. De que maneira o James... pegava no seu pé?

Claire fez sua pergunta presumindo o que o garoto não confirmara, ao menos não em palavras. E ele respondeu como previsto.

– Ele me xingava, empurrava, batia às vezes. De vez em quando só cuspia em mim. Já estava acostumado, ok? Eu jamais...

– Pode me dar alguns exemplos dos xingamentos que ele usava? – Claire emendou a pergunta rapidamente, assim que Michael estacionou no “jamais”.

– Preto, bastardo, bicha... faça a sua escolha.

– Você é?

Seguiu-se uma longa pausa.

– Quero dizer, gay?

O rosto de Michael, pálido durante toda a conversa, foi tomado por uma vermelhidão súbita, que lhe subia desde o pescoço.

– Não, eu... não! Acabamos?

Claire assentiu com a cabeça, e ele saiu às pressas.

– Ei, você esqueceu a sua... – e Michael já havia sumido na multidão – mochila.

Ela olhou para os lados e apanhou a mochila às escondidas. Se ali estivesse a Bíblia do garoto, poderia confirmar ou rejeitar de vez sua suspeita. Não a suspeita sobre o comportamento arredio de Michael, questão que no momento

em que surgiu já foi esclarecida pela reação do garoto à pergunta sobre sua sexualidade.

Claire sensibilizou-se. Adolescente homossexual filho de bispo mórmon numa cidade como Salina... Prisioneiro no inferno seria uma condição mais amena. Mas quem sabe um dia as coisas mudassem e, como ela, as pessoas tratassem de cuidar do próprio nariz e passassem a deixar os outros gostarem de quem bem entendessem.

Lembrou-se do próprio pai, que ela mesma condenava, mas por tê-la abandonado, não por ser homossexual.

Em meio aos devaneios, andou sorrateiramente até a porta, tentando esconder com a própria bolsa a mochila cinza – que mesmo assim aparecia por trás. Claire deixou a arena e caminhou depressa pelo estacionamento até o Camry. Nele poderia abrir a mochila despreocupada.

Um caderno, uma edição do *Livro de Mórmon,* algumas canetas jogadas. Nem sinal de Bíblia.

– Mas o que temos aqui?

No fundo da mochila, envolta num pano de louça, havia outra coisa. Claire enfiou a mão e retirou o embrulho, pesado como chumbo. Abriu o pano para encontrar algo bem mais incriminador do que uma Bíblia rasgada.

Era um revólver calibre .32 Smith & Wesson.

Uma arma! Michael, por quê?

Não demorou para Claire se dar conta do óbvio; Michael era um jovem que, não bastasse estar cheio de dúvidas sobre si mesmo, precisava encarar os valentões fazendo toda sorte de maldades pra cima dele. Acontece que nem James nem Rob tinham ferimento de bala. Aquilo não provava absolutamente nada e ainda gerava novas perguntas. Pra começo de história, como ele conseguira o revólver?

Os ouvidos de Claire então captaram os sons do interior da arena e ela percebeu que as únicas portas de acesso haviam sido abertas. Embora não precisasse, abaixou-se furtivamente. Quando espiou pelo retrovisor, viu que era o carro dos Brown partindo estrada afora. Sequer os havia cumprimentado apropriadamente. Achou-se rude por isso. Mesmo assim, esperou o ruidoso carro sumir de vista. O que estava fazendo era errado e, tal como uma criança que fez algo que não devia, ela não queria ser flagrada. Não justamente pela única “família” que lhe restava.

Assim que o automóvel desapareceu, Claire tratou de guardar as coisas do garoto e caminhou de volta ao salão. Agora segurando bolsa e mochila nas

costas, circulou o mais perto possível das paredes, de onde poderia despistar olhares de pessoas que viessem em sua direção.

Ao olhar para os lados, sua visão foi capturada por um casal que rodopiava graciosamente entre outros casais mais velhos – e bem mais contidos –, como se só os dois existissem no recinto. Percebeu que eram Brian e Judy, ainda dançando, e sentiu uma pontada de desgosto, que preferia não ter sentido. Não estava mais chateada com Brian – talvez ainda um pouco consigo mesma –, mas ficou aborrecida com Judy, por não ter vindo falar com a amiga de tanto tempo. Sentiu-se ignorada, como se tivesse esse direito.

Distraída pela dança dos amigos, quase deu um grito quando uma mão gelada e úmida encostou em seu braço, agarrando logo em seguida a alça da mochila.

– Eu estava procurando por isso.

Era Michael.

Agora era Claire quem parecia suspeita.

– Ah, sim. Fiquei com ela para te entregar, tome.

– Obrigado. – Ele não parecia grato.

– Vejo que conseguiu conversar com o meu garoto – disse uma terceira voz, que surpreendeu ambos pelas costas.

Era Ethan Dresch.

Michael pediu licença ao pai para ir para casa, alegando que estava cansado. O bispo concordou e o jovem saiu, deixando que o pai lidasse com a repórter intrometida.

– E então? – perguntou o bispo, cheio de expectativa.

Na praça ele não parecia tão interessado em minha conversa com Michael...

Por um curto instante ela hesitou.

– Sabia que seu filho tem um revólver? – perguntou então.

Ele não respondeu. Estava imóvel, e Claire poderia jurar que nem mesmo respirava.

– Bispo?

“Little Dresch” suspirou, e, de modo quase inaudível, respondeu:

– Deve ter pegado em minha gaveta...

Ela ergueu as sobrancelhas.

– A arma é minha, Claire – ele prosseguiu. – Comprei antes de vir para Salina. Antes de ingressar na igreja verdadeira de Cristo, para ser mais exato. Nunca foi usada, eu a adquiri somente para proteção. Você sabe... negros tiveram, e ainda têm, muitas lutas neste país. E, no meu caso, veja bem, não

digo isso porque espero sua piedade, mas antes que me julgue, saiba que cheguei a sofrer preconceito da minha própria raça. Por conta da minha estatura, meus “irmãos” diziam que eu era uma aberração, que não merecia a minha cor.

– Isso é terrível.

– Quando me insultar não era mais suficiente, começaram as agressões físicas. Eu precisava me impor. Mostrar que poderia me defender se necessário fosse.

– Bispo, eu acredito em você – *o pior é que acredito, de verdade* –, e acredito que pela mesma razão o seu filho tenha pegado a arma. Tenho confirmação de que ele era, e provavelmente ainda é, agredido verbal e fisicamente por alguns dos garotos da escola, incluindo James. Não quero que pense que estou acusando seu filho. James não tinha ferimento de arma de fogo. O que quero dizer é que você deve conversar com Michael. Sei que não tenho nada a ver com isso, mas... tente. Seja paciente, dê tempo e espaço para ele se abrir com você. Sei que conversar com a diretoria escolar não adianta de nada nos dias de hoje, sobretudo quando envolve os riquinhos, então quem sabe possam encontrar juntos alguma forma, desarmada, para que ele pare de ser atormentado por esses imbecis.

– Você está certa, Claire – ele apertou as mãos dela de forma calorosa. – Farei isso. Tenho só um pedido a lhe fazer. Que não conte para ninguém sobre a arma. Se uma coisa dessas chega aos ouvidos do presidente da Igreja, perderei tudo. Tudo em que acredito. Tudo que construí graças a minha amada Lydia, que Deus a tenha.

– Tudo bem, guardarei seu segredo, bispo Dresch.

– Querida... você sabe que Michael nunca seria capaz de matar alguém, não sabe?

Antes que ela pudesse abrir a boca, uma mulher franzina de avental se aproximou.

– Bispo, eu e a Edna estamos precisando de você lá na cozinha – ela disse.

– Claire, tenho que resolver isso. Depois conversamos?

– Claro.

Despediram-se, e Claire caminhou até uma cadeira vazia.

Sentia-se cansada, apesar de não ter feito nenhum esforço físico. Sua mente estava entupida, seus sentimentos, pulsando. Outrora desconfiara do bispo, outrora de seu filho. E agora, mesmo com uma arma em jogo, não conseguia

conceber o homicídio pela mão de um ou de outro – ou de ambos, tratando-se das diferentes épocas.

Olhou na direção onde Brian e Judy antes rodopiavam. Não os encontrou. Do outro lado, divisou a única pessoa além dela – e de Michael, que não estava mais no festival – completamente fora de seu elemento naquele local.

Ao contrário dela, ele não parecia se importar com isso...

– Oi, sou Claire. Somos vizinhos, e já vi você fumando na frente da minha casa, o quê, duas vezes? Acho que sim. Mas ainda não sei o seu nome. – Claire falou rápido demais, nervosa demais. Saiu tudo diferente do que havia premeditado para abordar o estranho.

– Max Taylor – ele respondeu, sucinto.

Ah, então ele fala!

– Você é novo aqui, não é?

– Pode-se dizer que sim, tenho um contrato de trabalho temporário numa das minas fora de Salina – disse, completando: – Salina é um lugar interessante.

– É verdade – concordou Claire.

Para um cara que parecia tão esquisito, ele até que é bem medíocre.

Os dois ficaram sem saber o que dizer por um momento, que pareceu uma eternidade, até que Max falou:

– Foi mal pelas vezes que esbarrei com você e não me apresentei.

– Não tem problema. Posso saber por que não disse nada?

– Depois de fumar um baseado eu fico lesado e acendo um cigarro pra desbaratar. Não sabia que tinha alguém naquela casa. Gostava de caminhar por ali com meu cigarrinho. Aquele verde no fim da rua é de oxigenar os pulmões, não acha?

Claire deu de ombros, tentando parecer indiferente.

– Acho que sim.

– Já rodei o país inteiro e olha, aqueles pinheiros, com aquela montanha solitária ao lado, cara... É, sem dúvida, uma das paisagens mais fantásticas que já vi. Você tem sorte de morar ali.

– Você está exagerando... – o fim da rua Meadow também era um dos cenários favoritos de Claire, mais porque remetia a lembranças nostálgicas do que pela beleza natural em si. A verdade é que havia jardins residenciais muito mais belos na parte rica da cidade.

– Dependendo da erva que eu consigo com os caras da mina, rola uma imersão doida. Como se aqueles pinheiros se transformassem em um verdadeiro labirinto. É uma viagem!

– Posso imaginar...

Claire não estava nem um pouco interessada no barato de Max Taylor. Havia feito seu julgamento sobre ele, e só queria uma desculpa para fugir dali.

– Mas, ei, se você quiser uma erva dessas, é só falar comigo.

Como se eu precisasse ficar ainda mais paranoica, ela pensou.

– Não, não, obrigada.

– Você que sabe – ele disse, inexpressivo, e tomou um gole de seu ponche batizado.

– Bom, Max, foi bom te conhecer. A gente se vê, então.

– Falou, *Clara*.

Claire abriu a boca para corrigi-lo, mas deu um breve sorriso e deixou por isso mesmo. Precisava sair dali antes que ele achasse que ela estava dando em cima dele – mesmo sabendo que a cabeça do vizinho estava tão cheia quanto os balões que enfeitavam o salão.

Não entendeu exatamente por que não foi com a cara de Max. Não era por ele usar droga, nem por falar como um adolescente. Como para ela tudo tinha que ter uma explicação, convenceu-se de que não aguentava nem mais um minuto daqueles olhos azuis de psicopata em sua direção.

Não aguentava nem mais um minuto daquele festival, na realidade.

Sem cumprimentar ou se despedir de qualquer outra pessoa, ela caminhou pelos cantos até a saída, de cabeça baixa e mente distante.

– Mas que porcaria é essa? – exclamou, sozinha no estacionamento.

Olhou para os lados. Deu falta de alguns carros, sem saber qual ou de quem. Ao menos não era a primeira a ir embora – os vizinhos de terceira idade não contavam.

Havia um bilhete em seu para-brisa:

Os olhos estão sobre os caminhos do homem e ele vê todos os seus passos. (Jó 34:21)

Era um trecho bíblico. *Outro* trecho. Não um fragmento, como o deixado com James, mas um bilhete manufaturado como os encontrados perto de Rob, com as letras cuidadosamente cortadas e coladas uma por uma a formar a mensagem – ou seria ameaça?

No canto inferior direito havia outro recorte, bem menor. Claire precisou olhar de perto. Unidos agora em um só desenho, eram os mesmos símbolos

gravados separadamente nas tampas dos baús de madeira com os trechos e dedos do irmão assassinado. O triângulo invertido de pontas em nós de laço, com o punhal o atravessando na vertical, sua lâmina voltada para cima.

Aquele símbolo não existia, fora criado pelo assassino, que o recortara com um estilete, como Claire pôde ver pelas pontas serrilhadas. Claire pesquisou, procurou. Procurou tanto... mas aquela marca parecia só existir em Salina e em seus pesadelos.

Reprimiu um grito de desespero. Sem qualquer delicadeza, arrancou o pedaço de papel do limpador de vidro, rasgando um pequeno pedaço. Reprimiu com mais força o ímpeto de retornar ao salão e gritar a plenos pulmões. Como se a pessoa que deixara aquilo fosse levantar o braço e dizer: “Eu aqui!” Mas refreou seu impulso, e de uma coisa teve certeza: o assassino de Rob estava vivo.

Mais que isso, ele estava na arena, bem ali, debaixo de seu grande nariz, jogando seu jogo demoníaco com ela. Querendo empurrá-la do abismo da loucura. Mas ele subestimava sua determinação – e sua sede por vingança, reacendida.

Consternada, distraída, Claire dirigiu para casa. Os estabelecimentos fechados, as ruas vazias. De barulho havia só o ronco do motor do Camry e as vozes em sua cabeça, onde os pensamentos se atropelavam. O bilhete... o assassino de Rob... e quanto ao de James? A briga com Brian... a indiferença de Judy... o papinho de Margareth Rigby... Max Taylor... a arma dos Dresch... “É segredo. Lembre-se disso.”

As perguntas de sempre também ecoavam: por que Rob? Por que James? Por que tiveram suas vidas apagadas? Apagadas... como as muitas horas apagadas de sua memória. Símbolos... salmos... e um íncubo, um maldito e imaginário íncubo.

Até que ponto as bizarrices precisariam chegar?

Até quando o sobrenatural precisaria bater em sua porta para ela começar a acreditar?

Não vá por esse caminho, Claire. Isso é obra de uma pessoa. Ele quer te confundir, e você está permitindo. Está se confundindo com outras coisas e perdendo o foco, repetiu diversas vezes para si mesma. Outra voz, mais baixa – mas não por isso menos destacada –, dizia ao fundo: *Acorda. Isso não é obra de uma pessoa. Isso é obra do diabo.*

Não. Não havia Deus, portanto, não havia diabo. Convivera anos com essa

convicção. Abraçara-a com todas as forças e não podia abandoná-la. Não agora. Era indispensável para sua sanidade.

É uma pessoa... talvez duas. Mas algo... alguém *desse mundo*, meditou.

Para ela, eram as pessoas que personificavam Deus e o diabo, o bem e o mal. Alguns, ao saborearem o mal, gostavam. Gostavam a ponto de não conseguirem retroceder. Era mesmo um mundo doentio, como diziam.

As pessoas eram a doença do mundo.

15

Depois da tempestade, a calmaria.

Ainda que um tanto catatônica, Claire se permitiu desfrutar de um agradável fim de semana, o primeiro na tranquilidade da casa verde, seu lar. Cozinhou, limpou o chão e as janelas, lavou roupa. Colocou a leitura em dia. Descansou. Descansou muito.

Nenhum episódio de amnésia. Nenhum delírio onírico com o íncubo. Chegou a sonhar, não lembrava mais com o quê, só que acordou com uma sensação gostosa, de alma lavada.

Esforçou-se para não pensar em trabalho, ou nas feridas do passado. Sentia que merecia um pouco de paz – apesar de tanto perseguir o contrário, em sua constante incoerência.

Então, domingo à noite, quando a realidade de uma nova semana desabou sobre ela num misto de esperança e desalento, Claire não resistiu e pegou o laptop. Dessa vez, não tentou juntar as peças que não se encaixavam – e que mais pareciam gargalhar dela. Queria apenas pensar em alguma coisa para embasar a nova matéria, e ganhar tempo.

Os olhos estão sobre os caminhos do homem e ele vê todos os seus passos. Já não conseguia parar de pensar no bilhete que lhe fora deixado.

Nisso e na arma na mochila de Michael Dresch.

Tudo muito bizarro, e nada útil para ela. Se tinha qualquer esperança de manter aquela coluna por mais tempo, precisava percorrer novos caminhos. Os que trilhara até então acabavam todos em ruas sem saída. Ou em verdadeiros abismos.

Pense fora da caixa, Claire. Pense fora da... caixa. É isso! Os baús de madeira talhados com os símbolos. *O símbolo.* Já não sabia mais o “certo” – na verdade, nunca soube.

Havia duas, talvez três lojas de artesanato por toda Salina. Provavelmente o assassino não seria estúpido a ponto de pedir que os baús fossem manufaturados numa delas. Talvez sequer os tivesse comprado na cidade. Mas e se tivesse? Comprar dois baús de madeira crua numa loja de artesanato não é

o que se pode chamar de comportamento suspeito.

Acontece que os baús só estavam presentes no assassinato de Rob, sem relação aparente com o assassinato de James Christensen, foco de sua coluna investigativa – ainda que não fosse o seu foco particular.

Preciso anotar para não me esquecer de averiguar essas lojas. Escreveu o lembrete em seu inseparável bloco e fechou o laptop, decidida a direcionar seus esforços para uma única ação: dormir. Não queria encerrar o fim de semana com o amargo gosto do bloqueio jornalístico.

Uma nova semana dá cabo de... – qualquer bloqueio. Adormeceu antes de concluir o incentivo mental.

Com um vestido tubinho azul-marinho e o cabelo preso em rabo de cavalo – indispensável para amenizar o calor dos últimos dias de verão –, Claire chegou especialmente entusiasmada ao escritório naquela segunda-feira. Estava revigorada depois de mais uma boa noite de sono, pronta para ir adiante no que havia começado.

Mesmo sem saber por onde continuar, de uma coisa estava certa: era cedo demais para se dar por vencida.

Passou pela porta da entrada com um largo sorriso em cumprimento aos colegas, e, sem esperar, perguntou pela nova edição impressa. Queria folhear, sentir o cheiro de jornal, tocar suas palavras em sua forma mais tangível. O tipo de ritual bobo e sem nexo que lhe trouxera tantos momentos de inspiração ao longo da profissão. Era exatamente disso que ela estava precisando.

Mas, no lugar de palavras impressas, o que era palpável era a tensão no ar. Ty estava sentado sobre a mesa de Rebecca, e os dois estavam aos prantos. Mike segurava uma folha branca diante dos olhos, petrificado.

– Não teve nova edição, Claire – ele disse, sem desgrudar os olhos do papel.

– O senhor Brian está... está... – foi a vez de Ty, que completou, sem completar de fato.

Ele não precisava dizer mais nada. Claire havia entendido, mas se recusava.

– Ele está o quê? – perguntou com um nó subindo pela garganta.

– Ele está morto, sua desgraçada! – respondeu Rebecca aos berros, e precisou ser segurada por Ty quando levantou e partiu para cima da outra como uma fera selvagem.

– O quê? – a voz de Claire sibilou quase sem vida, e ela recuou, trêmula, como se tivesse levado um soco.

– Judy Nash também – disse Mike.

Cem socos da ruiva selvagem teriam doído menos. A face empalideceu e o corpo de Claire desmanchou contra a porta.

– Foram encontrados nos fundos da arena na manhã de domingo – continuou Mike, tão pasmo quanto robótico. – Os pais de Brian deram falta dele em casa, e no dia seguinte na reunião sacramental. Os Finger ficaram preocupados quando não encontraram Judy na hora de irem embora, e mais ainda ao constatarem que ela nunca retornou do festival. Videla começou a busca no último lugar em que foram vistos e... lá estavam.

– Como sabe de tudo isso? – não era a pergunta que Claire queria fazer; foi a que saiu.

– Como *você* não sabe, Claire? – interveio Ty, enxugando as lágrimas. – Passou no noticiário, as pessoas foram para as ruas, chocadas. Fizeram até procissão lá da Blackhawk. A gente chegou cedo e acabou vendo a cena... Os dois atirados no chão de brita, com os olhos sem brilho, cercados por poças do sangue de seus pulsos cortados. Jamais vou esquecer...

Claire não conseguiu abrir a boca. Tentava, sem sucesso, afastar do cérebro a imagem dos amigos mortos que lhe carcomia o espírito.

– Tem mais... – falou o Leduc mais velho. – Michael Dresch também foi encontrado morto. Em casa.

– Com um tiro? – perguntou Claire por impulso, causando um estranhamento geral, tanto pela pergunta quanto pelo modo como foi feita.

– Não – respondeu Mike, sendo atropelado pelo irmão, que perguntou:

– Por que um tiro?

Mas Mike o ignorou e retomou, sério:

– Ele estava com os pulsos cortados também. Em frente ao corpo foi encontrado um canivete ensanguentado. A polícia diz que não foi a mesma arma usada em Brian e Judy; que o pulso de Michael estava rasgado, como se um animal o tivesse emboscado. Não como os cortes limpos que vimos com nossos próprios olhos atrás da arena...

– Ouvi dizer que o senhor Brian estava transando escondido com a Judy, e Michael os flagrou – completou Ty, com a voz carregada de lamento, mas sem qualquer julgamento implícito. – Como filho do bispo, quis fazer justiça diante daquela transgressão à conduta de pureza pessoal. Depois, enlouqueceu e se matou. Mas por que um tiro, Claire? – ele insistiu.

– Por que estão contando essas coisas para ela? – esbravejou Rebecca. – Não veem que foi essa vaca que armou tudo? Assassina!

Dilacerada, Claire não tinha forças para perguntar de que diabos a ruiva

estava falando. Em seu estado de incredulidade absoluta, pensou alto:

– Brian e Judy... mortos. Michael se matou. Antes matou Brian e Judy. Não... não faz nenhum sentido.

Mike entendeu que ela falava com eles, e comentou:

– A mochila de Michael foi encontrada fora da arena, perto dos corpos. Havia uma arma dentro dela, que, mesmo não tendo sido usada, fez a polícia acreditar que o filho do bispo já não estava muito bem da cabeça.

– Mas você já sabia da arma, não é? Foi por isso que perguntou do tiro? – desconfiado, Ty perguntou mais uma vez a Claire, que nada disse.

– Tá na cara que ela sabia! – bradou Rebecca, e Mike precisou ajudar o irmão caçula a segurá-la.

– Calma, Becca! Não podemos acusar ninguém sem provas.

– Mais provas do que isso?

Ela arrancou a folha das mãos de Mike, atirando-a aos pés da jornalista caída, que se esticou para pegá-la.

Era uma espécie de documento de uma só página, com um parágrafo curto que concedia a administração do *Salinews* para Claire caso algo acontecesse a Brian. Nem sequer estava assinado, sendo bastante óbvio que foi feito às pressas, e não pelo dono do jornal. Mas numa cidade sem lei como Salina, tudo era possível, até mesmo uma procuração visivelmente forjada ter validade.

– Vim buscar minhas coisas e achei esse absurdo em frente à porta. Estava sob o molho de chaves do Brian. Chamei os meninos na mesma hora. – Lágrimas encharcavam o semblante furioso de Rebecca. – Nós vamos te entregar para a polícia, sua cobra imunda! Tudo estava bem até você chegar.

– Becca, se acalma, porra! – urgiu Mike. – Claire tem explicações a fazer. Mas também não é assim.

– Você está certo, mano – avaliou o mais novo. – E a Claire já passou por maus bocados nessa vida.

– Não me importa pelo que ela passou! Por que ainda a defendem? Ela matou o Brian, nosso chefe, nosso amigo. O único que nos deu uma oportunidade digna nesta cidade em que pessoas como nós desperdiçam os anos em empregos sem futuro, sem nenhuma chance de sair daqui.

– Rebecca – Claire encarou os olhos verdes flamejantes da outra, que brilhavam ainda mais devido às lágrimas –, por que você acharia que eu matei o Brian? Como pode dizer uma coisa dessas? Ele era meu amigo também.

– Essa mulher é uma cínica, meu Deus! – Rebecca fez mais força para se soltar, mas os irmãos Leduc a mantiveram no lugar. – Como posso dizer uma

coisa dessas? É a verdade! Todos nós vimos você discutindo com o Brian no festival. E depois falando, ou melhor, tramando com Michael Dresch. Não precisa ser detetive para imaginar que você fez a cabeça dele com esse seu jeitinho manipulador.

– Não! Eu jamais...

Então Claire se lembrou de Michael dizendo as mesmas palavras, “eu jamais”, e, assim como ele, parou de falar. Preferiria mil vezes rever a silhueta sem rosto do íncubo todas as noites a passar por aquilo. Qualquer pesadelo seria melhor do que aquela realidade.

E pensar que minutos antes ela havia chegado ao escritório com tanta... o que é que sentia mesmo? Ah, sim... esperança.

Depois de muito explicar sua versão dos fatos aos (ex-)colegas de trabalho; depois de conversar com o bispo, com a polícia e até com o xerife Peterson – cuja presença transformava Videla num sujeito com ainda menos voz ativa, num bajulador insignificante –, acordar e não lembrar da noite anterior voltou a fazer parte da rotina de Claire.

De certa forma, ela preferia assim. Eram menos horas para contabilizar. Menos horas de sua penosa existência.

Ingênua ela foi ao pensar que depois de tudo pelo que passara, nada seria capaz de mandá-la de volta para o fundo do poço. Foi ingênua ao pensar que, sem sua família, não tinha mais nada a perder. Esqueceu-se de que a vida sempre impõe novos obstáculos, que conseguem superar os anteriores. Só os mais fortes sobrevivem.

Quando impedida pelos Smith e Finger – que respondiam por Judy – de comparecer ao enterro dos amigos, ficou claro que, mesmo sem provas, seu estigma de culpada não desapareceria tão cedo da opinião pública. Então ela esperou, e todo domingo, no horário da reunião sacramental – quando não havia ninguém para lhe apontar dedos –, ela ia até o cemitério municipal visitar os túmulos, vertendo lágrimas enquanto murmurava seus incansáveis monólogos de despedida.

Ethan Dresch enterrou o filho um dia depois do sepultamento de Brian e Judy, e, sem hesitar, foi pessoalmente até a casa verde convidar a ex-mórmon para o enterro. Educadamente, Claire recusou. Não seria adequado para ela estar lá, nem para ele ser visto perto da mulher que sua comunidade religiosa demonizava. Ele compreendeu, como seria de se esperar, e ela se sentiu mal por ter recusado o convite do bom homem.

Passado um tempo, as manhãs após os episódios de amnésia vinham acompanhadas não somente de flashes da monstruosa sombra – com contornos que pareciam mudar a cada noite, embora agisse sempre igual, tomando-a sem escapatória na penumbra –, tampouco só das dores físicas, ainda que essas existissem e não fossem poucas.

No corpo cada dia mais magro e abatido de Claire começaram a surgir hematomas, de todos os formatos e tamanhos, que perduravam por dias, semanas. Ela não estava imaginando aquilo. Havia marcas roxas e esverdeadas sobre suas coxas e tornozelos, seus braços e pulsos. De repente a marca de nascença nas costas não parecia tão ruim.

O íncubo estava se tornando real, de um jeito que ela não pensava ser possível. Ou nesse ponto seu discernimento do real e do irreal é que estava comprometido. Não sabia dizer.

O que sabia era que a dor da perda era a que mais crescia, e também o sentimento de culpa à medida que ouvia os comentários: “Todo mundo viu como ela brigou com o coitado do Brian Smith em pleno festival”; “Quem garante que ela não veio pra cá um dia antes e matou o jovem Christensen?”; “É óbvio que ela quis vingar o irmão com as próprias mãos, se é que não foi ela que o matou, pra começo de história”, “Se duvidar, matou a mãe também”; “É louca, tem que ir pra trás das grades, pagar pelo que fez”, “Prendam-na antes que mate mais alguém!”. Os mais revoltados esperavam do lado de fora da delegacia sempre que ela era chamada a depor. Muitos gritavam xingamentos, outros seguravam placas. Alguns atiravam pedras.

Claire sabia que não era uma assassina, mas não podia deixar de ter a impressão de que todos à sua volta acabavam morrendo. O mesmo tipo de pensamento egocêntrico que a fazia detestar tantos personagens de seus queridos livros e filmes. Agora que o sentia na pele, porém, entendia – e, ao mesmo tempo, detestava ainda mais.

Do dia para a noite se tornara a suspeita que todos amavam odiar. Muitos, como Rebecca, diziam que ela armara a coisa toda. Chegaram ao ponto de compará-la com Charles Manson, com “motivos” bem menos subversivos.

A acusação mais popular era que ela havia usado Michael Dresch para assassinar Brian Smith, roubando para ela o *Salinews*. Feito isso, era natural que o já instável garoto tirasse a própria vida, arrependido. Assim, além de ficar com o precioso jornal de Smith, Claire teria se vingado do bispo Dresch, a quem todos recordavam ter um dia culpado pelo que aconteceu ao irmão.

E Judy? Alguns diziam que ela só estava no lugar errado e na hora errada.

Outros, que fazia parte dos planos de Claire desde o princípio. Segundo estes, Claire descobrira o sórdido relacionamento que a amiga mantinha com seu chefe, e viu aí uma oportunidade, ou melhor, uma *razão* para o desequilibrado filho do bispo matá-los, tendo em vista que os dois estavam desrespeitando a Lei da Castidade – sendo que apenas Brian era mórmon.

Com um romance proibido, um bode expiatório suicida e uma mente ardilosa com um passado conturbado, a história toda era cheia de furos, fantasiosa demais, mas quem se importava? Para a maioria das pessoas, era tudo mais que plausível. E assim o mundo de Claire virou de ponta-cabeça, com seu nome por trás de três mortes que ela nem sequer era capaz de processar.

E o que começou como boato virou caso sério para a polícia, que não demorou a dar crédito às alegações infundadas. Chamavam Claire dia sim, dia não, fazendo-a recontar os mesmos fatos, como se esperassem que em determinado momento ela se atrapalhasse e caísse em contradição, ou ficasse tão perturbada que confessasse de uma vez.

Nada parecia ajudá-la a provar sua inocência. Nem o bilhete deixado em seu carro no dia do festival. Aos olhos dos policiais, aquele pedaço insignificante de papel não tinha qualquer relação com os assassinatos. Com relutância, e após muita insistência de Claire, eles o enviaram ao laboratório de perícias criminais em Ephraim, só para na semana seguinte encontrarem nele nada além das digitais da própria acusada. O mesmo aconteceu com a arma do bispo, que retornou da perícia com somente as digitais de Claire, Michael e Ethan identificadas – ao menos parecia que a Igreja em Salt Lake não tomara conhecimento de seu revólver.

Nos primeiros dias que sucederam os nefastos acontecimentos, quando o nome Claire Ellie Price apenas começava a repercutir nas bocas de Salina por conta do “documento” de Brian passando-lhe a administração do *Salinews* e de seu sumiço no meio do festival, Claire foi convocada a depor pela primeira vez na delegacia, já na presença do xerife. Lá contou que, naquele sábado, havia bisbilhotado a mochila de Michael à procura da Bíblia, que poderia ou não colocar o garoto entre os suspeitos pelo crime, já que motivação ele tinha, sendo alvo de chacota de James Christensen na escola. Disse também que, apesar de tudo, depois de conversar com ele não mais conseguia imaginá-lo como assassino.

– Não encontrei a Bíblia, mas sim a arma, e avisei o bispo Dresch logo em seguida – declarou por fim.

Era a verdade, mas, com exceção de Carter Dayton, nenhum dos oficiais

presentes pareceu acatar a versão da moça, que para eles só estava tentando mudar o foco. Precisou que o pai de Michael confirmasse o relato para que ela fosse liberada naquela tarde.

Mas não liberada do julgamento dos salinenses, que a condenavam com a mesma efervescência com que adoravam o *freak show* que tomava conta da pequena cidade. E a polícia, é claro, não estava fazendo nada para conter a injustiça. Não estava fazendo *nada*, a não ser explorar novas hipóteses para sustentar as acusações contra a jornalista. Chegaram a intimar Leah e Harold Brown para se apresentarem na delegacia, só para confirmar que naquele fim de semana Claire realmente ficara em casa, como ela jurara tantas vezes. Não fossem os amáveis vizinhos e o bispo Dresch, já estaria a caminho da penitenciária feminina mais próxima.

As especulações podiam lhe atingir, mas os maiores golpes ainda vinham da sua própria consciência. Por ter brigado com Brian... por ter pensado mal de Judy, que só estava se divertindo... por pressionar Michael com seu interrogatório abusivo.

Precisava descobrir a verdade. Por eles.

A sequência de acontecimentos que lhe parecia mais razoável era que Michael havia realmente matado James – sua Bíblia jamais foi encontrada, não que a busca policial fosse realmente confiável –, Brian e Judy descobriram (mas como?), então ele os matou e se suicidou. Ao menos era isso que alguns dos poucos noticiários mais sérios do distrito diziam, embora a nota oficial da polícia refutasse a ligação das mortes com o homicídio de James.

Contudo, Claire contrariava o princípio de que a explicação mais simples era a mais provável. Muitas perguntas continuavam sem resposta. Muitas perguntas não eram feitas.

Como Michael, sozinho, conseguiria dominar duas pessoas para cortar seus pulsos? O relatório da autópsia feita por Joseph Christensen não indicou nenhuma substância entorpecente nos organismos. Como ele cortaria as veias deles com tamanha precisão? E por que não fez isso consigo mesmo depois, evitando o sofrimento de rasgar tão brutalmente a própria carne?

E como tudo isso estava relacionado ao assassinato de Rob? Aparentemente o homicídio do irmão de Claire não tinha a menor relevância para as autoridades, apesar dos vários e misteriosos pontos em comum com o de James.

Precisava descobrir a verdade. Por eles e por Rob.

Certa manhã, mais uma depois de uma noite sem lembranças – Claire já não sabia mais e nem se importava com os dias da semana –, uma ânsia incontrolável a despertou e ela precisou correr para a privada. Depois de vomitar mais do que tudo o que comera em dias, sua cabeça começou a doer, como se alguém serrasse seu crânio ao meio, e pontadas na barriga antecederam uma cólica terrível.

Agonizante, Claire caiu de lado no chão frio do banheiro, abraçando as pernas contra o peito numa vã tentativa de aplacar a dor. Permaneceu encolhida em posição fetal até os sintomas aliviarem. Um pouco. Então colocou uma roupa qualquer e foi arrastando os pés em chinelos surrados até a residência dos Brown.

– Meu Deus, Claire, olha o seu estado! – espantou-se Harold. – Vou te levar ao doutor Christensen agora mesmo – decidiu, alarmado com a figura muito pálida e zonza a sua frente.

– Não... vamos à doutora Alma... por favor...

– Acho que a doutora Alma é obstetra, menina. Mas tanto faz, né, médico é médico. Vamos logo!

– E então... doutora... qual o meu problema?

A voz de Claire saía conforme os espasmos permitiam.

– Nenhum – respondeu a médica.

– Como... assim?

– Você está grávida, Claire.

16
Dezembro de 1984

Claire costumava ficar mais bem-humorada quando o frio do inverno chegava, mas naquele Natal isso não aconteceria. Ela estava desamparada, de família e de tudo o que aquela época representava. Só lhe restaram um carro e uma casa. Apenas cascas.

E nada além de uma casca era como ela se sentia.

Para manter-se ocupada, mergulhou de cabeça na Sociedade de Socorro, fazendo o máximo de serviços voluntários quanto era possível – quanto era *necessário* para que chegasse exausta em casa e caísse na cama como uma pedra. Sabia, porém, que não tinha vocação para o voluntariado. Estava carente e cansada de fazer pelos outros o que não faziam por ela.

No fundo, sabia que estava sendo injusta por pensar dessa forma. Os queridos vizinhos Leah e Harold a ajudavam como podiam. Infelizmente, nada que fizessem preencheria o seu vazio emocional.

Aquele fardo era só dela.

Na véspera do dia 25, Claire caminhava sem rumo pela cidade. O centro de Salina estava coberto de neve e brilhantes decorações natalinas. Tudo muito festivo, alegre e familiar. Festivo, alegre e familiar *demais*. As luzes, as cores e os semblantes exultantes lhe davam asco. Sem contar os irritantes jingles natalinos. Cada loja tocava um diferente, em completa desarmonia. A excruciante poluição sonora só não era pior do que as vozes na cabeça da jovem. Vozes que agora a acompanhavam todos os dias, desde o despertar. Vozes que diziam que fizesse como sua mãe, que acabasse logo com aquele sofrimento. Mas ela não seria capaz.

Parou na calçada por um instante, e se encostou numa parede de vidro fumê. Estava olhando para o outro lado, quando uma mulher, também distraída, chocou contra ela o carrinho de bebê que empurrava, e o pequenino dentro pôs-se a chorar. Um choro agudo, sofrido. Insuportável.

A mulher pegou o bebê no colo e, quando foi se desculpar com Claire, ela já

havia desaparecido, entrando na porta do estabelecimento em que estava encostada. Precisava de silêncio, senão sua cabeça ia explodir.

Quando se deu conta, havia entrado no Rigby's. As mesas estavam todas ocupadas por casais e famílias. Mas havia o balcão em frente ao bar, onde ela não precisaria olhar para aquela gente, aqueles seres felizes e gulosos.

Sentou-se no último banco, perto da Jukebox que tocava baixo um rock, um grande alívio para os seus ouvidos. Tirou do bolso uma moeda e escolheu uma música: "Carry On My Wayward Son", da banda Kansas. Assim que o coro de vozes cantou "continue, meu filho desobediente, haverá paz quando você tiver terminado, coloque sua cabeça cansada para descansar, não chore mais", sentiu uma imensa vontade de chorar, de desabar sobre aquele balcão, mas se conteve. Ficou matutando essas palavras enquanto entrava a parte instrumental, liderada pela inconfundível guitarra.

Fitando seu reflexo fantasmagórico pelo extenso espelho sob a prateleira de bebidas, percebeu outra figura, sentada a alguns bancos de onde estava. Com uma mão ele segurava um copo de uísque, com a outra apoiava a cabeça. Estava tão deplorável quanto ela.

Quando o homem virou a cabeça, Claire o reconheceu de imediato: era o prefeito. William H. Finger viu a jovem que o olhava e cambaleou até o lugar vazio ao lado dela.

– Dia ruim? – ele perguntou (por educação, pois era óbvio).

– Se fosse só um...

– Tome. Isso me ajuda.

Ele empurrou o copo para ela, que o virou sem vacilar. O gosto era ruim, e aquilo desceu queimando sua garganta. Não se sentia melhor, mas estava disposta a qualquer coisa.

– Margareth – o prefeito chamou pela mulher do outro lado do balcão –, mais dois aqui.

Aquela era a nova esposa de Noah Rigby. Ela era bonita, não de uma beleza etérea, como a de Judy, mas de uma beleza provocante, sensual. Carregava no olhar algo que dizia "posso tudo".

Claire não gostava dela.

A morena trouxe mais um copo e serviu a bebida. Então se virou e saiu sem dizer nada. Claire tomou este, e depois outro. E depois outro. Ela e o prefeito trocaram mais algumas palavras, nada de relevante. Nenhum dos dois queria conversar.

Estavam lado a lado por duas únicas razões. Ambos estavam na pior. Ambos

concordavam que uma companhia silenciosa ainda era melhor do que beber sozinho naquele ambiente de família. Mal sabia Claire que aquilo seria o início de um vício destruidor, que ela trataria como se não existisse. Que não admitiria a ninguém, nem a si mesma.

Havia entrado no Rigby's por acaso, então não tinha com o que se preocupar, não é? Não tinha como prever que encontraria o prefeito ou que tomaria aquele primeiro de tantos copos.

Um copo e, ao mesmo tempo, uma porta. Uma porta que dali em diante ela manteve trancada de sua consciência.

Mal sabia ela que não era a única a ter a chave.

* * *

Em janeiro, seu trabalho árduo na Sociedade de Socorro foi reconhecido. Na verdade, já não trabalhava com tanto empenho quanto pensava desde aquele fatídico dia antes do Natal. Mas trabalhava. Trabalhava de dia e bebia de noite. Todas as noites.

Às vezes carregava uma garrafa no carro e bebia nos intervalos, escovando os dentes em seguida. "Não é ressaca, é luto", mentia para si e para os outros. E acreditava.

Em todo o caso, alguém estava olhando por ela. Ou assim ela pensou quando um envelope aos seus cuidados apareceu na capela, sem remetente. Dentro dele havia uma carta e um bilhete. A carta continha uma breve mensagem datilografada.

Claire Price,

O Pai Celestial está jubiloso por seus esforços na Sociedade de Socorro. Você fez um ótimo trabalho cuidando das nossas crianças e é hora de ser recompensada. A conta anexa foi aberta em seu nome para que você possa realizar os seus sonhos.

Isso é mérito todo seu, aproveite. E fique com Deus.

Membros da Comunidade de Salina

No papel menor atrás da carta estavam os dados para uma conta e seu respectivo saldo. Era mais que o suficiente para pagar sua tão sonhada

faculdade de jornalismo.

– Alegre-se, querida! O destino voltou a sorrir para você – disse Leah Brown quando Claire foi contar a novidade, um tanto desconfiada de sua sorte.

Ninguém jamais se identificou como um dos *membros* que assinavam a caridade. Claire também nunca perguntou.

Leah estava certa, em parte. O destino tinha planos para a jovem, mas eles não incluíam sorrir para ela. *Rir dela* já era outra história...

17
Dezembro de 1997

Quando cristais de gelo já se formavam nas janelas e os primeiros flocos de neve começaram a cair, Claire decidiu que estava mais que na hora de se perdoar. Não, de agir. E daí que engravidara sem saber de quem? Não era a primeira mulher nessa situação, nem a primeira a engravidar depois de ouvir que era estéril. Tinha plena consciência de que aquele não era um bebê de uma criatura mitológica – quem acreditaria numa bobagem dessas?

No dia em que a doutora Alma perguntou sobre o pai da criança, encarou a humilhação e disse que não sabia. Que presumia ter dormido com algum bêbado do balcão do Rigby's, um bêbado como ela, e por isso não conseguia se lembrar. Suas amnésias já não eram mais tão misteriosas...

Os fatos eram claros como a neve que caía. Seu filho era um bebê normal, concebido por uma alcoólatra irresponsável. Sim, demorou para aceitar, admitir e fazer as pazes com seu vício. Ainda travava uma batalha diária para não sucumbir novamente – bastava pensar nas pessoas queridas que tiveram suas vidas interrompidas precocemente. Mas agora existia uma semente de otimismo, germinando havia três meses.

Esperança, de carne e osso, não a ilusão dela.

E esperança era o que ainda tinha quanto a pegar o assassino demente. Estava convencida de que o deixara apreensivo com suas intromissões; convencida de que estava se aproximando da verdade, embora se sentisse tão distante. Sua intuição lhe dizia que ele definitivamente estava por trás do que aconteceu a Brian, Judy e Michael. E que, para se livrar do problema que Claire se tornara, armou para cima dela com aquele documento fajuto.

Sua esperança e sua revolta andavam de mãos dadas. Emoções conflitantes que não deviam fazer nada bem para a vida que se formava em seu ventre. Talvez por isso sentisse tanta azia...

Numa manhã gelada de terça-feira, Claire entrava no Camry rumo ao que

esperava ser o momento da virada. Usando um vestido cereja solto – suas calças jeans já estavam muito apertadas –, um sobretudo preto e botas da mesma cor, dirigiu o carro para uma rua pela qual há meses não passava: a 260 Street.

Um aviso com “aluga-se” cobria a gasta placa do *Salinews*, e, de tão alta que a grama estava, quase não se podia enxergá-lo. A antiga equipe a esperava na calçada. Rebecca estava de braços cruzados, com sua típica expressão desafiadora.

– O que estamos fazendo aqui? – ela rosnou assim que Claire saltou do veículo.

– Oi para você também, Rebecca – respondeu Claire.

– Oi – disse a ruiva com desdém –, você engordou.

– Não. Estou grávida – replicou Claire, bem-humorada. Havia sentido falta da garota que, como ela mesma, ia tão direto ao ponto.

Sua resposta deixou os três jovens boquiabertos. Rebecca mais que todos.

– Mike, Ty, me ajudem a tirar isso aqui, por favor, e vamos entrar.

Confusos, os irmãos ajudaram Claire a remover o aviso de locação que cobria a placa do *Salinews* e acompanharam-na até a entrada, seguidos por Rebecca. Claire retirou um molho de chaves da bolsa e abriu a porta, fazendo sinal para que os colegas entrassem primeiro. Com exceção de uma fina camada de poeira, o escritório permanecia como o haviam deixado. O proprietário não retirara os móveis nem os arquivos do jornal.

– Vocês trouxeram os seus computadores, como pedi?

– Sim, Rebecca deu carona pra gente, estão todos no carro dela – disse Mike.

Os pais de Brian não quiseram nada que remetesse ao *Salinews*. Amaldiçoaram o dia em que permitiram o filho ir em frente com aquela imoralidade que ele chamava de jornal. Culpavam o jornal, culpavam Claire, culpavam Judy. Culpavam tudo o que julgavam como libertino, tudo com que Brian não deveria ter se metido e pelo qual foi castigado.

A polícia também abriu mão de apreender os eletrônicos baratos, e os ex-funcionários puderam manter suas ferramentas de trabalho.

– Pessoal, eu os chamei aqui porque aluguei de volta o nosso escritório. Ainda tinha um dinheiro guardado, e... enfim, isso não importa. Quero que saibam que eu não o fiz para substituir o *Salinews* por outro jornal, nem para ser a chefe de vocês no lugar do Brian.

– Por que então? – perguntou Ty.

– Porque existe algo de podre aqui em Salina e, se estiverem dispostos, acho

que podemos fazer algo a respeito. As autoridades não farão nada, vocês sabem. Só a verdade libertará a nossa cidade. A verdade que o *Salinews* jamais teve medo de expor. Por isso quero saber se gostariam de retomar de onde paramos. Em memória de Brian.

Rebecca, ainda visivelmente surpresa pela gravidez de Claire, se pronunciou, dessa vez, sem a usual postura pretensiosa.

– Mas... você ainda vai querer que *eu* faça parte da equipe?

– Por que não? Você é uma boa profissional, Rebecca, é isso que interessa. Além do mais, não mando aqui. A chefia do *Salinews* é e sempre será do Brian. Se vamos tocar o jornal, faremos isso juntos, em pé de igualdade.

Em menos de um mês, Claire, Rebecca, Mike e Ty conseguiram organizar a papelada, recontratar os fornecedores e distribuidores, e até mesmo recuperar os antigos anunciantes. O *Salinews* estava de volta à ativa, para alegria de alguns, e repulsa de tantos outros.

Por mais que tivesse insistido em não ser a chefe, foi natural que a linha de frente fosse assumida por Claire, afinal, alguém teria que fazê-lo, e parecia que a relutância de Rebecca estava finalmente vencida. A cada mês que a barriga da grávida crescia, também crescia a empatia entre as duas.

Entretanto, um certo desânimo acometeu a líder quando se deu conta de que não teria como retomar sua coluna – o que não significava que iria abandonar a investigação particular. Ficara com a maior parte das responsabilidades de Brian, e como não havia condições de contratar outra repórter na situação financeira em que estavam, Rebecca teve que passar a trabalhar em modo turbo para dar cabo das matérias sozinha. Matérias mais do que nunca focadas em desmascarar todos os podres da cidadezinha.

Desde as últimas três mortes, Salina estava fervilhando. O cenário era de histeria coletiva: choviam testemunhos falsos de pessoas que queriam seus cinco minutos de fama, e a cidade ficou na mira da mídia nacional – algo que estava tirando o sono de Patrick Videla e do xerife do condado, Gavin Peterson, curiosamente o maior acusado de negligência pelos jornais de Nova York e Los Angeles, ainda que nem sequer residisse na cidade onde ocorreram os crimes.

A economia estava aquecida como nunca. Graças, especialmente, ao turismo mórbido que havia se desenvolvido desde que pessoas de todo o país passaram a achar o máximo transitar com câmeras fotográficas e olhares admirados pelos supostos locais dos crimes e residências dos assassinados.

– É um mundo doentio, não acham? – comentou Mike quando passavam por

um grupo de turistas animados ao saírem do almoço (de uma nova lanchonete na Main Street, que veio na onda de crescimento impulsionado pelo atípico turismo).

Claire agora podia transitar pelas ruas sem ser apedrejada. Sua reclusão para superar o alcoolismo, a falta de provas concretas e o passar dos meses serviram para amenizar as acusações de que estaria por trás das fatalidades. De repente a culpada virara coitada de novo. “Pobrezinha, ter que aguentar tanta especulação a seu respeito, quando nem superou as mortes na família e o abandono do pai...”; “Com tanta desgraça não é de se estranhar que tenha virado alcoólatra”; “Ouvi dizer que está grávida agora”; “Alguém deve ter se aproveitado dela numa das bebedeiras, que covardia!”

– As pessoas é que são doentes, Mike, as pessoas, pode acreditar – disse Claire, convicta.

18
Junho de 1998

Gravidez avançada e verão eram duas coisas que não combinavam. Quando junho trouxe a estação mais quente, Claire não sabia dizer o que era mais difícil: vencer o alcoolismo ou o tempo até se livrar daquele barrigão incômodo e constantemente suado. Mas não reclamava – em voz alta, pelo menos. Considerava sua gravidez milagrosa. Com isso em mente, um pouco de superstição não fazia mal a ninguém.

Saindo de casa, deparou-se com um rosto conhecido.

– Nunca mais o vi por aqui.

– Pois é – ele respondeu, soltando uma baforada e jogando a ponta do cigarro no latão de lixo em frente à casa.

– Pensei que seu contrato tivesse vencido, Max.

– Renovei. Essa cidade está cada dia mais interessante – constatou o vizinho aéreo.

– Se está...

– Por falar em interessante, tenho uma coisa pra te mostrar.

– Precisa ser agora? Estou atrasada para a minha última consulta – ela apontou para a barriga mais que saliente.

– É rapidinho. Aliás, parabéns.

– Obrigada – agradeceu Claire, sem jeito. – Se é rápido mesmo, vamos.

Então seguiu Max para o minibosque de pinheiros. No caminho pensou que aquilo era má ideia, que àquela hora já deveria estar chegando à clínica Christensen, mas não recuou.

Ao chegarem à extremidade, onde as últimas árvores compridas antecediam a cerca que dava para um extenso terreno baldio, ele parou.

– Veja! – afastou com o pé um amontoado de folhas secas da relva.

Claire tomou um susto com o que viu. Esfregou os olhos e olhou para os lados, desnorteada. Era como se tivesse entrado numa realidade alternativa.

Ali, sobre a mesma terra em que tanto correra e pulara com o irmão e amigos

quando criança, havia uma porta de metal pintada de marrom. Uma espécie de... alçapão?

Alheio ao desespero que assaltava a mulher ao seu lado, Max deu seu parecer:

– Fiquei sabendo que Salina já abrigou um campo de concentração. Vai ver isso é daquela época, um desses túneis que os presos cavavam pra fugir. Legal, né?

– Quê? Legal? Você tá de brincadeira? Isso não é de cinquenta anos atrás. Cresci aqui, percorri cada centímetro dessa área. Cavei e enterrei coisas aos montes por aqui. Te digo com toda certeza que isso aqui é novo.

– Beleza, beleza. Não precisa se exaltar.

– Desculpe. É que... não faz sentido. Você já entrou?

– Não dá. É trancada por dentro. Até pensei em usar alguma ferramenta para arrombar, mas daí pensei melhor. Trabalhando em mina de carvão, sei como essas passagens pela terra são precárias. Julgando pelo terreno, essa daqui não deve ser nada segura.

– Nós temos que descobrir o que tem aí! – exclamou Claire.

– *Nós*? Nada disso, moça. Só quis te mostrar. Eu é que não vou entrar aí para me arrepender da pior forma. Nem você deveria, com essa barriga toda.

Ele estava certo. Além disso, ela precisava partir.

Naquela noite, Claire abriu a janela para refrescar o quarto. Um muito bem-vindo golpe de vento a fez permanecer de pé em frente à janela alguns instantes. Divisando o topo dos pinheiros no fim da rua, que balançavam suavemente à brisa abafada, só então recordou da portinhola que o vizinho lhe havia mostrado pela manhã.

Os insetos começaram a invadir e ela fechou apenas a cortina – naquele calor, fechar a janela estava fora de cogitação. Amanhã, sem falta, daria um jeito de descobrir mais sobre a tal porta. Agora era tarde.

Mas... conseguiria dormir com aquilo martelando o cérebro?

Você precisa, Claire. Faça isso pelo bebê. Comece encontrando uma posição confortável... uma posição menos desconfortável, e deixe o cansaço te levar, propôs em pensamento.

De repente um barulho. E outro.

Em seguida, passos silenciosos – mas não o bastante – sobre o assoalho de madeira. Passos que se aproximavam, explorando a casa. Tentou se erguer, mas os músculos enrijeceram.

Meu Deus! Ele finalmente veio até mim! O que eu faço? O que eu faço? Não tenho forças para me defender, não posso correr. Mas que merda! Ele veio até mim e eu não poderia estar mais vulnerável. Ele... O pensamento foi interrompido quando os passos adentraram o cômodo. Claire fechou os olhos. Sem perceber, trancou a respiração.

Sentiu o medo subir pela espinha, um medo incontrolável e impotente. Sentiu o coração pulsar mais forte, violentamente, como se forçasse passagem pela garganta, o que a obrigou a respirar novamente. O ar saiu cortado, trêmulo como os lábios por onde passou.

Suas mãos e seus inchados pés suavam frio, sua barriga doía – sua mente, mais ainda, ao se preparar para o pior. Cada novo segundo se arrastava mais que o anterior.

Ela não viu, mas bastou ouvir os passos para saber que não era *ele*, afinal. Eram eles.

Nove indivíduos, vestindo mantos violeta com capuzes sobre o rosto, fizeram um semicírculo ao redor da cama de solteiro. Calmamente, acenderam cinco velas e puseram para fora de seus mantos correntes prateadas, de onde pendiam nove pingentes idênticos. Idênticos ao símbolo deixado no bilhete do para-brisa do Camry e também aos estampados nas tampas dos baús com os dedos de Rob. Um triângulo de linhas se fechando em nós de laço atravessado, pela ponta inferior, por um punhal. Aquele mesmo complexo e desconhecido – e maldito – símbolo que tanto povoara os pesadelos de Claire. Pesadelos da mulher que agora, por ironia, fingia dormir.

Claire não viu nada disso, mas se manteve atenta aos sons e sensações. Ficou ainda mais assustada quando ouviu um som metálico – e ficaria muito mais se visse que foi produzido por adagas que dois dos encapuzados desembainharam.

Ela estava encurralada.

Meu filho..., pensou no menino, no seu Rob. Na consulta daquela manhã não aguentara mais a curiosidade, pedindo enfim que a doutora lhe revelasse o sexo do bebê. Ela ficaria feliz de qualquer maneira, mas quando soube que seria um menino, desejou por tudo acreditar em reencarnação. Não acreditava. Nem por isso seu irmão não poderia ser homenageado.

Foi então que uma respiração se aproximou de seus ouvidos, levantando-lhe todos os pelos da nuca. Uma voz masculina disse rispidamente:

– Já pode parar de fingir, sabemos que está acordada.

Abrindo os olhos, Claire deparou-se com um cenário ritualístico que fez seu sangue gelar, parecendo que seu coração havia parado por um momento. Havia

nove rostos ocultos nas sombras de capuzes. Quem eram aquelas pessoas?

Uma voz feminina entoou:

– A Ordem da Verdade Apoteótica, a única e verdadeira nova ordem mundial.

E outra continuou:

– A ordem suprema do simonianismo, valentianismo e do Caminho da Mão Esquerda.

E uma terceira proferiu:

– A ordem dos sangue-puro e dos que foram abençoados com a revelação ancestral.

– Está na hora, irmãos – disse a voz de um homem, num timbre grave, horripilante. – Hora de trazer Christus ao mundo para o início de uma nova era.

Um coro masculino completou:

– Que ele reine absoluto e nos permita reinar como deuses.

– E deusas – disse a voz de uma quarta mulher.

– Finalmente a Terra se verá livre da infestação humana de carne fraca e repugnante, para ser habitada por seres escolhidos, e por alguns poupados e submissos a esses – falou outra mulher.

– Submissos a Christus e a nós – corrigiu o homem da voz mais assustadora.

Todos proclamaram:

– O.V.A., O.V.A., O.V.A.!

Se as três casas na rua Meadow fossem mais próximas, certamente algum dos vizinhos já teria ouvido o vozerio.

Os encapuzados apagaram todas as velas, com exceção de uma. Feito isso, levantaram os capuzes e, apesar da meia-luz, Claire pôde enxergar cada um – não que, nesse ponto, tivessem qualquer intenção de não serem reconhecidos por ela.

Margareth e Noah Rigby, Lucy e Porter Jenks, Sarah e Tony Baker, Richard e Rachel Allensworth, e, por fim, Joseph Christensen, o dono da voz mais temível. Claire queria gritar, pedir socorro, mas depois de ver quem estava ali não conseguia raciocinar direito. Até que, sem pensar, perguntou:

– Onde está Alma?

19
Alma & Joseph Christensen – Dezessete anos de história

Ao ingressar na faculdade de medicina da Universidade de Utah, em Salt Lake City, a caloura Alma Kartchner jamais imaginaria que naquele ano teria o seu destino selado.

Logo no primeiro semestre, quando tantos – que, assim como ela, partiram para a medicina por imposição dos pais aristocratas – não tinham estômago para suportar nem o cheiro de formol em que estavam mergulhados órgãos fatiados para estudo, Alma descobriu-se completamente apaixonada por anatomia, sobretudo pela obstetrícia. Chegava a dizer que o primeiro parto ao qual assistiu foi a sua primeira legítima experiência de amor à primeira vista. Trazer vidas ao mundo era tudo o que queria.

Ainda era 1980 quando outro amor entraria em sua vida de forma igualmente arrebatadora. O nome dele era Joseph Christensen. Um homem de intensos olhos negros, carinhoso, inteligente e ambicioso na medida certa. Estava ficando careca, mas isso não mudava nada. Para Alma, era um verdadeiro galã; um homem que a fazia sentir como se fossem capazes de qualquer coisa, até mesmo mudar o mundo. Ela não poderia estar mais feliz. Toda a sua vida vazia havia ganhado um novo significado.

Mas naquele mesmo ano o casal de estudantes enfrentaria o seu primeiro grande obstáculo: Alma estava grávida. Uma notícia normalmente alegre que se tornou uma enorme dor de cabeça para as famílias Kartchner e Christensen, ambas ultrajadas pela indecência dos filhos diante dos preceitos mórmons. Para encobrir o deslize, os pais prepararam um casamento às pressas, com meia dúzia de convidados de cada lado e muitos subornos para que a Igreja não tomasse conhecimento do pecado.

Pouco se soube sobre a reservada celebração, que não passou de uma formalidade para os familiares próximos dos recém-casados. Os dois jovens,

por sua vez, pouco se importavam com a conduta religiosa ou com as regras da sociedade. Estavam perdidamente apaixonados, e agora tinham o fruto desse amor naquela criança perfeita. Seu filho, James, que embora tivesse atrasado os estudos da então senhora Christensen, não era visto por eles como um contratempo, como certa vez disse o pai de Joseph. Nenhum problema era grande demais para os enamorados.

Nenhum problema seria.

– Querida, precisamos conversar.

Quando Joseph pronunciou estas palavras após quatro anos de casamento, Alma ficou imobilizada. *Ele se apaixonou por outra*, pensou.

Com sua mãe ajudando a cuidar de James durante o dia, Alma pudera voltar à universidade e se formar. Tinha amor, família e mais que uma profissão, uma vocação, tudo o que poderia querer. Nunca merecera aquelas coisas, e era de se esperar que a vida tomasse o que lhe dera tão fácil. Fácil como sua vida sempre fora.

Joseph, de fato, tinha outro amor, só que muito diferente do que a esposa imaginava.

– E esta é a O.V.A. – ele concluiu, depois de alguns minutos.

O mundo de Alma caiu.

Esse não é o homem com que me casei, não pode ser.

Por dentro, estava arrasada com tudo o que ouvira. Uma insanidade sem tamanho. Quem eram aqueles outros lunáticos, e pior, os que começaram aquela maluquice antes deles? Por fora, tentava manter a postura de companheira dedicada e compreensiva. Precisava ao menos tentar. Sua família estava em jogo.

– Chegou a hora de voltarmos à minha cidade natal – ele então falou.

Era um domingo ensolarado de verão quando se iniciaram os preparativos para a iniciação de Margareth e Alma – aos olhos desta, era um dia cinzento e frio. As duas foram instruídas a permanecer em casa enquanto os demais organizassem tudo. Nas badaladas da meia-noite todos se reuniriam na residência dos Christensen, que já possuía a estrutura necessária para o que iriam fazer.

Sem saber de nenhum detalhe, com as palmas das mãos suando, Alma aguardava sentada no sofá de couro branco da sala de estar, que ficava no piso superior de onde funcionava a clínica. Seria algum tipo de pacto de sangue, um

sacrifício de animais, uma orgia? O que diabos eles planejavam para essa “iniciação”? Lutava para manter a mente aberta e não sofrer antes do tempo, mas sua razão era uma combatente incessante.

Quando Joseph e Noah Rigby entraram no cômodo carregando um saco preto, grande o suficiente para caber um corpo, e parecendo tão pesado quanto se tivesse um, a médica levou as mãos à boca, apreensiva pelo que viria a seguir. Franziu as sobrancelhas para o marido – quando na verdade queria gritar com ele –, mas recebeu de volta um sorriso sem dentes e um aceno de mãos, que não a tranquilizava nem um pouco.

Logo depois chegaram Sarah e Lucy, seguidas pelos maridos Tony e Porter. As amigas subiram as escadas tagarelando como se estivessem a caminho de um jantar entre amigos. Ao pensar nisso, Alma temeu que o que estivesse dentro daquele saco pudesse ser o jantar.

Os Allensworth, Rachel e Richard, chegaram em seguida e juntaram-se aos demais no sofá. O último carro a estacionar no terreno foi o Porsche 944 vermelho que Noah deu de presente para a nova esposa, Margareth.

Quando todos haviam chegado, Joseph indicou que seguissem para seu escritório pessoal, onde haviam largado o saco cerca de uma hora antes. Alma quase desabou em lágrimas quando, cruzando o corredor, passou pela porta azul-celeste, onde o pequenino James dormia.

Meu Deus, o que eu estou fazendo? O que eu vou fazer?, pensou, aflita.

– Ande logo com isso, Alma!

A cobrança feroz do marido tirou a obstetra do transe em que caíra e ela olhou ao redor, assimilando a realidade. Estavam na sala oval de Joseph, que um dia pertencera ao pai dele, e ao pai deste antes. Mirou os móveis maciços de mogno: a prateleira com os livros de medicina ao lado da porta de entrada, feita sob medida para acompanhar a peculiar parede arredondada; a mesa vazia na extremidade em frente à janela, de cortina e blecaute fechados.

Começou a compreender o porquê daquele amplo espaço no quase vazio escritório. Não tão vazio agora, com tantas velas espalhadas e os outros quatro casais que ali estavam. No chão havia uma lona preta esticada e todos estavam sobre ela em círculo. Quando o zumbido que incomodava seus ouvidos cessou, ela pôde ouvi-los entoando um cântico em uma linguagem que lembrava latim. Todos, inclusive seu marido, vestiam túnicas violeta e tinham sobre elas um mesmo tipo de pingente estranho, menos ela e Margareth, que estava ao lado.

Com força assustadora, Joseph agarrou a trêmula mão direita da esposa, e

Alma reparou numa veia que saltou na testa dele. Então sentiu um peso gelado na mesma mão, e viu que ele estava forçando contra ela uma espécie de faca prateada, um punhal.

– O que eu faço com isso? O que eu faço? – perguntou, em seu estado nervoso.

– Quantas vezes precisarei repetir? – ele esbravejou.

– Ai, deixa que eu vou primeiro! – Margareth se precipitou entre os dois e arrancou o punhal da mão de Alma, cortando o círculo impetuosamente.

Joseph tomou a posição ao lado da esposa e foi então que ela conseguiu enxergar. Caído no centro da lona havia um rapaz. Estava desacordado. Levou alguns segundos para reconhecer o filho dos Price, aquela boa família que conhecera já na primeira reunião sacramental depois que chegou à Salina. Lembrou-se de Dora Price lhe contando que o pai de Joseph fizera o parto de seus dois filhos, e como ela era grata a ela e ao marido por continuarem com o atendimento médico na cidade. “Sem os Christensen, o que seria de nós?”, foram as palavras da mulher.

– Não!

Alma teve o grito abafado pelo marido, que colou uma mão em sua boca e apertou a outra em seu pescoço de forma ameaçadora, denunciando com o olhar que não a pouparia se tentasse gritar novamente. Sarah e Lucy a olharam de cara feia, mas os demais sequer viraram a cabeça. O cântico pagão continuava.

Margareth havia virado o garoto de barriga para baixo e o apunhalava pelas costas, com a frieza de um açougueiro. Frieza que se transformou em prazer nas primeiras estacadas. Em determinado ponto Alma calculou que o adolescente já estivesse morto, mas a morena continuava a feri-lo, com o olhar faiscando a cada jorro de sangue, com a respiração ofegante, mais de êxtase do que pelo esforço físico.

Com as mãos e o vestido branco manchados de sangue, ela se levantou e ergueu o punhal para Alma, dizendo:

– É a sua vez, doutora.

– Eu não posso, por favor, não me obrigue a fazer isso, por favor! – ela implorou a Joseph.

– Vá – ele ordenou, e tinha no rosto aquele mesmo olhar de antes. O olhar que dizia “faça como eu digo, ou eu te mato”.

As noites que seguiram não foram fáceis para Alma. *Não está sendo fácil*

para a família Price, e você fez parte disso, dizia seu eu interior.

Bastava fechar os olhos para reviver a noite sombria. Margareth regozijando-se com o sangue inocente; ela própria rasgando a pele morta por sua covardia; Joseph decepando os dedos do jovem defunto. Lembrava-se precisamente dos sons e do aroma de morte. De como traíra a si mesma. Alguém que só queria trazer a vida ser cúmplice de uma morte tão terrível. Cúmplice de uma profanidade injustificável, imperdoável.

Os dias também não eram mais amenos. Precisava agir normalmente, carregando o peso da culpa em cada atendimento, cada sorriso. O arrependimento era seu fardo, para sempre seria. E ainda tinha que usar aquele pingente escondido sob a roupa. Um triângulo perfurado, uma lembrança pesada e gelada em seu peito, também pesado e gelado. Símbolo da maldição que engolira sua vida perfeita. Um verdadeiro monstro que a parecia engolir viva, lentamente.

Já não sabia se fizera aquilo por amor ou por medo. A princípio fizera por sua família, mas o que lhe restava agora? Joseph havia mudado completamente. Talvez não a tivesse perdoado por hesitar, mas onde foi parar aquele homem tão amoroso e compreensivo? Era como se estivesse casada com um estranho. Um louco.

Ele passou a evitá-la, e dizer que o relacionamento havia esfriado seria considerar que ainda existia um. O pior não era pensar que estivesse aborrecido, mas que estivesse mostrando a sua verdadeira face. A face de um homem que só conseguia pensar em traçar o caminho para obter um poder transcendente – e imaginário, na opinião da médica –, e sua sede por tal coisa estava acima de tudo e de todos.

Com o passar dos dias, até mesmo James começou a lhe parecer diferente. Embora não tivesse presenciado aquela monstruosidade – não que fosse entender o que estava acontecendo –, o menino, antes tão ingênuo e educado, começou a apresentar um comportamento rude, teimoso, malvado. Destratava a babá, a empregada, e até a secretária da clínica, exatamente como o menino rico e mimado que tinha tudo para ser, mas não era.

Alma sabia de sua ausência durante os primeiros anos de formação do filho. Estava ocupada com a faculdade, depois com a residência, e então, por um tempo mais curto, com a renovação da clínica Christensen no novo lar, em Salina. A psicologia explicava mudanças comportamentais como reflexos desse contexto na infância, mas tinha que ser justo agora? Culpou-se por mais isso.

O remorso a corroía e ela precisava de uma válvula de escape, do contrário

não demoraria a tomar a saída escolhida por Dora Price, aquela pobre alma. Encontrou certo alívio se automedicando. Começou aos poucos, jurando a si mesma que não extrapolaria, que era inteligente demais para se perder. De repente não saía mais da cama sem sua mistura diária de oxicodona e morfina. Vivia dormente, mas vivia.

Viu, mas não *sentiu* os anos passarem. Sentia apenas quando passava o efeito das drogas, pois a culpa ainda estava lá. Latente, mas sempre presente.

O amor que sentira por Joseph não passava de uma lembrança remota. Para seu desespero, o então adolescente James estava cada dia mais parecido com o pai, intolerante e cruel. Ainda assim, era a mãe dele e o amava, o amaria sempre. Afinal, até o diabo devia ter uma mãe que o amava, seguindo-o do céu aos confins do inferno.

Eis que, quando pensava que as coisas não poderiam piorar, recebeu a pior notícia de sua vida: James fora assassinado. E de uma forma semelhante a Rob Price Junior. Castigo, vingança, justiça. O que quer que fosse, até ela, que, apesar da profissão, era uma mulher de fé, sabia que não havia sido por mãos divinas.

– A O.V.A. tem que acabar! – suplicou ao marido, aos prantos.

– Não – ele respondeu friamente. – Estamos mais perto do que nunca.

– Por Deus, Joseph! Mataram James. O nosso filho. Você não entende?

– Você que não entende, Alma. Você que é pequena demais para entender a grandiosidade com que estamos lidando. Eu deveria ter ouvido o meu pai e jamais ter me casado com você.

– Chega! Eu vou até a polícia. Essa insanidade já foi longe demais.

Joseph sacou do paletó uma pistola com silenciador. Sua ameaça não era mais implícita como outrora.

– Não ouse dar nem mais um passo – ele disse.

Pois me mate, por dentro já estou morta de qualquer jeito, ela pensou. Então, sem se mover, reconsiderou:

– Desculpe. Falei por impulso. É claro que eu não faria uma coisa dessas. Nem você me mataria de verdade, não é mesmo, querido?

Ele guardou a arma.

– Se necessário, sim – disse, dando de ombros.

Alma ficou em silêncio. Mesmo com os olhos ainda marejados, sua expressão era de uma serenidade forjada.

– Mas creio que não será – ele disse então, tocando-a no rosto ao passar em

direção à escadaria para a clínica. – E não se preocupe, a morte de James será vingada.

Após o assassinato do filho, diferentes razões levaram Joseph a desconfiar de Michael Dresch, e nenhuma delas foi, a princípio, óbvia. Havia o fato de a linhagem do médico estar em Salina desde os tempos da fundação da cidade, o que lhe conferia conhecimento sobre qualquer um que pisava naquelas terras, do temperamento ao prontuário médico. Nem Max Taylor passara despercebido por ele. Como de costume, Joseph oferecera ao forasteiro uma consulta gratuita em sua clínica, e este, ingênuo, aceitou – e quem negaria um bom atendimento médico gratuito, considerando o precário sistema de saúde do país?

Além disso, pertencia à secretíssima O.V.A. e fora um dos responsáveis pelo assassinato do garoto Price, o que o colocava em posição vantajosa diante do pouco (ou nenhum) conhecimento da incompetente polícia. Só de saber o que sabia, Joseph poderia eliminar inúmeras possibilidades, e, com sua perspicácia, juntar as peças que os demais jamais conseguiriam.

Na primeira oportunidade, incumbiu a secretária de telefonar para uma lista de pacientes a fim de avisá-los que era época de realizar o check-up de rotina. Dentre os nomes, estava o filho do bispo santo. Precisou atender toda aquela gente dispensável para não deixar nenhum rastro que o ligasse ao que faria uma vez que confirmasse sua suspeita. Era cuidadoso, muito embora pensasse que não faria diferença não o ser – as autoridades eram demasiado acomodadas e estúpidas para descobrir qualquer coisa.

Quando o esquivo adolescente entrou na salinha para se despir do uniforme da escola e vestir a bata hospitalar, Joseph, já com luvas, pegou a mochila deixada na cadeira e a abriu às pressas. Como esperava, lá estava a Bíblia. Como esperava, com uma página rasgada, justamente o trecho que fora deixado com o corpo de James.

Garoto burro, não me olha nos olhos, mas ainda assim veio até aqui carregando a evidência do crime dentro de uma mochila qualquer. Previsível como toda a escória, pensou o médico. Depois devolveu a Bíblia e fechou a mochila, dirigindo-se para a maca.

A partir de então precisaria apenas encontrar um momento em que Michael estivesse só – o que não era raro –, e então fazê-lo pagar pelo que havia feito a seu herdeiro. Por um instante, cogitou exterminá-lo ali mesmo, mas a ideia não passava de um impulso que o faria ir para trás das grades. Trancafiado como um animal. Logo ele.

Mais tarde, quando a infame consulta estava encerrada, Joseph permaneceu em sua mesa, arquitetando a vendeta. Logo se lembrou do festival, que seria a ocasião perfeita, com tantos suspeitos e álibis.

Numa das reuniões da ordem, contou a todos sobre a descoberta do algoz de seu filho. Contou que o "boiolinha" devia tê-lo matado sem querer numa explosão de fúria só porque James devia estar falando umas verdades a ele. Não tinha como saber que um único golpe na cabeça seria fatal – conclusão que havia tirado desde que examinou o corpo; quem matara James não o fizera calculadamente.

– Deve ter usado uma pedra qualquer e se livrado dela – disse Joseph, respondendo à pergunta de Porter Jenks.

– Então por que depois cortou o dedo? – indagou a esposa de Porter.

Alma escutava tudo calada. A forma com que falavam do assassinato de seu filho, como se fosse a trama de um filme policial, causava-lhe repulsa, mas ela não permitia que isso transparecesse. Precisava cumprir seu papel – *até quando?*, pensou.

– Deduzo que improvisou, tentando simular que o "misterioso assassino" de Rob Price Junior atacara de novo – respondeu o médico, e prosseguiu: – As circunstâncias favoreciam a conclusão, dou um ponto a ele por isso. O que ele não imaginava era a dificuldade de se amputar um dedo. E não posso imaginar que tivesse um bisturi à mão. Talvez um canivete escolar...

Joseph baixou a cabeça, pela primeira vez demonstrando alguma sensibilidade à questão. A memória da carne mutilada do pé do filho surgiu diante de seus olhos. Tratou de afastar a emoção inoportuna.

– De fato deve ter sido um canivete velho – retomou a fala. – Lembro-me agora de ter encontrado resquícios de ferrugem na pele de James durante a autópsia.

– Joseph, adoraria ajudar a matar esse pivete.

– Obrigada, Margareth. Sua ajuda é bem-vinda.

Os demais se dispuseram a ajudar também, exceto Alma, que permaneceu quieta – era como se nem estivesse ali.

– Não. Um só irmão é o bastante – Joseph falou mais alto que todos. – Não podemos arriscar ser pegos, não agora. Não obstante, prefiro que somente eu e Margareth estejamos cientes do plano, é melhor assim.

Por dentro, alguns ficaram aliviados. Para a O.V.A., aquela vingança não tinha qualquer finalidade.

– Acompanhe-me até meu escritório, senhora Rigby. Precisamos conversar.

Noah Rigby não gostou nem um pouco da privacidade imposta. Gostou menos ainda quando a esposa seguiu o médico sem pedir seu consentimento. Mas Margareth era um espírito livre, e ele precisava dar graças por tê-la conseguido.

Era chegado o dia para o qual Joseph e Margareth haviam articulado o plano perfeito. Isto é, perfeito até que Claire estragasse tudo.

Margareth viu pelo canto do olho quando a jornalista pegou a mochila de Michael, saindo de fininho, certa de que não fora flagrada. Com os distintos e sedutores olhos azuis, conseguiu a atenção de Joseph, que conversava com o prefeito mais à frente, e com um leve movimento de cabeça o fez perceber quem escapava da arena e com o quê.

Se aquela Bíblia ainda estiver lá, posso acabar sendo descoberto pela maldita alcoólatra. Por que tinha que ser ela a dona da marca?, Joseph grasnou internamente.

Tiveram que esperar.

Quando Margareth viu Michael saindo da arena, sozinho e totalmente alheio aos olhos do pai – então ocupado com Claire –, decidiu segui-lo.

De longe, Joseph observava. O prefeito o estava bajulando havia horas, e agora começara a discutir politicagens. Dizia para ele e Alma – em sua postura sisuda e indiferente – sobre abrirem uma clínica maior no centro da cidade, que seria dirigida pelo casal. Falava como, em parceria com ele e com o dinheiro dos impostos, poderiam comprar aparelhagem nova e contratar todo um corpo de médicos especialistas.

O doutor assentia categoricamente. Seu pensamento estava distante.

Olhando para a frente, enquanto o prefeito vomitava projetos no seu ouvido, Alma estava no habitual entorpecimento, e Emma não tinha atenção para nada que não o filho. Joseph foi o único a perceber quando Margareth deixou o recinto.

A mulher era uma serpente: se queria chamar atenção, sabia o que fazer. Se não, rastejava silenciosa, despercebida como uma víbora. Mas por que ela estava indo sozinha? Não via que assim poderia arruinar tudo para ele? Precisava dar um jeito nisso.

– Prefeito, com toda licença, acho que deixei meu bip no carro.

– Ora, pois fique à vontade, meu caro! Alguém sempre pode estar precisando de ajuda médica, não é mesmo?

– Alguém sempre *está*, prefeito Finger.

Com o comentário áspero, ele se esquivou para fora da arena. Foi direto para o carro e não passou por nenhuma movimentação. Bom. Pegou luvas, um lenço, um frasco com clorofórmio e um bisturi descartável. Voltou-se para o prédio da arena, mas em vez de entrar circulou-o em direção à parte traseira.

No meio do caminho, avistou Margareth, que jogava toda a sua sensualidade para Michael contra a suja parede da arena. De ombros empertigados, o garoto parecia extremamente incomodado, até enojado.

– Preciso ir – ele disse à mulher ao ver que alguém se aproximava.

– Agora que começamos a conversar... – replicou Margareth, olhando-o fixamente, na tentativa de impedi-lo de olhar para o lado.

Mas, forçando a vista, Michael distinguiu quem se aproximava.

– Moça, é sério, eu preciso ir – insistiu, desvencilhando-se da dama de vermelho.

Quando deu um passo à frente, Joseph já estava em seu encalço. Só o que viu foi quando uma das mãos enluvadas encostou com violência um lenço úmido em seu nariz e boca. O cheiro era adocicado, etéreo... tudo escureceu.

– Porra! Por que você veio sozinha? – Joseph ralhou com a mulher, mas manteve o tom de voz baixo.

– Era uma oportunidade, ué!

Ele bufou.

– Aqui, coloque isso – disse ao entregar a ela outro par de luvas que levou no bolso da calça preta.

Para sua surpresa, ela não aceitou, levando uma das mãos ao decote, retirando dali um par de luvas cirúrgicas.

– Sou prevenida – disse, orgulhosa, enquanto colocava as luvas com a tradicional dificuldade.

Porém não meticulosa, ele pensou. O pó daquelas luvas poderia deixar vestígios. Mas isso não precisava ser um problema, uma vez que ele mesmo analisaria o corpo depois. Era demais esperar que aquela mulher vulgar estivesse à sua altura.

– Em nosso plano inicial você não precisaria de luvas – ele ponderou. – Por que as trouxe?

– Usei para outra coisinha, uma brincadeira. Não se...

Antes que ela acabasse de falar, ouviram uma risada masculina dos fundos do terreno. Um homem e uma mulher se aproximavam. Naquela altura, o médico e a cúmplice não tinham para onde correr. Sem pensar em nada melhor, Joseph rasgou o lenço em dois, retirou o frasco de clorofórmio do outro bolso,

embebeu ambos os pedaços de tecido e entregou um a Margareth.

– Você sabe o que fazer.

Eram Brian e Judy, que retornavam ao salão entre abraços e beijos – aproveitando que, do estacionamento, aquele lado da arena era escondido.

Merda de garotos sem-vergonha!, Joseph praguejou em pensamento.

Ele e Margareth viraram-se de costas para os amantes, ocultando de forma tão natural quanto possível o flagrante em que se encontravam.

Mas não havia nada de natural naqueles dois, *ali*. Ainda assim, Brian e Judy demoraram a discernir Michael no chão. Pararam a uns dez passos das três figuras, confusos com o que estava acontecendo.

Ao perceber que haviam parado, o médico começou sua encenação, sem se virar de frente para eles.

– Encontramos esse jovem aqui caído. À primeira vista parece ter sido overdose. Podem me ajudar a carregá-lo?

Era um pedido incoerente, eles poderiam carregar aquele garoto magricela sem dificuldade alguma. Mas o médico sabia que os jovens morderiam a isca. Especialmente porque ainda não deviam ter processado coisa alguma e se sentiam como se eles é que tivessem sido flagrados.

Ao se aproximarem, Joseph e Margareth viraram-se devagar – precisavam agir no momento certo –, e em um segundo levaram os sedativos aos rostos confusos do casal, sem brecha para que as vítimas gritassem ou reagissem de qualquer forma.

Brian e Judy tombaram juntos contra o chão de pedra, emitindo um único estampido oco.

– E agora, doutor? O que faremos com esses dois?

– Primeiro trarei meu carro aqui atrás e você me ajuda a carregar o mulato pra dentro. Não podemos ser vistos de jeito nenhum, entendeu? Enquanto isso, eu penso o que fazer com eles. Uma coisa é certa, vivos não podem ficar.

– Está feito.

Joseph estava em casa, no sofá branco da sala de estar, quando Alma chegou, pouco antes de o sol se pôr. Depois que o festival de todos os santos terminara, formou-se um congestionamento na estrada de uma só via que ligava o local ermo à parte habitada da cidade.

– Preciso que lave estas roupas. Não deixe para a empregada. Faça hoje. Ou melhor, faça agora – ele ordenou, entregando à mulher uma pilha de roupas com manchas de sangue.

Ele já vestia outra roupa, limpa. Alma lembrou que ele sempre carregava uma muda no carro.

Com tudo o que aconteceu, havia abandonado a esposa no festival e ela sabia bem o porquê – só não conhecia a extensão dos danos. Como Joseph precisou sujar as mãos, literalmente, apenas Margareth voltou ao salão para garantir que nada extraordinário fosse percebido e que Alma tivesse carona, de modo que mais ninguém tomasse conhecimento da ausência do marido da obstetra. Na verdade, Margareth estava preocupada mesmo era com o seu próprio álibi. Joseph era *o médico* de Salina, poderia se livrar facilmente de possíveis suspeitas. Ela, que era odiada por metade da população – a feminina –, não poderia se dar ao luxo. Não agora.

– Eu e o Noah levaremos você em casa, doutora. Joseph recebeu um chamado e... digamos que ele está com a mãos ocupadas – falou Margareth, com seu tom mais diabólico, ainda no festival.

– Que bom que pude contar com a esposa do Rigby – disse Joseph ao ouvir sobre o auxílio da comparsa, que agira conforme o combinado. – Uma boa mulher, ela... pena não poder dizer o mesmo da minha esposa. Da mãe do nosso filho assassinado, que não moveu um dedo para fazer justiça – disse, num tom provocativo para Alma que, impassível, segurava suas roupas sujas.

Justiça..., ela pensou, desprezando o homem despreocupado ao sofá. Alma preferiu não ceder à afronta. Já contara as palavras de Margareth que ele queria ouvir. Agora não precisava dizer mais nada.

Joseph não se importou com o silêncio. Estava triunfante por sua esperteza, de sua estratégia. Não tinha dúvida de que era um ser superior. Mas, como um mero mortal, sentia imensa necessidade de se vangloriar, e se isso faria Alma ficar ressentida, melhor ainda.

– A jornalista quase acabou com tudo, sabia? – perguntou retoricamente. – Mas a intervenção quase desastrosa dela acabou saindo melhor do que o planejado. O filho de Ethan havia tirado a Bíblia da mochila, afinal.

Alma não sabia exatamente do que ele estava falando. Não queria saber.

– E ele agora carregava uma arma. Ou talvez já a tivesse, mas não me dei ao trabalho de procurar, tendo achado antes a Bíblia. Confesso que não entendi suas intenções com aquilo, mas não fazia diferença. De forma alguma eu a usaria, seria burrice. Eu tinha tudo o que precisava, bastava cortar no lugar certo...

A médica não o deixou terminar e saiu. Não precisava ouvir mais nada. Foi até a área da lavanderia, mas ele a seguiu, ainda contando.

– Só que tivemos um imprevisto. Dois, na verdade.

Alma jogou as roupas na máquina e só dessa vez o olhou nos olhos. O que ele queria dizer?

– O dono daquele jornaleco e a serviçal do prefeito estavam namorando às escondidas atrás da arena e nos surpreenderam. Ou melhor, nós os surpreendemos.

Seria verdade? Alma vacilou.

– Em breve os corpos devem ser encontrados.

Ela abriu a boca, em choque, mas continuou em silêncio.

– Não fique tão espantada, eles tiveram uma morte limpa. Já Michael...

Joseph então contou que dirigiu até a casa do bispo. Pegou as chaves do bolso do garoto, ainda apagado, assegurou-se de que não havia vivalma por perto – não precisou se preocupar de seu carro ser visto, pois absolutamente todos os vizinhos do bispo eram fiéis da Igreja e àquela hora estavam na inútil celebração na Blackhawk –, entrou na residência humilde, e no próprio quarto do garoto tirou-lhe a vida, simulando um suicídio. E ainda pôde fazer isso com um canivete velho que encontrou na escrivaninha de Michael, causando o mesmo nível de estrago que ele fizera ao seu filho.

– Para completar minha genialidade, tive tempo de passar no *Salinews*. Como previ no caminho, a 260 Street também estava deserta. Lá, redigi rapidamente um documento tosco dizendo que Smith passaria seu amado jornal para Claire Price se algo lhe acontecesse. Deixei na entrada sob as chaves dele, que também estavam no bolso de sua calça. Antes de deixar a arena, retirei-as do ruivo pensando que me poderiam ser úteis. Como sempre, eu estava certo – ele pausou e coçou o queixo. Mais que se gabando, estava saboreando sua astúcia e sorte. *Sorte* que, para ele, não era por acaso.

Com o olhar baixo e desfocado, Alma manteve-se emudecida enquanto a máquina batia no ritmo com que as evidências dos crimes do egocêntrico e insano marido surgiam-lhe à mente. Entristeceu-se pelas duas vítimas que nada tinham a ver com aquela vingança. Enfureceu-se por Joseph, que, em seu improviso, agira com tanta imprudência, e mesmo assim não fora flagrado. Embora cética a respeito das crenças da O.V.A., recordou quando certa vez ele lhe afirmara com veemência que existiam forças além da compreensão humana atuando em favor dos membros da ordem. Que a sorte estaria sempre ao lado deles.

– Minha manobra com o *Salinews* fará de Price uma suspeita – ele emendou. – Sem provas, a polícia não poderá prendê-la, mas ela terá uma boa dor de

cabeça pela frente. E quanto mais a isolarmos, mais fácil será concluir o propósito da ordem para ela. Ah, Alma, Alma, Alma... se você soubesse como foi tudo tão fácil. Bastou juntar essa gente burra e fanática de Salina num mesmo lugar.

Mas, querido, fanático é você.

Quando Claire deixou o consultório de Alma naquele que seria o seu último pré-natal, tão sorridente, tão resiliente apesar de tudo... Alma decidiu: “É agora ou nunca.”

Passara meses tentando conceber um plano para pôr fim naquela ordem de malucos, mas era apenas uma médica, não uma sociopata como eles. Tinha boa intenção, mas nenhum tino para esse tipo de maquinação.

Mais de uma vez pegara o telefone para ligar para a polícia. Curiosamente Joseph sempre aparecia. Se saía de carro sentia-se vigiada, e, tratando-se do marido, não duvidaria que tivesse contratado de fato algum capanga para fazer isso.

Então, ao fim daquela manhã, preparou uma seringa com morfina, uma dose fatal. Escondeu no jaleco e, serenamente, caminhou até o consultório de Joseph. A hora não podia ser melhor, a secretária havia saído para almoçar.

– Querido, preciso falar com você – disse ao entrar.

Ele se levantou e aproximou-se dela, sorrindo – *Sorrindo? Joseph?*

– Vai tentar me matar com essa seringa, sua vagabunda?

Um torpor instantâneo invadiu Alma, deixando-a sem reação.

Joseph chegou mais perto, seu olhar estava terrivelmente sombrio, mais do que o normal. Calmamente, retirou a seringa precisamente do bolso em que Alma a pusera, segurando-a bem diante dos olhos alarmados da esposa – quase furando um de seus olhos com a agulha, de tão próxima.

– Você acha mesmo que eu confiaria em você? Numa *mulher*? Seguindo a orientação de meu sábio pai, todo esse tempo eu mantive câmeras e microfones pela propriedade. E você provou que eu agi certo, como sempre.

Com uma das mãos, Joseph segurou Alma pelo pescoço, atirando-a contra a parede. Com o joelho, imobilizou-lhe o tronco. As mãos dela arranhavam o ar – ela não conseguia acertá-lo, tampouco se soltar, não tinha força o bastante. Ela tremia, sufocava, e ele gostaria de prolongar sua tortura. Mas não estava em posição de se deixar levar. Não poderia arriscar pôr tudo a perder só pelo prazer de atormentar sua indigna esposa, por mais que ela merecesse.

Logo, não quis perder tempo e tratou de injetar o líquido no pescoço dela.

Estava claro para ele que Alma se tornara um contratempo. Na verdade, já o era desde a morte de James. Estava velha para lhe dar novos filhos. Era substituível, e Joseph se perguntou por que não se livrara dela antes.

– Você vai ter uma overdose, querida. Vai morrer, como esperava que eu morresse. A secretária vai encontrar o seu corpo no consultório à tarde, ou só amanhã, e todos vão pensar que você se matou, como Dora Price após perder o filho. Mas Dora era uma mulher íntegra, não uma viciada em remédios como você, uma... *fraca*.

A escuridão já tomara conta da médica.

20
Junho de 1998

– Dentro em breve você estará com Alma – disse Joseph, ostentando um sorriso insidioso.

Claire não estava nem um pouco impressionada. Agora, mais do que com medo, estava era farta de tantas charadas, mas não conseguia conter seu nervosismo para começar a compreender o que se passava. Sentia a adrenalina em cada centímetro de seu corpo. Esforçando-se para normalizar a respiração, conseguiu enfim perguntar:

– Por que eu?

– Não é pessoal – respondeu Porter Jenks, num tom quase conciliador (mas ainda dissimulado aos olhos da encurralada). – Você nasceu com a marca de Sophia, o pai de Joseph a viu quando você...

– Como é que é? – perguntou surpresa.

Lembrava-se de Margareth falando este nome: Sophia. Não conseguia acreditar em tamanha sandice, mas sabia do que o homem estava falando.

– Você quer dizer as manchas de nascença em minhas costas?

– Não seja estúpida! – retrucou Rachel Allensworth. – Não são simples manchas. É a marca profetizada. A marca que simboliza os cinco dedos da mão suprema que empurrou Sophia do paraíso. É o sinal divino que nossas famílias têm aguardado por gerações.

– A Ordem da Verdade Apoteótica... – Joseph começara a falar com ar de nostalgia, quando foi interrompido por Noah Rigby:

– Vocês, e principalmente você, Joseph, acham certo contar a ela nossa história?

– Você acha prudente me interromper, Noah?

– É que...

– Poupe-me – reprimiu o médico, imperativo. – Depois do que terá início esta noite, nossa história não precisará mais ser secreta. Pelo contrário. Será o testamento da nova história terrena – fez uma pausa, em seguida continuou: –

Diferente do que podem pensar a meu respeito, sou um homem justo. Justo com quem merece. E Claire, tendo um importante papel em nossa missão, merece saber o que não poderá testemunhar.

Ele foi adiante e contou que a O.V.A., ou Ordem da Verdade Apoteótica, era tão antiga quanto a fundação de Salina, em 1871. Nisso, os demais no quarto começaram a entoar ao fundo uma morosa cantoria, indecifrável para Claire. Joseph contou que seus ancestrais, os primeiros Allensworth, Baker, Christensen, Jenks e Rigby, estavam entre os colonizadores, e estes, como muitos na época das inúmeras perseguições à nova religião, vinham de comum acordo questionando as Regras de Fé e as Crenças Básicas do mormonismo, sobretudo a crença de que poderiam alcançar a apoteose, tornarem-se deuses, somente após a morte.

Eram tempos de revolução e Utah ainda não havia sido admitido como estado. Manifestações populares estavam sendo esmagadas pelas ações do governo, e agir impensadamente, como tantos outros grupos, era suicídio. Precisariam ser pacientes, plantar uma semente que talvez não vissem florescer. Mas talvez seus filhos, ou seus netos, vissem. Nunca imaginariam, porém, que essa semente permaneceria adormecida por mais de um século, carregada geração após geração, num ciclo vicioso de expectativa e frustração.

Mas os fundadores construíram um caso convincente para seus descendentes. Algo relacionado ao estudo de manuscritos antigos e interpretações errôneas por parte dos gnósticos, bem como da vinda do Anticristo e do arrebatamento dos justos. Claire não conseguia acompanhar precisamente o discurso; mais valia a pena focar em uma estratégia miraculosa para escapar dali. Era óbvio para ela que aqueles caipiras endinheirados acreditariam em qualquer coisa que tivesse por resultado palavras como “poder” e “supremacia”.

Ciente de que não tinha a total atenção de sua vítima, Joseph estalou os dedos diante dos olhos inquietos de Claire.

– Como eu ia dizendo... o que era conhecido como o mito de Sophia, entre outros nomes, era na verdade uma profecia. Ela, a deusa da alma e do conhecimento, precisou descer ao mundo inferior, com seus vários sofrimentos e mudanças de sorte, para dar à luz Christus, o grande ser superior que imediatamente ascendeu ao paraíso.

– Assim como foi, será – pronunciaram as mulheres, cessando a cantoria nesse instante.

– Segundo a profecia – resumiu Joseph –, Sophia reencarnaria numa mulher que possuísse as cinco marcas em arco e esta, como a primeira, precisaria

experienciar perda e sofrimento ímpares. Só assim seu corpo estaria preparado para a concepção majestosa.

– Deixe-me ver se eu entendi... – raciocinou Claire, agora atenta. – Seus antepassados não sabiam *quando* isso aconteceria, mas estavam certos de que seria *aqui*, em Salina?

– Sim – respondeu Joseph, inalterado diante da tácita provocação.

– Com base em quê, exatamente? No simples fato de que eles "descobriram" essa asneira?

Se a pergunta de Claire o afetou, Joseph não deixou transparecer.

– Toda profecia é, por definição, uma asneira. Um disparate – respondeu.

– Então vocês farão um ritual para invocar este Christus no meu bebê?

– Não seja ridícula! Christus virá no seu filho. Ele é o seu bebê. Tudo na sua vida foi composto para que ele o fosse. Se pensa que somos mais uma dessas seitas que adora o sobrenatural, saiba que está enganada. Pois nós sabemos que não existe o sobrenatural. O que existe é um profundo desconhecimento do natural.

– Você fala bonito, Joseph. Mas discordo de você.

Ele levantou uma sobrancelha grisalha. Claire esclareceu:

– Está na cara que não passam de só *mais uma dessas seitas*.

Margareth desferiu um tapa no rosto da grávida, que nem mesmo a viu se aproximando, com tantos outros ao redor. Joseph mostrou sua aprovação com um aceno de cabeça e voltou a dissertar:

– Christus atende ao nosso chamado, portanto não teria como nascer em outro lugar que não Salina. Como tudo que já existiu de poderoso no mundo, seu poder adormeceu porque os homens pararam de acreditar. Mas a O.V.A. reacendeu sua história, e ele honrará a nossa dedicação. Antes, contudo, precisa ser preparado, e só os detentores da verdade e dos conhecimentos milenares têm como fazê-lo. Só através de nós o glorioso Christus alcançará seu estado de iluminação, estando pronto para eliminar os mais fracos e conduzir seus escolhidos para reinarem sobre uma nova sociedade a eles... a nós submissa. É claro, não espero que você, uma criatura inferior, acredite em nada disso. Você, aliás, não passa de um peão involuntário.

– Um recipiente para algo muito maior – completou Margareth.

Ainda que não quisesse admitir, Claire estava estupefata, mortificada. Sempre buscara um assassino, dois talvez. Jamais cogitara uma seita de lunáticos. Muito menos formada por aquelas pessoas. Pessoas que a viram crescer. Pessoas inteligentes, instruídas... pessoas *normais*. Convictas numa

crença sem pé nem cabeça, e com um propósito tão vulgar e quimérico como o poder absoluto. Quão decepcionados ficariam quando seu bebê crescesse, e percebessem que não havia nada de especial nele? O que fariam a ele? Ou seria possível que ela estivesse tão cega, que se recusava a acreditar em algo além?

Foi então que lhe ocorreu...

– Quer dizer que vocês conseguiram um demônio, íncubo ou o que quer que seja, para que me engravidasse nos sonhos?

O canto foi interrompido e todos começaram a rir. Gargalhavam como bruxas de filmes.

– Bela ilusão você criou, hein, Claire? – comentou Sarah Baker entre risos. – Para uma jornalista, você é muito ruim em ver as coisas pelo que são.

– Foi isso que você foi procurar na biblioteca no outro dia? – questionou Lucy Jenks, que também parecia achar graça.

As duas se olharam e riram mais ainda.

Eles observavam todos os meus passos? Há quanto tempo?, pensou Claire.

– Não há demônio, Claire – afirmou Tony Baker. Com a mesma naturalidade prosseguiu: – A não ser que eu, Porter e Richard sejamos esses íncubos de que você fala.

Não sentia orgulho disso, só estava sendo honesto. Por pouco não foi mais explícito – e por pouco não falou que Noah foi exceção, já que não poderia ter filhos, e que Joseph se recusara a deitar com a mulher que repudiava, estando satisfeito que o progenitor estivesse entre os membros da ordem. Embora sua esposa e as outras duas não demonstrassem o desgosto que aquela situação lhes causava, na casa dos Baker aquilo havia sido um problema e tanto, então era melhor não relembrar muitos detalhes a respeito, ou iria se arrepender mais tarde.

Claire já havia entendido a mensagem. Havia finalmente entendido como engravidara – e continuava sem saber quem era o pai. Era evidente pelo nojo em sua expressão. Tentou, mas não conseguiu falar nada.

– Diria até que sua gravidez foi uma das partes mais fáceis, levando em conta as suas constantes idas ao Rigby’s – desfechou Joseph, ao mesmo tempo crítico e satisfeito.

– Bastava eu pingar algumas gotas do GHB do doutor lá pelo seu sexto drinque, que você ia para casa bêbada e acessível ao “trabalho” dos irmãos, esquecendo-se de tudo logo depois. Não fosse o trânsito de Salina tão morto, você teria ajudado também a eliminar alguns dos tolos dessa cidade, dirigindo entorpecida daquele jeito – zombou Margareth.

Claire não se lembrava de ser estuprada por aqueles três homens. Mas era exatamente como sua mente se sentia a cada nova revelação, flagelando-a. Se aquela gente era capaz de tamanha barbárie, e se foram responsáveis pelo cruel assassinato de Rob... deviam ter sido eles que incentivaram sua mãe ao suicídio naquele fatídico dia.

Mentalmente relembrou da voz nasalada de Lucy Jenks dizendo que o novo corte de cabelo a deixara parecida com a mãe. No segundo seguinte lembrou-se das cordas no Baker's Food Town. Por último, da mãe dizendo que ia se encontrar com amigas...

– Isso mesmo – confirmou Sarah Baker.

Claire não percebera que estava balbuciando o raciocínio em voz alta.

– Fomos nós também que deixamos uma maleta com uma bela quantia para o amante de seu pai.

– E sim, seu pai sabia desse dinheiro quando fugiu com o garoto – concluiu Lucy.

– Então aquela doação... o dinheiro para a minha faculdade... – Claire estava zonza.

– Precisávamos que ficasse longe enquanto nossos empreiteiros, de outra cidade e muito bem pagos por seu silêncio, construíam a passagem subterrânea até essa rua. Sempre durante a madrugada, para que seus vizinhos e aqueles corretores latinos que viviam por aqui não reparassem.

Enquanto falavam, Joseph estava preparando alguma coisa no chão, mas Claire não ousou olhar.

– É como dizem... o dinheiro compra tudo – disse Margareth.

Você que o diga, pensou Claire.

– Compra um advogado com um passado permissivo à chantagem. Compra amor. Compra um casamento por uma década, e até um resultado falso de esterilidade – revelou a mais nova da O.V.A.

Logan...

Impulsivamente, Claire agarrou o braço de Joseph, que estava absorto ao pé dianteiro da cama.

– Como poderiam saber? – perguntou, exaltada e confusa. – E se eu não aceitasse ter filhos? Ou se por acaso engravidasse naquela noite? – Estava tomando pílula, e se Logan sabia, eles também deviam saber, mas esse tipo de coisa acontecia o tempo todo. – E se Logan decidisse ficar comigo? E se eu ficasse em Ephraim, ou então se fosse para qualquer outro lugar do país, do mundo? E se não fosse um menino?

Apático, o médico se livrou da mão gelada que lhe apertava o bíceps magro mas firme.

– Você não espera que desperdicemos tempo contando a você todos os detalhes, espera? Além disso, as forças para a vinda de Christus operavam a nosso favor, portanto, tudo iria sair exatamente como deveria.

Ele parece realmente acreditar nesse absurdo!, pensou Claire. Ela, por outro lado, ainda não conseguia acreditar no que via e ouvia.

– O bilhetinho no seu carro, no festival ano passado, foi um presentinho meu, querida – avisou Margareth, divertindo-se com seu toque pessoal.

– A questão é que investimos dinheiro e tempo em você. Tempo é o trauma de nossa história. Nossas famílias perseguem essa profecia há mais de cem anos. Mas tudo será recompensado agora, com a chegada do único – devaneou Joseph, e com a sua retórica os presentes vibraram.

– Nós e nossos filhos seremos supremos, como merecido – frisou Porter, e os demais também aclamaram suas palavras, exceto Joseph, cuja expressão endureceu.

– Se aquele afeminado do filho do Dresch não tivesse matado o James... – disse, encrespado pela lembrança.

– Por isso você o matou, seu desgraçado? E por que Brian e Judy? – Claire berrou o mais alto que pôde, na esperança de que os vizinhos, tão distantes, a ouvissem.

– O que acham de começarmos? – interferiu Margareth, ignorando o apelo da grávida. – Não faz sentido estender nossas explicações a um cadáver, não é? Ainda precisamos anestesiá-la, ajudar o doutor com a cesariana, limpar tudo, dar fim ao corpo, e fazer aquele teatro de que a alcoólatra abandonou o filho num cesto em frente aos Christensen antes de fugir.

Sem ideias, Claire simplesmente tentou se levantar de novo, talvez se corresse rápido o bastante até os vizinhos... mas foi impedida por Tony e Porter, que com duas cordas amarraram seus pés e suas mãos, enquanto Richard colava uma fita larga e resistente sobre seus lábios.

De uma bolsa de pano do chão, Margareth tirou cálices de metal trabalhado e um decanter do mesmo material, com tampa.

– A Christus! – ela disse ao erguer seu cálice, após entregar um cálice para cada um com o vinho do decanter já servido.

– A Christus! – repetiram todos.

21
Momentos antes

Caminhando errante por entre os pinheiros do fim da rua Meadow, Max Taylor deu uma última e profunda tragada em seu cigarro.

Prestes a voltar para casa, depois de atirar a guimba no solo de terra, ouviu um barulho abafado. Em sua paranoia, não pensou duas vezes e se escondeu atrás de um dos troncos mais grossos, que na realidade não o escondia por completo, mas a penumbra era sua aliada. Do precário esconderijo, escutou outro som, metálico. Então compreendeu. Aqueles ruídos vinham do misterioso alçapão, que acabara de ser aberto.

Espiou cauteloso e viu do interior do buraco surgir uma sombra. Depois outra. E outra. Enxergou oito ou nove silhuetas seguirem silenciosas e em fila para a casa verde. Estava confuso, com a visão embaralhada, e chegou a pensar estar vendo fantasmas. Ao passarem perto dele, escutou uma voz feminina dizer:

– Como vocês conseguiram tantas noites passar por esse túnel horroroso?

– Quieta! – repreendeu uma voz masculina.

À exceção da lua, nada iluminava aquele trecho final da pacata ruela. Havia um único poste de luz, que ficava mais próximo da casa dele e da dos idosos, à frente. A claridade do poste era insuficiente, chegando a poucos metros da última residência. Mas quando o bando cruzou o jardim, graças a uma arandela que iluminava a porta de entrada, ele conseguiu divisar o que eram nove indivíduos encapuzados. Um deles carregava uma bolsa de tecido, outro, uma maleta preta.

Meu Deus, deve ter armas ali!, pensou, começando a compreender o episódio macabro que testemunhava.

Viu quando um deles mexeu na fechadura até abrir a porta, mas sabia que aquilo não era um roubo qualquer. À espreita, esperou. A última figura sem rosto a entrar tomou alguns segundos olhando para fora, cuidadosa. O capuz lhe tapava o rosto, mas não seu campo de visão, e Max ficou imóvel naquele

breu, redobrando a cautela. Temia pela própria vida, mais do que pela vida da vizinha.

Ainda assim, quando achou seguro, correu para sua casa a fim de tomar uma atitude – bancar o herói e entrar na casa sitiada por aqueles sinistros, nem pensar! Ofegante, discou o número da polícia, que, felizmente, a proprietária da casa deixara anotado no telefone, para caso de emergência.

– Randy Thorpe – atendeu o policial, com uma entoação pouco amistosa.

– Oi, aqui é Max Taylor, moro na rua Meadow e acabei de ver um grupo bem esquisito entrando na casa de Clara Price. Estavam todos de capuz. Acho que carregavam armas. Você precisa vir logo! – apelou o vizinho, num único fôlego.

– Há, há, muito engraçadinho – disse Randy, e desligou.

Max discou novamente. Depois de alguns toques, o policial atendeu, ainda mais intolerante.

– Thorpe.

– Escuta, cara, eu não estou brincando. Acho que vão matar ela, ou sei lá! Mas é sério! – Max nunca falara tão sério em toda a sua vida.

– Você quer que eu acredite que um tipo de KKK acabou de entrar numa casa, em Salina, com armas, para matar aquela maluca da Price?

– Sim. Nove encapuzados.

– Nove? Nove encapuzados para matar uma única mulher grávida?

– Não sei se vão matar ela, porra! Sei que coisa boa aquilo não pode ser. Eles estavam carregando umas bolsas... Estava escuro, mas eu sei o que vi.

– Você está imaginando coisas! Se alguém quisesse matá-la, já tinha matado faz tempo. Faça-me o favor e vá dormir, moleque!

– Tem um tipo de túnel no fim da rua. Ouvi um deles dizendo que já passaram por ali antes. Cara, você é da polícia, *você* faça o favor de fazer alguma coisa! – gritou Max, indignado com a relutância do policial.

– Quem você pensa que é para gritar comigo, hein, fulano? Eu sou a lei, entendeu? – rebateu Randy, com sua típica arrogância.

– Mas...

– Faz o seguinte, liga pro bispo Dresch... nosso bispo armado – caçoou. – Ele pode ir aí dar uma olhada nessa sua maluquice.

A contragosto, Randy passou o número e desligou.

– Você entra lá comigo, garoto? – perguntou “Little Dresch”, já na porta da casa do vizinho de Claire.

– Olha, carinha, não me leve a mal, mas não quero me meter nessas coisas. Tenho ficha na polícia, é melhor eu ficar longe. Espero de verdade que consiga ajudá-la.

Com isso, a consciência de Max Taylor ficou em paz e ele foi dormir.

Ethan Dresch circundou a casa de Claire até notar uma fraca luz bruxuleante através da cortina de um dos cômodos. Com sua baixa estatura, precisou abaixar-se só um pouco – o que já exigia muito de sua coluna – para ficar escondido sob o parapeito da janela, por sorte, aberta.

Com a pele negra a disfarçar sua presença na escuridão, Ethan ergueu a cabeça para enxergar todos que ali estavam em vestes ritualísticas – vestindo suas verdadeiras faces por trás das máscaras do cotidiano. Escutou boa parte das revelações que fizeram à Claire, e sentiu as pálpebras tremerem de perplexidade e desgosto. *Por Deus!* A distância emocional e os delírios de majestade daqueles que tinha como fiéis...

Daqueles que conhecia tão bem.

Daqueles que *julgava* conhecer.

As palavras entravam em seus ouvidos como chicotes. Chicotadas que ele sentiu merecer por não ter enxergado o que se passava em sua comunidade.

“Se aquele afeminado do filho do Dresch não tivesse matado o James...”.

Então era verdade, seu filho havia mesmo matado James Christensen.

Filho, por que foi fazer uma atrocidade dessas?, refletiu, com lágrimas despencando pelo rosto.

Então... Joseph assassinara seu filho por vingança. O suicídio de Michael foi uma farsa.

Com a conclusão, consternou-se ainda mais. Sentiu cada fibra do seu ser transtornada, como ao despertar de um pesadelo abissal. E o que antes era dor ganhou uma dimensão de fúria. Ethan fechou os punhos, cravando as unhas na carne. Controlou com dificuldade o impulso de pular janela adentro no pescoço daquele demônio. Pensou em Brian e Judy, cujas mortes não foram esclarecidas à pergunta de Claire, mas que evidentemente também foram feitas pelas mãos do médico. *Os cortes perfeitos nos pulsos... como pude ser tão cego?*

Estava assaltado por dúvidas, tristeza, raiva. Jamais sequer suspeitara da monstruosidade que o rodeava. Mas precisava se recompor. Por Claire. Pelo bebê inocente que ela esperava. Eles não tinham muito tempo.

Conferiu o revólver .32 Smith & Wesson no bolso. Tinha as mesmas seis balas de quando o comprara. O que significava que, ainda que acertasse cada

um dos tiros nos degenerados, faltariam três, que certamente dariam cabo dele. O que faria as mortes dele, de Claire e de seu filho, de Michael, Brian e Judy, serem em vão...

Tantas mortes, meu Deus!

O pior era que os que restassem teriam meios de acobertar tudo. Era evidente agora que eles tinham suas próprias maneiras de fazer a polícia e o prefeito olharem para o outro lado. É claro que o prefeito sabia mais daquela gente rica do que se permitia falar e pensar – talvez por isso bebesse tanto. E policiais como Randy Thorpe e aquele metido do detetive Perry não passavam de tapa-buracos corruptos. E Patrick Videla... Patrick Videla nem sabia o que estava fazendo.

Havia uma fagulha de esperança, porém, e ela atendia pelo nome de Carter Dayton. Talvez se o chefe dele não fosse um grande covarde; se não mantivesse a equipe enxuta daquele jeito... as coisas tivessem sido diferentes. Mas nem tudo estava perdido. E assim, o homem, que também perdera tanto, mais uma vez, agarrou-se à fé.

22

– Mãos ao alto! É a polícia! – Carter entrou na casa de Claire apontando sua arma com profissionalismo, seguido por Ethan, que também apontava a sua, com menos destreza.

O oficial Dayton estava dormindo quando o sobressaltado bispo chegou a sua residência. Afobado, ele não conseguia falar coisa com coisa, mas seu estado foi suficiente para o policial saber que se tratava de algo sério. Carter então acalmou a esposa, pegou sua arma e partiu com Ethan na viatura, ficando o automóvel do bispo estacionado na sua calçada.

No caminho, depois de saber os fatos, chamou Patrick Videla pelo rádio pedindo reforço. O chefe de polícia demandou uma série de explicações, então Carter o deixou falando sozinho – o tempo de o burocrata acordar, processar as informações e começar a fazer perguntas fora mais longo do que demorava para, de carro, percorrer o curto caminho entre as casas de Carter e Claire.

– Eles estão no quarto dela, acho que é por aqui – sussurrou o bispo, que só havia contemplado aquela parte da casa pelo lado de fora.

Começava a se apavorar pela ausência de vozes. Haviam sido rápidos, assegurou-se disso. Mas teriam sido rápidos o bastante?

Jamais os dois imaginaram, ao pisar no quarto, que encontrariam cena tão surreal. Oito corpos, incluindo o de Joseph Christensen, jaziam atirados para todos os lados. Cada rosto estampando uma expressão de pânico pior do que a outra. Havia sangue saindo pelas bocas.

Enquanto Carter, embasbacado, apanhava o rádio para chamar o chefe Videla, Ethan caminhou entre os corpos em busca de uma explicação. Já havia notado a ausência de Alma antes, o que não entendeu, mas tinha mais alguém faltando ali.

– Margareth Rigby! – ele exclamou.

– O quê? – perguntou o policial.

– Margareth Rigby também estava aqui. Deve ter fugido e levou Claire, precisamos ir atrás dela!

Os pneus da viatura saíram cantando, desprendendo fumaça e areia numa

perseguição ainda sem rumo. Logo depois, Patrick Videla se juntou à busca em seu veículo, ordenando que Joshua Perry fizesse o mesmo. Randy Thorpe foi encarregado de permanecer na delegacia, atento a qualquer denúncia da fugitiva – contente que sua negligência às ligações de Max Taylor passara despercebida.

Percorreram todos os cantos da cidade, mas nenhum sinal delas. Pediram ajuda às cidades vizinhas, mas só na manhã do dia seguinte tiveram algum retorno. Uma policial da cidadezinha de Emery, quarenta minutos a leste de Salina – com menos de trezentos habitantes, portanto sem plantão –, disse ter visto pelas câmeras da rodovia um carro vermelho-ferrugem, com a placa informada, cruzando a I-70 de madrugada.

As buscas foram ampliadas e todas as cidades daquelas redondezas foram acionadas. No entanto, Margareth abandonara o Camry de Claire pouco depois de Emery.

– Ela planejou tudo! Deve estar alugando carros diferentes, usando dinheiro em espécie, identidade falsa, vai saber o que mais! Mas Claire ainda pode estar viva, vocês têm que continuar! – suplicava o bispo, que se recusava a ir para casa a despeito da insistência de Patrick Videla para que o fizesse, já no entardecer do dia seguinte.

– Por favor, bispo Dresch, você precisa descansar.

– Você não entende, Patrick! – protestou Ethan, tentando usar de sua própria lógica, que talvez adiantasse mais que qualquer sentimentalismo. – Um bispo SUD é diferente de um padre. Não devo apenas conduzir as reuniões sacramentais e outras práticas religiosas, devo guiar a comunidade. E não enxerguei as trevas que cresciam em meu próprio rebanho. Portanto sou responsável direto pelo que aconteceu, e pelo que pode acontecer se não agirmos rápido.

O oficial da lei sentiu uma pontada de culpa com as palavras do homem de fé. Guiar a comunidade era, de certa forma, sua responsabilidade também. Mas como ele poderia prever uma carnificina daquelas? Seitas satânicas em Salina? Não poderiam culpá-lo... poderiam? Bem, talvez a culpa recaísse sobre o prefeito, afinal.

Enquanto o policial buscava desculpas para sua alienação e omissão, Ethan mantinha viva a esperança de salvar Claire. Acreditava que salvá-la traria a sua redenção, ou algo que o valesse. Por tanto tempo sofrera em silêncio pelas mortes do irmão e da mãe da jovem Price, mesmo sem ter feito nada – justamente por não ter feito nada, por não saber de nada –, que chegara a

pensar que a perda da esposa fora sua penitência.

E, se antes ele se culpava, agora que sabia sobre o executor das vidas de Judy, Brian e até de seu próprio e único filho... era como se não restasse mais vida, só culpa.

Não pense bobagem. Sempre resta a fé, que nos faz crer no impossível. Ainda que o impossível nem sempre seja o que esperamos, as palavras em sua cabeça tinham a doce voz de Lydia.

Uma semana mais tarde, Carter Dayton recebeu uma ligação anônima. Gavin Peterson – tentando reduzir os danos à sua manchada reputação de xerife do condado – havia então mexido uns pauzinhos para que a polícia de Salt Lake City fosse envolvida. Não demorou para que a mídia nacional deixasse de lado as críticas ao homem e também colaborasse. Logo, as fotos de Claire e de Margareth percorriam os noticiários de todo o país.

O telefonema era de uma funcionária de uma clínica de aborto na cidade de Lindon, Utah. O que levou Carter à conclusão de que não era de se estranhar que não encontrassem Margareth em lugar algum; seu zigue-zague pelo estado era por si uma estratégia ousada, por manter-se tão perto, mas engenhosa, porque se tratando da desolação desértica de Utah, a busca era o mesmo que procurar uma agulha no palheiro. Sobretudo se estivesse fazendo tudo o que o bispo previra: identidades falsas, carros alugados, nada de cartão ou cheque.

A mulher, que preferiu não se identificar, disse que Claire chegou acompanhada da irmã – que só depois de divulgadas as fotos ela descobriu ser a fugitiva Margareth –, que falou pela grávida. Disse que ela era viciada em heroína e que precisava de um parto às escondidas, ou o bebê acabaria no sistema, já que não eram irmãs de sangue. Também disse que tinha dinheiro e pagaria o quanto fosse necessário para que o procedimento fosse feito sem registro.

A grávida estava agitada, febril e delirante. Seu sistema imunológico estava enfraquecido, possivelmente pelas drogas. Precisaram fazer uma cesárea de emergência. A “irmã”, que se havia identificado como Grace Thomas, levou o recém-nascido e disse que buscaria a mãe da criança depois, quando esta estivesse recuperada.

Quando Carter perguntou sobre Claire, a funcionária, uma mulher de voz arrastada, hesitou. Pareceu que ia falar, mas simplesmente desligou. Ele rastreou a ligação, mas ela havia sido feita de um orelhão. De todo modo, o silêncio da mulher foi mais que uma resposta.

A notícia fez o bispo querer se matar. Sua esperança teve um fim abrupto. Um fim abrupto como tiveram todas aquelas vidas, e agora mais a de Claire. Um fim abrupto como deveriam ter todas as histórias de livros e filmes, uma vez que a vida – e a morte – começa e acaba sem dar explicações...

Não. Filosofar parecia-lhe vazio agora. Estava exausto, derrotado. Mas não seria capaz de dar um fim igualmente repentino à sua existência. Não seria e não poderia. Ao menos não antes de pegar aquela mulher profana, que no fim se mostrara a pior dentre os piores.

Tudo o que precisava era de um maldito milagre.

Mas nenhuma das clínicas de aborto de Lindon foi identificada como o local do suposto parto – nenhuma iria admitir a postura antiética que fora tomada –, e, como nenhum outro funcionário abriu a boca, a polícia não teve como aprofundar o inquérito.

O corpo de Claire nunca foi encontrado.

Epílogo

Claire acordou, mas não se sentia acordada. Estava letárgica, e incerta da realidade, como se toda a noção de tempo e espaço lhe tivesse sido apagada do cérebro.

Jazia deitada, isso conseguiu sentir – da cintura pra cima. Olhou ao redor e avistou um relógio passando acima da cabeça. Passou borrado, como tudo no entorno. Paredes brancas, pessoas vestidas de branco.

– Estou... no céu? – pronunciou com dificuldade e ceticismo.

Uma mulher de cabelos negros surgiu no seu campo de visão. Essa vestia vermelho-sangue.

– Querida, fique quietinha, vai acabar logo.

A mulher a encarou como a uma criança e apertou sua mão.

– Me solte! – gritou Claire, agitando os braços.

– É melhor a senhora aguardar na sala – disse uma voz masculina para a mulher.

Claire ergueu o pescoço e viu Margareth Rigby desaparecendo. Então distinguiu que a voz masculina era de um homem com roupas de médico, que ajudava uma enfermeira a empurrar a maca onde estava.

– Senhor – balbuciou –, por favor. Essa mulher... ela é uma assassina!

– Acalme-se, você está delirando, ela é sua irmã. Se continuar falando será pior para você e seu bebê. – O homem não falava com nenhuma delicadeza, mas Claire estava acostumada com médicos ríspidos.

Foi então que se deu conta de que o fim estava próximo. Podia sentir a morte a rondando. Sentia uma dor forte, tão forte que explicava a profunda dormência em que estivera pelos últimos minutos. De repente, sentiu uma pontada.

A dor irradiava do peito, e não podia ser sintoma do parto iminente. Devia ser consequência do que fizeram a ela, do álcool, das drogas... – as memórias vinham como pancadas. Podia ser até de um coração partido por uma vida de tantos sofrimentos, mas não era da gravidez, disso tinha certeza.

Então se lembrou dos membros da O.V.A. engasgando depois do vinho. Sua vingança tomou forma pelas mãos de Margareth, que apenas fingiu tomar a

bebida. Com um punhal contra a barriga grávida, fez Claire pegar as chaves do Camry e entrar no automóvel, onde foi forçada a engolir o líquido de um pequeno frasco. A maligna foi capaz de matar o próprio marido, era claro que tinha tudo arquitetado.

Levou seu oportunismo a um novo nível de ambição e crueldade.

E insensatez, se pretendia levar a doutrina da O.V.A. adiante. O que pretendia, já que estava ali até então, provavelmente prestes a roubar seu filho? Por que mais faria isso se não precisasse dele? Se não acreditasse piamente que era o tal do Christus? Era uma mulher jovem, saudável, poderia ter outros filhos se quisesse. A questão é que queria *aquele*.

É isso, vou morrer. Meu filho não, pensou Claire, surpreendentemente lúcida. Mas afinal, que vida daria a ele, uma mãe escravizada pelo passado? Ao menos com Margareth ele teria uma chance.

O que a terrível mulher não sabia era como a teimosia era forte no sangue dos Price. Talvez fosse capaz de exercer controle sobre ele até certa idade. Mais tarde, isso mudaria. E, como Claire, ele teria *a chance*. Ela o teve para lutar pela verdade. Seu filho, seu Rob, para lutar por uma vida de verdade.

Não desista, meu filho. Um dia a verdade vai chegar até você. Enquanto isso, simplesmente... viva.

Claire escutou um choro agudo e sentiu uma forte melancolia ao ver que o cordão umbilical havia sido cortado. Foi tudo tão rápido.

Conseguiu olhar seu bebê, um menino perfeito.

Tomada por uma felicidade que não cabia em si, ouviu a cadência de uma voz em sua cabeça:

Ellie, venha!

E com isso se permitiu esvair para o desconhecido.

Então nada, nada mais de dor.

Piiiiiii!

A enfermeira Norma cruzava um dos silenciosos corredores da clínica quando o alarme do monitor cardíaco do quarto 8 apitou.

– Código azul!

Ela correu pelo piso escorregadio, naquele que agora parecia um labirinto de paredes brancas, e não seu local de trabalho há tantos anos. Nervosa, largou no chão os prontuários que carregava. No caminho tropeçou em uma cadeira de rodas que não devia estar ali.

– Código azul!

Onde estavam as outras enfermeiras? E o doutor Crowley? Perguntava-se, em parte preocupada com a vida em risco, em parte irritada com o corpo mole das colegas.

Ofegante, alcançou a porta do quarto 8, mas ela parecia emperrada. Então Norma empurrou, empurrou com todas as forças e a porta cedeu. Havia uma cadeira a trancando.

Do umbral da porta esgaçada a enfermeira não deu mais qualquer passo. Sua urgência deu lugar a um espanto que a paralisou. Sobre a cama hospitalar havia apenas a sombra da cortina que flutuava com a brisa fresca, com cheiro de mato, vinda da janela aberta.

O alarme soou porque a paciente havia fugido. A camisola estava atirada ao pé da cama. O sobretudo que a irmã deixara para ela desaparecera do suporte.

Minutos atrás, Norma podia jurar que aquela moça não acordaria por mais um bocado de horas, mas se enganou. Verdade era que aquela não seria a primeira nem a última viciada com alta tolerância aos medicamentos a fugir da clínica. Achou melhor não fazer alarde, os seguranças nunca as pegavam mesmo. A aparelhagem ainda gritava, Norma a desligou e dispersou a outra enfermeira que apareceu na porta.

Talvez fosse melhor assim. Melhor para os bebês que nasciam e para os que não nasciam também. Para Norma, criança nenhuma deveria crescer com uma mãe que se poderia revelar um monstro. Muito menos com uma que poderia criar um.

Além do mais, a irmã dela parecia uma boa moça...

Um ano mais tarde, Ethan Dresch estava de volta a Salina para levar flores aos túmulos da esposa e do filho. E, como de costume, também ao da mártir Claire Ellie Price, a razão pela qual se tornara um missionário, com o propósito não de evangelizar, mas de viajar por todos os lugares até encontrar Margareth. Até que houvesse justiça por completo.

Não gostara do desfecho de Joseph Christensen, que acabou esquivando-se da justiça terrena – além das quatro mortes ligadas a ele (Rob Price Junior, Brian Smith, Judy Nash e Michael Dresch), um dia depois que ele e toda sua corja foram encontrados envenenados na última casa da rua Meadow (deixando órfãos Ruby Allensworth, Thomas e Seth Baker, e Spencer e Emily Jenks). O corpo de sua esposa, Alma, foi encontrado dentro do consultório, somando mais uma morte à lista do médico homicida, que virou notícia e chocou a nação.

Mas Ethan não descansaria até encontrar a sociopata aprendiz que superara seu mestre.

Apesar de o caixão de Claire ter sido enterrado vazio, na época, após o telefonema anônimo, Ethan fez questão de pagar as formalidades fúnebres do próprio bolso. *Para que seja sempre lembrada*, eram os dizeres que marcavam a lápide. Ao se aproximar, viu que havia algo diferente sobre a pedra cinza.

Era um jornal.

Alguém homenageando nossa heroica jornalista, pensou de início.

Quando caminhou para mais perto, levando o buquê de margaridas, reparou que não se tratava do *Salinews* – ainda ativo, sob a chefia de Rebecca Gilmore –, mas um jornal local de outra cidade, chamado *Limon Today*, da cidade de Limon, no Colorado.

Repousou as flores e pegou o jornal. A matéria da capa falava sobre um jovem encontrado morto, no que parecia algum tipo de sacrifício.

– Isso aqui é alguma brincadeira de mau gosto? – berrou, perturbado.

Não havia ninguém por perto. Atordoado, começou a folhear o jornal. Quem havia deixado isso ali? E por quê?

Até que chegou à coluna social e a viu. A foto de uma mulher com aqueles familiares olhos azuis, sensuais e excêntricos, mas um cabelo curto e loiro. Sorridente, ela segurava um menino – *o filho de Claire!* –, e, atrás deles, havia um homem de cabelos brancos e sorriso blasé. *Outro trouxa...* Sob a foto, uma breve descrição:

“David McCay e sua nova e linda esposa, Sophia, com o filho, Christopher, na inauguração de seu novo restaurante: o McCay & Family.”

Não havia dúvida. Aquela era Margareth Rigby.

Peguei você!

Por tantos meses ela vivera nas sombras da sociedade, que decerto pensara que mais ninguém estaria à sua procura. Que poderia voltar com seus planos de onipotência – e que teria sucesso, porque foi esperta e merecia. Mas era só uma pessoa, falível por vaidade, pressa, imprudência... Não estava acima da justiça.

E, por algum milagre, ele agora a encontrara e seus dias de impunidade estavam contados.

Descanse em paz, Claire. Depois que eu resolver isso (e eu vou resolver), poderei fazer o mesmo.

Ethan Dresch não estava de todo errado. Claire Ellie Price encontraria sua paz, enfim. De fato, já estava a caminho dela.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
Prólogo Agosto de 1997
1 Setembro de 1984
2 Setembro de 1984
3 Agosto de 1997
4 Setembro de 1984
5 Agosto de 1997
6 Agosto de 1997
7
8
9
10
11
12
13 Junho de 1997 – Ephraim, Utah
14 Agosto de 1997
15
16 Dezembro de 1984
17 Dezembro de 1997
18 Junho de 1998
19 Alma & Joseph Christensen – Dezessete anos de história
20 Junho de 1998
21 Momentos antes
22
Epílogo